



CENTRO DE COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS –
NÍVEL DE DOUTORADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE

NILSE DOCKHORN HITZ

CRENÇAS LINGUÍSTICAS DE DESCENDENTES POMERANOS
EM TRÊS LOCALIDADES PARANAENSES

CASCAVEL- PR

2017

NILSE DOCKHORN HITZ

**CRENÇAS LINGUÍSTICAS DE DESCENDENTES POMERANOS
EM TRÊS LOCALIDADES PARANAENSES**

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), para a obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade.

Orientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

Coorientadora: Profa. Dra. Aparecida Feola Sella.

CASCAVEL – PR

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas – UNIOESTE)

H589c Hitz, Nilse Dockhorn.
Crenças linguísticas de descendentes pomeranos em três localidades
paranaenses / Nilse Dockhorn Hitz.--- Cascavel (PR), 2017.
211 f.

Orientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera.
Co-orientadora: Profa. Dra. Aparecida Feola Sella.
Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do
Paraná, Campus de Cascavel, 2017. Centro de Educação,
Comunicação e Artes Programa de Pós-Graduação em Letras.
Inclui Bibliografia

1. Dialetoлогия. 2. Pomeranos. 3. Análise linguística. I. Aguilera,
Vanderci de Andrade. II. Sella, Aparecida Feola. III. Universidade
Estadual do Oeste do Paraná. IV. Título.

CDD 20.ed. 401

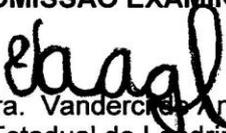
Rosângela A. A. Silva – CRB 9ª/1810

NILSE DOCKHORN HITZ

**CRENÇAS LINGÜÍSTICAS DE DESCENDENTES POMERANOS
EM TRÊS LOCALIDADES PARANAENSES**

Esta tese foi julgada adequada como requisito para a obtenção do Título de Doutor em Letras e aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em *Stricto Sensu* em Letras, nível de Doutorado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Vandercláudia Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina – UEL/UNIOESTE
Orientadora

Profa. Dra. Aparecida Feola Sella
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE
Membro Titular Interno - Coorientadora

Profa. Dra. Loremi Loregian Penkal
Universidade Estadual do Centro-Oeste -UNICENTRO
Membro Titular Externo



Profa. Dra. Fabiane Cristina Altiero
Universidade Estadual de Londrina – UEL
Membro Titular Externo

Profa. Dra. Sanimar Busse
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE
Membro Titular Interno



Profa. Dra. Maria Eléna Pires Santos
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE
Membro Suplente Interno Titular



Profa. Dra. Esther Gomes de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina -UEL
Membro Suplente Externo

Cascavel, 20 de dezembro de 2017.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai Erno Dockhorn (*in memoriam*) e à minha mãe Maria Giselda Glier Dockhorn, pela vida;

A Deus, pela oportunidade de retornar aos estudos e de uma forma singela poder contribuir com a pesquisa da Universidade do Oeste do Paraná que é referência de ética, moral e compromisso com a formação dos profissionais da educação;

À orientadora Professora Dra. Vanderci de Andrade Aguilera, que soube acolher e motivar o trabalho de pesquisa, sempre muito sábia, um belo exemplo de humanidade e criadora de paixões, grata Mestra!

À coorientadora, Professora Dra. Maria Aparecida Feolla, que fez a indicação temática deste estudo e as correções criteriosas, próprias de uma grande pesquisadora!

Às Professoras Dra. Loremi Loregian Penkal; Dra. Fabiane Cristina Altino; Dra. Sanimar Busse; Dra. Maria Elena Pires Santos e Esther Gomes de Oliveira, meus agradecimentos pelas valiosas contribuições, exemplos de quando há dedicação, é possível vencer!

Aos entrevistados pomeranos, que, surpreendidos pelo interesse do outro, perguntavam: “Mas que isso interessa a você?”. Então, os papéis se invertiam e, entre relatos, a identidade pomerana aflorava no riso e na voz dos informantes.

Aos meus filhos, Eduardo A. Hitz e Heloísa F. Hitz, amor eterno!

HITZ, Nilse Dockhorn. **Crenças Linguísticas de descendentes de pomeranos em três localidades paranaenses**. 2017. 211f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2017.

RESUMO

Esta tese apresenta as crenças e atitudes linguísticas de descendentes pomeranos de três cidades paranaenses: Cidade Gaúcha, no Noroeste do Estado do Paraná, Marechal Cândido Rondon e Nova Santa Rosa na região Oeste do Estado. Essas localidades apresentam um quadro sociolinguístico interdependente e heterogêneo, devido à presença de migrantes de diferentes etnias. Buscou-se inquirir as crenças e as atitudes linguísticas nesse contexto de línguas em contato dos descendentes de migrantes pomeranos que vieram para o Paraná a partir de 1950, com uma realidade histórica e linguística peculiar que se preservou, em boa parte, no Brasil. O imigrante pomerano é de origem germânica, vivia na região do Mar Báltico, norte da atual Alemanha e parte da Polônia. Na época da imigração (1851), a Pomerânia era uma província da Prússia; portanto, a imigração desse povo é anterior à formação do Império Alemão (1871). Em 1945, após a Segunda Guerra Mundial, a Pomerânia foi extinta, seu território foi rateado entre a Alemanha e a Polônia e desapareceu do mapa. Dentro dessa temática, esta pesquisa tem como base a Dialetoлогия pluridimensional (THUN, 2005; 2009), a Sociolinguística (CALVET, 2002; LABOV, 2008) e a Psicologia Social (LAMBERT; LAMBERT, 1975; BEM, 1973; LÓPEZ MORALES, H, 1989), partindo do pressuposto de que a língua e a identidade étnica estão relacionadas e, por conseguinte, as crenças e as atitudes dos entrevistados pomeranos refletem sua condição com relação ao próprio grupo étnico, migrantes do Rio Grande do Sul. O corpus foi coletado com a aplicação de uma entrevista a oito informantes pomeranos de cada localidade, selecionados de acordo com as seguintes variáveis: a) duas gerações: geração I de 25 a 50 anos e geração II a partir de 55 anos; b) os dois sexos, duas mulheres e dois homens de cada geração. A entrevista teve um roteiro semiestruturado elaborado com base em critérios próprios da pesquisa sociolinguística e dialetológica, adaptados à realidade sociolinguística e cultural dos entrevistados pomeranos. Há perguntas específicas para avaliar as crenças e as atitudes linguísticas dos informantes com relação à identidade linguística pomerana. A análise do corpus acolheu a abordagem mentalista, que compreende a atitude como uma ação comportamental de valoração positiva ou negativa; entendendo que a valoração maior é a crença, pois contém os três componentes que são associados à atitude: o cognitivo, o afetivo e o conativo. Os resultados apontaram, de modo geral, atitudes positivas, de prestígio dos informantes em relação a sua língua étnica. Houve, também, um número bem reduzido de informantes com manifestações de preconceito fundadas em visões estereotipadas, culturalmente socializadas. As localidades apresentam diferenças nas manifestações entre uma e outra, pois cada uma apresenta fatores geográficos e sócio-históricos que interferem no uso ou abandono, ainda, da língua pomerana depois de quase dois séculos da imigração.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetoлогия; Língua Pomerana; Crenças e Atitudes Linguísticas.

HITZ, Nilse Dockhorn. **Beliefs and linguistic attitudes of pomeran descendants from three cities of Paraná.** 2017. 211 pages. Thesis (Doctor in Arts) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Cascavel, 2017.

ABSTRACT

This thesis presents the linguistic beliefs and attitudes of Pomeranian descendants from three cities in the state of Paraná: Cidade Gaúcha, Marechal Cândido Rondon and Nova Santa Rosa. These localities present an interdependent and heterogeneous sociolinguistic picture, due to the presence of migrants of different ethnic groups. It was sought to inquire the linguistic beliefs and attitudes in this context of languages in contact of the descendants of Pomeran migrants who came to Paraná from Rio Grande do Sul in 1950, with a peculiar historical and linguistic reality preserved in Brazil. The Pomeranian immigrant is of Germanic origin, lived in the Baltic Sea region, north of the present Germany country and part of Poland country. At the time of immigration (1851), Pomerani was a province of Prussia, so the immigration of this people predates the formation of the German Empire (1871). In 1945, after World War II, Pomerania was extinguished; this territory was located between Germany and Poland. This research is based on Pluridimensional Dialectology (THUN, 2005; 2009), Sociolinguistics (CALVET, 2002; LABOV, 2008) and Social Psychology (LAMBERT and LAMBERT, 1975; BEM, 1973; LÓPEZ MORALES, 1989). This research based on the assumption that language and ethnic identity are related, and therefore, the Pomeranian respondents' beliefs and attitudes reflect their condition in relation to the ethnic group itself. The *corpus* was collected with the application of an interview to eight Pomeranian informants from each locality, selected according to the following variables: a) two generations: generation I from 25 to 50 years and generation II from 55 years; b) of both sexes, two women and two men of each generation. Semi structured interview based on sociolinguistic and dialectological research, adapted to the sociolinguistic and cultural reality of the interviewed Pomeranians. There are specific questions to assess the informants' beliefs and language attitudes regarding the Pomeranian linguistic identity. This analysis of the *corpus* welcomed the mentalist approach, which comprises the attitude as a behavioral action of positive or negative valuation; understanding that the highest valuation is the belief, because it contains the three components that are associated with the attitude. The cognitive, the affective and the conative. The results indicate, in general, positive attitudes and prestige in relation to their ethnic language. There were also a very small number of informants with manifestations of prejudice based on stereotyped, culturally socialized views. The localities present differences in the manifestations between one and another, since each one presents geographical and socio-historical factors that interfere in the use or abandonment, even, of the Pomeranian language after almost two centuries of the immigration.

KEYWORDS: Dialectology; Language; Beliefs and Language Attitudes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O território da Pomerânia nos países de hoje	20
Figura 2: Pomerânia do século XVII – Governo de Felipe II.....	21
Figura 3: Imigração Pomerana e migrações internas no Brasil	35
Figura 4: Línguas em contato	61
Figura 5: Estrutura das crenças e atitudes linguísticas	69
Figura 6: Localização de Cidade Gaúcha no Paraná	79
Figura 7: Localização de Marechal Cândido Rondon no Paraná.....	84
Figura 8: Localização de Nova Santa Rosa no Paraná.....	88
Figura 9: Manifestações culturais étnicas de Nova Santa Rosa.....	90
Figura 10: Orientação matrimonial étnica dos informantes pomeranos	98
Figura 11: Grifo pomerano	100
Figura 12: Língua(s) falada(s) pelos informantes pomeranos de CG	104
Figura 13: Língua (s) preferida(s) pelos informantes pomeranos de Cidade Gaúcha.....	109
Figura 14: Língua usada com mais frequência pelos pomeranos de CG	110
Figura 15: Língua(s)falada(s)pela mãe do informante de Cidade Gaúcha	113
Figura 16: Língua (s) falada (s) pelo pai do pomerano de Cidade Gaúcha	114
Figura 17: Características associadas à etnia pomerana pelos informantes de CG	123
Figura 18: Língua (s) falada (s) pelos informantes pomeranos de MCR.....	128
Figura 19: Avaliação do desempenho linguístico do pomerano de MCR.....	132
Figura 20: Língua(s) preferida(s) pelos informantes pomeranos de MCR	134
Figura 21: Língua usada com mais frequência pelos pomeranos de MCR.....	135
Figura 22: Língua (s) falada(s) pela mãe do informante de MCR	136
Figura 23: Língua(s) falada(s) pelo pai do pomerano de MCR.....	138
Figura 24: Slogan do programa pomerano de MCR.....	144
Figura 25: Tendências de atitudes pomeranas de MCR	150
Figura 26: Fundação da Vila de Nova Santa Rosa.....	153
Figura 27: Línguas faladas pelos informantes pomeranos de NSR.....	154
Figura 28: Avaliação do desempenho linguístico do pomerano de NSR	157
Figura 29: Preferência linguística dos pomeranos de NSR	158
Figura 30: Língua(s) usada(s) com mais frequência pelos pomeranos de NSR	159
Figura 31: Língua (s) faladas pela mãe em NSR	160
Figura 32: Língua(s) falada(s) pelo pai do informante de NSR.....	161
Figura 33: Características associadas à etnia pomerana pelos informantes de NSR.....	174
Figura 34: 1ª <i>Pomer Fest</i> e 1ª Cavalgada Pomerana de MCR.....	186

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Um comparativo entre as línguas germânicas.....	24
Quadro 2: Localidades brasileiras com grupos étnicos pomeranos.....	28
Quadro 3: Línguas de imigrantes no Brasil (data base 2009).....	50
Quadro 4: Municípios e estados que cooficializaram uma ou mais línguas.....	54
Quadro 5: Bilinguismo: um fenômeno linguístico multidimensional	60
Quadro 6: Pesquisas no Portal da CAPES de 2011 a 2014.....	74
Quadro 7: Origem do migrante de Marechal Cândido Rondon.....	85
Quadro 8: Parâmetros e dimensões da pesquisa.....	92
Quadro 9: Notações de identificação da localidade, faixa etária e sexo.....	94
Quadro 10: Matriz dos informantes de Cidade Gaúcha (CG).....	95
Quadro 11: Matriz dos informantes de Marechal Cândido Rondon (MCR).....	95
Quadro 12: Matriz dos informantes de Nova Santa Rosa (NSR).....	96
Quadro 13: Interações na língua pomerana dos informantes de CG.....	116
Quadro 14: Interações na língua pomerana dos informantes de MCR.....	139
Quadro 15: Interações na língua pomerana dos informantes de NSR.....	163
Quadro 16: Hipóteses acerca das localidades pesquisadas	176

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 UM PANORAMA HISTÓRICO DOS POMERANOS NO BRASIL	18
1.1 A ANTIGA POMERÂNIA	19
1.2.1 A história de um povo é a história de uma língua.....	23
1.3 A POMERÂNIA ESTÁ VIVA NO BRASIL.....	26
1.3.1 As políticas linguísticas da língua pomerana.....	36
1.4 PESQUISAS DA CULTURA E LÍNGUA POMERANA.....	37
2 LÍNGUA E SOCIEDADE: CONCEITOS INSEPARÁVEIS	39
2.1 LÍNGUA, FALA E DIALETO	39
2.2 LÍNGUA MATERNA	43
2.3 LÍNGUA DE HERANÇA (LH).....	45
2.4 PLURALIDADE LINGUÍSTICA.....	47
2.4.1 Língua de imigração	48
2.4.2 Língua minoritária.....	51
2.5 LÍNGUAS EM CONTATO, BILINGUISMO E BILINGUALIDADE	55
2.6 ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO: UMA ESTRATÉGIA DE CONVERSAÇÃO.....	62
2.7 DIGLOSSIA	64
2.8 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS	66
2.9 PRECÔNCEITO, ESTEREÓTIPO E ESTIGMA: LIMITES POSSÍVEIS	71
3 PROCEDIMENTOS E PARÂMETROS DA PESQUISA	74
3.1 TEMA DE PESQUISA E A AÇÃO COLETORA.....	74
3.2 IGREJA: INDICATIVOS PARA A PESQUISA	77
3.3 A HISTÓRIA LOCAL NA VOZ DO INFORMANTE	77
4.3.1 Ponto 1 - Cidade Gaúcha	79
4.3.2 Ponto 2 - Marechal Cândido Rondon	83
3.5 O INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	99
4.5.1 O corpus.....	100
4.5.2 Critérios de análise.....	101
4 ANÁLISE DOS PONTOS DA PESQUISA: CG, MCR E NSR	103
4.1 O PRIMEIRO PONTO: CG	103
4.2 SEGUNDO PONTO DE ANÁLISE: MCR	126
4.3 TERCEIRO PONTO: NSR.....	152
5 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS PONTOS DA PESQUISA	176
5.1 USO DA LÍNGUA ÉTNICA POMERANA NA GI E GII EM CG, MCR E NSR	177
5.2 CRENÇAS, ATITUDES E SOLIDARIEDADE LINGUÍSTICAS EM CG, MCR E NSR	179
5.3 AVALIAÇÃO ÉTNICA.....	183
5.4 IDENTIDADE LINGUÍSTICA POMERANA.....	185
CONSIDERAÇÕES FINAIS	189
REFERÊNCIAS	196
ANEXOS	203

ANEXO I - QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO PARA A ENTREVISTA - COLETA DE DADOS LOCALIDADE	204
ANEXO II - CARTA ABERTA AOS POMERANOS	207
ANEXO III - ANCESTRAL POMERANA DE SÃO LUIZ GONZAGA - RS	209
ANEXO IV - DESCENDENTES DE POMERANOS DO PR	210

INTRODUÇÃO

O tema desta tese são as Crenças Linguísticas de descendentes de pomeranos em três localidades paranaenses. Com base na Dialetoologia Pluridimensional (THUN, 2005, 2009), na Sociolinguística (LABOV, 2008; CALVET, 2002; LÓPEZ MORALES, H, 1989) e na Psicologia Social (LAMBERT; LAMBERT, 1975; BEM, 1973;) foram selecionados três pontos da pesquisa, isto é, duas localidades, **Marechal Cândido Rondon** e **Nova Santa Rosa** no Oeste do Paraná e a **Cidade Gaúcha** localizada no Noroeste, com oito informantes de cada ponto, nas dimensões geracionais (GI e GII¹) e diassexuais (Homem e Mulher). A pesquisa desenvolveu-se em contexto de línguas em contato: língua pomerana, língua alemã e a língua portuguesa.

Essas localidades, que faziam parte de um projeto de ocupação direcionada do território paranaense, foram colonizadas a partir de 1950. Além de outras etnias, houve um grande fluxo de migrantes gaúchos e catarinenses, descendentes de povos germânicos, entre os quais se encontrava um número expressivo de pomeranos que, geralmente, eram identificados como alemães.

Segundo Lando e Barros (1981), o povo germânico foi quem mais contribuiu com a mão de obra de imigrantes, pois, na Europa, o camponês que não se curvou à industrialização teve que se sujeitar a uma pequena faixa de terra, empregar-se como trabalhador do seu senhor ou arrendar terras suplementares. Ao ver sua propriedade atingir à condição de minifúndio, decidiu emigrar.

Enquanto as relações de mercado e de trabalho se alteraram na Europa, o Brasil se encontrava no auge do período colonial. Recebeu, em 1808, a corte Imperial que fugia da invasão de Portugal por Napoleão Bonaparte. A permanência da família real no país plantou a semente migratória, pois coincide com a repulsão demográfica e industrial na Europa e a oferta de terras e trabalho no Brasil.

A imigração para o Brasil é acentuada pela ideologia liberal do século XIX e pelos construtores de nacionalidade, pois a máxima era: *governar es poblar*². Um projeto político brasileiro para ocupar enormes extensões de terra, com a intenção de produzir alimentos de subsistência e ocupar os chamados *vazios demográficos*.

¹ Geração I, de 25 a 50 anos e Geração II a partir de 55 anos.

² Governar é povoar.

O povo pomerano se origina da antiga Pomerânia³, que se situava nas costas do mar Báltico, entre as atuais Alemanha e Polônia e os países escandinavos, mas que desapareceu no final da II Guerra Mundial (1945). A Pomerânia era dividida entre Pomerânia Ocidental ou Anterior e Pomerânia Oriental. A capital, Stettin, separava o Leste do Oeste, e tinha uma superfície de 38.409km², área inferior ao Estado do Espírito Santo, estado que mais recebeu imigrantes pomeranos.

Para Seibel (2016), os registros da imigração pomerana para o Brasil são muito controversos, haja vista que não se tem uma estimativa de quantos pomeranos imigraram a partir de 1851. À época, a Pomerânia era apenas uma província do Reino da Prússia e mais tarde do Império Alemão de Bismark (1871). Os emigrados saíam pelo porto de Hamburgo e de Kiel e eram identificados como prussianos e alemães.

Os pomeranos estão espalhados pelo mundo: há registro de pomeranos na América do Norte (Estados Unidos e Canadá), Brasil, Chile, África do Sul, América Central e Austrália e, devido à dificuldade de comunicação em um mundo novo, a história dos pomeranos passou para o esquecimento (SEIBEL, 2016).

Esse povo sofreu ao longo dos séculos uma ação contínua de intolerância, de saques e de destruição. Segundo Thum (2008), eles sofreram várias tentativas de serem cooptados por nações vizinhas, dentre as quais estão: a organização feudal; a cristianização de seu povo em 1168; a imposição da língua alemã, a oficialização do *Hochdeutsch* em 1400; nos fins do século XVII, o último soberano, sem herdeiros, entregou seu governo para a Prússia; no ano de 1534, a Pomerânia se tornaria luterana; e, em 1945, a Pomerânia “teve seu fim selado pelos vencedores da Segunda Grande Guerra” (SEIBEL, 2016, p. 33) e desapareceu do mapa.

A Pomerânia Oriental foi anexada à **Polônia** e a Pomerânia Ocidental passou a integrar o atual **Estado de Mecklenburgo**, Pomerânia Ocidental da **Alemanha**.

Quando esse povo imigrou para o Brasil, sofreu uma nova germanização, devido à situação de imigrantes. Na condição de estrangeiros, por motivos de segurança, era importante pertencer a um grupo étnico. Desse modo, a cultura

³ De acordo com Rölke (1996), a palavra Pomerânia tem sua origem na língua Wende, ou seja, *Po Morje*, que significa terra perto do mar. O povo Wende, de origem eslava, ocupou a metade da Europa pelo ano 600 depois de Cristo. Além do nome Pomerânia, os Wendes deixaram de herança linguística a palavra *Gard*, que significa castelo, por exemplo, nomes de cidades como: Stargard, Belgard, e outras. Também os sufixos *-ow*, *-aw*, *-aff*, *-ke*, *-in*, *-itz* e *-tz*, nos sobrenomes são herança Wende.

alemã hegemônica agiu, novamente, em terras brasileiras, e os pomeranos se tornaram alemães.

A concepção de língua pomerana vem de uma tomada de consciência identitária do movimento contemporâneo de respeito à diversidade cultural. Os pomeranos estão em franco processo de reinvenção e de luta pela dignidade cultural. Destacam-se em pesquisas linguísticas e culturais sobre o povo pomerano os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo, os quais possuem movimentos reivindicatórios de reconhecimento da língua, da cultura e da história pomerana, pois receberam um grande contingente de imigrantes.

Tressmann (2008) afirma que o país recebeu em torno de 300 mil pessoas, ou mais, porque muitos não foram identificados, ou seja, é uma estimativa. Seidel (2016) cita dados de que 50 mil pomeranos brasileiros ainda utilizam a língua pomerana no âmbito familiar e que o Brasil “é o único lugar do mundo onde a língua pomerana, considerada morta na Europa, continua viva e ensinada como idioma oficial em muitas escolas” (SEIBEL, 2016, p.16).

Bahia (2011) destaca que há apenas dois trabalhos de pesquisa que abordam a imigração pomerana no Espírito Santo: as obras dos geógrafos Ernest Wagemann (1949) e Roche (1969).

A língua e a cultura pomerana foram justapostas à pesquisa sobre a imigração alemã que evidenciava a identidade pomerana como grupo de etnia alemã, que falava um dialeto da língua alemã. Essa categorização da língua pomerana, associada ao labor camponês, acentuou o uso da língua como uma variedade rural, ou seja, a fala do colono pomerano foi estigmatizada.

Geralmente, os padrões de uso da linguagem do grupo dominante são referência de comportamento linguístico e de ascensão social, enquanto o uso da linguagem, do dialeto ou do sotaque de baixo prestígio limita as oportunidades de ascensão social. Tal fato que ocorreu com o grupo étnico pomerano, uma vez que sua língua foi identificada como um *platt*, variedade baixa da língua alemã.

A temática de estudos de “Crenças e Atitudes Linguísticas” têm indicado pistas para a Sociolinguística na compreensão de questões que sugerem uma relação entre as atitudes e as crenças linguísticas de grupos ou comunidades de fala. A sociedade apresenta diferenças de “poder” nas relações de interação entre os grupos de fala, percebidas com atitudes positivas ou negativas associadas a crenças linguísticas construídas na socialização do falante (BOTASSINI, 2015).

Com a intenção de reunir informações sobre a migração pomerana para o estado do Paraná, localizamos informantes nas cidades de **Marechal Cândido Rondon** (doravante, MCR) e **Nova Santa Rosa** (de ora em diante, NSR), ambas com um perfil germânico acentuado, desde a arquitetura de espaços públicos, práticas culturais de folclore e gastronomia alemã. Seus migrantes vieram na mesma época, 1950, para a região, atraídos pela Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A, quando ambas as localidades eram distritos de Toledo. Hoje, são municípios: MCR, com 50.299 (IBGE, 2010) habitantes, e NSR, com 7.125 (IBGE, 2010) habitantes. Os pomeranos fizeram parte desse grupo migratório que, na busca de novas e de maiores propriedades rurais, colaboraram na ocupação territorial do Oeste do Paraná.

Assim também ocorreu com a localidade de **Cidade Gaúcha** (deste ponto em diante, CG), no Noroeste do Paraná, cuja colonização teve início em 1952. A Imobiliária Ypiranga, de Boralli e Held, planejou e executou a colonização do local com o intuito de atrair colonos da Região Sul do Brasil, especialmente, do Rio Grande do Sul. Essa localidade apresenta um perfil mais multicultural, pois também recebeu migrantes de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, e de outras localidades do Paraná. De acordo com historiadores, a primeira derrubada da floresta na região ocorreu em fevereiro de 1951, liderada por Lauro Ranulfo Muller, migrante gaúcho que, em 1961, tornou-se o primeiro prefeito da cidade.

Diante da situação tão complexa de línguas em contato dessas localidades paranaenses, levantaram-se as seguintes **perguntas de pesquisa**:

- 1) Considerando que as localidades de **CG**, **MCR** e **NSR** contam com moradores, descendentes de imigrantes pomeranos, há, ainda, vestígios de bilinguismo e bilingualidade da língua de herança⁴, dos informantes na GI⁵ e GII nessas localidades?
- 2) Quais são as crenças e atitudes linguísticas dos descendentes com relação à língua de herança em cada localidade?

A partir de estudos de Tressmann (1998; 2005; 2006; 2008; 2011), Von Borstel (1992; 2011); Damke e Savedra (2013); Heye (2003a; 2003b); Thun (2005;

⁴ O conceito de língua de herança é apresentado na seção 2.3, p. 45; bilinguismo e bilingualidade na seção 2.5, p. 55.

⁵ GI – Geração I - informantes de 35 a 50 anos; GII – Geração II - informantes a partir de 55 anos.

2009) e Aguilera (2008; 2014), podemos analisar as crenças e as atitudes linguísticas do descendente de pomerano para compreender questões de manutenção ou desaparecimento da língua de herança, além de “predizer” certo comportamento linguístico.

A mudança de comportamento linguístico pode ser influenciada pela presença de fatores extralinguísticos, como, por exemplo, o status do grupo de referência, a religião, o grau de isolamento e a urbanização que alteram as relações sociais e afetam diretamente as interações dos sujeitos que são produto das reorganizações políticas, econômicas, sociais, religiosas e educacionais, contínuas no tempo histórico (BORTONI- RICARDO, 2004; 2005).

Diante desse panorama, o **objetivo geral** desta pesquisa foi discutir as crenças e atitudes, por meio do comportamento linguístico, dos informantes pomeranos em três localidades paranaenses: **CG** (Noroeste), **MCR** e **NSR** (Oeste) do Estado do Paraná. Para tanto, definimos os seguintes **objetivos específicos**:

- 1- Averiguar aspectos metalinguísticos, cognoscitivos, de uso da língua pomerana de informantes descendentes de pomeranos nas localidades de **CG, MCR e NSR**, nos parâmetros: diatópico, diageracional e diassexual;
- 2- Apurar, nas respostas dos informantes, atitudes conativas e afetivas com relação à atuação do sujeito pomerano quanto ao uso da língua pomerana e à identidade étnica;
- 3- Identificar nas crenças e atitudes linguísticas dos informantes a presença dos juízos de valor: prestígio, preconceito, estigma ou estereótipos em relação ao povo pomerano.

A partir desses **objetivos específicos**, foram levantadas as seguintes **hipóteses** (H) sobre o uso da língua pomerana nas comunidades pesquisadas.

H1- A GI das três localidades não fala a língua étnica, enquanto que a GII mantém o uso da língua.

H2- As crenças e as atitudes linguísticas dos informantes pomeranos sobre a língua de herança desvelam uma solidariedade linguística do grupo étnico local de CG, MCR e NSR;

H3- Os informantes, em seus julgamentos subjetivos sociais (honesto; corrupto, e outros), apresentam uma atitude tendenciosa de avaliação positiva de reconhecimento da etnia pomerana;

H4- As localidades com maior ascendência germânica em sua colonização, **MCR** e **NSR** apresentam uma identidade linguística pomerana.

Para Thum (2008), desde sempre os pomeranos foram considerados “menos” no jogo das forças culturais: no período medieval, vivenciaram a servidão; na modernidade, a maioria, permanece em contato com o mundo camponês, dedicados à agricultura; são passivos, geralmente, autorizam os outros a tomarem decisões por eles, como consequência dessa história milenar de dominação cultural.

Os significados e os sentidos existenciais expressos por Thum (2008) sobre o modo de ser dos pomeranos podem se modificar de modo paralelo às mudanças de crenças e de atitudes étnicas, culturais e linguísticas (BEM, 1973), pois as relações de sentidos são condicionadas ao tempo histórico do homem.

Tendo em vista esses apontamentos sobre o povo pomerano, este estudo **justifica-se** por se tratar de um estudo específico das crenças e das atitudes linguísticas dos pomeranos nas localidades: **CG**; **MCR** e **NSR**. Ademais, a pesquisa poderá contribuir na elucidação da história, da cultura e da língua desse povo que se tornou invisível na colonização do Estado do Paraná.

O presente estudo estruturou-se em cinco capítulos. No primeiro capítulo, descrevemos os aspectos sócio-históricos da presença do povo pomerano na formação multicultural e linguística no Brasil, com base nos estudos do linguista Tressmann (1998; 2005; 2008). Acolhemos sua definição de língua pomerana e não a classificação de dialeto pomerano. Fizemos um resgate histórico da origem desse povo e a sua atuação no país de imigração realizada por estudiosos como: Roche (1969); Rölk (1996; 2016); Jacob K. (2011); Bahia (2011); Wille (2011) e Seyferth (2002).

Em seguida, no segundo capítulo, discutimos o referencial teórico que fundamenta o presente estudo, o que inclui a discussão de conceitos básicos sobre língua e dialeto acolhidos nesta pesquisa; língua materna, de herança; pluralidade linguística brasileira; línguas em contato; conceitos de bilinguismo e bilingualidade; aquisição da L1 e L2 e *code-switching* (alternância de código ou mistura de código).

No terceiro capítulo, discorremos sobre a metodologia adotada, destacando as especificidades desta pesquisa, que tem como base a Dialetologia Pluridimensional

de Thun (2005, 2009) e Altenhofen (2011); na Sociolinguística, com base em Labov (2008); Moreno Fernández (1998); López Morales (1989) e Calvet (2002), e na Psicologia Social de Lambert e Lambert (1975) e Bem (1973). Descrevemos os procedimentos metodológicos da pesquisa e, com base na dialetologia pluridimensional, contemplamos os seguintes parâmetros e dimensões: a **diatópica**, os pontos da pesquisa, dos quais se faz um apanhado histórico, geográfico, econômico, religioso e cultural das três localidades selecionadas para o estudo da língua pomerana; o parâmetro **diageracional** com dois grupos etários, **G1** e geração **GII**; **diassexual**, que é composto de duas mulheres de cada geração e dois homens, portanto, em cada ponto há oito informantes, totalizando 24 informantes pomeranos. Os pontos da pesquisa foram Cidade Gaúcha (**CG**), no Noroeste; Marechal Cândido Rondon (**MCR**) e Nova Santa Rosa (**NSR**) no Oeste do Estado do Paraná. Esses municípios surgiram em 1950 e pertencem ao projeto de colonização e ocupação territorial do Estado. As colonizadoras Maripá e Borelli S/A atraíram, principalmente, colonos gaúchos, no meio dos quais estão os migrantes pomeranos.

No quarto capítulo, analisamos o *corpus* da pesquisa das três localidades: **CG**, **MCR** e **NSR**, descrevendo aspectos cognoscitivos de uso da língua pomerana. Além disso, averiguamos as atitudes conativas e afetivas com relação ao uso da língua para apurar as crenças e as atitudes linguísticas dos informantes pomeranos nessas três localidades.

No quinto capítulo, apresentamos uma análise comparativa dos três pontos com base nas hipóteses da pesquisa. Por fim, apresentamos as considerações finais sobre o resultado da pesquisa.

1 UM PANORAMA HISTÓRICO DOS POMERANOS NO BRASIL

Este capítulo teve por objetivo apresentar um panorama histórico da imigração dos Pomeranos para o Brasil, iniciando com os motivos que levaram esse povo a escolher uma nova pátria.

O Brasil formou-se, inicialmente, por três troncos étnicos: o indígena (o habitante natural); o português (o colonizador); e o negro (submetido à escravidão até 1888). A partir do século XIX, com a vinda da família Real (D. João VI, 1808), o Brasil passou a gerir novas políticas administrativas na colônia, como a abertura dos portos e também incentivo à imigração, abrindo caminho para os imigrantes da Itália, da Alemanha, da Polônia, da Pomerânia, da Rússia e da Suíça.

Essa mistura de povos colaborou na formação da identidade brasileira, ou seja, tornamo-nos uma nação multicultural e multilinguística, uma vez que hoje há no país, aproximadamente, 210 línguas, dentre as quais 180 línguas indígenas e 30 de imigrantes, alóctones (OLIVEIRA, 2003).

Os imigrantes europeus, em sua maioria, vinham fugindo da guerra franco-prussiana ou da pobreza, além de serem estimulados com a promessa de tornarem-se proprietários de terra. O Brasil, segundo Pessoa (1995), dispunha de agenciadores nesses países para que se efetuassem uma política interna brasileira que pretendia sanar questões agrárias, políticas e econômicas com os objetivos de:

- (i) suprir mão de obra para a agricultura cafeeira; (ii) atender uma política de ocupação de áreas despovoadas para uma agricultura intermediária entre os latifúndios e escravos, estes em processo de abolição; (iii) promover um controle de fronteiras em áreas de litígio para assegurar o domínio do território brasileiro; (iv) diversificar a cultura agrícola, pois a estrutura agrária latifundiária era baseada na monocultura do café e cana-de-açúcar voltada para exportação, enquanto a diversificação atenderia o mercado interno de consumo; (v) ocupar terras de povos indígenas. (PESSOA, 1995, p. 62).

Essas medidas políticas e econômicas brasileiras abriram portas para povos europeus que estavam vivenciando um contexto histórico de transitoriedade entre o capitalismo industrial e a produção rural de estrutura feudal, ou seja, uma economia agrária baseada na mão de obra camponesa feudal, com práticas rudimentares de trabalho. Por exemplo, a sementeira era feita à mão, a ceifa à foice e a debulha

manual ou pisoteada por animais, ou seja, muito trabalho e pouco retorno econômico, isto é, uma agricultura de subsistência.

Além disso, os camponeses estavam, ainda, sob o domínio dos senhores feudais, e só depois de muitas revoltas obtiveram a posse condicional da terra em troca de serviços, sendo-lhes impostos o controle de locomoção, as pastagens próprias e o cultivo de área livre. Entre 1807 e 1815, o Congresso de Viena propôs políticas de direito à liberdade aos camponeses, de locomoção e a possibilidade de se tornarem proprietários; no entanto, por não conseguirem pagar o valor da terra, acabavam por perdê-la. Com isso, mantinham-se como assalariados, parceiros ou diaristas, vivendo em estado de extrema pobreza (PESSOA, 1995).

Para Bahia (2011), a medida de direito à cidadania e a abolição da servidão, provavelmente, tiveram a intenção de desvincular a pequena da grande propriedade, pois, com a introdução do capitalismo, era necessário modernizar a agricultura, aumentar a produção e ter disponível, para o trabalho industrial, a mão de obra dos camponeses sem terra.

Os imigrantes de países como Itália, Alemanha, Espanha, Portugal, Polônia, Holanda, Suíça, Áustria, França e outros, procuraram oportunidades de vida nova, fugiam do caos europeu devido à unificação da Alemanha, à guerra franco-prussiana e ao crescimento do capitalismo industrial.

Segundo Willens (1980), os emigrantes europeus, com a intenção de evitar a proletarização, preferiram a emigração para regiões onde as terras eram férteis e baratas, porque “eles não queriam trabalhar em fábricas” (WILLENS, 1980, p. 33).

A imigração alemã iniciou-se em 1824, mas os pomeranos começaram a imigrar a partir de 1851, vindos da Pomerânia, localizada no norte da Polônia e da Alemanha, na costa sul do mar Báltico, entre as duas margens dos rios Vístula e Odra, atingindo a oeste o rio Recknitz.

1.1 A ANTIGA POMERÂNIA

A Pomerânia, na literatura pesquisada, é descrita como uma região rica em alimentos, terras baixas e férteis, lagos e rios. Desde cedo despertou o interesse de povos *Vikings*, noruegueses e dinamarqueses, e dos poloneses que a invadiram três vezes. De ótima localização, era meio de comunicação com o restante do mundo;

seus rios caudalosos e profundos eram excelentes para a navegação e para o acesso ao mar.

A figura 1 traz o mapa de parte da Europa em que se pode visualizar a localização de origem dos pomeranos:

Figura 1: O território da Pomerânia nos países de hoje



Fonte: Jacob (2011).

Esse povo não tem, atualmente, o território de origem, pois a parte leste passou a pertencer à Alemanha e a oeste à Polônia. Segundo os historiadores Rolke (1996; 2016) e Wille (2011), o nome vem do latim *longum mare* (pelas costas do mar), cujo registro consta em um documento papal escrito por volta de 1080 com o nome de *Po Morje*. O termo Pomerânia aparece, mais tarde, num documento imperial datado em 1406, fazendo referência à autoridade de *Zemuzil dux Bomeranorum* Siemomys, Duque dos pomeranos. A Figura 2 mostra a Pomerânia do século XVII, sob o governo de Felipe II.

Figura 2: Pomerânia do século XVII – Governo de Felipe II



Fonte: LUBINIS, Eilhard. In: WILLEM e JOAN BLAEU. Atlas Blaeu:1662⁶.

Um breve relato descreve os embates vividos pelos pomeranos: de 1186 a 1806, a Pomerânia esteve sob o domínio do Sacro Império Romano-Germânico. Em 1806, a Pomerânia foi dissolvida por Napoleão Bonaparte; em 1850, foi anexada ao reino da Prússia, período da imigração para o Brasil; em 1871, com a união dos estados alemães, passou a integrar o império Alemão. Até 1945, a Pomerânia estava dividida entre Pomerânia Ocidental ou Anterior e Pomerânia Oriental. A capital Stettin separava o Leste do Oeste, com um território de 38.409 km², área inferior ao Espírito Santo, estado que recebeu o maior contingente de pomeranos no Brasil.

Com o término da II Guerra Mundial (1945), a Pomerânia Oriental foi anexada à Polônia, e a Pomerânia Ocidental à Alemanha. A população foi expulsa pelo Exército Vermelho e a maioria teve de fixar residência em uma das duas Alemanhas, Alemanha Oriental ou Alemanha Ocidental. Dessa forma, a Pomerânia desapareceu do mapa da Europa. Os pomeranos chegaram, conforme Tressmann (2008), ao Espírito Santo, em 28 de junho de 1859, período anterior à unificação da Alemanha

⁶Eilhard Lubinus, teólogo e filósofo luterano alemão. Muito erudito, traduziu o antigo testamento em três línguas, como professor desenvolveu um método de ensino do latim clássico, matemático e cartógrafo. Foi professor de Comenius, pai da didática moderna. Felipe II da Pomerânia em 1610 solicitou-lhe que fizesse o mapa da Pomerânia. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pomeraniae_Ducatus_Tabula.jpg> Acesso em: 11/09/2016.

no século XIX. Em 1870, foi o período que o Brasil mais recebeu pomeranos da parte Oriental.

A maioria dos pomeranos migrou para os Estados Unidos e a Austrália. No entanto, hoje, apenas no Espírito Santo, vive o maior grupo, em torno de 120 mil descendentes de pomeranos. Segundo Tressmann (1998), no Brasil, talvez ultrapasse 300 mil indivíduos, e a literatura linguística comumente tem os tratado como grupos germânicos que imigraram para o Brasil, ou seja, como grupo cultural e linguisticamente homogêneo.

No entanto, Pessoa (1995) esclarece que:

Estes primeiros pomeranos não foram para o Espírito Santo; primeiramente foram para São Paulo, trabalhar nas lavouras de café, juntamente com outros imigrantes europeus, alemães, italianos e suíços. Fazia parte da primeira experiência de utilização de mão de obra imigrante em substituição à mão de obra escrava, integrando o projeto idealizado por Nicolau Vergueiro, que faz de sua fazenda, em Ibicaba (SP), o centro de instalação. (PESSOA, 1995, p. 68).

Esses imigrantes enfrentaram, segundo a autora, situações muito difíceis: o pagamento pela colheita não era satisfatório, as mercadorias repassadas pelo fazendeiro eram de alto custo, se tentassem fugir eram caçados e eram tratados como escravos. A situação provocou uma revolta entre os trabalhadores em 1856, e, por conta desses maus tratos, uma delegação Suíça veio ao país para averiguar a situação dos imigrados.

Depoimentos confirmam a dificuldade encontrada por aqueles que decidiram deixar sua pátria natal em busca de nova oportunidade de vida. No site da família Pinz (2015), há uma breve descrição da árvore genealógica da família, a qual tem descendentes em Nova Santa Rosa, no Paraná. O imigrante pomerano, inicialmente, fixou residência em São Lourenço do Sul – RS, seus descendentes migraram para Fraiburgo – SC, e na década de 50 para Nova Santa Rosa Oeste - PR, seguindo uma tradição familiar agrária. Conforme Pinz (2015),

Karl Friedrich Pinz e sua esposa Marie August H. Pinz foram uns dos pomeranos que receberam esta proposta por parte do governo brasileiro. A promessa de que receberiam terras férteis mescladas com a ânsia de encontrar riquezas ou simplesmente de fugir do governo totalitário, fez com que o casal deixasse sua terra e rumasse

para o Brasil. Talvez pessoas simples que aqui vieram para alcançar e realizar seus sonhos⁷.

Para Seibel (2016), os imigrantes pomeranos lançaram raízes em todos os continentes e o maior grupo fixou-se na América do Norte (Estados Unidos e Canadá), devido à oferta de transporte e direito à propriedade para aqueles que queriam deixar a terra natal. O autor destaca que “voluntariamente ou não, outros grupos terminaram sendo conduzidos até o Brasil, África do Sul, América Central e Austrália” (SEIBEL, 2016, p.14).

1.2.1 A história de um povo é a história de uma língua

As pesquisas mais recentes sobre a origem dos pomeranos caracterizam-nos como descendentes dos *Wendes*, pagão. Segundo consta em Silva (2013), no final do século XIX, alguns habitantes das regiões isoladas da Pomerânia, cidades de Bütow, Lupow e Leba, ainda falavam a língua *wende*. Embora cristianizados e germanizados, tinham seus hinários em *wende*, além do alemão, editados em 1588, os quais foram utilizados até meados de 1920. Segundo o autor, as pregações de alguns pastores da região eram feitas em ambas as línguas.

Tressmann (2005) considera o povo pomerano de origem eslava, descendente dos *Wende* (eslavos) e *Cassúbio* (minoría eslava), pagãos, assim como o nome da região da Pomerânia em língua alemã é *Pommern* – provém do eslavo *Po-Morje*, que, como já mencionado, significa terra ao longo do mar, ou seja, os eslavos são oriundos de regiões antigamente ocupadas pelos celtas. Segundo Tressmann (2008), os pomeranos se constituem em uma mistura de germanos com eslavos e celtas.

No século XII, conforme Tressmann (2005; 2008), os germanos trazem para a região colonos provenientes da Baixa Saxônia, Vestfália e Renânia.

A variedade linguística desses colonos é da subfamília do Baixo-Saxão, que se sobrepõe aos poucos às línguas eslavas, *Wendes* e *Cassúbio*; essas cada vez menos faladas dão lugar ao pomerano. Para Tressmann, no ano de 1400, o

⁷Site idealizado por Ary Pinz. Disponível em: <<http://www.oocities.org/br/familiapinz>>. Acesso em: 25/05/2015.

Pomerisch, ou pomerano, solidifica-se e passa a ser a língua corrente na Pomerânia, que, mais tarde, é trazida ao Brasil.

Em 1530, na Pomerânia, a Reforma Protestante oficializa e torna pública a língua alemã enquanto o pomerano passa a ser uma língua informal, secundária. Tressmann (2008), ao aferir as línguas germânicas, expõe um parentesco sistemático, regular entre as línguas germânicas, conforme o Quadro 1.

Quadro 1: Um comparativo entre as línguas germânicas

POME-RANO ⁸	Saxão Antigo	Anglo Saxão	Neerlandês (Holandês)	Sueco	Escocês	Inglês	Alto-Alemão Antigo	Alemão	Português
Land	Land	Land	Land	Land	Land	land	Lant	Land	<i>terra*</i>
Blind	Blind	Blind	Blind	Blind	Blind	blind	Blint	Blind	<i>cego</i>
Huus	Hus	Hus	huis, huus	Hus	hoose	house	Hus	Haus	<i>casa</i>
Muss	Mus	Mus	muis, muus	Mus	moose	mouse	Mus	Maus	<i>rato</i>
Ijs	Is	Is	Ijs	Is	Ice	Ice	Is	Eis	<i>gelo</i>
ilk	K	Ic	Ik	Jag	A	I	ih, ihha	Ich	<i>eu</i>
week	-	Wicu	Week	veck	Week	week	wohha, wehha	Woche	<i>semana</i>
dans	-	-	Dans	dans	dance	dance	Tanz	Tanz	<i>dança</i>
helpa	-	Helpan	Helpen	hjälpa	Help	help	Helfan	Helfen	<i>ajudar</i>
bijta	-	Bitan	Bijten	bita	Bite	bite	Bizzan	Beissen	<i>morder</i>
wâter	Watar	Woeter	Water	watten	watter	water	Wazzar	Wasser	<i>água</i>
tung	Tunga	Tunge	Tong	tunga	tongue	tongue	Zunga	Zunge	<i>língua</i>
twai	Twene	Twain	Twee	Tva	twae	two	zwene,zwo, zwei	Zwei	<i>dois</i>
Fâter	Fadar	Foeder	Vader	Far	vather	father	Fater	Vater	<i>pais</i>

Fonte: Tressmann (2008, p.13). *Propriedade rural.

Com esse comparativo, sustenta-se a hipótese de que essas línguas têm a mesma origem, com formas alteradas de uma língua que sofre influência do tempo histórico, mas geneticamente relacionadas.

⁸ As transcrições do quadro comparativo da língua pomerana, saxão antigo, anglo saxão, neerlandês (Holandês), sueco, escocês, inglês, alto-alemão e alemão mantêm a grafia utilizada por Tressmann (2008).

Para o autor, todas essas línguas descendem do germânico. Juntamente com as românicas ou neolatinas, as eslavas e várias outras línguas da Europa pertencem ao tronco linguístico Indo-Europeu; por conseguinte, as suas subfamílias linguísticas.

Tressmann (2008), com esse quadro (Quadro 1), confirma sua tese de que o Pomerano, o Neerlandês, o Escocês e o Inglês descendem de uma língua comum, baseando-se no seguinte raciocínio:

- 1) O Saxão antigo deu origem a várias subfamílias linguísticas, por exemplo, o Pomerano é uma língua baixo-saxônica, uma língua saxônica das terras baixas da região do Mar Báltico, Europa.
- 2) O Inglês já é uma língua anglo-saxônica, derivada do Saxão antigo e do Anglo, por isso a semelhança com o Pomerano.
- 3) O Alemão pertence a outro grupo de línguas, ao alto Alemão antigo (das regiões altas, montanhas da Alemanha e da Suíça) de que originou o Gótico. (TRESSMANN, 2008, p.13-14).

O autor conclui: o pomerano não descende do alemão, é uma língua autônoma e argumenta citando alguns termos pomeranos que são recorrentes na língua alemã, tais como:

“huss – ‘casa’ não se origina do alemão **Haus**;
ijs – ‘gelo’ não vem do alemão **Eis**;
twai – ‘dois’ também não vêm do alemão **zwei**; e nem
week – ‘semana’ que em alemão é **Woche**”. (TRESSMANN, 2008, p.14).

Tressmann (2008) identificou na língua pomerana europeia nove dialetos, classificados pelo contexto geográfico de uso:

- i) Na Pomerânia Ocidental, falavam-se o *Vorpommersch* e o *Rügen*;
- ii) Na Pomerânia Oriental, o *Nordostpommersch*, o *Zentralpommersch*, o *Bublitz*, o *Kolberb*, o *Belbuck*, o *Südpommersch* e o *Mittelpommersch*. (TRESSMANN, 2008, p.16).

A pesquisa de Tressmann é validada por Bielke (2013) e Rodrigues (2009). Beilke (2013) coletou o corpus de sua pesquisa em lápides, placas e contextos sociais de uso da língua pomerana. Em sua análise, concluiu que os fragmentos linguísticos coletados têm uma proximidade fonética e lexical com o alemão, mas também algumas variações mais próximas do eslavo, como o uso constante do J, e a considerável frequência de vogais abertas.

Rodrigues (2009), por sua vez, em sua pesquisa intitulada *O bilinguismo no Espírito Santo: e seus reflexos no português de adultos e crianças*, reforçou o conceito de que os dois grandes grupos linguísticos, o pomerano e o alemão, são línguas autônomas.

Após descrevermos nessa seção e subseção a origem do povo pomerano, na seção e subseção seguintes, destacamos os processos de imigração e migração em território brasileiro.

1.3 A POMERÂNIA ESTÁ VIVA NO BRASIL

Retornando à história do percurso dos pomeranos, os estados brasileiros que mais receberam imigrantes no século XIX foram Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina e, de acordo com citações recorrentes nas fontes de pesquisa (ROCHE, 1968; RÖLKE, 1996; 2016; WILLE, 2011; HEINEMANN, 2008; 2017), nos anos 50 e 70 do século XX, houve uma migração interna intensa dos pomeranos, sempre em busca de novas terras para a prática da agricultura.

Nesse período, o Paraná recebeu muitos colonos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, enquanto Minas Gerais e Rondônia receberam colonos pomeranos do Espírito Santo.

Bielke (2013) criou um quadro com cruzamento de informações que mostra a situação atual da língua pomerana no Brasil. Com base nas informações da autora, reorganizamos o quadro para destacar a categoria: Estado. A localidade paranaense apontada como falante de pomerano é a Colônia *Witmarsum*, formada pelos menonitas, grupo étnico-religioso protestante, fundado no século XVI pelo teólogo *Menno Simons*.

Antes de apresentar o Quadro 2, consideramos importante fazer um pequeno relato da origem do grupo menonita, o que pode colaborar na classificação da origem da língua, lembrando que os pomeranos são, originalmente, da região sul do mar Báltico.

De acordo com o documentário “Witmarsum: Brasil dos Menonitas”⁹, esse povo é descendente de grupos alemães que migraram para a Rússia. No governo de Stalin, foram expulsos e tiveram que retornar ao seu país de origem.

⁹ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=wOzicGIWJ74> > . Acesso: 11/03/2015.

Inicialmente, a Alemanha recebeu-os, mas, em seguida, localizou outros países para assentá-los: Canadá, Paraguai e Brasil. Em 1929, imigraram em torno de 3.500 menonitas para o Brasil. Foram assentados no Oeste de Santa Catarina, em terras adquiridas pela Cruz Vermelha; eles receberam seus lotes numerados e nominados.

No ano de 1951, em torno de 70 a 80 famílias migraram para Palmeiras – PR; mais tarde, uniram-se a esse grupo os migrantes de Curitiba e os imigrantes do Paraguai. Hoje, a comunidade menonita conta com 350 famílias.

Segundo Dück (2011), em um estudo sobre o trilinguismo do Colégio Fritz Kliewer de Witmarsum, Palmeira (PR), declara: de 1952 a 1970, a maioria dos alunos menonitas-alemães se comunicava em *Plautdietsch*, também uma forma de *Platt* ou *Niederdeutsch* (alemão baixo) / ou em *Hochdeutsch* (alemão standard), além da língua portuguesa.

Para Von Borstel (2011), pesquisadora das variedades de *Platt*, *Hochdeutsch* e *Brasildeutsch*, o *Plautdietsch* falado pelos menonitas-alemães de Witmarsum é uma língua alóctone de uma tradição oral passada de geração a geração no contexto familiar, e é um dialeto que se formou durante o período dos séculos XVI e XVII, na Prússia, pelos Menonitas com centenas de itens lexicais de origem dos Países Baixos.

De acordo com estudos da mesma autora (VON BORSTEL,1992), os pomeranos são falantes do dialeto *Plattdeutsch* (alemão baixo) e são da região norte da Alemanha, da antiga Pomerânia, que, migraram para São Luiz Gonzaga, Santa Cruz do Sul e Pelotas no RS e, depois, nos anos de 1950 a 1960, para o Paraná.

Esse esclarecimento é necessário, pois a fala pomerana de três localidades paranaenses é objeto deste estudo, a qual tem esse descompasso de classificação linguística: língua e dialeto, conforme Heye (2003a; 2006) ao citar que no Brasil há duas variantes, o alemão padrão, enquanto variedade A (alta), e uma variedade B(baixa) que se manifesta,

De acordo com a origem dos imigrantes alemães, ou como *Hunsrückisch* ou como *Platt*. Esta última formada por **um conjunto de dialetos** do norte da Alemanha, **com uma extensão que ia da fronteira da Holanda até o que é a Polônia (a região do Pomerano)**. Este conjunto de dialetos se enquadra no que se rotula de *Niederdeutsch* ou *Plattdeutsch*. (HEYE, 2006, p.70, grifos nossos).

Por parte de Heye (2006), há uma generalização, ao citar “um conjunto de dialetos”, conforme nossos destaques. Quanto à imigração, a região da Pomerânia pertencia à Prússia, o Império Alemão foi criado em 1871, após o início da imigração, portanto, as línguas dos imigrantes ficaram preservadas da influência da variedade da língua padrão da Alemanha.

Alguns informantes creem que a língua pomerana é um *Platt*. É denominado de *Platt* como se fosse uma nomenclatura, um rótulo, um estigma linguístico. Esse conceito é normatizado entre alguns informantes, mas também encontramos uma minoria de falantes na localidade de MCR que a concebe como língua, pois estão envolvidos com um movimento de reconhecimento do grupo pomerano na formação étnica local.

Nas localidades de CG e NSR, há uma naturalização de que o grupo pomerano é um coadjuvante do grupo étnico alemão, e que falam uma variante linguística da língua alemã, uma forma de *Platt* (dialeto).

No Quadro 2, podemos observar uma crescente mobilização dos pomeranos na cooficialização da língua pomerana.

Quadro 2: Localidades brasileiras com grupos étnicos pomeranos

Mapeamento prévio do <i>pommersch</i> no Brasil - levantamento das localidades <u>onde o pomerano é falado</u> (grifo nosso).			
ESTADO	MUNICÍPIOS	COOFICALIZAÇÃO	ENSINO NAS ESCOLAS
Espírito Santo (ES)	Alto Jatibocas (Itarana)	Sim	Não
	Domingos Martins	Sim	Sim (pomerano) ¹⁰
	Laranja da terra	Sim	Sim (pomerano)
	Pancas	Sim	Sim (pomerano)
	Santa Leopoldina	Sim	Não
	Santa Maria de Jetibá	Sim	Sim (pomerano)
	Santa Teresa	Sim	Não
	Vila Pavão	Sim	Sim (pomerano)
ES e divisa com MG	Baixo Guandu	Sim	Não
GO e RJ	Itueta	Não	Não

¹⁰ Os municípios de Vila Pavão, Pancas, Domingos Martins, Santa Maria do Jetibá e Laranja da Serra têm o Projeto Escolar Pomerano / PROEPO. Esse projeto pedagógico tem como objetivo desenvolver nas escolas públicas a valorização e o fortalecimento da cultura e da língua pomerana, representadas por meio da língua oral e escrita, além das danças, da religião, da arquitetura e de outras tradições.

	Mutum	Não	Não
	Vila Neitzel	Não	Não
Paraná (PR)	Palmeiras: Colônia Witmarsum	Não	Sim (Plattüütsch)¹¹
Rio Grande do Sul	Agudo	Não	Sim (alemão)
	Arroio do Padre	Em fase de aprovação	Sim
	Arroio do Tigre	Não	Sim (alemão)
	Candelária	Não	Não
	Canguçu	Sim	Não
	Pelotas	Em processo de cooficialização	Sim (alemão)
	Rio Pardinho	Não	Não
	Santa Cruz do Sul	Sim (alemão)	Sim (alemão)
	São Leopoldo	Não	Sim (alemão)
	São Lourenço do Sul	Sim	Sim (pomeranos - escolas rurais, alemão - urbanas)
	Sinimbu	Não	Não
	Vera Cruz	Não	Não
Rondônia	Espigão d' Oeste	Em fase de aprovação	Não
Santa Catarina	Blumenau	Sim	Sim (alemão)
	Pomerode	Sim	Sim (alemão/pomerano)
	São Pedro de Alcântara	Não	Sim

Fonte: Bielke (2013, p. 4).

O destaque para o uso da língua pomerana fica com o Espírito Santo e Rio Grande do Sul, apontados como estados que mais receberam imigrantes pomeranos, o que justifica a reivindicação tão acentuada da cooficialização da língua herança.

No Estado do Espírito Santo, nove municípios têm a cooficialização da língua pomerana, incluindo o município do Baixo Guandu, que fica na divisa com o Estado de Minas Gerais; cinco destes municípios ensinam a língua pomerana nas escolas públicas. O Estado do Rio Grande do Sul tem doze municípios com grupos pomeranos, desses, dois têm a cooficialização da língua, Canguçu e São Lourenço

¹¹ Segundo Altenhofen (2004), o *Plattdüütsch* é *Vestfaliano*, denominado também de *sapato-de-pau*. A variedade da língua alemã *Plautdietsch* é menonita.

do Sul. As cidades de Pelotas e Arroio do Padre estão em fase de implantação da proposta de cooficialização da língua pomerana.

O ensino da língua pomerana é ofertado apenas nos municípios de Arroio do Padre e São Lourenço do Sul. Este último faz uma distinção para o ensino da língua: na zona rural é ofertada a língua pomerana, e na zona urbana oferta-se a língua alemã.

Dos doze municípios gaúchos, citados anteriormente, seis ofertam a língua alemã nas escolas; portanto, há uma afirmativa de que a língua pomerana ainda está em processo de reivindicação, de reconhecimento abarcado pelas comunidades pomeranas. Segundo Thum (2008) “a voz dos pomeranos não foi pronunciada e, nos casos em que era silenciada pelas estruturas locais de poder, que na maioria das vezes estavam nas mãos de imigrantes alemães” (THUM, 2008, p.17).

Da mesma forma, as cidades de Blumenau e Pomerode, ambas de Santa Catarina, têm a cooficialização da língua pomerana, esse último município também cooficializou a língua alemã. As duas colônias étnicas, a alemã e pomerana, estão respaldadas em Pomerode.

Na cidade de Espigão d'Oeste (Rondônia) está em fase de aprovação a cooficialização da língua pomerana, falada por um grupo migrante do Estado do Espírito Santo, contexto de pesquisa de Pessoa (1995) que, em sua dissertação de mestrado, intitulada “Ontem e hoje: percurso linguístico dos pomeranos de Espigão D'Oeste”, cita algumas localidades paranaenses com migrantes pomeranos do Espírito Santo:

Na década de 60 um número considerável de famílias pomeranas migraram do Espírito Santo para o Paraná. Eles se deslocaram motivados pela propaganda de terra fácil e fértil do oeste do Paraná e se estabeleceram nas regiões de Toledo, Assis Chateaubriand, Bragantina, Umuarama, Campina da Lagoa, Campo Mourão, Corbélia, Nova Aurora, Iretama, Roncador, Boa Esperança, Apucarana, Engenheiro Beltrão e Marechal Rondon. Alguns permaneceram lá, mas muitos voltaram para o Espírito Santo e, ali, no início da década de 70, se intensifica a propaganda dos projetos de assentamento e propaganda do governo militar rumo à Rondônia. (PESSOA, 1995, p. 84).

Essa informação também é citada por Tressmann (1998), ao relatar sobre a migração interna dos pomeranos na década de 1950 para o Paraná e, a partir de 1970, até o início da primeira metade dos anos 1980, para Rondônia.

As localidades mais coesas, como se pode observar em Bielke (2013), têm a cooficialização, ou estão em processo de implantação da língua pomerana, enquanto as localidades paranaenses indicadas por Pessoa (1995) e Tressmann (1998) estão invisíveis, talvez pela dispersão do grupo, novo movimento migratório, ou a invisibilidade do grupo étnico pomerano em regiões com grau acentuado de migrantes alemães.

No Paraná, desconhecemos alguma pesquisa que tenha um estudo específico dessa etnia; entretanto, Von Borstel (1992; 2011) cita que habitam o município de Marechal Cândido Rondon migrantes pomeranos na Linha Heidrich, que migraram de São Luiz Gonzaga (RS) para Santa Cruz do Sul (RS), em seguida, para Pelotas, também no Rio Grande do Sul, e entre 1960 a 1970 se estabeleceram no Paraná. A pesquisadora esclarece que:

O termo *Plattdeutsch* ou *Platt* foi utilizado por entrevistados em Marechal Cândido Rondon que se denominavam falantes do dialeto pomerano, *westfaliano* e *Deutschruss*, dialetos que sofreram grandes transformações (fonêmicas, morfossintáticas, lexicais e semântico-pragmáticas) através de vários processos de emigrações, imigrações e migrações em várias regiões da Europa e em países tomados pela ocupação soviética. Depois, esses imigrantes de origem alemã vieram para várias regiões do Brasil. Aqui, neste estudo (Dissertação, 1992) em específico, migraram de localidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para esta comunidade de fala do oeste do Paraná. (VON BORSTEL, 2011, p. 58, grifos nossos).

Fomos confirmar as informações de Pessoa (1995) e Tressmann (2008). Localizamos três migrantes do Espírito Santo em Nova Santa Rosa - PR, Teodoro Romais, um professor que acompanhou a família Reinholz em um pau de arara¹², até a localidade de Assis Chateaubriand - PR em 1960, onde a família permaneceu por um curto período, migrando para Rondônia; Pastor Jonas Roberto Schulz e a esposa Karin Schulz de Laranja da Terra; celebrante do 7º Culto Pomerano em Marechal Cândido Rondon.

¹² É o nome dado a um meio de transporte irregular, que ainda é utilizado no Nordeste do Brasil. Consiste em se adaptar nos caminhões para o transporte de passageiros, constituindo-se em substituto improvisado para os ônibus convencionais.

Em 1970, Teodoro Romais foi convidado para lecionar na escola da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil mantenedora de uma escola privada para os membros de sua comunidade.

Com o auxílio de comunidades virtuais, entramos em contato com o professor historiador Jorge Kuster Jacob, de Vila Pavão – ES, o qual morou entre 1960 a 1970 em Bragantina, onde a mãe cultivava terras devolutas. Retornou com a família para o Espírito Santo. Declarou também que ainda mantém contato com duas famílias pomeranas que atualmente residem em Cascavel – PR, as quais não conseguimos localizar.

Como se pode observar, há um alto grau de dispersão desses migrantes no estado do Paraná. Uma das possibilidades de localizá-los foi buscar no arquivo das igrejas protestantes: Igreja Evangélica Luterana de Confissão no Brasil (doravante, IELCB) e Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB, de ora em diante).

Segundo Bahia (2011), essas comunidades, quando chegaram ao Brasil, faziam parte da mesma denominação religiosa, mas, a partir de 1930, houve uma divisão dos sínodos que resultou nas seguintes afiliações: a IELB filiou-se ao Sínodo de Missouri, dos Estados Unidos da América, e a IECLB à Federação de Igrejas na Alemanha. Essas denominações entendiam formas diferenciadas do que é ser luterano: a IECLB, por exemplo, tinha a preocupação com a preservação da língua alemã, pois a gênese estava no movimento de reforma liderado por Martin Lutero, língua usada pelo protestante e com a qual traduziu a Sagrada Escritura que, ao mesmo tempo, lançou o *Hochdeutsch*, o alemão moderno, *standard*. Willens (1980) esclarece que:

Os pastores evangélicos procuravam perpetuar, através de igreja e comunidade religiosa, a cultura local como entidade distinta provida duma consciência étnica viva. Contribuíam para que a comunidade evangélica se sentisse como *in-group* em confronto com o *out-group* pelos “brasileiros”, sobretudo pelas autoridades. Essa mesma função encontramos em muitas comunidades rurais isoladas, raramente, no entanto, em zonas urbanas ou etnicamente mistas, embora nestas últimas naturalmente se registrassem tentativas no mesmo sentido. (WILLENS, 1980, p. 354).

Para Ernest Wagemann (1949), as comunidades religiosas ocuparam um papel de agregação étnica e religiosa bastante coesiva na colonização das terras

brasileiras, devido à ausência ou à falta da participação da autoridade municipal ou estadual na administração pública, evidenciando o princípio de que o órgão que falta é, em certa medida, substituído por outro.

Por isso, as comunidades religiosas se arrogaram diversas tarefas, próprias do estado e do município, como, por exemplo, o ensino e, até acrescenta-se, a manutenção da ordem pública. Conforme relata Vandresen (2009), em pesquisa sobre a etnia pomerana em Arroio do Padre - RS, originário do 10º Distrito do município de Pelotas:

Com forte tradição escolar, os imigrantes pomeranos criaram escolas étnicas, que ensinavam em alemão padrão até a época da Segunda Guerra mundial. [...] Até 1937, início da Campanha de Nacionalização do Ensino no Governo de Getúlio Vargas, as comunidades pomeranas se mantiveram relativamente isoladas geograficamente, com poucos contatos com falantes do Português. Esta situação fez com que muitas delas (como do Arroio do Padre) permanecessem monolíngues por motivos culturais e religiosos. **Os imigrantes pomeranos eram majoritariamente protestantes.** Esta situação os isolava das comunidades lusas falantes católicas, dificultando contatos linguísticos e casamentos interétnicos. (VANDRESEN, 2009, p. 8, grifos nossos).

O apoio das comunidades protestantes a grupos de imigrantes resultou na publicação em comum do devocionário *Castelo Forte*¹³, que há 50 anos é organizado e publicado pela Comissão Interluterana de Literatura Evangélica, Editoras: Concórdia da IELB e a Sinodal da IECLB.

Segundo Heinemann (2016), a partir de 1980, os pastores luteranos começaram a alertar o povo sobre o benefício de preservar a história e cuidar de seus pertences, pois muitos tinham interesse nos objetos e móveis para revendê-los. Com esse sobreaviso, os pomeranos começaram a se dar conta do acervo histórico que tinham em suas casas.

Nessa procura começaram a surgir os primeiros documentos que passaram a despertar o interesse dos pastores e catequistas e dos pesquisadores da cultura

¹³ O título do devocionário *Castelo Forte* foi copilado da letra do hino *Castelo Forte*, escrito em 1529 por Martin Lutero. As mensagens diárias do devocionário são escritas voluntariamente por homens e mulheres, líderes consagrados e reconhecidos em suas respectivas igrejas. Os textos são previamente selecionados e distribuídos pelo editor da Comissão Interluterana de Literatura – CIL. Essa comissão foi instaurada em 1966 pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB).

pomerana, o que contribuiu para a redação dos primeiros artigos de jornais, notícias locais, pesquisas e produções cinematográficas.

O filme documentário “Pomeranos: a trajetória de um povo” (2009/2010), produzido com a colaboração do Prof. Dr. Ismael Tressmann, Helmar R. Rölke e José Carlos Heinemann; direção de Vanildo Kruger e autores Arilson Grinewald e Vanildo Kruger, é uma versão da história da imigração dos pomeranos.

Essa película cinematográfica tem a intenção de promover a história, a cultura e as tradições pomeranas. A narrativa tem como enredo a *história oficial* da imigração pomerana no município de Santa Maria de Jetibá (ES). O roteiro é construído em um tom épico, apresenta relatos das dificuldades enfrentadas pelos imigrantes pomeranos na nova terra e a superação dos obstáculos com a adoção de um meio de vida tradicionalmente pomerano.

A migração dos pomeranos desta pesquisa está no segundo e terceiro movimento de busca de novas terras no Brasil, conforme a Figura 3 - mapa “Pomeranos no Brasil” de Heinemann (2017), criado durante esta pesquisa. O autor inseriu os pontos do Paraná indicados por esta pesquisa de *Crenças Linguísticas de Descendentes de Pomeranos em Três Localidades Paranaenses*.

Figura 3: Imigração Pomerana e migrações internas no Brasil



Fonte: Heinemann (2017).

José Carlos Heinemann, produtor do filme *A saga de um povo*, tem passagem por Universidades alemãs e Instituições Pomeranas de Kiel e Lübeck, e há mais de trinta anos escreve sobre os pomeranos. Auxilia na organização de museus com a temática histórica pomerana; faz parte de um seleto grupo de pesquisadores que elaborou uma Carta Aberta aos Pomeranos (Anexo 2) com Jorge Küster, Ivan Seibel, Henry Fred Ullrich e Irineu Foerste em 2016, na cidade de Pomerode – SC. Nesse encontro, foi criada a *Associação Brasileira do Povo Pomerano (ABP)*.

Para Seibel (2016), “espera-se que essa associação possa se tornar mais uma importante ferramenta para a divulgação da cultura e da língua pomerana” (SEIBEL, 2016, p.11).

Tendo-se explicitado até o momento a respeito dos movimentos de imigração e migração dos pomeranos no Brasil, a próxima subseção concentrou-se em analisar as políticas linguísticas em torno da língua pomerana.

1.3.1 As políticas linguísticas da língua pomerana

A temática deste estudo foi motivada por uma corrente de estudos linguísticos que abarcam as minorias linguísticas brasileiras alóctones e autóctones, e que vivenciam um processo de cooficialização de línguas indígenas, crioulas, libras e de imigrantes amparadas pelo Decreto nº 6.40/2007, que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – Diário Oficial de 08/02/2007.

As políticas públicas de reconhecimento da língua pomerana viabilizaram projetos pedagógicos de valorização e de fortalecimento da cultura e da língua em diversas escolas de comunidades pomeranas. Contam com a publicação do “Dicionário Enciclopédico Pomerano - Português”, de Tressmann (2006), e o Livro Texto em língua pomerana: “*Upm Land: up pomerisch språk*” (TRESSMANN, 2006).

O Estado do Espírito Santo é destaque nos movimentos de políticas públicas para o amparo dos povos de comunidades tradicionais, entre várias conquistas de políticas que remetem ao reconhecimento do povo pomerano.

A Proposta de Emenda Constitucional nº 11/2009 - Inciso VI - artigo 182, da Constituição Estadual do Espírito Santo, que trata da Cultura do Estado, inclui a língua pomerana e alemã como patrimônios do Estado.

O Decreto nº 7.387 instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) - Diário Oficial de 09/12/ 2010. O inventário tem como objetivo instrumentalizar a identificação das línguas de diferentes povos brasileiros para serem contemplados com políticas públicas para seu reconhecimento.

Os pomeranos, quando aqui chegaram, mesclaram-se com outros grupos germânicos, o que contribuiu para que perdessem sua herança cultural em muitas cidades. Apenas em três estados brasileiros os pomeranos formaram comunidades autônomas que contribuíram para a manutenção dos seus costumes: em Santa Maria de Jetibá, no Espírito Santo; São Lourenço do Sul, no Rio Grande do Sul; e em Pomerode, Santa Catarina.

A relação do povo pomerano com sua língua tem produzido uma ressignificação identitária entre o descendente do imigrante e o Estado brasileiro na construção de políticas linguísticas: ao assumir o papel simbólico, étnico da língua que fala, essa adquire o estatuto de identidade pomerana pela ação política coletiva dos descendentes.

Para Seibel (2016), os descendentes pomeranos

São brasileiros, mas também são pomeranos. E nesse sentido, talvez possamos dizer que um ‘país’ chamado ‘Pomerânia do Brasil’ realmente existe, não com um país com definição geográfica ou política, porém, como um conceito cultural e como uma Pomerânia de um povo que vive no Brasil. (SEIBEL, 2016, p. 37, grifos nossos).

Uma corrente de atitudes positivas com relação à etnia pomerana tem produzido vasto material de apoio aos descendentes pomeranos, por exemplo, a Carta Aberta (anexo 2), redigida por um grupo de pesquisadores em Pomerode, Santa Catarina, em 27 de janeiro de 2016, com o objetivo de acompanhar e fomentar discussões com vistas a uma conexão nacional do Povo Tradicional Pomerano, no Brasil.

Essa carta, em sua primeira proposta, recomenda: “1. Os pomeranos, por serem uma minoria, devem pleitear as suas reivindicações em acordo o que a lei brasileira faculta às minorias étnicas (FOERSTE et al., 2016, p. 98, destaques nossos)”, porque, conforme pontua Seibel (2016), “[...] o Brasil pode ser considerado o detentor do maior cabedal de conhecimentos sobre a História Pomerana” (SEIBEL, 2016, p.11).

Certamente, as políticas linguísticas em torno da língua pomerana são importantíssimas. Além dessas políticas, algo fundamental são as pesquisas sobre a cultura e língua pomerana. Esse foi o tópico central na seção subsequente.

1.4 PESQUISAS DA CULTURA E LÍNGUA POMERANA

A pesquisa sobre a língua e a cultura pomerana é muito recente; os principais registros são de religiosos de origem pomerana: Heinemann (2016); Rolke (1996; 2016), Wille (2011), Tressmann (2005; 2006; 2008), e que exerceram seu presbitério

em comunidades da IECLB ou da IELB. São líderes religiosos que deram voz à história de seu povo, tirando-os da invisibilidade étnica e cultural.

Para Wille (2011), no prefácio do seu livro “Pomeranos no Sul do Rio Grande do Sul - trajetória - mitos - cultura”:

Uma árvore que perde as suas raízes fatalmente morre e desaparece. Da mesma forma, isso acontece também a um povo que perde a sua identidade e não cultua mais a sua tradição. Para isso não acontecer com os descendentes dos imigrantes pomeranos que hoje povoam os municípios [...] e boa parte de nosso país, foi escrito este livro com o fim de lhes oferecer elementos sociais e culturais que lembram o lugar e o modo de vida de onde vieram seus avós e com os quais seus descendentes têm muito a recordar e aprender. (WILLE, 2011, p. 9-10).

A visão ideológica de reconstrução da história tem o tom étnico de reverência ao antepassado, pois a luta pela sobrevivência do imigrante pomerano, a perda do contato com o país de origem foram algumas das circunstâncias que apagaram da memória coletiva informações importantes para a reconstrução da identidade pomerana.

Neste capítulo, de caráter historiográfico, buscamos descrever os aspectos sócio-históricos da presença do povo pomerano na formação multicultural e linguística no Brasil. Além disso, discorreremos sobre a definição de língua pomerana, não considerando-a como dialeto. Destacamos, ainda, os processos de imigração e migração dentro do Brasil, com destaque às políticas linguísticas e as pesquisas sobre a cultura e a língua pomerana.

No capítulo seguinte, concentramos os conceitos teóricos importantes que deram sustentação à pesquisa, sobretudo no momento da análise do corpus.

2 LÍNGUA E SOCIEDADE: CONCEITOS INSEPARÁVEIS

Para análise da fala dos informantes pomeranos são necessários conceitos teóricos importantes. Assim, este capítulo reuniu a discussão dos conceitos linguísticos de língua, dialeto e fala; língua materna e língua de herança; pluralidade linguística brasileira; bilinguismo e alternância de código, pois são fenômenos presentes neste contexto de línguas em contato. Também, agregou-se aos fenômenos linguísticos, um estudo do jogo das motivações que levam os falantes a fazer suas escolhas linguísticas, pois crenças e atitudes linguísticas são instrumentos para analisar o contexto linguístico em que vive o informante pomerano e de como ele vê a realidade linguística que o circunda.

2.1 LÍNGUA, FALA E DIALETO

A língua não é apenas um jogo de palavras, organizadas como num jogo de xadrez; as formações linguísticas têm efeitos de sentidos além de sua representação verbal, fazem parte dos fenômenos sociais que se manifestam ao longo da existência de uma sociedade, pois têm uma ligação indissolúvel com a história da sociedade, com a história do povo que a fala (CALVET, 2002).

As manifestações da língua são atos de comunicação sócio-históricos que localizam o falante; ideologicamente, faz-se um dossiê do seu desempenho e da sociedade onde está inserido, língua e falante estão imbricados. Como destaca Brandão: “É por meio da língua que o homem expressa suas ideias, as ideias de sua geração, as ideias da comunidade a que pertence, as ideias de seu tempo” (BRANDÃO, 1991, p. 5).

Esses conceitos emergem dos estudos de Labov (2008), o qual desenvolveu, a partir do início da década de 1960, uma teoria de compreensão da língua como um fenômeno vinculado à vida social dos falantes, visto que a comunicação só se estabelece dentro de um contexto.

O modelo de análise proposto por Labov (1972; 2008) é investigar os fenômenos da variação linguística e o papel de fatores sociolinguísticos que condicionam a escolha pelo falante de uma ou de outra variável. O pesquisador

argumenta que os aspectos internos (a estrutura linguística, elementos cognitivos) e externos da língua (social, geográfica; não –cognitivos) são fatores envolvem questões que vão além da organização verbal e que moldam o comportamento linguístico dos falantes, mas que, ao mesmo tempo, mantém a “ [...] diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 125).

Estudar a língua em uso de uma comunidade requer o entendimento da variação linguística; essa é a condição inerente a todo estudo linguístico, pois a sociedade está dividida em estratos econômicos, educacionais, políticos, históricos, idade e sexo, além de outros fatores. Isso significa que as línguas variam no tempo, nos espaços geográficos e sociais e também de acordo com o contexto em que o falante se encontra.

Assim sendo, a língua não é um objeto neutro, mas material linguístico/social que localiza os entrevistados descendentes de pomeranos da **CG**, **MCR** e **NSR**. A língua; portanto, não é resultado de uma ação subjetivo-psicológica do informante, mas produto das relações sociais da imigração e migração dos pomeranos no Brasil.

Cada contexto de fala solicita dos usuários um formato linguístico. Essa organização individual do usuário gera um movimento de escolhas linguísticas; entre o sistema linguístico (*langue*) e a fala (*parole*); este com um uso, geralmente, inovador em oposição àquele de base invariável que concebe a língua escrita ou língua literária (FARACO, 2005).

Esse movimento de escolhas linguísticas pelo usuário, seja no formato escrito ou oral, produz atos de comunicação que, muitas vezes, são avaliados de forma preconceituosa, porque há a crença de que a língua oral ou escrita deva ter um alto grau de nivelamento. Tal pensamento está vinculado à normatização da língua, à variedade padrão, à normativa que está na esfera da organização da língua oficial de um país, de uma nação.

A falta de compreensão do contexto do uso linguístico traz a:

[...] consequência natural de avaliação das variedades linguísticas em relação ao seu *status* e “correção. Em sociedades com uma sólida tradição literária como a nossa, a língua escrita impera como modelo a partir do qual se impõe uma jurisdição coercitiva. As diferentes variedades faladas se relacionam de forma mais ou menos remota com esse modelo. E quanto mais remota a relação (fala

popular, vernácula) maior a avaliação negativa da variedade. A variedade relativamente mais próxima desse modelo adquire o *status* de norma culta. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2008, p. 134).

Nessas variedades faladas, está o dialeto, em que, de acordo com o *Dicionário Houaiss* (2001) da língua portuguesa, a palavra dialeto é de origem grega *dialégesthai*, composta pelo prefixo *dia* que significa “um com o outro, recíproco” e *légein*, “falar, conversar”, portanto a etimologia da palavra dialeto se reporta às práticas de falas cotidianas, de locução entre os falantes, onde, geralmente, se encontra amostras de dialetos de uma língua.

Para Trudgill (1992) o dialeto é uma variedade que difere

grammatically, phonologically and lexically from other varieties, and which is associated with a particular geographical area and/ ou with a particular social class or status group. Varieties which differ from one another only in pronunciation are known as accents. Varieties which are associated only with particular social situations are known as styles. Neither of these should be confused com dialect. The term is often used to refer only to nonstandard dialects or to tradicional dialects. Strictly speaking, however, standard varieties such as Standard english are just as much dialects as any other dialect. A language is typically composed of a number of dialects (TRUDGILL, 1992, p. 25-26)¹⁴

A Dialetoлогия e a Sociolinguística estudam as variedades linguísticas, os dialetos, por associação de traços da linguagem que podem ser, como destaca Mollica,

[...] descontínuos [...] nos polos rural e urbano, devem ser levados em conta recursos comunicativos próprios de discursos monitorados e não monitorados. O grau de isolamento geográfico e social concorre para a gama de traços que definem uma estratificação contínua, assim como as relações sociais, as características das redes sociais e o grau de relação do falante ao meio. (MOLLICA, 2012, p.12).

¹⁴ Difere gramaticalmente, fonologicamente e lexicalmente de outras variedades, e é associado a uma área geográfica e/ou a um grupo de status de classe social particular. As variedades que diferem uma das outras apenas na pronúncia são sabidas como acentos. As variedades que são associadas apenas a situações sociais particulares são conhecidas como estilos. Nenhum desses deve ser confundido com dialeto. O termo é frequentemente usado para se referir apenas a dialetos não padronizados e a dialetos padronizados. Estritamente falando, entretanto, a variedade padrão, como o inglês padrão, são apenas dialetos como qualquer outro dialeto. Uma linguagem é tipicamente composta por um número de dialetos,

Para fazer uma análise e uma descrição de uma língua é necessário levar em conta as suas variedades, as suas funções, as formas de uso e as possíveis mudanças diacrônicas e sincrônicas que ocorrem associadas à categorização de diferentes variantes.

O sistema estruturado e regular da língua apresenta mudanças que, geralmente, obedecem a uma ordem pragmática: intercâmbio entre os falantes de variedades diferentes; o prestígio e o poder de certos grupos de falantes; as escolhas sociais preferenciais entre as muitas variedades de uma língua e a lealdade linguística a certas formas tradicionais de uma comunidade, por exemplo, ao dialeto local (FARACO, 2005).

A partir dos estudos de Labov (1972, 2008); Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Faraco (2005), concluímos que a língua, ou o dialeto, tem uma função sistêmica comum, mas é na dimensão social que há maiores superposições e matizes (político, econômico, escolaridade, profissão) que integram valores não cognitivos à língua.

A dimensão social e a localização regional são muito aplicadas à língua pomerana, devido à condição social de seus usuários, geralmente, de ofício rural, e a regional porque associada à origem étnica alemã. A língua pomerana, como já mencionado, é identificada como uma variedade da língua alemã, uma forma de *platt*, um dialeto, mas que historicamente não é confirmado, porque a Pomerânia tornou-se um estado da Alemanha somente a partir de 1871, e a imigração para o Brasil iniciou-se em 1851.

Nesse sentido, a língua dos descendentes pomeranos tem uma histórica discussão a respeito da conceituação do uso do vernáculo pomerano muito estigmatizado. O conceito de dialeto, ainda muito discutido, foi alterado com o empenho de pesquisadores da linguística, da história e da etnolinguística que consolidaram uma política linguística de reconhecimento da língua pomerana a partir dos estudos de Tressmann (2005).

Para ampliarmos a discussão, a próxima seção tematizou o conceito de língua materna.

2.2 LÍNGUA MATERNA

Língua materna é primeira língua que uma criança aprende, geralmente, é a língua étnico-linguística da família de origem, mas pode ser a língua mais próxima do seu contexto de socialização na primeira infância, de 0 a 6 anos.

Para Skutnabb-Kangas (1981), a língua materna é vinculada à identidade das minorias étnicas, ao conceito de língua de herança ou ao ensino familiar da língua dos antepassados, instrumento de registro das memórias familiares.

O conceito de língua de herança ampara os direitos linguísticos dos imigrantes, do estrangeiro, em territórios não naturais. Nesse caso, inclui-se a língua pomerana, alóctone que foi cooficializada em várias cidades brasileiras, medida que amparou a reivindicação linguística da minoria étnica pomerana em território brasileiro depois de mais de 150 anos de imigração.

Para a autora supracitada, o melhor critério ainda é: “A língua na qual a mãe fala”¹⁵, também denominada L1, e assim sucessivamente, conforme a sequência da aprendizagem. Ambas as definições acentuam o conceito de primeira língua na qual são socializadas as pessoas, ou seja, é a língua com a qual se faz a inserção dos sujeitos no mundo social, também definida como a língua aprendida no seio da mãe. Essa última definição acentua o valor afetivo da primeira língua, indicando, novamente, uma aprendizagem da língua num contexto de identidade linguística familiar.

Segundo a mesma autora, a descrição de uma língua materna de um grupo majoritário é mais positiva. Por exemplo, a globalização da língua inglesa que tem seu domínio cada vez mais ampliado, geralmente associado ao poderio econômico, enquanto a língua das minorias tem a conotação de **língua de casa** (SKUTNABB-KANGAS, 1981), desprestigiada devido à população que fala, às vezes, não pelo número de falantes, mas devido ao poder econômico do usuário da língua.

O termo “língua materna”; porém, no sentido literal, seria aprendizagem da L1 com a mãe, mas a língua pode ser aprendida com o pai, com os avós. Ademais, pode haver mais de uma língua materna: por exemplo, quando uma família é formada de pais com duas nacionalidades que emigram para um país estrangeiro,

¹⁵ *The language which the mother speaks.*

os filhos vão ter contato com a língua da mãe, do pai e, ainda, a língua escolar, ou seja, há a possibilidade de a criança ter três línguas maternas.

Segundo Spinassé (2008), língua materna ou a primeira língua (L1) não é,

[...] Necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco, trata-se de apenas uma língua. Normalmente, é a língua que aprendemos primeiro em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos linguísticos e não linguísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso do bilinguismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1. (SPINASSÉ, 2008, p. 5).

É pertinente considerar também o contexto linguístico de uso da língua, pois a aquisição da língua também está associada a fatores de nacionalidade linguística, grupos étnicos, grupos minoritários, indígenas ou imigrantes.

No aspecto da afetividade, por exemplo, o conceito de língua de herança, de família ou de grupo deixa implícito uma atitude de preservação de uma fala que remete a um bem privado, de identidade, ou melhor, uma atitude familiar de preservação de uma língua dos antepassados, marcada de valores pessoais e sociais.

Para Romaine (1995), a expressão “língua materna” é um termo técnico para referir-se à primeira língua aprendida ou à língua primária de um falante (L1). A maioria dos pesquisadores prefere os termos primeira língua, segunda língua, e assim por diante, ou língua de comunidade (*language community*).

O termo língua materna também está associado à competência linguística do falante de uma língua, ou seja, a língua que o usuário melhor fala. Também a denominação de língua materna é associada ao ensino da língua majoritária, por exemplo, a língua portuguesa. Como se pôde observar, o termo *língua materna* carrega uma polissemia de sentidos.

Spinassé (2008) também destaca que a língua materna

Caracteriza o indivíduo e está intimamente ligada à sua identidade. Por esse motivo, a Primeira Língua (L1) é de extrema importância para uma pessoa: ela age como uma manifestação identitária pessoal e intrínseca ao indivíduo. A nossa L1 nos caracteriza na sociedade, também pelo modo como a usamos e quão bem a dominamos. Entre falantes nativos de uma mesma língua é possível,

por exemplo, deduzir a naturalidade, o grau de instrução e até mesmo o nível social do falante – apenas através da língua, da modalidade linguística. (SPINASSÉ, 2008, p. 2).

Portanto, a definição do termo não é absoluta, cada situação de inserção linguística, de uma ou mais línguas, deve ser avaliada, e essas podem ser amparadas pelo conceito psicolinguístico, áreas de estudo linguístico, da sociolinguística e da Psicologia Social que analisa o contexto de uso, de crenças e de atitudes que mobilizam o falante a ensinar uma língua materna aos seus descendentes, veiculada como uma herança familiar.

Outro conceito importante para esta pesquisa é o de Língua de Herança, tema da próxima seção.

2.3 LÍNGUA DE HERANÇA (LH)

A denominação de língua de herança é uma tentativa simbólica de explicar a relação dos sujeitos com uma língua cujo estatuto envolve a subjetividade do falante bilíngue. Esse falante tem uma complexa formação linguística, pois a sua comunicação abarca conceitos da língua materna, língua de origem, língua de imigrantes, língua minoritária, comunitária ou de casa (FLORES; MELO-PFEIFER, 2014) que entra em contato com uma L2. Essa exposição pode gerar um bilinguismo aditivo (não há perda ou prejuízo da L1) e bilinguismo subtrativo (perda ou prejuízo da L1).

A L1 é aprendida na infância, na família, no país de origem (no caso de imigração), ou grupo minoritário étnico que tem a tradição do ensino da língua de origem, por exemplo, a pomerana, o Hunsrück, a alemã ou uma língua indígena. A L2 é aprendida pelo falante para uma inserção social mais abrangente, relações de trabalho, ou seja, o uso em domínios públicos.

Para Flores e Melo-Pfeifer (2014), o conceito de língua de herança pode abarcar os seguintes aspectos:

- de um ponto de vista sociolinguístico, o conceito de **LH** poderá declinar-se no plural, **no caso de famílias bilíngues num terceiro ambiente linguístico (por exemplo, um filho de um casal italiano-albanês na Alemanha)**; finalmente, trata-se muitas vezes de uma noção sem referente real, no caso de esta **língua ter sido**

abandonada ao longo do percurso de vida e das gerações, dando lugar a outras línguas e a outros repertórios linguísticos;

- de um ponto de vista sócio afetivo, a **LH** pode, simultaneamente, remeter para uma **realidade escondida pelos sujeitos**, que não a querem reconhecer ou reconhecer-se;
- ser atribuída unilateralmente pela sociedade dita de acolhimento;
- de um ponto de vista escolar, a **LH** pode ser **uma das línguas de escolarização** (no caso de secções europeias ou de escolas bilíngues) e/ou um objeto extraescolar, aprendido à margem ou paralelamente ao currículo escolar do país de acolhimento;
- para, além disso, pode ainda **estar integrada como Língua Estrangeira** no currículo (cada um destes estatutos implicando, conseqüentemente, diferentes imagens sociais das línguas e diferentes graus de legitimação de determinada “origem” linguística; convém esclarecer que, na Alemanha, o Português tem todos estes estatutos escolares);
- do ponto de vista da aquisição e da utilização, a **LH** pode ter sido adquirida em casa, desde a nascença (aproximando-se de uma «Língua Materna»), ou ter sido, desde o início, voltada ao estatuto de «língua aprendida na escola» (tal como uma «Língua Estrangeira»); deste modo, os critérios do “espaço de aquisição” e da “ordem de aquisição” (**escola vs. casa, L1 vs. L2, respectivamente**) **podem não ser suficientes para especificar as características da LH** e para identificar o falante-aprendente;
- do ponto de vista da proficiência, a **LH** pode ser uma língua que se **domina de forma mais maximalista ou minimalista**, que se domina em todas as suas componentes ou que apenas se compreende num quadro de grande dissociação de competências. (FLORES; MELLO-PFEIFER, 2014, p. 22-23, grifos nossos).

Na condição de pesquisa sobre a língua pomerana, o conceito de língua de herança auxilia na forma de como se pode conceber a proficiência do falante pomerano, que não domina todos os conceitos linguísticos, mas consegue estabelecer uma comunicação entre seus pares, pois é um fenômeno de localização temporal, que envolve questões sociológicas de manutenção da língua materna, de origem, de herança na família e, principalmente, aprendida em ambiente natural.

Outro ponto interessante a se destacar é que a língua de herança está imersa num contexto oral. Quando houver a aproximação com a forma sistematizada da língua, o falante vai perceber que a língua que usa diariamente está aquém da língua sistematizada, padrão, por isso, as práticas metodológicas de ensino de línguas têm discutido muito o conceito de língua de herança para entender e respeitar a bagagem linguística dos sujeitos bilíngues que envolve um conjunto de tradições familiares.

Discussões a respeito do ensino da língua de herança na área da Linguística Aplicada são cada vez mais frequentes, pois há uma tendência mundial de

pluralidade linguística, constantes migrações, o acesso à comunicação virtual e que põem o falante em contato com diferentes línguas e culturas. É crescente a inserção de políticas públicas positivas em relação ao reconhecimento da pluralidade linguística, principalmente, no reconhecimento da formação linguística brasileira, assunto que foi discutido na seção seguinte.

2.4 PLURALIDADE LINGUÍSTICA

As pesquisas etnolinguísticas têm arrolado cada vez mais línguas de grupos minoritários. Por exemplo, o etnolinguísta Tressmann (2009), em seu estudo sobre a língua pomerana brasileira, estimava que fossem faladas mais de 230 línguas diferentes por cerca de dois milhões de brasileiros que não tinham o português como língua materna. Dessas, 200 são consideradas línguas nativas, autóctones, ou seja, línguas indígenas como o Guarani, Xacriabá, Cinta Larga, Kaingang, quadro que pode ser alterado com novas contribuições desta área de pesquisa. Da mesma forma, o pesquisador registra 30 línguas alóctones, línguas de imigração, como o Pomerano, o Vestfaliano, o Hunsrückisch, o Talian, às quais se acrescentou nos últimos anos a língua de sinais (Libras), além do regaste de práticas linguísticas de comunidades afro-brasileiras que desapareceram, deixando somente alguns resquícios.

Em um estudo mais recente, Altenhofen (2011) revela que o número de 30 línguas alóctone deve ser revisto, pois são na verdade 56 línguas de imigração presentes em contexto sociolinguístico nacional, das quais somente 13 são línguas do grupo alemão: Alemão, *Hochdeutsch*; Austríaco; Bávaro; Boêmio; Bucovino; *Hunsrückisch*, *Hunsrück*, *Hunsbucklisch* ou hunsriqueano; *Kaffeeflickersch*¹⁶; *Plautdietsch* menonita; **Pomerano**, Suábio; Suíço; *Westfaliano*, *Plattütsch* ou sapato-de-pau; *Wolgadeutsch*, alemão do Wolga, russo-alemão.

Como se pode observar, nessa última pesquisa foram indentificadas 13 línguas no grupo da língua alemã, isso agregou um sentido político às línguas, principalmente a língua pomerana e o *Hunsrückiano*.

A partir dessas pesquisas, instaurou-se uma tradição científica e linguístico-pedagógica dessas línguas nos estados do Espírito Santo e Rio Grande do Sul, no

¹⁶ Kaffeeflickersch é uma variedade da língua alemã falada pelo trabalhador do café.

sentido de valorizar e reivindicar para os povos dessas línguas uma política linguística de identidade étnica.

As iniciativas políticas de valorização das línguas alóctones precisam, além da pesquisa, agregar valores subjetivos à identidade linguística de seus falantes. Segundo Lambert (1975), “para mudar ou substituir uma atitude, precisamos trabalhar com os **princípios de transferência, associação e satisfação de necessidade**” (LAMBERT, 1975, p.125, grifos nossos), portanto, para tornar as línguas aceitáveis, não basta a reivindicação de políticas linguísticas, a base legal, porque essa não modifica o comportamento dos falantes. É necessário alimentar a subjetividade dos falantes com a inserção da língua em jornais, rádios, eventos culturais e posteriormente no ensino.

Outro conceito caro à pesquisa é o de língua de imigração. Sobre ele discorreremos na próxima subseção.

2.4.1 Língua de imigração

Pelos séculos afora, as pessoas deixaram suas pátrias e emigraram para outros países em busca de uma vida melhor. Em muitos casos, as principais línguas imigrantes tomaram o lugar de línguas indígenas das regiões que escolheram para morar, por exemplo, na qualidade de línguas nacionais: o inglês na Nova Zelândia e nos Estados Unidos, o português no Brasil e o espanhol nas demais regiões da América do Sul.

Para a discussão do conceito de língua de imigração, nos baseamos em Trask (2011), que denomina a língua do imigrante (*immigrant language*) como uma língua falada em determinado país por um grupo ou número considerável de pessoas imigradas.

Também se considera como movimento de imigração a entrada temporária de pessoas num país com a intenção de trabalhar, estudar ou residir. O resultado disso é sempre a presença no país de uma ampla comunidade de imigrantes, cuja língua materna é diferente da língua do país hospedeiro.

A vinda dos imigrantes, geralmente, é associada à força de trabalho, mas trazem consigo problemas educacionais, de saúde pública, de policiamento, entre outros, entretanto, também podem ser vítimas de discriminação e exploração por ser

considerado um povo subalterno. O maior fator de dificuldade é que esses imigrantes, muitas vezes, não sabem a língua de seu novo país, que podem ou não adquirir ao longo do tempo. É comum os filhos de imigrantes adquirirem o idioma do país, especialmente, quando são nascidos no país imigrado.

A diversidade linguística e cultural dificulta muito a integração dos imigrantes no novo país, e eles podem não querer que seus filhos se integrem numa sociedade que lhes causa certo estranhamento. Outras vezes, podem optar pela educação nas tradições e na língua do país de origem. Além disso, por serem vítimas de discriminação, preferem o isolamento, principalmente, em períodos de recessão econômica, exílio político ou guerras, pois podem ser vítimas de hostilidade, discriminação, perseguição e violência. Nessas circunstâncias, é difícil estimular uma política linguística de integração que contente a todos.

Os filhos de imigrantes vivem em situações de conflito emocional, principalmente, devido ao enfrentamento linguístico nas escolas. Geralmente, chegam até elas sem saber sequer uma palavra, porque por opção familiar foi ensinada a língua materna familiar, de origem, de imigração, de herança.

Outras famílias fazem a iniciação linguística do país hospedeiro com medo de que seus filhos sejam condenados a serem cidadãos de segunda classe e preferem educá-los na língua do país. Isso pode estimular o sentimento de não pertencer à comunidade nenhuma, como também essas crianças comecem a rejeitar a cultura dos pais, que lhes parece estranha e retrógrada.

Ilustrando a situação de conflito linguístico francês, Trask (2011) cita o caso da segunda geração de árabes no sul da França, que,

De um lado, rejeitados pelos falantes de francês circunstantes, os jovens cultivam – muitas vezes de forma deliberada – um estilo de francês que é grandemente incompreensível para os outros, num esforço provocativo de darem a si próprios um sentido de identidade. Essas consequências linguísticas são de grande interesse para os linguistas, mas são, ainda assim, muitas vezes, um reflexo das proporções de escala assumidas pela miséria humana. (TRASK, 2011, p.163).

Tressmann (2009) inventariou as línguas de imigração em território brasileiro, com o objetivo de apresentar a diversidade linguística que está inclusa, talvez não tão visível, na formação do estado nação brasileira.

Hoje poderíamos, ainda, acrescentar uma imigração urbana mais recente: os coreanos, chineses, haitianos, açorianos, moçambicanos, cubanos, senegaleses e outros que vêm ao Brasil em busca de melhor qualidade de vida e, principalmente, de trabalho.

Esse patrimônio cultural linguístico é desconhecido ou mesmo ignorado por grande parte da população brasileira, pois foi-se ensinado que o país é monolíngue, um produto do conceito de criação do estado-nação, inspirado na constituição de um estado, de um povo e de uma língua. Essa postura moderna de criação dos estados foi responsável pelo desaparecimento de cerca de mil línguas no Brasil. O Quadro 3 ilustra nossa assertiva em ordem alfabética.

Quadro 3: Línguas de imigrantes no Brasil (data base 2009)

Aimará	Francês	Quechua
Árabe	Hebraico	Roma(<i>sic</i>)
Australiano	Holandês	Russo
Armênio	Húngaro	Sinti
Bávaro	Hunsrückish ou Hunsriqueano	Suábio
Chinês	Iídiche	Sueco
Coreano	Japonês	Talian (Vêneto brasileiro); demais variedades do Italiano: Moranês, Lombardo, Friulano
Crioulo da ilha Samaracá	Letão	Ucraniano
Crioulo do Cabo Verde	Okinawa	Westfaliano
Crioulo Galibi Marworno	Platt Menonita (Plautdietsch)	Wolgadeutsch
Crioulo Karipuna	Polonês	
Espanhol	Pomerano (grifo nosso)	

Fonte: Organizado pela pesquisadora com base em Tressmann (2009, p. 2).

Segundo Tressmann (2009), só restam 15% das línguas indígenas; 85% desapareceram sem deixar vestígio, pois eram orais e não tinham registro escrito. Foi com base nesses dados que os pomeranos do Espírito Santo iniciaram sua pesquisa de resgate da cultura e da língua étnica, uma língua minoritária, língua materna para muitos dos seus falantes, também considerada como língua de imigração, mas que, devido ao tempo, seria mais adequado o conceito de língua de herança, pois é o conceito que mais aproxima o falante da sua formação linguística familiar.

Esse fato também foi confirmado nesta pesquisa, pois os informantes da GII tiveram um maior contato com a língua de herança familiar. Eles relatam que, ao chegarem à escola, se depararam com a professora falando a língua portuguesa e alemã, e isso os ajudou bastante para iniciar sua aproximação com a vida escolar que tinha outra língua, a língua portuguesa. A língua pomerana era usada em casa, aprendida com os pais e avós, língua de herança da família que, inconscientemente, lhes dava uma identidade linguística familiar.

Dando sequência à discussão de conceitos linguísticos importantes para este estudo, na seção seguinte discorreremos sobre o conceito de língua minoritária.

2.4.2 Língua minoritária

A língua minoritária é definida pelo princípio da diversidade, e é uma língua estabelecida há tempo e falada como língua materna por um povo ou comunidade em alguma região de um país, cuja língua nacional ou oficial é outra. Outro conceito se refere às práticas de linguagem de pessoas de menor prestígio, independentemente de ser a língua oficial ou não.

O conceito geral é de que, no Brasil, todos os brasileiros falam português; no entanto, nem todos tiveram como língua materna a língua portuguesa. Como citado anteriormente, há várias línguas faladas no país e cada uma delas pode ser a língua-mãe em uma região do país, e as pessoas podem aprender primeiro uma língua na infância e outra ao entrar na escola. Trata-se de uma situação muito comum no mundo todo, também comentada pelos pomeranos, pois, muitos deles, chegaram à escola sem saber a língua portuguesa.

Na França, por exemplo, a primeira língua em várias regiões do país é o alemão alsaciano, o flamengo, o bretão, o basco, o catalão, o occitano ou o corso. Na Espanha, juntamente com o espanhol, há o galego, o basco e o catalão; a Alemanha com o alemão tem o frísio e o vêneto, uma língua eslava, juntamente com o inglês; a Grã-Bretanha tem o gaélico e o gaélico escocês; os Estados Unidos têm juntado ao inglês o navajo, o hopi, o lacota e mais algumas dúzias de línguas indígenas (TRASK, 2011)

Os grupos étnicos têm-se definido como pertencentes a uma minoria linguística com base na língua materna do grupo; todavia, essas línguas,

geralmente, têm vida breve, pois sofrem uma força externa de mudança de código para as atividades institucionais.

Nas palavras de Couto (2009),

Frequentemente línguas minoritárias são devoradas por línguas mais poderosas, como o português devorou cerca de mil línguas ameríndias aqui no Brasil em apenas 500 anos. Entre as que sobreviveram, a maioria está em avançado processo de obsolescência, o que significa que, se não houver uma força externa que freie o processo, dentro de alguns anos estarão extintas. Algumas já estão moribundas; outras estão dando os últimos suspiros. (COUTO, 2009, p. 13).

As línguas minoritárias correm um sério risco de extinguirem-se, porque geralmente acabam adotando a língua de mais prestígio, e o papel da língua materna fica muito reduzido, haja vista que as famílias desejam que os filhos sejam recompensados com uma vida melhor.

Em um movimento de contracultura, “[...] em muitos casos, os falantes das línguas minoritárias estão acordando para a ameaça e se empenham cada vez mais em reivindicar para suas línguas um maior reconhecimento e apoio oficial” (TRASK, 2011, p.170).

Altenhofen (2004) também assinala que

São frequentes e notórios os **juízos de valor depreciativos sobre as línguas minoritárias**, via de regra representadas por uma variedade dialetal de existência essencialmente oral, como no caso do Hunsrückisch, para o alemão. Essa condição de dialeto, situado abaixo da norma padrão, e de língua marginal, submissa à língua oficial, o português, aliada à posição social dos falantes das variedades de imigrantes, tem dado margem a uma vasta gama de valorações depreciativas acerca do Hunsrückisch, incluindo atributos como verlorene Sproch (língua perdida), vebrochne Deitsch (alemão quebrado), Heckedeitsch (alemão do mato), alemão errado e sem gramática, língua de colono, até a afirmação de que “não é alemão”, ou sequer “uma língua”. Tais preconceitos partem não apenas de professores, mas também dos próprios falantes, como efeito de espelho do que supõem seja a visão das classes dominantes sobre sua língua. Por outro lado, apesar da estigmatização a que são submetidas essas variedades de imigrantes, chama a atenção como em determinados contextos é revertido seu papel, a ponto de converter o domínio da variedade dialetal dos imigrantes em marca distintiva de um prestígio local (encoberto). (ALTENHOFEN, 2004, p. 91, grifos nossos).

A língua pomerana tem o estigma de língua baixa, pois é comparada ao alemão *standard*. Submissa por mais de 150 anos em território brasileiro, ganhou força política com a mobilização de seu povo no Espírito Santo, isso porque muitos dos seus falantes foram autorizados pela academia a reivindicar um olhar diferenciado sobre a língua de sua comunidade, de uma minoria linguística.

Como já citado, o Brasil, a partir do decreto nº 7.387, 09/12/ 2010, instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), publicado no Diário Oficial da União Nº 7.387.

A partir dessa data, tem havido uma grande mobilização de grupos, de organizações de falantes e de pesquisadores no sentido de associar a diversidade linguística como temática inerente às políticas de cultura, mais especificamente na esfera do chamado patrimônio imaterial.

O referido decreto contempla os seguintes princípios:

- i) Reconhecer as línguas como referência cultural brasileira, valorizando o plurilinguismo;
- ii) Apoiar os processos sociais e políticos que visem à promoção das línguas e de suas comunidades de falantes;
- iii) Pesquisar e documentar essas línguas;
- iv) Gerir um banco de conhecimentos sobre a diversidade linguística brasileira.

O Inventário Nacional de Políticas Públicas mobilizou Estados e Municípios brasileiros que reivindicaram para suas comunidades a cooficialização de uma ou mais línguas, processo que tem chamado a atenção de descendentes pomeranos de **MCR**. Segundo o informante **11 MCRGIH**¹⁷, “[...] queremos falá o pomerano em Marechal Cândido Rondon [...]”.

O Quadro 4 permite, com a data base de 2015, identificar quais municípios já reivindicaram a cooficialização das línguas dos descendentes de imigrantes ou de línguas de povos indígenas. Essa pequena amostra desvela o conceito de país monolíngue, que a cada nova pesquisa da sociolinguística apresenta novas imagens de plurilinguismo brasileiro.

¹⁷ Informante do ponto de Marechal Cândido Rondon da primeira geração, masculino.

Quadro 4: Municípios e estados que cooficializaram uma ou mais línguas

MUNICÍPIO – UF	LÍNGUA (S)
São Gabriel da Cachoeira – AM	Nheengatu, Baniwa e Tukano
Tocantínia – TO	Akwê, Xerente
Bonfim – RR	Macuxi e Wapichane
Tucuru – MS	Guarani
Pancas – ES	Pomerano
Santa Maria do Jetibá – ES	Pomerano
Domingos Martins – ES	Pomerano
Laranja da Terra – ES	Pomerano
Vila Pavão – ES	Pomerano
Canguçu – RS	Pomerano
Serafim Corrêa – RS	Talian
Antônio Carlos – SC	Hunsrückisch
Santa Maria do Herval – RS	Hunsrückisch
Pomerode – SC	Alemão

Fonte: IPOL¹⁸ - A Política de cooficialização de línguas por municípios e suas potencialidades, 2015.

São cinco municípios do Espírito Santo e um do Rio Grande do Sul que, a partir de 2002, cooficializaram a língua pomerana, principalmente, devido à criação da Comissão Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais¹⁹. Segundo relato de Jacob (2015),

Entre agosto de 2004 e novembro de 2006, foram realizados, entre outras ações, o I Encontro Nacional de Comunidades Tradicionais (agosto de 2004-Luziânia-DF) e cinco oficinas regionais no período de 13 a 23 de setembro de 2006, nos estados do Acre, Pará, Bahia, Mato Grosso e Paraná. Nelas participaram cerca 350 representantes dos Povos e Comunidades Tradicionais de todo Brasil. (JACOB, 2015, p. 2).

Devido a essa intensa mobilização das Comunidades Tradicionais, o povo pomerano conseguiu fortalecer a sua tradição e a sua cultura no Espírito Santo, em Minas Gerais e Rondônia, além de obter recursos para: i) manter o Programa de Educação Pomerana/PROEPO que está implantado em cinco municípios e ampliar para mais três municípios de forte presença pomerana; ii) eventos culturais pomeranos em sete municípios do Espírito Santo; iii) a prevenção do câncer

¹⁸ Instituto de Pesquisa Linguística.

¹⁹ Povos e Comunidades Tradicionais são: Agroextrativistas da Amazônia, Caiçaras, Comunidades de Fundo de Pastos, Povos de Terreiros, Quilombolas, Faxinais, Geraiseiros do Cerrado, Pantaneiros, Pescadores Artesanais, Pomeranos, Ciganos, Índios, Quebradeiras de Coco de Babaçu, Retireiros e Seringueiros.

dermatológico do Albergue Martin Lutero; iv) a realização de oficinas culturais em 11 municípios pomeranos; e v) a aquisição do tradicional *brote*²⁰ para merenda escolar em localidades de cultura pomerana.

Nesse aspecto, dentre os pontos pesquisados, apenas **MCR** apresenta uma formação coletiva de reivindicação de reconhecimento da língua e da cultura pomerana. Entre as ações empreendidas estão: culto anual em língua pomerana na IELB; reuniões em casas de famílias pomeranas para socializar os costumes e a língua, além de discutir a possibilidade da cooficialização da língua pomerana no município; partilhar informações sobre a origem do povo pomerano e divulgar meios de comunicação que estão à serviço da divulgação da cultura pomerana, como, por exemplo, culto pomerano, programas de rádio, blogs, livros e contatos com pomeranos de outras localidades.

Avançando na discussão, é mister, neste ponto, abordarmos três outros conceitos: línguas em contato, bilinguismo e bilinguagem. Para isso, destinamos a próxima seção.

2.5 LÍNGUAS EM CONTATO, BILINGUISMO E BILINGUAGEM

O termo de línguas em contato surgiu devido a contextos que apresentam o uso de duas ou mais línguas por seus usuários, ou seja, um indivíduo pode ser bilíngue ou multilíngue, e os falantes constituem o locus do contato. Neste estudo, trata-se de uma língua minoritária, de grupos de imigrantes pomeranos que repassaram a língua de herança com uma carga afetiva, social, histórica, identitária e cultural para seus familiares.

²⁰Em língua pomerana, pão é *broud*, e na língua alemã, *Brot*. *Brote* é um termo do português conhecido tanto no Nordeste do Brasil quanto no ES e em RO, e deriva-se, respectivamente, dos cognatos *brood* (Holandês) e *broud* (Pomerano). A palavra surgiu na época do domínio holandês no nordeste brasileiro (1630-1654), e reporta-se ao biscoito de trigo. Nos casos capixabas e rondonienses, o termo *brote* é utilizado para designar especificamente o pão de fubá de milho (*Mijabroud*) e o pão de banana (*Bananabroud*), neste último ocorre um hibridismo, a junção de dois elementos de línguas diferentes: língua portuguesa e a pomerana. Em língua pomerana, pão de trigo caseiro, *weitbroud*. O pão de trigo de padaria, pão francês, *stuuta*, *stut*. *Stut* vem do Médio Saxão, língua falada entre 1300 a 1500. E *Stuten* em língua alemã “pão branco”, empréstimo do Médio Baixo Saxão. (TRESSMANN, 2006).

O contexto de línguas em contato é uma das situações mais favoráveis às mudanças linguísticas, no qual podem ocorrer fenômenos de empréstimos ou transferências na estrutura de ambas as línguas.

Inicialmente, apresentamos conceitos e definições relacionadas ao bilinguismo: competência, aquisição e uso da linguagem por indivíduos bilíngues.

Conforme Mujica (2013), a situação de sujeito bilíngue já foi considerada prejudicial, pois se entendia que a aquisição de duas línguas reduzia o coeficiente intelectual da criança bilíngue, porque pesquisas americanas desconsideravam a atitude discriminatória que os filhos dos imigrantes sofriam com relação à cultura, à língua e à sua situação econômica.

Essa análise foi desconsiderada a partir de 1960 com a pesquisa de Peal e Lambert, citada por Nelson (1985):

Since Peal and Lambert (1962), a variety of studies have been reported in which monolingual children are compared to balanced bilingual children. In most of these studies, balanced bilinguals have shown advantages in several cognitive abilities, such as concept formation (Liedtke & Nelson, 1968) and metalinguistic awareness (Cummins, 1978). In addition, many studies suggest that balanced bilinguals demonstrate a greater flexibility than monolinguals in their performance on different cognitive tasks (Balkan, 1970). Above all, recent research not only has replicated Peal and Lambert's positive findings regarding balanced bilingualism, but also has given empirical support for linguists' statements regarding the cognitive and linguistic advantages of raising a child bilingually.²¹(NELSON, 1985, p. 323).

Peal e Lambert fizeram uma abordagem econômica e cultural com crianças de 10 anos de idades e obtiveram resultados que identificaram um melhor desempenho em crianças bilíngues. Mesmo assim, o preconceito permanecia.

Com o desenvolvimento da Neurociência associada a ferramentas tecnológicas, obtiveram-se conclusões mais relevantes. A neurocientista Laura Ann

²¹ Desde Peal e Lambert (1962), uma variedade de estudos foram relatados em que crianças monolíngues são comparadas a crianças balanceadas bilíngues. Na maioria desses estudos, os bilíngues balanceados apresentaram vantagens em várias habilidades cognitivas, como a formação de conceitos (Liedtke & Nelson, 1968) e consciência metalinguística (Cummins, 1978). Além disso, muitos estudos sugerem que os bilíngues equilibrados demonstram uma maior flexibilidade do que monolíngues em seu desempenho em diferentes tarefas cognitivas (Balcãs, 1970). Acima de tudo, pesquisas recentes não só replicaram Peal e Lambert's resultados positivos em relação ao bilinguismo equilibrado, mas também apontam resultados empíricos de apoio às declarações dos linguistas quanto ao conhecimento cognitivo e linguístico, e as vantagens de criar uma criança de forma bilingue. (NELSON, 1985, p. 323, tradução nossa).

Petitto, da Gallaudet University, conseguiu observar e analisar as reações cerebrais de recém-nascidos em contato com a linguagem. Segundo a teoria, os bebês nascem com capacidade de distinguir os sons de qualquer idioma, mas perdem-na ao completarem um ano, se monolíngues. Os bebês, entretanto, com exposição bilíngue, mesmo ao final do primeiro ano, apresentavam maior atividade neurológica ao ouvirem línguas que desconhecem (PETITTO; KOVELMAN,1983).

Cada área de estudo tem uma visão a respeito do bilinguismo. Segundo Skutnabb-Kangas (1981), há um rol de definições para a questão do bilíngue. Na Psicologia e na Psicolinguística, o bilinguismo obedece ao critério de aquisição e é considerado bilíngue aquele que adquiriu as duas línguas, simultaneamente, na infância. Para a Linguística, interessa a competência linguística do falante. Na Sociologia, o interesse está no uso que o falante faz da língua, ou seja, qual a função da língua na vida das pessoas. A Psicologia Social preocupa-se com as situações de multilinguismo e analisa as atitudes linguísticas com relação ao uso da língua ou línguas.

Devido ao contato de línguas cada vez mais frequente na era moderna, linguistas indicaram pré-requisitos para que o sujeito seja considerado bilíngue. Destacamos:

Bloomfield (1933) considerava o indivíduo bilíngue se tivesse o mesmo domínio linguístico sobre as duas línguas, na língua materna, primeira língua e na segunda língua, ou seja, uma competência linguística de um falante nativo e ter três requisitos em sua competência linguística: ler, escrever e falar. Além disso, o falante não deixaria transparecer traços, aspectos particulares de uma das línguas quando estava utilizando a outra, isto é, defendia um equilinguismo, um domínio idêntico de ambas as línguas.

Para Gumperz (1982), os falantes podem lançar mão de um repertório linguístico da língua 1 e da língua 2; isso dependeria da necessidade exigida pelo contexto, formal ou informal. Além disso, a alternância de código poderia estar sob o comando da deixa do interlocutor. Como se vê, essa classificação é mais aberta, pois prevalecem as intenções dos falantes. Também Heye (2006) esclarece que muitas das mudanças de código são situacionais, pois as normas sociais mobilizam o falante em um momento para usar uma língua e, em outro momento, para outra.

Weinreich (1953) considera os fenômenos de interferência de uma língua na outra como positivas e, segundo o autor, isso não seria incompetência linguística do falante, mas resultado de uma situação de línguas em contato.

Skutnabb-Kangas (1981), sobre a aquisição de uma segunda língua sem a instrução formal, em ambiente familiar, esclarece que o importante é o desempenho do falante dentro da sua comunidade linguística. Essa postura respalda a situação dos bilíngues de comunidades de migrantes, os quais aprenderam a primeira e a segunda língua de modo informal, e são competentes em ambas para estabelecerem uma interação com seus pares.

Mackey (1968) assevera que “Bilingualism is not a phenomenon of language; it is a characteristic of its use. It is not a feature of the code but of the message. It does not belong to the domain of langue but of parole” (MACKEY, 1968, p. 554)²². O bilinguismo não é um fenômeno da língua, mas um fenômeno do uso de duas ou mais línguas entre e pelos falantes.

Por conta disso, Mackey (1968), ao conceituar o bilinguismo, considera:

- i) O grau de proficiência do indivíduo, mas o conhecimento do falante das línguas não precisa ser equivalente em todos os níveis linguísticos; o falante pode ter vasto vocabulário; porém, apresentar pronúncia deficiente;
- ii) Considerar a função e o uso das línguas, ou seja, o contexto de uso das línguas, pois as situações de uso também fazem parte da conceituação do bilinguismo;
- iii) A alternância de código deve ser estudada *como e com qual frequência e em qual condições* o falante alterna o código de uma língua para outra;
- iv) Por último, deve ser estudada, para a classificação do bilinguismo, a influência de uma língua sobre a outra e como uma interfere na outra (o fenômeno da interferência linguística).

Além dos conceitos tratados anteriormente por Weinreich (1953), Gumperz (1982), Mackey (1968,) e Skutnabb-Kangas (1981), acrescentamos os estudos de Harmers e Blanc (2000), que tratam do bilinguismo como um fenômeno multidimensional, com características muito complexas, pois a relação entre

²² É uma característica do uso. Não é característica do código, mas da mensagem. Não faz parte do domínio da língua, mas do discurso. (MACKEY, 1968, p. 554, tradução nossa).

bilinguismo, escolha da língua e identidade cultural em indivíduos bilíngues depende de diversos fatores, havendo fortes indícios de que as experiências bilíngues na primeira infância influenciam o desenvolvimento da identidade cultural, a qual precisa ser abordada em seis diferentes dimensões. Para os autores,

- (i) a primeira competência é relativa, considera a relação entre duas competências linguísticas, **bilinguismo balanceado e bilinguismo dominante**, esta quando apresenta maior grau de competência, geralmente a L1; o bilinguismo balanceado não significa possuir alto grau de competência linguística nas duas línguas, mas ambas o falante atingiu um grau de competência equivalente;
- (ii) a segunda competência tem como base a **organização cognitiva**, da qual se obtêm os conceitos *bilinguismo composto* e *bilinguismo coordenado*. Este apresenta duas representações cognitivas distintas para duas traduções equivalentes, no entanto, o bilinguismo composto apresenta uma única representação cognitiva para duas traduções equivalentes. Também pode um falante bilíngue ser mais coordenado, ou composto, para determinados conceitos. Apesar de haver uma forte ligação entre idade e contexto de aprendizagem, isto não quer dizer que haja uma correspondência direta entre a forma de representação cognitiva e idade de aquisição de língua. Provavelmente, a aprendizagem de duas línguas no mesmo contexto, pode apresentar uma única representação cognitiva para duas traduções equivalentes, enquanto o falante que aprende a L2 em um contexto diferenciado da L1 apresenta traduções distintas para traduções equivalentes;
- (iii) a terceira dimensão é **a idade de aquisição das línguas** é de extrema importância porque o falante é afetado no seu desenvolvimento linguístico, neuropsicológico, cognitivo e sócio cultural. Pode ser: bilinguismo infantil (*simultâneo* ou *consecutivo*), bilinguismo adolescente ou bilinguismo adulto;
- (iv) a quarta dimensão é **a presença ou não de indivíduos falantes da L2** no ambiente social da criança, o chamado bilinguismo *endógeno* ou *exógeno*. No endógeno, as duas línguas são nativas na comunidade e podem ou não serem usadas com propósitos institucionais; no bilinguismo exógeno, as duas línguas são oficiais, mas não são usadas com propósitos institucionais;
- (v) a quinta dimensão, **status das línguas**, desenvolverá formas diferenciadas de bilinguismo: o bilinguismo *aditivo* e o bilinguismo *subtrativo*. Na forma aditiva as duas línguas são valorizadas; se subtrativo, a L1 é desvalorizada no ambiente infantil, gerando desvantagens no desenvolvimento cognitivo da criança durante a aquisição da L2, podendo ocorrer perda proporcional da L1;
- (vi) a última dimensão, quando os falantes bilíngues podem ser diferenciados em termos de **identidade cultural**. Podem ser: bilíngues *biculturais*, ou seja, falantes bilíngues que se identificam com dois grupos culturais; bilíngues *monoculturais*, o falante bilíngue se identifica ou é reconhecido por apenas um dos grupos linguísticos; também pode ser fluente nas duas línguas, mas se mantém monocultural; ser *acultural* é o falante que renuncia a sua identidade cultural relacionada com a L1 e adota valores culturais associados ao

grupo da L2 e *descultural* quando o próprio falante renuncia à própria identidade cultural, mas falha ao adotar aspectos culturais do grupo de falantes da L2. (HARMERS; BLANC, 2000, p.119, grifos nossos).

Para melhor visualização, reproduzimos, no Quadro 6, as informações anteriores em forma de quadro síntese de Harmers e Blanc (2000), estudiosos que levam em consideração as várias dimensões, tais como a competência, a organização cognitiva, a idade de aquisição, a presença de outra língua, o status da língua e a identidade cultural.

Nessa teoria multidimensional do bilinguismo, o sujeito bilíngue é analisado de forma global, no individual, interpessoal e social com a colaboração da Psicologia, Sociolinguística, Sociologia e Linguística, conforme ilustramos com o Quadro 5.

Quadro 5: Bilinguismo: um fenômeno linguístico multidimensional

DIMENSÕES	DENOMINAÇÃO	DEFINIÇÃO
COMPETÊNCIA RELATIVA	Bilinguismo Balanceado	L1 = L2
	Bilinguismo Dominante	L1 ≥ L2 ou L1 ≤ L2
ORGANIZAÇÃO COGNITIVA	Bilinguismo Composto	1 representação para 2 traduções.
	Bilinguismo Coordenado	2 representações para 2 Traduções
IDADE DE AQUISIÇÃO	Bilinguismo infantil:	L2 adquirida antes dos 10/11 anos
	Simultâneo	L1 e L2 adquiridas ao mesmo tempo
	Consecutivo	L2 adquirida posteriormente à L1
	Bilinguismo adolescente	L2 adquirida entre 11 e 17 anos
	Bilinguismo adulto	L2 adquirida após 17 anos
PRESENÇA DA LÍNGUA L2	Bilinguismo Endógeno	Presença da L2 na comunidade
	Bilinguismo Exógeno	Ausência da L2 na Comunidade
STATUS DA LÍNGUA	Bilinguismo aditivo	Não há perda ou prejuízo da L1
	Bilinguismo Subtrativo	Perda ou prejuízo da L1
IDENTIDADE CULTURAL	Bilinguismo Bicultural	Identificação positiva com os dois grupos
	Bilinguismo Monocultural	Identidade cultural referente à L1 ou L2
	Bilinguismo Acultural	Identidade cultural referente apenas a L2
	Bilinguismo Descultural	Sem identidade cultural

Fonte: Harmers e Blanc (2000, p. 11).

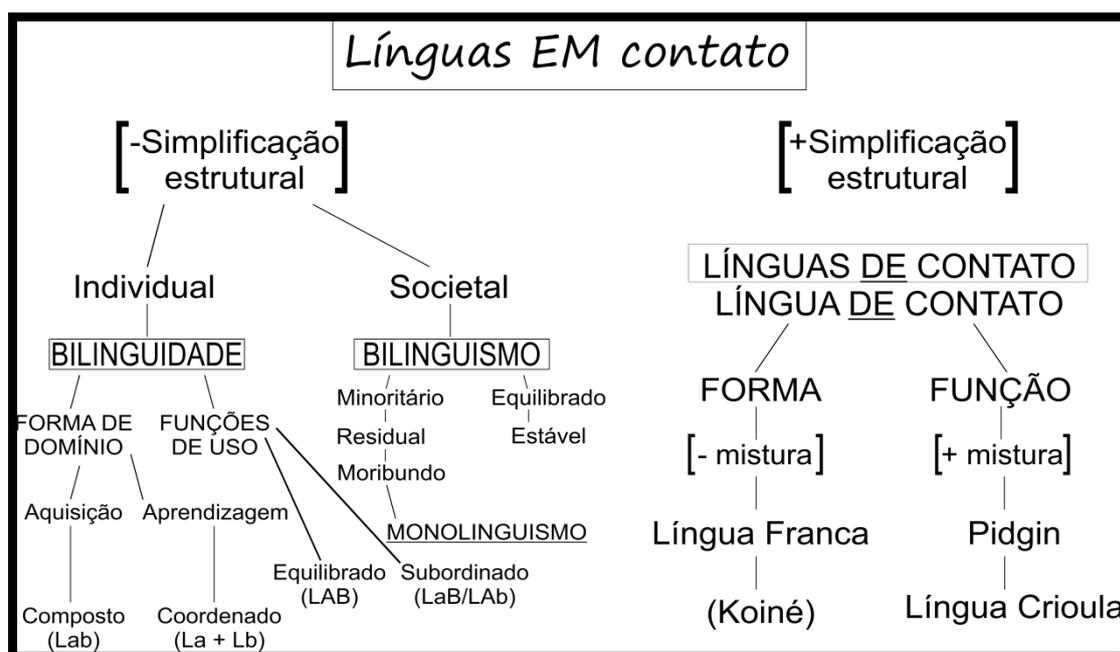
Para Megale (2005), a concepção multidimensional de Harmers e Blanc (2000) não é apenas embasada na teoria de comportamento linguístico, mas também está ancorada na Psicologia, na Sociolinguística, na Sociologia e Linguística, pois o fenômeno do bilinguismo é complexo e deve ser estudado com base nos vários níveis: individual, interpessoal, intergrupar e social.

Além do mais, a relação dos falantes com a língua não é neutra, no caso do bilinguismo, ela vai se modificando, uma se sobrepondo a outra, a própria trajetória de vida não é única. Para Savedra (1994), “a condição de falante bilíngue se modifica na trajetória de vida dos indivíduos e assume diferentes contornos em relação ao domínio e à variação de uso de ambas as línguas” (SAVEDRA, 1994, p. 29).

Segundo a autora, a coexistência de duas línguas como meio de comunicação social gera dois fenômenos linguísticos, ou seja, um estado compartimentalizado de duas línguas caracteriza um sujeito bilíngue (situação interna do sujeito); já a bilinguagem (externo, atuação do sujeito) é definida como diferentes estágios distintos de bilinguismo no transcórre da vida dos falantes.

Heye (2003a) apresenta uma estrutura linguística que define: línguas em/de contato, bilinguismo e bilinguagem, como exposto na figura 4.

Figura 4: Línguas em contato



Fonte: Heye (2003a, p. 37).

Para Heye (2003a), o bilinguismo faz parte das relações sociais dos falantes que fazem uso de mais de uma língua; é fenômeno societal que se realiza em contexto no qual se tenha mais de uma língua entre os falantes, ou seja, num contexto de línguas em contato.

A bilinguagem é um **fenômeno** linguístico **individual**, ocorre quando o falante usa a L1, materna, e a L2. Essa ação é uma atitude individual que se altera no desenrolar da vida do falante bilíngue. A variabilidade da **atuação** do falante bilíngue pode ocorrer em decorrência de: uma língua ser subordinada a outra; equilibrada em função da temática; tópico; preferência, situações de uso. Essa variabilidade de uso oscila devido a fatores sociais e comportamentais.

O contato e o uso da L1 ou L2, até mais línguas, sofrem estágios de maior ou menor uso. A ação individual do falante, - L1 < + L2 situa a sua bilinguagem; dessa forma, o falante não tem um grau permanente de bilinguismo, esse pode ser alterado no decorrer da vida.

Os três pontos pesquisados apresentam um número expressivo de falantes em língua pomerana, mas com perfis linguísticos distintos: em **MCR** há uma maior atuação da bilinguagem dos informantes pomeranos, enquanto que em **CG** e **NSR** os informantes não têm exercido sua bilinguagem, devido ao uso maior da língua portuguesa.

Dentro desse universo do bilinguismo, como discutido nessa seção, está outro conceito que foi discutido na seção seguinte: alternância de código.

2.6 ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO: UMA ESTRATÉGIA DE CONVERSAÇÃO

A alternância de código, o *code-switching*, por definição faz parte do fenômeno do bilinguismo, intrínseco ao falante que alterna sua fala entre a L1 e a L2. A literatura linguística tratava a alternância de código de forma marginal, pois caracterizava-a como *déficit* linguístico, uma mistura de línguas. Mello (1999) considera o “*code-switching*” como uma habilidade linguística do falante bilíngue.

A alternância, ou mudança entre o uso de duas línguas, é um comportamento verbal que requer um alto nível de competência em ambas as línguas. Segundo Gumperz (1982), o *code-switching* é o uso de dois sistemas linguísticos, cujas gramáticas são justapostas dentro da mesma fala.

Os dois sistemas linguísticos são permutados pelo falante para manter o diálogo, que não hesita em fazer pausas, trocas, uso de sentenças rítmicas, manter, ou mudar o nível de tom, ou entonação para marcar a mudança de código. Os interlocutores ignoram muitas vezes o código que é usado, a seleção é automática.

Para Grosjean (1982), o *code-switching* é, em muitas comunidades bilíngues e multilíngues, uma norma antes que uma exceção, pois seu uso é frequente em interações rápidas, principalmente, para quebrar barreiras e normas de interação. Os falantes têm muita habilidade para a troca de uma variedade para a outra, além disso, o *code-switching* colabora na permanência do bilinguismo por várias gerações.

O *code-switching* é um fenômeno social que faz uso de estratégias de conversão dos grupos bilíngues: classe social; identidade étnica; educação; estratégia de exclusão ou inclusão no grupo; demarcação de pertencimento.

A mudança de código de fala se mantém em redes situacionais de comunicação, por contraste, normas, atitudes e convenções de comunicação, valores subalternos, ocupação profissional, valores políticos, aspirações individuais, elemento de coesão entre familiares, vizinhança, grupo de origem; ou seja, o *code-switching* possui uma força pragmática na organização verbal do falante (GROSJEAN, 1982).

Para exemplificação da mudança de código, o *code-switching*, transcrevemos o relato do informante **14MCRGIH**²³:

14MCRGIH: Dat wa [...] du kants rina liter fon Wâter hola in fluss in... in...wekestella dat ist ima gaut ela não estraga, não dá aquele...aquele limo assim ... ist ima gaut ²⁴

A alternância de código evidencia um bilinguismo coordenado de duas línguas, a pomerana e a língua portuguesa. O falante apresenta uma habilidade cognitiva ao organizar o seu enunciado, utiliza dois sistemas gramaticais justapostos. Essa situação é comum em contextos de línguas em contato.

²³ As notações de identificação dos informantes são compostas pelo número do informante (de 1 a 24; parâmetro diatópico (**CG**,**MCR** e **NSR**); parâmetro geracional (**GI** e **GII**) e parâmetro diasssexual (**M** ou **F**), conforme quadro 9, p.93.

²⁴ **14MCRGIH:** “Isto era [...] você pode recolher um litro de água do rio e guardar... é sempre boa ela não estraga não dá aquele...aquele limo assim ... é sempre boa” (tradução nossa).

Segundo Gumperz (1982), o falante ignora o código que está usando, a seleção é automática, está motivado pela conversação, quer ser compreendido pelo interlocutor, causar boa impressão, alcançar seu objetivo.

A motivação para a alternância de códigos pelo falante obedece a critérios subjetivos e contextuais. Por exemplo, neste estudo de línguas em contato, o falante, ao escolher uma língua, a língua de herança pomerana, a alemã, ou a língua portuguesa, está manifestando uma preferência com base em critérios pessoais e sociais que revelam uma *diglossia* linguística de línguas em contato; esse fenômeno linguístico foi exposto em seguida.

2.7 DIGLOSSIA

A definição clássica de diglossia, do francês *diglossie*, é de Ferguson (1974) e refere-se ao status linguístico das variedades da mesma língua, em um nível macro, ou seja, sociolinguístico, sem se ater às manifestações individuais e estilísticas, mas a um fenômeno linguístico que está em plena vista social, entre uma variedade **A(ita)** que é “[...] aprendida tardiamente e através da educação formal, e não é usada em conversas informais, ao contrário da variedade **B(aixa)** de uma língua que é usada nas conversas informais” (HEYE, 2006).

Esse conceito é ampliado por Fishman (1967) para indicar variedades linguísticas: *high e low variety* em contextos bilíngues e multilíngues; portanto, introduz o conceito analítico do bilinguismo sob a perspectiva individual, funcional e socioetal. Acrescenta-se, desse modo, ao conceito de diglossia a avaliação social do bilinguismo, delimitando-se as principais relações de diglossia e bilinguismo na situação de línguas em contato:

- 1) Diglossia e bilinguismo;
- 2) Bilinguismo sem diglossia;
- 3) Diglossia sem bilinguismo;
- 4) Nem diglossia, nem bilinguismo.

Fishman (1967), com essa dualidade funcional, observou que

O bilinguismo sem a diglossia tende a ser transicional, tanto em termos de repertórios linguísticos de comunidade de fala como em termos das variedades de fala envolvidos per si. Sem reparar, no entanto, as normas complementares e valores para estabelecer e manter a separação funcional das variedades de fala, aquela língua ou variedade que seja o bastante favorável para ser associada com o movimento predominante das forças sociais tende a substituir a(s) outra(s). (FISHMAN, 1967, p. 36).

Hamel e Sierra (1983) esclarecem que a diglossia mede a relação de poder entre grupos. Geralmente, a institucionalização e a legitimação de uma língua, ou discurso, se dão devido ao poder linguístico de determinado grupo, isto é, não é a força da *parole*, mas sim uma determinação política do grupo majoritário.

A classificação de nem diglossia nem bilinguismo de Fishman (1967) é extremamente rara, porque esse fenômeno linguístico, possivelmente, se encontraria somente numa comunidade completamente isolada.

A escolha linguística tem um valor simbólico para o falante. Bloom e Gumperz (1998), num estudo de código em Henne, Noruega, constataram que a seleção feita pelos falantes entre a variedade local e a norma suprarregional segue padrões diferentes. Os artesões locais mantinham uma rede de comunicação mais densa, enquanto as pessoas que tinham contato com o exterior da vila tinham uma rede mais dispersa. Os primeiros veem no uso do vernáculo local a manutenção da tradição, símbolo de identidade local, enquanto o grupo com mais interações no exterior, usam o código local para conferir um tom metafórico à conversa.

A preservação de tal situação diglósica está assegurada enquanto o dialeto local tiver seu valor como símbolo de diferenciação e de identificação étnica ou regional. O mesmo se pode afirmar da situação linguística bilíngue dos falantes pomeranos, pois a língua de herança é usada no grupo linguístico como símbolo de identidade étnico-linguística.

Aplicando as observações do *continuum* (BORTONI-RICARDO, 2005) de uso da fala pomerana e da língua portuguesa, Tressmann (2005) em sua análise comparativa identifica a diglossia com bilinguismo (+ a língua portuguesa – a língua pomerana).

A língua portuguesa é mais prestigiada; é a variedade *standard*, pois é a língua aprendida nas instituições escolares, de uso formal. A língua pomerana, por sua vez, é menos prestigiada, é uma variedade *substandard*, de ensino oral, familiar;

logo, de uso informal, de grupo étnico, uma língua de herança que tem uma bilinguagem variável entre os falantes bilíngues.

A atribuição dos domínios funcionais das línguas está, geralmente, determinada pela imposição institucional da igreja, da escola ou da família, essa última tem tradição em manutenção de línguas étnicas e executada pela comunidade de fala.

Também é importante considerar os usos funcionais das línguas, assim como seu contexto de domínio, pois uma situação diglósica/bilíngue pode estar vinculada a crenças que seus falantes têm da língua ou línguas envolvidas, ou melhor, crenças que estão sedimentadas na cultura linguística local, antes que pela língua em si, como exposto na seção seguinte.

2.8 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

As pesquisas avaliativas da linguística incorporaram pressupostos da área da Psicologia Social, ciência social contemporânea desenvolvida no século XX que tem como objeto o estudo do comportamento humano baseado na teoria dos papéis (GOFFMANN, 2000).

Para Lambert e Lambert (1975), a Psicologia Social é o estudo experimental dos indivíduos, os quais são examinados em um enquadramento social e cultural, em que se faz um exame das atitudes e das reações dos sujeitos. Essas atitudes são objetos de análise para várias áreas do conhecimento, principalmente, servem de subsídio para a análise do comportamento humano.

O interesse da Sociolinguística pela Psicologia Social se justifica porque as reações, o comportamento e as avaliações linguísticas estão, geralmente, associadas a relações de “poder” do prestígio social e econômico. Essas podem ser analisadas para a compreensão do fenômeno linguístico da mudança, fidelidade linguística, ou desaparecimento de uma língua.

Conforme destaca Tarallo (2005), as variantes linguísticas:

[...] de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não padrão; conservadoras vs. Inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras,

por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. (TARALLO, 2005, p. 11-12).

O estudo clássico de Labov na década de 1960 sobre a estratificação social do inglês de Nova York apresentou dois resultados importantes: a avaliação dos falantes sobre os fatos linguísticos para uma boa compreensão da estrutura social da língua e a estratificação social do /R/ nas grandes lojas de departamento de Nova York.

Nessa ocorrência, fica evidente uma hipercorreção da pequena burguesia quanto ao desempenho linguístico do /R/ e, de outra, é a atitude com relação à fala com ou sem /R/. Destaca-se a importância da atitude no tocante à implementação da mudança linguística.

Em outra pesquisa de Labov, com a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, os moradores nativos demonstram uma atitude invertida em direção à mudança linguística introduzida pelo turista em período de temporada de verão, isto é, há uma fidelidade local. Segundo Labov (2008),

[...] para o vineyardense, não existe nenhum efeito de diluição. Para ele, os veranistas têm muito pouco *status* na ilha, e sua natureza efêmera fica convincentemente demonstrada na primeira semana de setembro de cada ano, quando eles desaparecem ainda mais depressa que a população de insetos dos meses de verão. A fala nativa normal de Martha's Vineyard pode então ser ouvida como o som dominante em lugares públicos (LABOV, 2008, p. 30).

Para Calvet (2002), as relações entre língua e falante não são neutras. O autor continua:

Com efeito, existe um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com as línguas, para com as variedades de línguas, e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento. Pode-se amar ou não um martelo, sem que isso mude em nada o modo de pregar o prego, enquanto as atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico. (CALVET, 2002, p. 65).

Uma atitude positiva ou negativa pode influenciar na mudança linguística, pois há a preferência do uso de uma língua em detrimento de outra. Para López Morales (1989), o principal problema na Sociolinguística está em identificar até que ponto a atitude expressa por um indivíduo está relacionada a fenômenos linguísticos específicos, ou, em que medida uma atitude de valorização ou desvalorização aos

usuários de determinado grupo social pode influenciar a mudança ou a conservação de uma língua ou variedade.

Para esta pesquisa, consideramos o conceito de López Morales (1989) de crenças e atitudes e, assim como o referido autor, separamos o conceito de crença do conceito de atitude.

A atitude linguística é composta, segundo Lambert, citado por Moreno Fernández (1998), por três componentes: o saber ou crença (componente cognoscitivo); a valoração (componente afetivo); e a conduta (componente conativo). Isso quer dizer que a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma determinada forma diante uma língua ou de uma situação sociolinguística.

Ademais, para Moreno Fernández (1998), o fenômeno social da atitude chamava atenção da Sociolinguística, pois, por meio da sua mensuração, é possível identificar a escolha de uma língua em sociedades multilíngues, a inteligibilidade, o planejamento linguístico do ensino de línguas e sinalizar como as atitudes podem influenciar a mudança e variação linguística.

Gómez Molina (1998), em estudo sobre as atitudes linguísticas no perímetro urbano de Valença- Espanha, destaca que o *componente cognoscitivo* teria maior peso sobre os demais por conformar, em larga escala, a consciência sociolinguística, uma vez que nele intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes: “consciência linguística, crenças, estereótipos, expectativas sociais (prestígio, ascensão), grau de bilinguismo, características da personalidade, etc.” (GÓMEZ MOLINA, 1998, p. 31).

O *componente afetivo*, por sua vez, está alicerçado em juízos de valor (estima-ódio) “acerca das características da fala: variedade dialetal, acento; da associação com traços de identidade; etnicidade, lealdade, valor simbólico, orgulho; e o sentimento de solidariedade com o grupo a que pertence” (GÓMEZ MOLINA, 1998, p. 31).

Já o *componente conativo* reflete a intenção de conduta, as formas de ação, a atuação e a reação com os interlocutores em determinados contextos e circunstâncias, por exemplo: rua, casa, escola, loja, trabalho.

O autor também destaca que as crenças e as atitudes podem afetar os fenômenos específicos de um idioma: as variedades diatópicas ou diastráticas; a língua em sua totalidade; as línguas maternas e estrangeiras na mesma comunidade

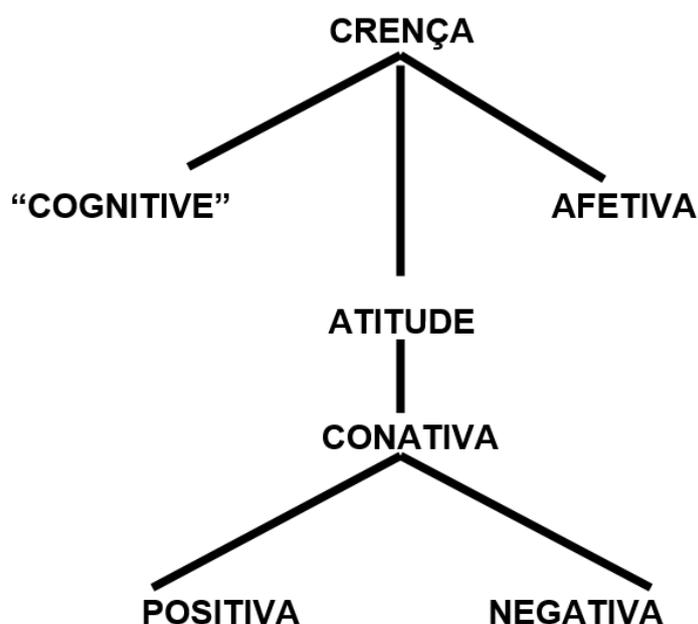
de fala, ou não, num contexto de línguas em contato. As manifestações podem ser as mais variadas; todavia, a mais grave é a discriminação linguística.

Botassini (2015), ao consultar trabalhos de Sociolinguística e de Crenças e Atitudes para definir os termos de “crenças” e “atitudes”, deparou-se com o problema nas pesquisas dessa área: poucos se debruçaram, especificamente, a definir “crença”. Não obstante, o termo “atitude” apresenta várias flexões, principalmente, na Sociolinguística. A crença tem amplo estudo em linguística aplicada. Para a autora, isso ocorre porque as pesquisas são de cunho mentalista, não separando crença de atitude, ou seja, compreendendo crenças como um componente das atitudes.

Para López Morales (1989), a atitude está alinhavada ao comportamental, a condutas positivas, de aceitação, ou negativas, de rejeição; segundo o autor, uma atitude nunca pode ser neutra. No entanto, as crenças agregam elementos cognitivos e/ou afetivos. Na avaliação cognitiva, incluem-se as percepções, o conhecimento, os estereótipos; nos afetivos, estão as emoções e os sentimentos.

López Morales (1989) resume as relações entre crenças e atitudes num organograma que copilamos na Figura 5.

Figura 5: Estrutura das crenças e atitudes linguísticas



Fonte: López Morales (1989, p. 235).

López Morales (1989) compreende a atitude como uma ação comportamental de valoração positiva ou negativa. Entende-se, então, que a valoração maior é a **crença**, pois ela contém os três componentes que, normalmente, são associados à atitude: o **conhecimento, o sentimento e o comportamento**.

As crenças instauram o comportamento dos sujeitos, pois elas contêm os valores, os julgamentos, as opiniões que uma pessoa tem sobre os outros, sobre o meio e sobre si mesmo. Esses componentes são carregados de informações, de sentimentos, que normalmente, vão produzir atitudes.

Para Bem (1973), as crenças podem recuar quando repousam sobre uma crença básica na credibilidade da própria experiência sensorial ou na credibilidade em alguma autoridade externa. Essas são aceitas como dadas, sem questionamento, por isso, são denominadas primitivas, imperceptíveis à avaliação individual, a menos que sejam questionadas, levadas a dar atenção por alguma circunstância bizarra nas quais as crenças parecem ser violadas.

As crenças primitivas, também denominadas de ordem zero, são crenças que não exigem uma confirmação formal ou empírica. Pelo contrário, são construídas nas interações sensoriais dos sujeitos, experiências vivenciadas, nas quais surgem os estereótipos criados nas generalizações, universalizações, como se fossem verdades universais (BEM, 1973).

As atitudes não são inatas, são aprendidas por **associação, transferência e satisfação de necessidades**. Para Lambert (1975) “as atitudes são formas organizadas, coerentes e habituais de pensar, sentir e reagir a acontecimentos e pessoas. [...] modos aprendidos de ajustamento” (LAMBERT, 1975, p.118).

As atitudes positivas se desenvolviam, por exemplo, quando os participantes do grupo de jogos estavam **associados** a um acontecimento agradável. Alguém poderia **transferir** uma atitude inteiramente favorável ao pomerano se fosse descrito como *maltratados, trabalhadores, amistosos e alegres*. Ou poderia transferir uma atitude negativa se fosse descrito como *estranho, não merecedor de confiança, sujo e mentiroso*.

Da mesma forma ocorre com a transferência negativa quando correlacionamos um fato social, ou um objeto que tenha causado constrangimento, ou dor. Essa impressão negativa poderá ser alterada se ocorrer uma nova associação, positiva. Assim sendo, as atitudes são produzidas nas vivências,

experiências das pessoas, são mais fáceis de serem modificadas, pois estão na esfera sensorial.

Ainda de acordo com Lambert (1975), “é mais fácil modificar as atitudes individuais pela mudança de normas de grupo do que pela tentativa de trabalhar diretamente com o indivíduo” (LAMBERT, 1975, p. 170) devido à pressão do meio. O conformismo, por exemplo, seria uma atitude de ajuste ao grupo.

Entretanto, a legislação não é capaz de mudar uma atitude de preconceito linguístico, é preciso mudar o comportamento pelo conhecimento linguístico, histórico e cultural do falante.

Nesse sentido, na seção seguinte, apresentamos uma breve discussão sobre o preconceito linguístico, estereótipo e estigma, conceitos que podem colaborar para uma nova consciência linguística.

2.9 PRECONCEITO, ESTEREÓTIPO E ESTIGMA: LIMITES POSSÍVEIS

Os limites conferidos aos significados de *preconceito*, *estigma* e *estereótipo* são muito próximos, para não dizer confusos, pois “entrecruzando-se, inter cruzando-se, imbricando-se – que não é possível (nem necessário em alguns casos) determiná-los com exatidão” (BOTASSINI, 2015, p.126).

Calvet (2002), no capítulo *Comportamentos e atitudes*, ao exemplificar o preconceito linguístico, afirma:

[...] “A história está repleta de provérbios ou de fórmulas pré-fabricadas que expressam os **preconceitos** de cada época contra as línguas”. [...] Túlio di Mauro cita um provérbio do século XVII que diz: ‘O alemão urra, o inglês chora, o francês canta, o italiano faz comédia e o espanhol fala’ [...] Esses **estereótipos** não se referem a línguas diferentes apenas, mas também a variantes geográficas das línguas [...]. (CALVET, 2002, p. 67, grifos nossos).

O conceito de preconceito e de estereótipo parecem confusos se fizermos um recorte isolado da citação de Calvet (2002). Na intenção de clarear esses conceitos, vamos seguir o raciocínio de Heye (2003a) quanto à distinção entre o bilinguismo (fenômeno individual) e a bilinguagem (atuação linguística, social). Esses fenômenos linguísticos apenas se manifestam em esferas diferentes: individual e societal, não são conceitos autônomos, estão imbricados.

Da mesma forma, o preconceito é uma atitude negativa de avaliação individual, enquanto os estereótipos são conceitos pragmáticos avaliativos compartilhados com o grupo; portanto, sociais.

Os estereótipos, “embora possam estar abaixo do nível da consciência, produzirão **respostas regulares** em testes de reação subjetiva. Estereótipos são **formas socialmente marcadas**, rotuladas enfaticamente **pela sociedade**” (LABOV, 2008, p. 360, grifos nossos).

Retomemos a avaliação sobre o falar alemão, inglês, francês, italiano e espanhol citado por Calvet (2002). Nessas avaliações está o preconceito individual com relação aos falantes dessas línguas, por conseguinte, também ao país. Os falantes fazem uso de um rótulo socialmente compartilhado, um estereótipo, para externar o preconceito linguístico. Como Labov (2008) afirma:

Um estereótipo social **é um fato social**, parte do conhecimento geral dos membros adultos da sociedade. Isso é verdade mesmo quando o estereótipo não corresponde a nenhum conjunto de fatos objetivos. Os membros da comunidade de fala se referem aos estereótipos e falam sobre eles; podem ter **um rótulo geral** e **uma frase** características que serve igualmente bem para identificá-los. (LABOV, 2008, p. 360 grifos nossos).

Bagno (2008), tradutor de *Padrões Sociolinguísticos* (LABOV, 2008), exemplifica em nota de rodapé alguns estereótipos linguísticos brasileiros:

No português brasileiro há muitos estereótipos linguísticos cristalizados em frases como **“leite quente dói no dente da gente”** para se referir a falantes da variedade paranaense (sic), em que o – e átomo final não seria reduzido a [i], **“sai da carçada sordado marvado”** (para caracterizar as variedades “caipiras” em que o /l/ se rotaciza na coda silábica), **“ bom dia, titia”** (para caracterizar a pronúncia dental, não palatizada, de /d/ e /t/ em variedades nordestinas), **“craro, Cráudia”** (para caracterizar as variedades estigmatizadas e rotacismo de /l/ em grupos consonânticos) (LABOV, 2008, p. 360, nota de tradução, grifos nossos).

O estereótipo não representa nenhum conjunto de fatos objetivos. Esses estereótipos não são fundamentados em alguma experiência válida, “mas aprendidos como boatos ou são formados a fim de racionalizar nossos preconceitos” (BEM, 1973, p.18).

Goffman (2000) apresenta o conceito de estigma, palavra de origem grega para referir-se a marcas corporais que classificavam os indivíduos como hediondos,

dignos de repulsa ou de sinalização avaliativa positiva. Dois significados foram adicionados ao termo na Era Cristã: a religiosa, associada à graça divina, e a medicinal, indicando um distúrbio físico. Esse recurso também foi empregado no século XX para marcar os prisioneiros dos campos de concentração do Nazismo na Segunda Guerra Mundial.

Segundo Goffman (2000), “Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que a evidência corporal” (GOFFMAN, 2000, p. 11). Uma valoração extremamente depreciativa de modo que o falante estigmatizado é desonrado, desacreditado, maculado, uma vítima de preconceitos, de discriminação.

Conforme destaca Botassini (2015),

Carregar um estigma linguístico significa, então, carregar uma marca que identifica negativamente o falante e, por isso, geralmente ele procura escondê-la. Por exemplo: se um falante de dialeto que usa o /r/ retroflexo tenta reproduzir, no seu discurso oral, outra variante (uma tepe, talvez?), ele está tentando esconder o estigma de sua identidade linguística. Diz-se “esconder” e não “apagar”, porque, assim como não é possível apagar a cicatriz, não é possível apagar a identidade linguística. Pode ocultá-la, mas, em algum momento, ela se revelará, como uma cicatriz que se tenta esconder por baixo da roupa, mas que um movimento descuidado pode fazer aparecer. (BOTASSINI, 2015, p.125).

O estigma tem uma força de extrema valoração negativa, de exclusão do outro. Ato que marcam as pessoas porque não se encaixam nos parâmetros de expectativas das comunidades, das estruturas, das profissões, ou de fala.

E com Labov (2008, p.361) concluímos: “os membros da comunidade de fala se referem aos estereótipos e falam sobre eles [...] Alguns traços estereotipados são muito **estigmatizados**, mas notavelmente resistentes e duradouros [...]” (LABOV, 2008, p. 361).

Neste capítulo conectarmos o referencial teórico que fundamentou o presente estudo, o que inclui a discussão de conceitos básicos sobre língua e dialeto; língua materna, de herança; pluralidade linguística brasileira; línguas em contato; conceitos de bilinguismo e bilingualidade; aquisição da L1 e L2 e *code-switching*.

No próximo capítulo, destinamos um espaço à caracterização metodológica da pesquisa, destacando as etapas e escolhas relacionadas à abordagem metodológica, à seleção dos sujeitos participantes, à análise do corpus etc.

3 PROCEDIMENTOS E PARÂMETROS DA PESQUISA

Neste capítulo, descrevemos o roteiro inicial da pesquisa, a coleta de dados sobre a temática pomerana no banco de dados da CAPES; a síntese de pesquisas sobre a cultura, a língua, a imigração e as migrações pomeranas; a história dos pontos da pesquisa; a metodologia, os parâmetros e as dimensões aplicadas neste estudo; a descrição do instrumento de coleta e os critérios utilizados para a análise do corpus.

3.1 TEMA DE PESQUISA E A AÇÃO COLETORA

Para situar os caminhos traçados pela pesquisa sobre o povo pomerano, fizemos um levantamento prévio no banco de dissertações e teses da CAPES²⁵.

As leituras propiciaram a aproximação da temática e trouxeram importantes contribuições sobre a origem, a cultura e a língua dos pomeranos, fontes de referências bibliográficas de grande valia porque a pesquisa sobre essa temática é bastante recente, conforme o Quadro 6 a seguir.

Quadro 6: Pesquisas no Portal da CAPES de 2011 a 2014

TEMAS PESQUISADOS	DISSERTAÇÕES/ANO DE DEFESA				TESES/ANO DE DEFESA					
	2014	2013	2012	2011	2014	2013	2012	2011	TOTAL	
									M	D
POMERANO	0	0	1	2	0	0	1	0	3	1
IDENTIDADE POMERANA	0	0	2	1	0	0	0	1	3	1
ENSINO DE POMERANO	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1
IMIGRAÇÃO ALEMÃ	0	0	8	5	0	0	3	0	13	3
TOTAL	0	0	11	9	0	0	5	1	20	6

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com dados da CAPES, 13/06/2015.

²⁵ A **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)** é uma fundação vinculada ao Ministério da Educação (MEC) do Brasil que atua na expansão e na consolidação da pós-graduação *Stricto Sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados do país.

Das 26 pesquisas encontradas no banco de dissertações e teses da CAPES, 16 têm como temática de pesquisa a etnia alemã, ou seja, 61,5%; enquanto que a etnia pomerana tem, no mesmo período de tempo a publicação, apenas de 10 pesquisas, isto é, 38,5% desse total.

As pesquisas que fazem referência à etnia pomerana, geralmente, se originam de comunidades pomeranas do Espírito Santo. Isso demonstra certo grau de invisibilidade da entrada de colonos pomeranos em outras regiões do Brasil, assim como sua migração no país, além do estado capixaba.

Para este trabalho científico, foram analisadas duas pesquisas: uma dissertação e uma tese. A primeira, intitulada *Ontem e hoje: percurso linguístico dos pomeranos de Espigão D' Oeste - RO* (PESSOA, 1995), trata de um estudo histórico e linguístico dos migrantes pomeranos, especificamente de Espigão D' Oeste – RO. A dissertação foi de cunho etnolinguístico de comunidades camponesas do Espírito Santo que foram para Espigão D' Oeste – RO. Selecionamos essa pesquisa devido à citação da migração de pomeranos para o Estado do Paraná. A segunda foi a tese de doutorado, intitulada *Da Sala de estar à sala de baile – Estudos etnolinguísticos de comunidades camponesas pomeranas do estado do Espírito Santo* (TRESSMANN, 2005), também etnolinguística, que realizou um estudo da língua do povo pomerano, classificando-a como uma língua autônoma.

Pessoa (1995) fez um estudo etnolinguístico que teve como objeto o percurso linguístico dos pomeranos do Espírito Santo para Espigão D'Oeste – RO. A autora apresenta a comunidade, a sua formação pelos migrantes pomeranos e o estatuto de fala das línguas pomerana e portuguesa naquela localidade.

Segundo Pessoa (1995), a mobilização desses pomeranos para o estado de Rondônia quebra a homogeneidade linguística do grupo étnico. A língua portuguesa é, nesse contexto, concorrente da língua pomerana devido ao frequente contato da comunidade linguística com o exterior, pois são inseridas novas organizações sociais nas famílias pomeranas, o que gera um conflito geracional: os mais velhos falam a língua étnica, os mais jovens usam mais a língua portuguesa. A autora conclui que há uma ruptura de nível étnico, histórico, social e linguístico que acelera o apagamento da língua pomerana naquela comunidade.

A tese de Tressmann (2005) teve como objetivo descrever e analisar a arte verbal dos pomeranos do Estado do Espírito Santo, do município de Santa Maria do Jetibá.

O pesquisador descreveu e analisou textos orais produzidos numa interface entre a linguística e a antropologia, de modo a verificar, na interrelação forma e sentido, os aspectos sociais e estéticos da produção oral dos pomeranos.

O autor identificou quatro gêneros mais comuns no uso da língua pomerana: i) os gêneros da fala informal, ii) os de fala declamada, iii) os de fala formal/cerimonial e iv) o canto. Além disso, quando o autor analisou os gêneros textuais, tratou os textos orais a partir de conceitos sociolinguísticos, concluindo que o pomerano é uma língua e não um dialeto alemão.

De acordo com seu estudo, a língua pomerana deriva da família Germânica Ocidental e da subfamília Baixo-Saxão, a cujo subgrupo também pertence a língua *Westfaliana*, *Africâner*, *Platt Menonita* e o Holandês, entre outras.

As variedades que se firmaram no Espírito Santo são provenientes da Pomerânia Oriental. Tressmann (2005) aponta a seguinte representação social das línguas portuguesa e pomerana nos gêneros textuais orais analisados em sua tese: a língua portuguesa e língua pomerana são faladas, mas com contextos específicos de uso. A língua portuguesa, por exemplo, é usada com maior grau de nivelamento social, formal; já a língua pomerana é ágrafa, de uso familiar, que atendia à comunidade étnica, isto é, de identidade privada. O caráter oral da língua pomerana a vinculava ao conceito de dialeto. Quando sistematizada, objeto de pesquisa de reivindicação identitária adquiriu o status de língua escrita e a nomenclatura de língua pomerana.

Para Seibel (2016), os pomeranos “são brasileiros sim, mas, em muitas escolas seus filhos estudam a língua pomerana como um segundo idioma” (SEIBEL, 2016, p. 37), uma língua viva, falada nos lares, sobrevivendo como uma língua materna, de herança.

No estado do Paraná, até então, não havia uma pesquisa específica, exceto as indicações de Von Borstel (1992) em sua dissertação de Mestrado: *Aspectos do bilinguismo: alemão/português em Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil*, que citava a existência de pomeranos em **MCR** e a Tese de Lamb Fenner (2013), que focalizou as *Crenças e Atitudes Linguísticas: Um Estudo Comparativo de Línguas em Contato em Duas Comunidades do Oeste Paranaense*, que também faz uma referência à língua pomerana falada na região.

Esse mapeamento de pesquisas é importante, justamente para se destacar que ainda há muito campo para pesquisa com relação ao pomerano.

Seguindo com os aspetos metodológicos da pesquisa, na seção seguinte, informamos como foram localizados os informantes deste estudo.

3.2 IGREJA: INDICATIVOS PARA A PESQUISA

Para a localização de informantes descendentes de pomeranos, utilizamos o caminho religioso; todavia, ressaltamos que não é a religiosidade nem mesmo a denominação religiosa que são objeto de análise neste estudo, haja vista que não são variantes de análise, mas foram apenas uma estratégia de identificação e localização dos informantes.

O primeiro movimento foi uma tentativa de localizar migrantes pomeranos da década de 1960 do Espírito Santo para o Estado do Paraná (PESSOA, 1995). Entramos em contato com os pastores das IECLB e da IELB de Cascavel, Assis Chateaubriand e Umuarama, mas não obtivemos sucesso.

No segundo momento, entramos em contato com as comunidades religiosas de Nova Santa Rosa e Marechal Cândido Rondon da IELB e da IECLB. Os pastores repassaram os contatos locais de pomeranos e de outras comunidades paranaenses e, quando fechamos a localização de informantes no terceiro município, encerramos a busca.

Portanto, por meio das comunidades da IELB e da IECLB de **CG, MCR e NSR**, localizamos migrantes pomeranos oriundos do Sul do país, exceto um informante, remanescente da migração do Espírito Santo em Nova Santa Rosa.

Definidos os pontos, iniciamos o contato com informantes locais que foram indicando parentes, amigos, vizinhos de origem étnica pomerana e suas falas foram desenhando a localidade e as relações linguísticas dos descendentes de pomeranos nos três pontos da pesquisa. Discorreremos sobre esses aspectos na seção seguinte.

3.3 A HISTÓRIA LOCAL NA VOZ DO INFORMANTE

Para a compreensão do contexto de cada localidade, apresentamos um breve histórico dos pontos da pesquisa, com o intuito de compreender a formação linguística das localidades e as relações sociológicas que organizam esses espaços. Para uma aproximação do contexto, inserimos algumas falas dos informantes

pomerano desses locais porque entendemos que a identidade dos entrevistados pomeranos está situada em uma cultura, em uma língua e na história vivenciada pelos informantes pomeranos (HALL, 2015).

O narrar do informante pomerano restaura a identidade coletiva do grupo pomerano, o qual fez parte do projeto político de colonização estatal e empresarial que tinha no seu objetivo principal ocupar “espaços vazios”²⁶ a partir de 1950.

Nesse período, o governo do Estado do Paraná fez a cessão de grandes áreas de terras devolutas, mediante pagamentos apenas simbólicos, para as empresas aplicarem o capital financeiro e realizarem a estruturação do espaço urbano e rural da região loteada. Essa ação mercantil dos espaços assegurou a ocupação do Norte, Sudoeste e Oeste do Estado do Paraná (SCHALLENBERGER; COLOGNESE, 1994).

De acordo com Schallenberger e Cologneese (1994), as empresas imobiliárias organizaram:

[...] um sistema de colonização embasado na pequena propriedade agrícola, objetivando a cultura diversificada, notadamente voltada para as necessidades de subsistência e da demanda de mercado local. Para isso buscou motivar famílias solidamente estruturadas, descendentes das levas de imigrantes **alemães**²⁷ e italianos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, para constituírem a base da colonização. (SCHALLENBERGER; COLOGNESE, 1994, p. 21, grifo nosso).

A voz do informante apresenta o contexto local, dá transparência às redes de relações sociais, econômicas, culturais e linguísticas dos pomeranos que no passado vieram ao Paraná com suas famílias em busca de novas áreas de terra para o cultivo da lavoura.

Todo usuário da língua fala de um lugar sócio-histórico, e, para Calvet (2002), “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, [...]” (CALVET, 2002, p.12),

²⁶ Os denominados espaços vazios não eram tão vazios assim, eram ocupados por indígenas e mensus. Os mensus, uma derivação do espanhol “mensualista”, era a mão de obra quase absoluta empregada nos trabalhos de extração nas obrages, empresas estrangeiras que exploravam a erva-mate e a madeira. Para o funcionamento das obrages do Paraná, o capital empregado vinha de empresários residentes nas províncias de Corrientes e Misiones na Argentina. Essa região era bem conhecida devido ao complexo exploratório das obrages. Ao esgotar a erva-mate, os obrageros argentinos ampliavam sua atuação em outros espaços geográficos mais convenientes para exploração, portanto, a estratégia de ocupação desses espaços pelo estado era tomar posse do território brasileiro.

²⁷ Observa-se que as fontes históricas de imigração e migração, geralmente, não fazem referência aos pomeranos, pois são denominados como alemães.

portanto, são os usuários que falam de um lugar de “poder” ou de “opressão”, que como num campo de forças pode dar a determinada língua a vitalidade, o uso, o prestígio ou o desuso, o preconceito, o estigma, conduzindo-a para a extinção.

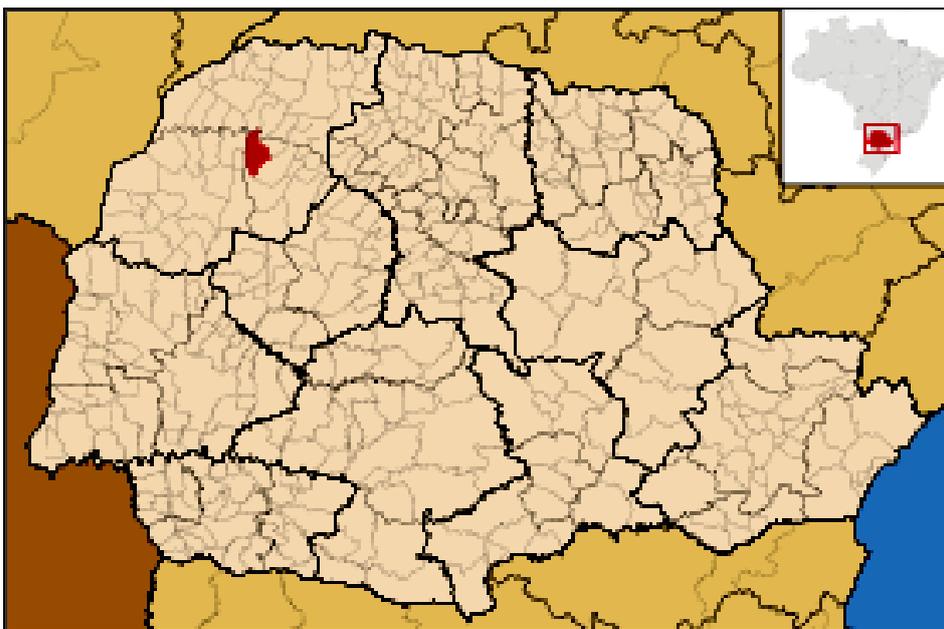
As variedades linguísticas baixas, *platt*, são associadas à história social do homem que a fala. Por exemplo, o povo pomerano é de tradição rural, trabalhador do campo, sofre o estigma linguístico, assim como o “caipira” e “colono”, que não têm um “empoderamento” que respalde sua língua, ou seja: “[...] a história de uma língua é a história de seus falantes (CALVET, 2002, p.12) ”.

Com base nessas questões sociais e ideológicas, inserimos fragmentos, nas subseções seguintes, dos inquéritos para dar voz ao informante pomerano, protagonista de sua localidade.

4.3.1 Ponto 1 - Cidade Gaúcha

A **CG**, conforme se verifica na Figura 6, está localizada na região Noroeste do estado do Paraná. Faz divisa ao Norte com Gauchinha; ao Sul com Nova Olímpia; ao Leste com Tapira e no Oeste com Mirador, Guaporema e Rondon.

Figura 6: Localização de Cidade Gaúcha no Paraná



Fonte: Abreu (2006).²⁸

²⁸ ABREU, Raphael Lorenzeto, 2006. Imagem disponível em: - <Imagem: Paraná MesoMicroMunicip.svg, own work>. Acesso: 10/09/2015.

O município, inicialmente, distrito do município de Rondon, por meio da Lei Municipal nº 12, de 25 de abril de 1955, tem, de acordo com o IBGE de 2010, 11.062 habitantes. Em 25 de julho de 1960, pela Lei nº 4.245, seu território foi desmembrado dos municípios de Rondon e Cruzeiro do Oeste, e a instalação do município de **CG** ocorreu em 15 de novembro de 1961.

De acordo com Gomes (2014), **CG** viveu os mesmos ciclos econômicos das fronteiras do Norte Pioneiro, Norte e Norte Novo do Estado do Paraná, isto é, ciclos da madeira e da cafeicultura. Atualmente, vive o ciclo das pastagens e, mais recentemente ainda, o ciclo da cana de açúcar ligado ao desenvolvimento do agronegócio.

O primeiro ciclo, a partir de 1950, compreende a derrubada da mata e a inserção do café e a sua substituição pelas lavouras temporárias e pastagens. Segundo Gomes, foram atividades realizadas por migrantes (78%) do Rio Grande de Sul e Santa Catarina, e desses, 71% trabalhavam com agricultura, mas não tinham nenhuma experiência com o cultivo do café, apenas com a lavoura branca, isto é, o cultivo do arroz, trigo, feijão, milho, batata, fumo e a criação de suínos, bovinos e aves.

O nome da cidade foi intencionalmente escolhido pela imobiliária *Ypiranga de Boralli & Held* para atrair colonizadores gaúchos para o plantio do café no Noroeste do estado, mas a riqueza das terras e a possibilidade de aquisição de pequenos lotes rurais demandou uma entrada de migrantes de várias regiões do país. Conforme o site²⁹ da Prefeitura Municipal de **CG**,

Cidade Gaúcha, assim como a maioria das cidades do **noroeste do Paraná** surgiu do movimento colonizador em busca de terras para o **plantio do café**. A partir do início do século XX, a ampliação da área cafeeira proporcionou **a criação de muitas cidades**, numa onda que se deslocava de leste para oeste, desbravando todo o norte do estado. A colonização se deu na segunda metade do ciclo econômico do café. As melhores terras do Norte Velho e Norte Novo, a "terra roxa", já estavam ocupadas pelos latifundiários. O Norte Novíssimo tinha as terras mais baratas, o que permitiu que ali se instalasse grande número de pequenos e médios proprietários. Chegavam semanalmente de 10 a 15 famílias, vindas de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, **Rio Grande do Sul** e de outras

²⁹ <http://cidadegaucha.pr.gov.br/>

idades do Paraná (Prefeitura Municipal de Cidade Gaúcha, grifos nossos).

Esse período de colonização do estado do Paraná moderno, com a derrubada da mata e o plantio do café, fica evidente nos depoimentos dos informantes:

07CGGIIH - [...] daí nós viemos aqui, derrubar o mato e plantar o café, o meu pai e os dois irmãos e os tios que vieram pra cá [...] derrubaram quarenta alqueires de mato e plantaram café [...]a gente insistiu com o café até em 75. E a geada negra, exatamente. Aí não, que acabou, aí desanimou, o pessoal deu conta que não havia chance de estar investindo [...]

08CGGIIH - [...] porque lá no Rio Grande achava que não tava muito bom, e o café tava dando muito dinheiro por isso tava ficando rico com o café, quando o povo comprou terra aqui, começou a faltar gente pra café, diz que a terra era boa pra café, de fato, a terra aqui é boa pra café, só que não sabia que o risco era a geada, que quando o frio vem do sul, atinge o Brasil [...] aqui foi gravíssimo queimou o café até dentro do chão.

É comum encontrar nas falas dos informantes observações dos desencontros econômicos e agrícolas, que afloram na memória discursiva os desafios enfrentados, o empenho físico para que suas novas terras produzissem, como no excerto a seguir:

08CGGIIH - [...] depois quando o café não deu mais ... aí, era lavoura branca que diz, algodão, arroz, milho, amendoim, essas coisas. Aí não tinha onde deixar, o café mesma coisa, o café em 58, 59, o café produziu, e lugar nenhum produziu igual, não tinha onde deixar o café, então, não deu dinheiro porque o governo comprou o café por uma taxa mínima, um preço mínimo pra não jogar fora, pro povo não perder de tudo. Pagou a saca de café a 550 cruzeiros, na época era café muito bom, pra queimar e jogar no mato, que não tinha exportação. Mas você vê então, nós tava iludido, iludido... Uma coisa que não tem exportação, pra que produzir? Daí o que aconteceu? Aí veio a lavoura branca, a mesma coisa, em trecho de estrada que nem aqui, levava pra fora [...] levava pra fora, não tinha depósito pra guardar mantimento, fazia pilha na beira da rodovia e cobria com essas loninha preta assim pra não molhar da chuva. De Paranavaí a Maringá, cada poucos instantes duzentos, trezentos metros de pilha de mantimentos na beira da estrada guardados debaixo de lona, que não tinha pra onde eles... Não tinha saída.

Para ratificar esses aspectos históricos da colonização dessa localidade, transcrevemos na íntegra o texto que está disponível na Casa da Cultura, órgão que está ligado à Administração Pública local:

Cidade Gaúcha foi instalada pela **Companhia Ipiranga Boralli & Held Ltda.** Para se chegar ao local do loteamento, os primeiros compradores vindos de várias partes do Estado do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, afluíram para a região enfrentando grandes dificuldades e utilizaram como meios de transportes cavalos ou até mesmo a pé. A travessia do Rio Ivaí era através do Porto Ipiranga, onde tinha uma pequena balsa. Antes da formação do perímetro urbano, se instalaram os primeiros colonos, na região norte do atual Município, aproximadamente a 10 km da cidade chamado, então, Sobradinho (construção de parada obrigatória – terminal da estrada). Os colonos tinham o restante do percurso, a partir do Sobradinho, feito através de picadas até seus lotes. **Primeiros a pisar em solo Gauchense, em zona rural, anteriormente à formação da Zona Urbana foram: Mário Boss, Olinto Cardoso de Lucena, Francisco Stédille, Família Aita, Fermino Vieira de Oliveira, Neraltino Oliveira. Em 29 de fevereiro de 1.951, o Senhor Lauro R. Muller** com uma equipe de trabalhadores abriram a primeira clareira na mata ao sul do plano da futura cidade. Logo após chegaram as primeiras famílias: **Engel, Klein, Pereira, Oliveira, Ebling, Dalazoana, Aozoni, Weber, Malezan, Geraldi, Tormena, Schwerz, Barea e muitas outras.** As primeiras acomodações eram improvisadas em ranchos cobertos com folhas de palmito e lonas. A primeira serraria dentro da área da cidade pertenceu ao Senhor Lauro R. Muller e Antonio Pereira. Após a derrubada total e desmatamento geral do perímetro urbano, processou-se a demarcação de quadras, datas e vias públicas e a construção das primeiras casas. A maior parte da área territorial da Cidade foi medida e transformada em sítios, chácaras e fazendas. No perímetro urbano começaram a surgir as primeiras casas comerciais, hotéis, igrejas e escolas. (CASA DA CULTURA DE CIDADE GAÚCHA - grifos nossos).

Houve um fluxo expressivo de migrantes do Sul, de mineiros e de paulistas para a região, e, por conta disso, a localidade de **CG** hoje apresenta marcas linguísticas da língua portuguesa dos estados de Minas Gerais e São Paulo.

O informante **02CGGIM** assim se refere aos falantes da Cidade Gaúcha: “aquele sotaque, aquele jeito de falar que a gente acostumô”. O informante, ao descrever a fala dos gauchenses, apresenta uma consciência metalinguística do falar local, analisa o processo de adaptação social e linguística dos migrantes gaúchos pomeranos na localidade de **CG**.

As marcas da fala trazem para a superfície não só os modos do dizer, das formas do dizer, mas também a formação histórica e cultural da localidade, pois as palavras revestem os objetos e ações dos homens, o que pode ser observado no relato de uma das informantes, pomerana, ex-funcionária pública, quando descreve o ritual familiar de ornamentar a casa no Domingo de Ramos:

02CGGIM - [...] lá no **potrero**³⁰ colhia folhas de coqueiro e pregava nas porta da saída e de entrada da casa era pra simbolizá que era domingo de ramos, o pai tinha essa tradição *desde de minino*³¹ ele diz que meu avô fazia isso... eu achava aquilo a coisa mais linda... era as folha, ele pegava umas folha mais bonita bem grande e pregava uma de cada lado fazia um arco assim nas porta de saída da casa, na porta da sala, na porta da cozinha, pro lado de fora.

As marcas linguísticas presentes nas falas das pessoas remetem a espaços geográficos, históricos e culturais. Na variante lexical destacada, temos o registro da ocupação do Noroeste do Estado do Paraná por migrantes gaúchos pomeranos.

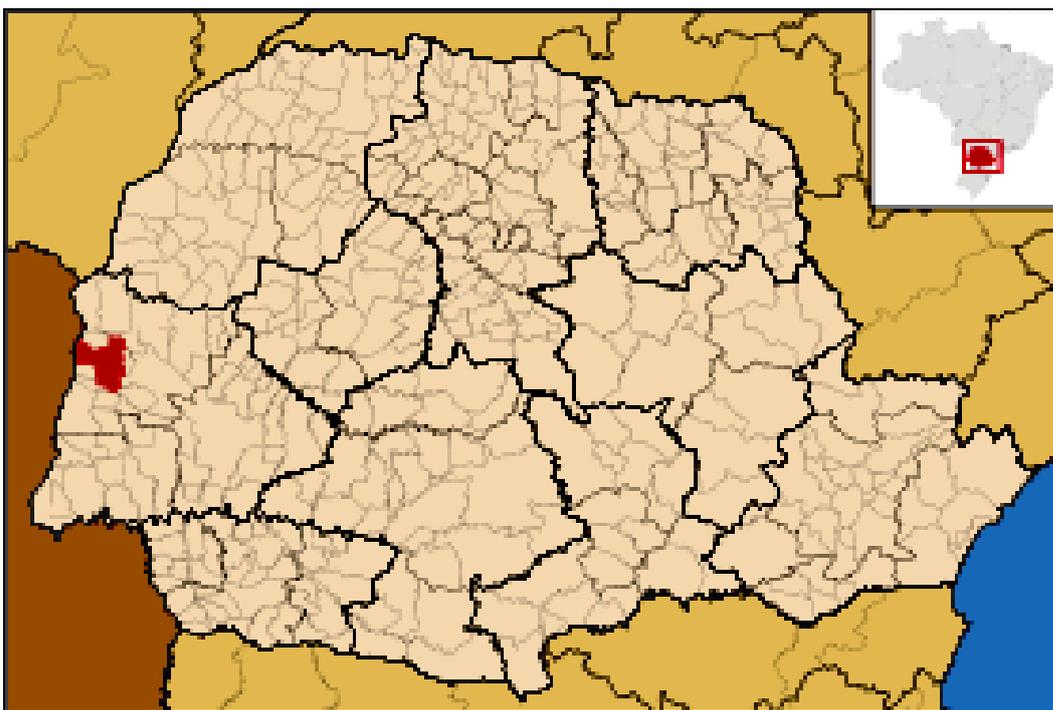
A fala da informante **02CGGIM** deixa evidente o contexto sociolinguístico da localidade, pois traz em seu acervo linguístico o léxico gaúcho, **potreiro**. Evidencia-se a aculturação pomerana na localidade.

4.3.2 Ponto 2 - Marechal Cândido Rondon

A Figura 7 apresenta a localização de Marechal Cândido Rondon, na região Oeste do estado do Paraná.

³⁰ Pasto cercado, com água onde ficam os animais. De origem etimológica: *potro* + *eiro* (*proto* = *pequeno animal*); poldril (Portugal) e potreiro (Sul do Brasil – RS). Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

Figura 7: Localização de Marechal Cândido Rondon no Paraná



Fonte: Abreu (2006).³²

Marechal Cândido Rondon, com 50.299 habitantes (IBGE, 2010), emancipou-se de Toledo em 25 de julho de 1960, *dia do colono*³³. Seu nome é uma homenagem a Cândido Mariano da Silva Rondon, militar, geógrafo e sertanista. Quando em 1955, foi conferido ao militar o posto de marechal, a cidade adotou a patente do homenageado: de Cândido Rondon, passou para o atual nome **MCR**. Autodenomina-se: “uma cidade típica germânica onde os traços do povo e as construções enxaimel preservam a cultura europeia”.

Limita-se ao Norte com o município de Mercedes, a Nordeste com Nova Santa Rosa, a Leste com Quatro Pontes, a Sudeste com Toledo e Ouro Verde do Oeste, a Sudoeste com Pato Bragado, ao Sul com São José das Palmeiras e Entre Rios do Oeste e a Oeste com a República do Paraguai, Lago de Itaipu.

A Fazenda Britânia, inicialmente, pertencia à companhia Inglesa *Madeiras Del Alto Paraná*, que utilizava mão de obra paraguaia e argentina. Vendida em 1946

³² ABREU, Raphael Lorenzeto, 2006. Imagem disponível em: - <Imagem: Paraná MesoMicroMunicip.svg, own work>. Acesso: 10/09/2015.

³³ Na região Sul, *colono* significa o trabalhador dos núcleos coloniais, estabelecimentos criados pelo governo para introdução de imigrantes onde eles são proprietários de seu pequeno lote e podem trabalhar também nas fazendas ao redor. No estado de São Paulo, o termo se refere ao empregado da fazenda, que trabalhava por meação, recebendo metade do que foi produzido e deixando a outra para o proprietário. Por meio da Lei Federal nº 5.496, de 5 de setembro de 1968, o dia 25 de julho é considerado o Dia do Colono.

para a *Colonizadora Rio Paraná S/A – MARIPÁ*, essa se transformou na principal colonizadora da região. Em 1950, chegaram os primeiros colonizadores, a maioria de descendência germânica, vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. A partir de 1951 a migração tomou vulto e o Paraná recebeu em torno de 30 mil sulinos.

A empreiteira MARIPÁ tinha sua sede em Porto Alegre - RS, o que facilitou bastante a vinda de gaúchos e catarinenses. Conforme o Quadro 7, verificamos que os números são bastante expressivos com mais de 70% dos migrantes.

Quadro 7: Origem do migrante de Marechal Cândido Rondon

Estados	Homens	Mulheres	Total
Rondônia	01	-	01
Pará	01	01	02
Ceará	04	02	06
Paraíba	06	01	07
Pernambuco	28	25	53
Piauí	01	-	01
Alagoas	04	01	05
Sergipe	04	02	06
Bahia	66	45	111
Minas Gerais	282	205	487
São Paulo	139	142	335*
Paraná*	6.576	6.220	12.796
Espírito Santo	44	46	90
Rio de Janeiro	02	08	10
Santa Catarina	4.787	4.429	9.136
Mato Grosso	22	12	36
Goiás	04	-	04
Distrito Federal	06	05	11
Rio Grande do Sul	10.516	9.586	20.102
TOTAL	22.550	20.735	43.285

Fonte: CÂNDIDO, Rondon: 23 anos de trabalho e de progresso. O Paraná, Cascavel, p. 8, 23 jul. de 1983 apud MACCARI, 1999, p.36 (*Incluídos os habitantes nascidos no município).

Para Gregory (2005), a colonização da região Oeste do Paraná tinha como meta a ocupação do território, uma política nacionalista de integração e de organização do território, de modo a garantir tanto a segurança e efetivar a posse territorial, quanto acelerar a exploração das imensas regiões de fronteira que estavam desabitadas ou ocupadas por empresas extrativistas, estrangeiras, de madeira e erva-mate.

A organização de povoamento do território reproduziu uma prática de trabalho agrícola familiar que havia nas colônias de origem. Houve a transferência de

peessoas, do sistema de produção, do estágio tecnológico e de seus sistemas de vida para o Oeste do Paraná.

Além das práticas de trabalho, os migrantes gaúchos reproduziram sua língua. De acordo com Von Borstel (1992), a maioria dos migrantes eram colonos das seguintes cidades: Estrela, Teutônia, Monte Negro, Santa Cruz, Lajeado e São Sebastião do Caí, e estes falavam o dialeto *Hunsrückisch* da região que se situa no *Bundesland Rheiland – Pfalz*. Denominado também de *Hunsrueckisch*; *Hunsrückisch* ou *Hunsbucklich* pela população de **MCR**.

Os migrantes de São Luiz Gonzaga e Pelotas, por sua vez, são originários da região da Pomerânia, e falam o dialeto pomerano. Os migrantes de Estrela falam o dialeto *Westphälisch*, pois são originários da Wespália.

A autora destaca que os dialetos mais falados em **MCR** são o *Hunsrückisch*, *Pomeranos* e o *Hochdeutsch*. Já os dialetos *Westphälisch* e *Deutsche-russ* são falados por um pequeno grupo de descendentes de alemães.

Acrescentamos essas informações linguísticas à pesquisa de Lamb Fenner (2013), que indagou aos informantes: “Que língua(s) fala(m) os que falam diferente aqui?”. A pesquisa confirmou que 50% dos entrevistados mencionaram a língua alemã. Nessa porcentagem, entendemos que estão inclusos os falantes de *Hunsrückisch* e pomerano, porque, geralmente, assim são identificados; 32% ao espanhol ou castelhano; 14% ao italiano e 4% ao inglês.

Com um grau ainda acentuado de línguas germânicas, se observa que **MCR** está em processo de multiculturalismo, uma cidade moderna que tem nas suas origens a ascendência germânica, mas que também está em contato com o guarani e o espanhol, devido à fronteira com o Paraguai. Atualmente, há imigrantes haitianos, além de trabalhadores temporários vindos de outras regiões brasileiras com emprego em instituições públicas e privados.

Apesar das mudanças sutis na cultura local, a cidade mantém anualmente a atividades tradicionais da cultura local: a *Oktoberfest*³⁴, festa de tradição alemã, na qual se destaca a gastronomia germânica, o *Eisbein*, o *Kassler* e o *Sauerkraut*³⁵.

³⁴ *Oktoberfest*, festa de outubro de tradição alemã.

³⁵ *Eisbein* é o joelho do porco, usado como principal ingrediente na culinária alemã, podendo ser preparado cozido, frito ou assado, dependendo do prato; o *Kassler*, *Kasseler* ou *kassler* é uma iguaria típica da culinária da Alemanha, um corte de carne suína salgada e levemente defumada; já o *Sauerkraut*, conhecido como chucrute é uma conserva de repolho fermentado.

Nas festas tradicionais germânicas, há apresentações de grupos folclóricos alemães, bandinhas e a presença do personagem típico, o *Opa Fast*³⁶.

A Prefeitura Municipal incentiva a utilização da arquitetura enxaimel³⁷. Esse estilo está presente nas casas comerciais, na fachada do Centro de Eventos, no Portal de Entrada da cidade, Fórum, portal de entrada do Estádio Municipal, no Posto de Saúde do Jardim Primavera, também em todos os Postinhos de Saúde do município, Correio, fachada do SAAE³⁸ e na Casa do Artesão.

A cidade tem três emissoras de rádio com programas semanais de língua alemã: a Rádio Comunitária Marechal 107.9 de **MCR** transmite o Programa *Pomerano em Foco*, aos domingos, das 8h às 10h 30m. Segundo o informante **11MCRGIH**, o objetivo do programa é manter o contato com a comunidade étnica local, abrir um canal de comunicação com os pomeranos de MCR.

11MCRGIH - Marechal Cândido Rondon tem uma colônia pomerana forte, de repente não perceptível, mas nós temos aproximadamente, em Marechal Cândido Rondon **mais de três mil pomeranos**. E são todos aqui oriundos do Rio Grande do Sul, são os gaúchos pomeranos. [...] **nós temos uma colônia forte aqui pomerana**, vou dizer pra você, se entrar aqui na **Linha Arara, Maracanã, Três Voltas, Piriquito, Maracanã, Arará, Baitaca**, é tudo pomerano [...] (grifo nosso).

Esse informante é de família tradicional de **MCR**, nascido no município e líder da causa pomerana da localidade. Nas suas palavras:

11MCRGIH - Por que pomerano em foco? Vamos explicar. Porque o nosso pomerano, em Marechal Cândido Rondon, está assim bastante desativado e você fazer um programa de rádio só pomerano de repente não teria uma audiência desejável e então temos um programa com mistura, com música, musica pomerana, música gauchesca e então o foco é pomerano.

Segundo Hall (2015), toda identidade está situada, posicionada em uma cultura, em uma língua, em uma história. Isso pode ser observado na fala do informante **11MCRGIH**, em que há marcas multilinguísticas e culturais que o

³⁶ Personagem das festas alemãs que distribui cerveja ou chope para os convidados.

³⁷ Enxaimel é uma técnica de construção de origem alemã que consiste em preencher os espaços vazios das paredes com caibros entrelaçados, encaixados entre si em posições horizontais, verticais ou inclinados.

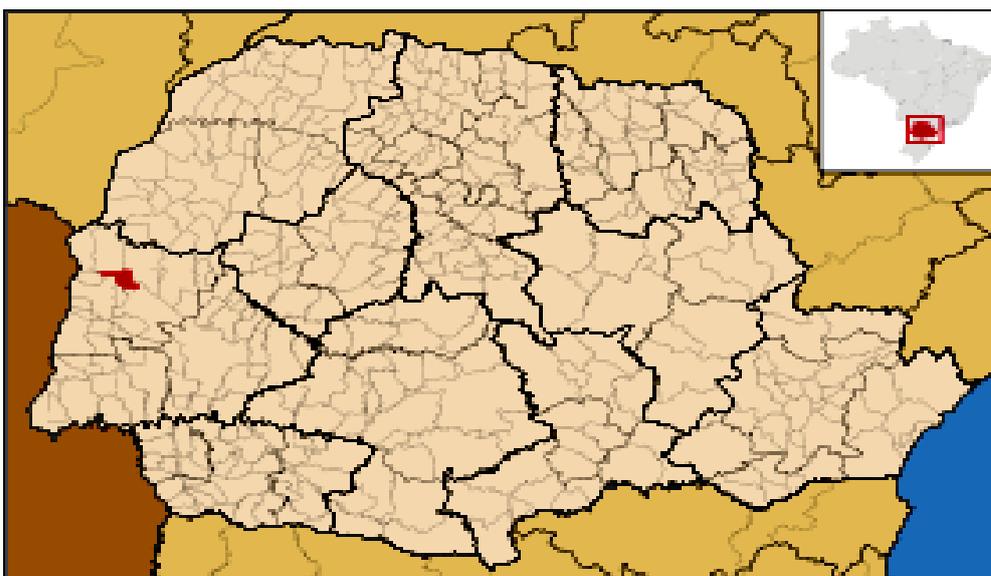
³⁸ Serviço autônomo de Água e Esgoto de Marechal Cândido Rondon.

inscrevem no tempo histórico, no coletivo da colonização da região, que pede espaço para a voz do migrante pomerano quase invisível, mas se movimenta para agregar costumes. Ao citar a estratégia de utilizar música gauchesca em seu programa de rádio, está sinalizando que a identidade é multifacetada, que se pode ser pomerano, gostar de música gauchesca e tomar chimarrão, como finaliza: “[...] queremos falar o pomerano de MCR, nossa Pomerânia é aqui” (11MCRGIH).

4.3.3 Ponto 3 - Nova Santa Rosa

O município de **NSR** localiza-se no Oeste do estado, próximo à fronteira com o Paraguai e o Estado do Mato Grosso. A Figura 8 traz a localização de Nova Santa Rosa no Estado do Paraná.

Figura 8: Localização de Nova Santa Rosa no Paraná



Fonte: Abreu (2006).³⁹

NSR, atualmente com uma população de 7.626 (IBGE/ 2010) foi emancipada em 29 de abril de 1976 e desmembrada do município de **MCR**, Palotina, Terra Roxa e Toledo, com os quais faz limite, além dos municípios de Maripá e Quatro Pontes. Assim como **MCR**, **NSR** foi colonizada por um número expressivo de gaúchos e catarinenses partir do ano de 1950.

³⁹ ABREU, Raphael Lorenzeto, 2006. Imagem disponível em: - <Imagem: Paraná MesoMicroMunicip.svg, own work>. Acesso: 10/09/2015.

Segundo o texto organizado pela Secretaria da Educação de Nova Santa Rosa, publicado na Revista Região (2001, p. 6), “a política de ocupação das áreas vendidas por essa colonizadora era baseada na ideia de não aglomerar no mesmo local pessoas de origem étnica e religiosa diferente”.

Essa estratégia de povoamento étnico se confirma pelo nome dos primeiros pioneiros dessa localidade: Augusto Bredlau, Reimpoldo Schweig, Leon Klais, Waldemar Englert, Carlos Hasper, Alberto Herzog, Walter G. Probst, Jacó Englert, Ervino Schindler, Alfredo Hartwig e Gustavo Fischer.

O povoamento do espaço geográfico das localidades de **NSR**, **CG** e **MCR** representa uma ocupação direcionada de colonização, tanto do Oeste, **MCR** e **NSR**, e no Noroeste, a **CG**, o que propiciou a formação de grupos étnicos germânicos nessas localidades.

Especificamente no Oeste, a colonizadora Maripá empreendeu a ocupação do espaço priorizando o agrupamento de colonos por ascendência étnica, italiana ou alemã, além de religiosa, protestante ou católica. Essa atitude empreendedora de reunir os iguais para que se sentissem mais seguros, produziu uma ocupação étnica germânica em **NSR**, principalmente de migrantes protestantes.

A práxis coletiva dos migrantes nessa localidade produziu e reproduziu vivências, interesses, lógicas de trabalho, de produção e de usos linguísticos herdados dos ancestrais. Essa logística de ocupação da área rural, organizada em pequenas propriedades, para migrantes com pouco poder econômico de compra, mas atualmente com técnicas modernas de agricultura, produzem com abundância cereais, leite, ovinos e suínos.

A proximidade entre vizinhos, parentes e membros da mesma comunidade religiosa criou uma rede de comunicação fechada de práticas culturais e linguísticas.

Esse contexto étnico foi acentuado por administradores públicos com a implementação da arquitetura e cultura alemã, tanto que as imagens na rede social da Prefeitura Municipal de **NSR** têm como fundo a Praça do Colonizador (figura 7). Essa foi remodelada no ano de 2015, com arquitetura enxaimel, na qual são homenageados 128 colonizadores que vieram para a localidade entre 1950 a 1959.

O município de **NSR** está em processo acentuado de resgate da cultura germânica. Anualmente é servido o prato típico alemão, o **Eisbein**, pela Associação Comercial de Nova Santa Rosa; serve-se o **Café Colonial**, com produtos oriundos da comunidade local, e organizado pela comunidade religiosa, IECLB; **Feiras de**

Natal⁴⁰ e **Páscoa**⁴¹, organizadas pelos Clubes de Mães das comunidades rurais, o **Grupo Folclórico Heimatland**⁴²; **Banda Marcial** e **Encontro Anual de Corais**, dos quais participam o coral das comunidades religiosas.

Figura 9: Manifestações culturais étnicas de Nova Santa Rosa



Fonte: Montagem de Luís Fernando Cerni com base em sites oficiais da Prefeitura Municipal de Nova Santa Rosa, 2016.

Segundo o informante **19NSRGIH**, na sua infância, a língua pomerana era recorrente na vida familiar.

19NSRGIH - É porque o pai e a mãe falavam e a gente aprendia junto. Porque aprendeu em casa, porque não tinha... em casa e os

⁴⁰ Weihnachtsmarkt, Feira de Natal que disponibiliza produtos caseiros, por exemplo, geleias (chimias), cucas (típico bolo de origem alemã), bolachinhas pintadas, etc.

⁴¹ Ostermarket, feira de produtos de Páscoa, ovos decorados e enchidos com amendoim, doces, produtos de melado, cucas, bolachas pintadas, etc.

⁴² Heimatland significa pátria, terra natal, em homenagem ao país dos imigrantes.

parentes praticamente porque na época *piazada* que nem tem o Benó que é o tio, do começo nós falava tudo pomerano [...]

Há nesse relato a identificação da aprendizagem da língua materna pomerana no contexto familiar. A L2, a língua portuguesa, ele aprendeu na escola, mas sua bilinguagem se altera ao longo da vida, em decorrência da variabilidade de uso funcional da língua materna. Um dos motivos citados foi o afastamento dos parentes e morte dos pais.

Os estudos de Bortoni-Ricardo (2004, 2005) sobre as redes de comunicação apontam para uma correlação positiva entre o domínio de comunicação do indivíduo e o grau de difusão de seu vernáculo. Isso aplicado ao contexto de **NSR**, com um número reduzido de habitantes; com características acentuadas de provincianismo; com tradição agrícola familiar, organizada no passado ou com vizinhos da mesma origem étnica, isso tudo acentuou uma rede de comunicação étnica nessa localidade.

A manutenção de uma variedade linguística, ou línguas em contato, deve-se ao alto grau de coesão nas relações intragrupo que funciona como um mecanismo de resistência contra a pressão de forças inovadoras sejam culturais, religiosas ou linguísticas.

Atualmente, muitos descendentes desses migrantes vivem uma nova realidade no campo com alta tecnologia de produção agrícola e agropecuária, principalmente, **MCR e NSR**. Em **CG**, a cultura inicial, o café, foi substituída gradualmente pela cana-de-açúcar, produção do bicho-da-seda e a produção agropecuária.

Os movimentos econômicos têm uma força impulsionadora, mobilizaram os migrantes pomeranos gaúchos para o Paraná, em 1950; num segundo movimento migratório, em 1970, um número expressivo migra para o estado do Mato Grosso.

Após descrevermos e situarmos as localidades que fizeram parte deste estudo, na seção seguinte abordamos as dimensões e os parâmetros adotados.

3.4 DIMENSÕES E PARÂMETROS UTILIZADOS NESTA PESQUISA

Esta pesquisa orienta-se pelo modelo da dialetologia pluridimensional que combina a dialetologia areal com a sociolinguística, ou seja, procura, a partir de uma

perspectiva global dos dados coletados, fazer intersecções entre as informações. Para Thun (2009), as dimensões são um agrupamento de dois ou mais parâmetros que se encontram em relação opositiva: topostático x topodinâmico; leitura X resposta x conversa livre que podem ampliar a visão sobre o fenômeno linguístico. Além do mais, quebra a análise estática, plana; ao comparar oposições, cria-se um novo caminho, indireto, alternativo, que pode revelar novas imagens linguísticas, ou seja, fenômenos.

A aplicação desses princípios metodológicos da pluridimensionalidade colabora num aumento considerável dos dados, ou seja, a pesquisa requer novas ferramentas para a apresentação dos fenômenos linguísticos, pois a intenção é apresentá-los como coexistentes, não isolados, separados, mas analisá-los combinando as variáveis, os parâmetros e as dimensões.

Nesta pesquisa, foram utilizadas três dimensões: a diatópica, com a seleção de três parâmetros, três pontos: **CG**; **MCR** e **NSR**; a dimensão geracional, com dois parâmetros: a geração mais jovem de 25 a 50 anos - GI e a geração mais velha a partir dos 55 anos – GII; e a dimensão diassexual, com os parâmetros: feminino e masculino. O Quadro 8 apresenta, em síntese, os parâmetros e as dimensões da pesquisa. Em cada ponto foram entrevistados 8 informantes: 4 jovens, dois do sexo masculino e dois do sexo feminino; 4 idosos: 2 homens e 2 mulheres.

Quadro 8: Parâmetros e dimensões da pesquisa

DIMENSÃO	PARÂMETRO
DIATÓPICA	Ponto 1 - Cidade Gaúcha;
	Ponto 2 - Marechal Cândido Rondon;
	Ponto 3 - Nova Santa Rosa.
GERACIONAL	GI - de 25 anos a 50 anos;
	GII - a partir de 55 anos.
DIASSEXUAL	Mulher – 2 mulheres de cada geração;
	Homem – 2 homens de cada geração.

Fonte: Thun (2005, p.7).

A dimensão diatópica indica os pontos selecionados para esta pesquisa, que correspondem às localidades de **CG**, **MCR** e **NSR**, no Estado do Paraná, cujos perfis

foram descritos na seção 5.3. A escolha dessas comunidades se baseia no fato de que os três municípios apresentam informantes pomeranos.

Segundo Aguilera (2014), é necessário que o entrevistador conheça a realidade linguística investigada *in loco*, porque permite-lhe analisar o item apresentado ao informante e, se necessário for, poderá solicitar uma justificativa, ou que o informante complemente a sua resposta; além de ter a compreensão das condições sócio econômicas da região e da localidade da pesquisa.

A dimensão geracional, nesse estudo, compreende dois diferentes grupos etários: falantes entre 25 anos a 50 (**GI**) e falantes acima de 55 anos (**GII**). A geração I compreende tanto a segunda como a terceira geração após a migração nos pomeranos para a região Oeste e Noroeste do Paraná.

A geração I é considerada como aquela que está integrada na localidade, enquanto que a **GII** mostra um grau de maior proximidade ao seu grupo étnico, a bilinguagem, ou não, porque é natural uma proximidade dos informantes com a língua majoritária, o português brasileiro.

Na **GII**, as memórias dos descendentes de imigrantes ou do migrante pomerano estão mais presentes, pelo fator de vivência e experiência de vida, por exemplo, o enfrentamento do desconhecido quando da mudança para as atuais localidades; a ação migrante que se desloca e deixa o espaço conquistado pelos seus ancestrais; percalços da nova morada. Isso acarreta uma memória saudosista dos tempos da colonização, da atual região de residência, como da região de origem. A escolha dessas duas gerações, numa relação binária, de contraste, pode evidenciar diferenças de comportamento linguístico marcadas pelo fator idade.

A dimensão diasssexual não se baseia na diferença biológica, mas nos papéis sociais dos gêneros, geralmente, fixos na sociedade. Essa variação entre homens e mulheres, principalmente pelo fato de se tratar de sociedades mais tradicionais, pode ser fator de manutenção ou substituição da língua pomerana pela língua portuguesa. Esse parâmetro é associado ao sexo porque há diferenças nos papéis sociais entre homens e mulheres.

A dimensão diatópica contempla os pontos da pesquisa. A escolha dos pontos tem como princípio analisar e comparar os dados entre um ponto e outro, isto é, um processo de comparabilidade dos dados entre uma comunidade e outra que permite identificar e controlar o peso das demais dimensões de análise. A escolha dos

pontos se justifica por dois motivos: a) a presença de descendentes de pomeranos; e b) a possibilidade de comparabilidade dos dados linguísticos entre esses pontos.

Em um levantamento prévio, via consulta telefônica às comunidades religiosas da IELB e da IECLB, identificamos a presença de descendentes de pomeranos nas localidades de **CG**, **MCR** e **NSR**. Confirmadas as informações, entramos em contato com um informante pomerano indicado, que nos repassava informações sobre outros informantes. Dessa forma, conseguimos organizar para cada localidade uma rede de oito informantes que estão representados no Quadro 9, em ordem alfabética: **CG**; **MCR** e **NSR**.

Quadro 9: Notações de identificação da localidade, faixa etária e sexo.⁴³

Cidade Gaúcha	Mal. Cândido Rondon	Nova Santa Rosa
Informante 01 - CGGIM	Informante 09 - MCRGIM	Informante 17 - NSRGIM
Informante 02 - CGGIM	Informante 10 - MCRGIM	Informante 18 - NSRGIM
Informante 03 - CGGIH	Informante 11 - MCRGIH	Informante 19 - NSRGIH
Informante 04 - CGGIH	Informante 12 - MCRGIH	Informante 20 - NSRGIH
Informante 05 – CGGIIM	Informante 13 – MCRGIIM	Informante 21 – NSRGIIM
Informante 06 – CGGIIM	Informante 14 – MCRGIIM	Informante 22 – NSRGIIM
Informante 07 – CGGIH	Informante 15 – MCRGIH	Informante 23 – NSRGIH
Informante 08 – CGGIH	Informante 16 – MCRGIH	Informante 24 – NSRGIH

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A seguir, apresentamos os Quadros 10,11 e 12 que apresentam, sinteticamente, o perfil dos informantes de cada localidade. De forma mais específica: origem étnica, naturalidade dos pais, língua materna e casamento Interétnico, pois este último consideramos um fator de aculturação da língua e da cultura brasileira.

Os descendentes pomeranos deixam de falar a língua de seus ancestrais quando entram em contato mais efetivo com outros grupos étnicos, principalmente, se há uma nova formação familiar ou inserção em novos contextos sociais de atuação.

⁴³ A notações de identificação dos informantes são compostas pelo número do informante (de 1 a 24); parâmetro diatópico (**CG**, **MCR** e **NSR**); parâmetro geracional (**GI** e **GII**) e parâmetro diassexual (**M** ou **F**).

Quadro 10- Matriz dos informantes de Cidade Gaúcha (CG)

Informante	Sexo	Faixa etária	Naturalidade dos pais	Origem étnica	Língua (s) Materna (s)	Língua (s) que fala	Casamento Interétnico?
01CGGIM	M	GI	São Lourenço do Sul – RS*	Pomerana	Pomerana	Pomerano/Português	Não
02CGGIM	M	GI	São Lourenço do Sul – RS	Pomerana	Pomerana	Português	Sim
03CGGIH	H	GI	São Lourenço do Sul – RS	Pomerano	Pomerana	Pomerano/português	Não
04 CGGIH	H	GI	São Lourenço do Sul – RS	Pomerano	Pomerana	Português	Sim
05CGGIIM	M	GII	Pelotas – RS (1835)	Pomerana	Pomerana	Português	Não
06CGGIIM	M	GII	Cerro Largo / São Paulo das Missões - RS (1912)	Pomerana	Pomerana	Português	Sim
07CGGIH	H	GII	São Lourenço do Sul – RS	Pomerano	Pomerana	Pomerano/português	Sim
08CGGIH	H	GII	São Lourenço do Sul – RS	Pomerano	Pomerana	Português	Não

Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa. *Localidade colonizada no Século XIX por alemães e pomeranos.

Quadro 11 Matriz dos informantes de Marechal Cândido Rondon (MCR)

Informante	Sexo	Faixa etária	Naturalidade dos pais	Origem étnica	Língua (s) Materna(s)	Língua (s) que fala	Casamento Interétnico?
09MCRGIM	M	GI	São Paulo das Missões – RS	Pomerana	Pomerana	Pomerano /português	Não
10MCRGIM	M	GI	São Paulo das Missões – RS	Pomerana	Pomerana	Pomerano /português	Não
11MCRGIH	H	GI	São Luiz Gonzaga – RS	Pomerano	Pomerana	Pomerano /port./alemão/inglês	Sim
12MCRGIH	H	GI	São Luiz Gonzaga – RS	Pomerano	Pomerana	Pomerano /português/Alemão	Sim
13MCRGIIM	M	GII	São Paulo das Missões – RS	Pomerana	Pomerana	Pomerano/português/ alemã	Não
14MCRGIIM	M	GII	Pelotas – RS	Pomerana	Pomerana	Pomerano /português	Não
15MCRGIH	H	GII	São Paulo das Missões – RS	Pomerano	Pomerana	Pomerano /português	Sim
16MCRGIH	H	GII	Pelotas –RS	Pomerano	Pomerana	Pomerano /português/ alemão	Sim

Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

Quadro 12 Matriz dos informantes de Nova Santa Rosa (NSR)

Informante	Sexo	Faixa etária	Naturalidade dos pais	Origem étnica	Língua (s) Materna (s)	Língua (s) que fala	Casamento Interétnico
17NSRGIM	M	GI	Massaranduba – SC	Pomerana	Português	Português	Sim
18NSRGIM	M	GI	Cerro Largo – RS	Pomerana	Pomerana	Português	Sim
19NSRGIH	H	GI	São Paulo das Missões – RS	Pomerano	Pomerana	Pomerano/português	Sim
20NSRGIH	H	GI	São Paulo das Missões – RS	Pomerano	Pomerana	Pomerano /português	Sim
21NSRGIIM	M	GII	Pelotas – RS -	Pomerana	Pomerana	Pomerano /português	Não
22NSRGIIM	M	GII	São Luiz Gonzaga – RS	Pomerana	Pomerana	Pomerano /português	Sim
23NSRGIH	H	GII	Pancas – ES	Pomerano	Pomerana	Pomerano /português/ alemão	Sim
24NSRGIH	H	GII	Pelotas – RS	Pomerano	Pomerana	Pomerano /português/ alemão	Não

Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa

Em uma breve análise apresentamos uma síntese das matrizes (Quadros 10;11 e12) com os dados iniciais sobre a ascendência dos informantes dos três pontos pesquisados. Inicialmente, faz-se uma pré-análise da dimensão diatópica, a topodinâmica dos pais, conforme os parâmetros: diatópico – **CG**, **MCR** e **NSR**; o uso da língua materna, com base nas variáveis geracional e diassexual.

Destacamos a localidade de origem do migrante, pois isso denota um contexto histórico de ocupação pela imigração ou migração do povo pomerano no Brasil.

Em **CG**, 87,5% dos entrevistados são migrantes de São Lourenço do Sul e Pelotas, ou seja, são descendentes dos imigrantes pomeranos que chegaram ao Brasil em 1858, conforme destacado na figura 3 (HEINEMANN, 2017).

Um olhar mais atento revela que a maioria dos ancestrais dos informantes de **CG** são migrantes do segundo movimento migratório de pomeranos do RS para o PR, e não do terceiro movimento migratório conforme Heinemann (2017).

Segundo os informantes, 100% dos ancestrais, pai e mãe, usavam a língua étnica pomerana, tanto na **GI** quanto na **GII**. Isso ocorreu devido aos casamentos intraétnicos no passado; também o local de origem, no RS, tem um expressivo número de descendentes pomeranos. Enquanto que, atualmente, 50% dos entrevistados, tanto na GI quanto da GII realizaram casamentos interétnicos em **CG** no PR.

No segundo ponto, **MCR**, os migrantes são oriundos de uma migração interna do Rio Grande do Sul, portanto, fazem parte do terceiro fluxo migratório; 50% são da região das Missões, especificamente de São Paulo das Missões, fundada em 1687 pelos jesuítas, mais tarde ocupada portugueses e imigrantes; dois informantes, 25% de São Luís Gonzaga e dois, 25%, são de Pelotas.

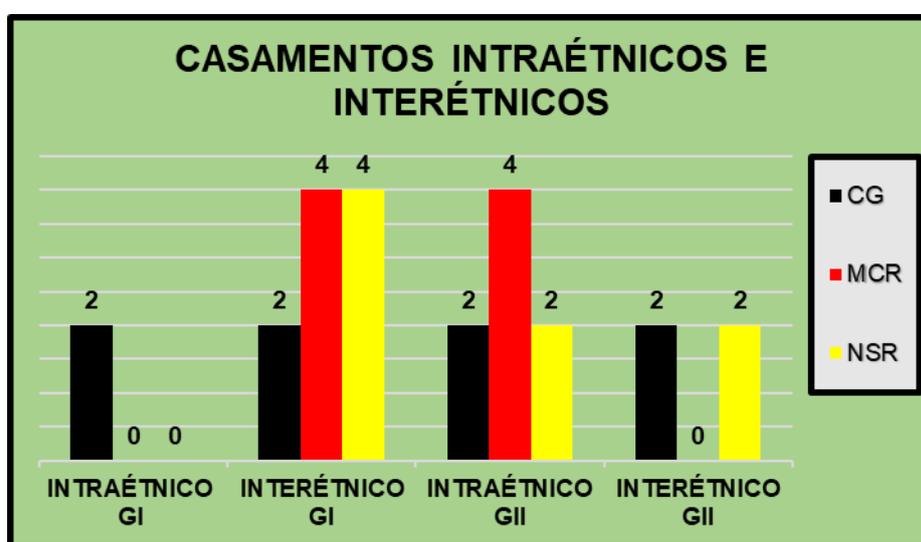
No parâmetro diassexual e geracional, 100% dos ancestrais eram falantes de pomerano, com a presença maciça de casamentos intraétnicos, enquanto que os entrevistados apresentaram 100% de casamentos interétnicos na **GI** demonstrando uma tendência multicultural e perda da língua étnica em **MCR**- PR, enquanto que a **GII** apresenta 100% de casamentos intraétnicos.

O terceiro ponto, **NSR**, apresenta uma migração bastante heterogênea, 25% de Pelotas; 25% de São Paulo das Missões; 12,5% de Cerro Largo; 12,5% de Massaranduba - SC; 12,5% de São Luiz Gonzaga e 12,5% de Pancas – ES.

Apesar da diversidade de origem topodinâmica, os pais dos informantes têm língua pomerana como língua materna; 100% dos ancestrais realizaram casamentos intraétnicos, enquanto que os entrevistados da GI, 100%, realizaram casamentos interétnicos; na GII 50% tiveram matrimônio intraétnico. Portanto, nesse último ponto também há uma maior tendência de aculturação linguística da língua portuguesa.

A figura 10 faz uma leitura dos matrimônios dos informantes de **CG**, **MCR** e **NSR**.

Figura 10: Orientação matrimonial étnica dos informantes pomeranos



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A Figura 10 apresenta na **GI** a **CG** com dois informantes, 50%, tiveram casamentos intraétnicos. Já em **MCR** e **NSR**, os informantes da **GI** têm 100% casamentos interétnicos. Dessem modo, nesse quesito, a **CG** é mais conservadora.

Já na **GII**, **MCR** apresenta 100% de casamentos intraétnicos; enquanto que em **CG** e **NSR** 50% dos informantes realizaram casamento interétnico, logo, **MCR** é mais conservadora na **GII**.

Por outro parâmetro de análise, dos 24 informantes, 41% são casados com cônjuges de origem pomerana, portanto, casamento Interétnico, e 59% realizaram casamento Interétnico. Isso demonstra uma tendência para um bilinguismo subtrativo.

O casamento entre duas pessoas de etnias diferentes, ou seja, entre cônjuges que têm línguas étnicas distintas, por exemplo, a pomerana, a alemã e a

portuguesa, o casal, geralmente, decide ensinar a língua oficial, a de domínio público e a língua de herança não é repassada para os filhos.

Identificadas as abordagens e os parâmetros dos informantes, o próximo item discutido foi o instrumento para a coleta de dados.

3.5 O INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a coleta do material de análise linguística, elaboramos uma entrevista semiestruturada com base no questionário de Dück (2011)⁴⁴, que contempla o contexto sociolinguístico e cultural das localidades da pesquisa: **CG**, **MCR** e **NSR**.

A entrevista se subdivide em quatro partes, as quais abordam os aspectos topodinâmicos, os aspectos cognoscitivo, conativo e afetivo do uso da língua pomerana que identificam as crenças e, por conseguinte, as atitudes linguísticas (LÓPEZ MORALES, 1989) dos falantes das comunidades:

- i. Identificação do informante e as suas topodinâmicas, migração familiar e a sua topodinâmica pessoal;
- ii. Aspectos metalinguísticos, escolhas linguísticas, componente de avaliação cognoscitiva;
- iii. Conhecimento e uso das variedades linguísticas nas comunidades em estudo, avaliação do componente conativo;
- iv. Afirmações e atitudes de nível conativo e afetivo em relação ao pomeranos e à etnia pomerana.

A entrevista permite passar da descrição quantitativa de uma “mentalidade” para a medição qualitativa das crenças e atitudes linguísticas, graças às técnicas de sondagem de opinião e escalas que, associadas, podem representar a coletividade. Isso porque cada falante apresenta em sua manifestação a realidade que tem sentido para ele, esse “eu” é a soma do todo, porque está condicionado às normas sociais de uma comunidade (BEM, 1973).

⁴⁴ Dück baseou-se no projeto ALMA-H, o Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemães: *Hunsrückisch*.

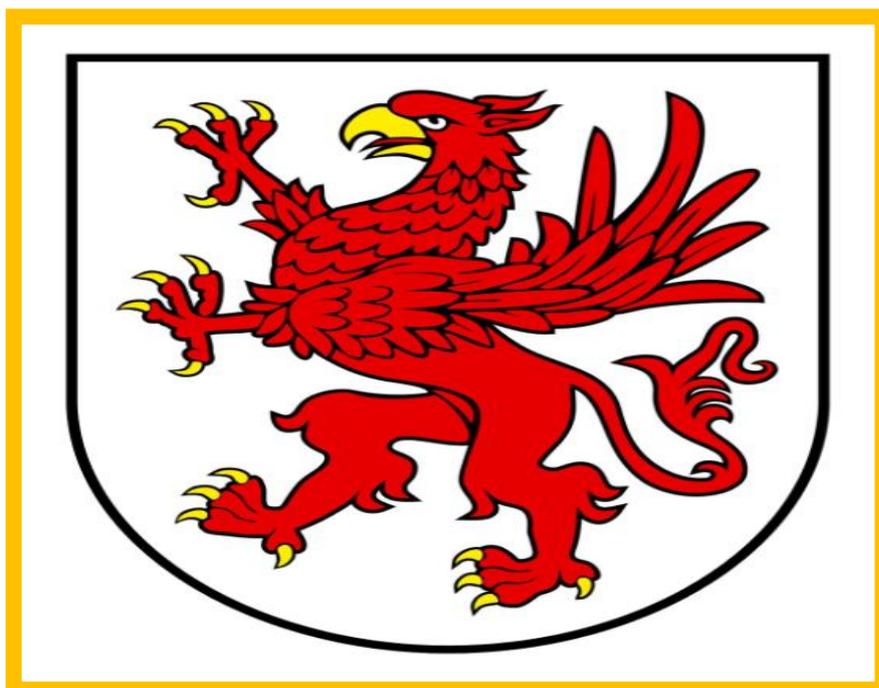
4.5.1 O corpus

O corpus da pesquisa é constituído dos dados coletados nas três localidades por meio de entrevista semiestruturada com base em Dück (2011), aplicada a oito informantes de cada localidade, totalizando 24 entrevistados com 42 horas de gravação. As entrevistas, gravadas em formato MP3, foram transcritas, seguindo as seguintes notações:

- 1) Colchetes para inserções de caráter explicativo;
- 2) Reticências para hesitações ou pausas longas;
- 3) Reticências entre colchetes para supressões;
- 4) (Inint.) para trechos ininteligíveis;
- 5) *Itálico* para variantes lexicais regionais;
- 6) Sublinhado para sobreposição de falas do inquiridor e do informante.

Na leitura das figuras que apresentam as informações numéricas em forma de gráfico, foi adotada a cor vermelha para identificar a etnia pomerana, atitude inspirada no brasão pomerano, ilustrada pela Figura 11.

Figura 11– Grifo pomerano



Fonte: Rölke (1996, p.107).

O Brasão da Pomerânia, o Grifo, apresenta-se na cor vermelha com uma figura mitológica babilônica, de origem grega e romana. O símbolo pomerano é ilustrado com uma águia e um leão; a parte inferior do corpo é de um leão que simboliza a força pomerana. A parte superior, em formato de águia, significa vigilância, força e coragem

A referência mais antiga ao Grifo na história da Pomerânia é de 1194 e 29/09/1214; foi utilizado como selo em documentos para comprovar a autenticidade pomerana (Rölke, 1996, p.84-85).

4.5.2 Critérios de análise

A contribuição metodológica da Psicologia Social (MENDRAS, 1975; LAMBERT; LAMBERT, 1975; BEM, 1973) tem colaborado nas pesquisas sobre crenças e atitudes que permeiam o comportamento humano no meio social. Para Bem (1973), a interação entre as pessoas é fator de formação de nossas crenças e atitudes que os meios de comunicação de massa não ditam, porque “a principal influência sobre as pessoas são as pessoas” (BEM, 1973, p. 130).

Para Minayo (1999), a pesquisa social concilia dois polos: o da unidade de critérios quantitativos e a qualitativa, que aborda a subjetividade, própria dos seres humanos, agentes dos processos sociais históricos.

Pesquisas da Sociolinguística têm utilizado a metodologia da Psicologia Social para analisar as crenças e as atitudes linguísticas de avaliação positiva ou negativa dos usuários de uma língua. As perguntas avaliativas indiretas, segundo Bem (1973), têm o propósito de desvendar o preconceito, o estigma e o estereótipo linguístico com base em

[...] fundamentos emocionais e processos subjacentes através dos quais são adquiridos, transmitidos, modificados e eliminados os sentimentos, componentes emocionais das crenças e atitudes. [...] As crenças e atitudes humanas se fundamentam em quatro atividades do homem: pensar, sentir, comportar-se e interagir com os outros. (BEM, 1973, p. 7-8).

A atitude preconceituosa dos falantes ocorre, geralmente, com base num conceito social que propriamente linguístico; é um formato de como sente ou como

se vê o outro. O estereótipo, por exemplo, é utilizado como um rótulo, uma definição, que classifica negativamente o falante, sem uma base concreta que o justifique. Segundo Bem (1973), é uma crença primária, sem bases científicas.

Para investigar aspectos dessa natureza, a Psicologia Social desenvolveu dois modos de tratamento: o método comportamentalista, ou behaviorista, e o mentalista. O método comportamentalista consiste em observar a atuação, o comportamento dos sujeitos que não só denunciam seus costumes, mas também as atitudes e crenças que expressam em suas ações em determinada situação social ou linguística. A abordagem mentalista consiste em solicitar aos membros do grupo que se expressem não mais por meio de atos, mas de palavras. A atitude é interpretada como um estado mental, interno do indivíduo, uma disposição em relação aos fatos língua.

Para a análise das crenças e atitudes linguísticas nesta pesquisa, acolhemos a análise mentalista, recorrendo a perguntas indiretas que permitem expor as tendências mentais dos informantes com relação à língua e ao grupo étnico pomerano.

Segundo Mendras (1975), para que uma anomia seja operacional, neste caso, mensurar crenças e atitudes linguísticas, é necessário ir além dos fatores da quantificação, implica relacionar os aspectos contraditórios, descobrindo os elos que unem informações de forma indireta. Para isso, a análise dos dados se apoia na leitura das dimensões, parâmetros e observação participante nas comunidades da pesquisa, pois é o **objetivo geral** desta pesquisa verificar as crenças e atitudes do comportamento linguístico dos informantes pomeranos em três localidades paranaenses: **CG** (Noroeste), **MCR** e **NSR** (Oeste) do Estado do Paraná.

Após descrevermos os passos metodológicos, no capítulo seguinte, analisamos o corpus selecionados, amalgamando os conceitos teóricos e metodológicos já explorados.

4 ANÁLISE DOS PONTOS DA PESQUISA: CG, MCR E NSR

Neste capítulo, analisamos os inquéritos aplicados na **CG**, **MCR** e **NSR**, que estão organizados em três blocos temáticos: **Aspectos metalinguísticos**, escolhas linguísticas, componente de avaliação cognoscitiva; **Conhecimento e uso das variedades linguísticas** nas comunidades em estudo, avaliação do componente conativo; **Afirmações e atitudes de nível conativo e afetivo** com relação ao pomeranos e à etnia pomerana.

As transcrições das falas dos entrevistados respeitam o uso das variedades bidialetais da língua portuguesa e de contato das cidades selecionadas, pois se entende que as variedades dialetais são resultado de deslocamentos de grupos populacionais que, em contato com outros, provoca uma diversificação linguística.

4.1 O PRIMEIRO PONTO: CG

Quanto à dimensão topodinâmica dos entrevistados de **CG**, são originários de: Cerro Largo / São Paulo das Missões, São Lourenço do Sul e Pelotas. São remanescentes da imigração de 18 de janeiro de 1858 que fixaram-se na região de Camaquã, Pelotas, Colônia Santo Ângelo e Agudo.

Em 1950, cem anos depois, passadas duas gerações, um grupo de pomeranos migrou para o Noroeste do Paraná para a localidade de **CG**. Fixaram residência na Cidade de Peabiru que, mais tarde, se tornaria **CG**.

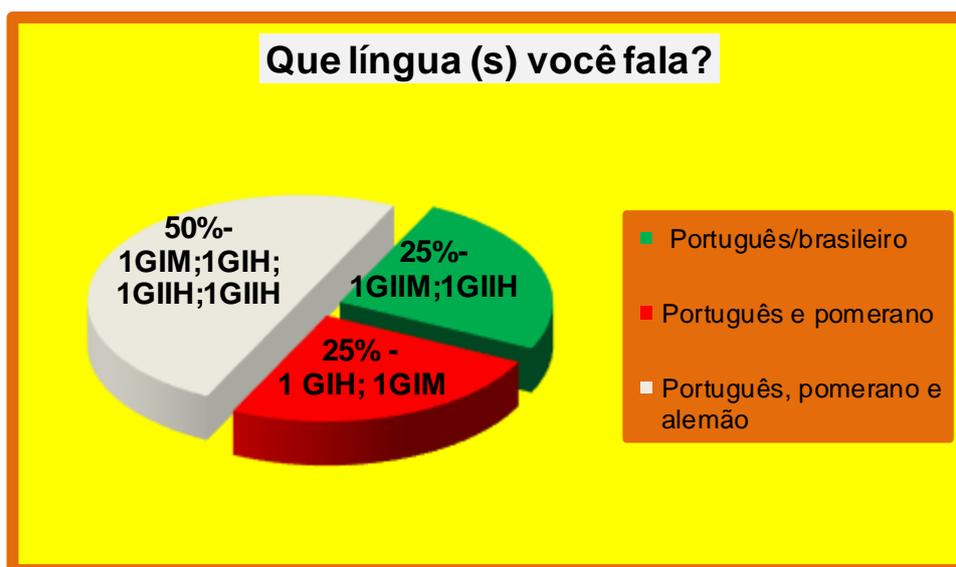
A análise seguiu a orientação das questões que estão divididas em 3 blocos: no primeiro, identificou-se os componentes cognoscitivos; no segundo, os conativos; e em terceiro, os afetivos. Esses indicadores são instrumentos para identificar as crenças e atitudes linguísticas dos informantes pomeranos.

Bloco 1: Aspectos metalinguísticos: identificação da(s) língua(s) que fala, modo de aquisição pelos pais e pelo informante

A **primeira questão**: “*Que língua (s) você fala?*”, teve a intenção de averiguar a consciência linguística do informante quanto ao uso de uma ou mais línguas na localidade.

Conforme se visualiza na figura 12, todos os informantes declararam falar a língua portuguesa; desses, dois informantes (25%) são bilíngues (português e pomerano); 4 (50%) informantes são trilingües (português, pomerano e alemão) e 2 (25%) informantes são monolíngües.

Figura 12: Língua(s) falada(s) pelos informantes pomeranos de CG



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

Conforme a figura 12, a **GI** tem dois informantes bilíngües (português e pomerano) e dois trilingües (português, pomerano e alemão), ou melhor, a geração mais jovem tem falantes de pomerano. Esse indicativo tem como base a entrada de migrantes pomeranos de São Lourenço do Sul – RS, região de forte colonização pomerana, na década de 1970 em **CG**. Esses migrantes vieram ocupar as propriedades adquiridas pelos pais do início da colonização de **CG** em 1950.

Já a **GII** tem dois informantes monolíngües (português) e dois trilingües, isso indica um bilinguismo subtrativo em relação à língua de herança pomerana.

A **GII** tem um acentuado grau de antiguidade local, portanto, com um bilinguismo subtrativo mais demarcado devido ao contexto multicultural de **CG**.

Os imigrantes pomeranos chegaram ao Brasil usando a sua língua étnica pomerana e, em muitos casos, também a língua alemã. A língua alemã, de cunho social, foi aprendida fora do ambiente familiar, nos cultos, na formação religiosa do catecismo (doutrina), na produção literária, bíblia, hinários e na escolarização. Muitas vezes, os pastores eram professores nas escolas dos imigrantes.

A mobilidade social, geográfica, econômica e educacional criou condições para que a língua dos pomeranos fosse substituída gradativamente. Inicialmente, pela língua alemã, mais tarde pelo português brasileiro, língua majoritária do Brasil. O gênero masculino apresenta o maior número de falantes trilingües, isso devido ao maior contato com o contexto social externo (LABOV,2008). A interlocução foi mediada inicialmente pela etnia alemã, por causa da proximidade étnica e mais tarde o português, como se observa nos excertos a seguir:

07CGGIH - Tudo com certeza. E alemão também [...] uma época eu lia Jornal Evangélico, mais interessava a página alemã do jornal, o Jornal Evangélico lá de São Leopoldo⁴⁵.

06CGGIIM - mais tempo aqui do que lá. Não, eu falava em alemão mesmo. Não, **a minha mãe e o meu pai falavam** (pomerano), mas eu não. Eu não sei isso, eu não posso te explicar. Eu falava alemão porque meu avô era **legítimo alemão**, que veio de Alemanha. Morava pertinho, eu sempre levava leite lá pra ele (Grifos nossos).

Conforme os depoimentos, seis informantes (75%) falam a língua pomerana, ou seja, há uma fidelidade linguística encoberta à comunidade pomerana. Apesar de afirmarem que há uma limitação de interlocutores da mesma origem e que perderam o vínculo com os parentes e amigos pomeranos, eles continuam a manter a língua de herança. A perda da língua pomerana é mencionada por 25% dos entrevistados que estão na variável **GII**; quanto à **GI**, justamente a mais jovem, que geralmente, demonstra menor frequência de uso da língua de herança da geração precedente apresenta um maior número de falantes na língua pomerana, como destacado no próximo excerto:

01CGGIM - Na verdade quando eu comecei a estudá, primeiro ano, eu tinha sete anos, **eu não sabia falar português, só pomerano**. Até o meu professor teve, ele foi um herói porque ele conseguiu que eu aprendesse ler e escrever sem falar português. [...]. Porque na minha casa, na casa dos meus pais quando a gente tava tudo junto em casa, não se falava português. (Grifos nossos).

Para finalizar a análise da primeira questão, citamos a declaração da informante **06CGGIIM**: *“Eu falava alemão porque meu avô era **legítimo alemão**, que*

⁴⁵ O início da imprensa evangélica no Brasil, Igreja Evangélica Confissão Luterana no Brasil- IECLB, ocorreu com o surgimento do jornal Deutsche Post, em 18 de dezembro de 1880 o qual trazia um caderno dominical chamado Sonntagsblatt für die evangelischen Gemeinden in Brasilien (Folha de domingo para a Comunidade Evangélica no Brasil).

veio da Alemanha”. Tal atitude avaliativa da informante pomerana trilingue classifica a língua e a etnia pomerana como um grupo menor, sem prestígio. Deixa subentendido de que a etnia alemã e a língua são legítimas, logo, há a crença de que a língua alemã é melhor.

Essa atitude fica evidente quando registramos as atitudes linguísticas dos entrevistados nas figuras 17, 25 e 33, que apresentam uma tendência de proteção da etnia alemã e pomerana de avaliações negativas.

Para a **segunda questão**: “*Que língua (s) você aprendeu primeiro?*”, todos os informantes declararam ter adquirido, na primeira infância, a língua pomerana, período de intensa socialização da criança, mas que aos poucos foi substituída pelo português brasileiro.

Os relatos confirmam que 100%⁴⁶ dos informantes de **CG** têm como L1, a língua de herança, a língua herdada de seus ancestrais.

A amostra indica que havia uma preferência pelo ensino da língua pomerana pela família, conforme expõe o informante **06CGGIIM**:

06CGGIIM – [...] eles falavam tudo em pomerano. Muitas tias tudo falavam só os mais novos que nem eu, mas a gente entendia tudo, a mãe e o pai sempre falavam comigo [...].

Para Rajagopalan, “A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela” (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41). Portanto, a identidade étnica pomerana foi construída pelo uso da língua falada por avós e pais. Os falantes de pomerano foram inscritos historicamente no grupo étnico pela formação linguística. Nos descendentes pomeranos está a metáfora da vida, da língua e da identidade étnica que se renova a cada geração ou se extingue, devido à sobreposição de outra língua.

Para Berger e Luckmann (2000), a socialização das crianças ocorre na língua corrente escolhidas pelos adultos. Essa língua, sócio-histórica, é interiorizada pelas crianças pela qual incorporam a realidade dos adultos, pois no momento em que nasce, o sujeito já nasce membro de uma sociedade, herda a língua, a organização social e a cultura de seu grupo. O homem tem uma predisposição natural para a

⁴⁶ Não incluímos a figura representativa dos dados, uma vez que 100% dos informantes apresentaram a mesma resposta.

sociabilidade, conseqüentemente torna-se membro da família na qual nasceu, de forma objetiva, interioriza o mundo em que foi socializado.

Num contexto de ascendência de imigrantes pomeranos, a primeira socialização ocorre pela língua pomerana ensinada pelos pais, é extremamente afetiva, tem um grande peso na formação identitária e linguística. Nessa fase, há uma jornada de interiorização de conceitos que são exteriorizados; a subjetividade linguística tem grande peso afetivo nas atitudes que são verbalizadas pelo falante na vida adulta.

Já a segunda língua, a língua portuguesa, foi adquirida em período escolar. Desse modo, os informantes pomeranos de **CG** tiveram um bilinguismo infantil de base cognitiva que foi subtraído na vida adulta, devido à presença intensa da língua L2, a portuguesa. O falante pode renunciar a sua identidade cultural e adotar valores culturais associados ao grupo da L2, fenômeno comum em contextos de línguas em contato (HARMERS; BLANC, 2000).

A terceira questão foi: “*Qual dessas línguas você fala melhor?*”. O objetivo dela foi instigar no informante uma avaliação, uma ação cognitiva de comparação entre as línguas que usa, mencionadas na 1ª Questão: (i) português/brasileiro, (ii) pomerano e (iii) alemão e todos afirmaram falar melhor o português/brasileiro.

A língua materna (pomerana) nesse quesito é avaliada de forma negativa, com base na norma gramatical, além do argumento de que não há com quem falar. A informante também apresenta em sua fala o componente avaliativo afetivo, quando diz que não se falava português na casa dos pais. Segue o trecho de sua fala:

01CGGIM- Ah, eu vou me atrapalhá, alguma coisa eu ainda consigo, mas tem a convivência com o povo brasileiro, só se fala português, então. [...] Porque na minha casa, na casa dos meus pais quando a gente tava tudo junto em casa, não se falava português.

O informante **08CGGIIH**, ao dizer que é necessário saber as regras gramaticais da língua, apresenta o componente cognitivo de avaliação linguística. A crença linguística de que o usuário fala bem, quando tem o domínio das regras gramaticais, ou seja, souber a gramática normativa da linguagem oral e escrita.

08CGGIIH - Nessas alturas, **com nós a gramática em pomerano, não existe mais.** Algumas palavras se alguém falá, eu entendo e

algumas palavras eu posso até respondê, mas é muito pouco. Isso aí esfriou. (Grifos nossos).

Quando faz referência ao tempo, utilizando a expressão “nessas alturas”, tem uma reação conativa, afetiva, demarcando um rompimento entre o falar de ontem, do passado e o atual.

Segundo o informante **08CGIIH**, a língua pomerana está sem vitalidade linguística. A expressão utilizada “Isso aí esfriou”, demonstra uma reação conativa e afetiva, quase um lamento seguido de uma reação positiva: “algumas palavras eu posso até respondê, mas é muito pouco”.

O informante afirma que sente mais segurança na língua portuguesa, porque os filhos e noras só falam português. Segundo Grosjean (1982),

The majority or dominant language is learned by the majority group as well as by members of the minority group, but the minority language is learned by the members of that minority. Few French persons learn Breton or Alsatian⁴⁷, but most Breton and Alsatian native speakers also speak French. (GROSJEAN, 1982, p. 123)⁴⁸.

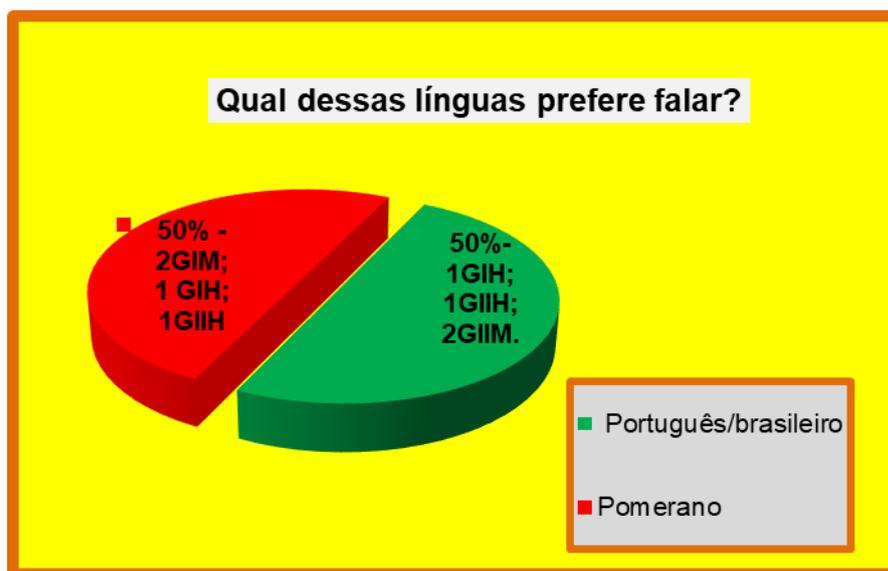
O grupo dominante impõe naturalmente sua língua; ela é *moeda, tem peso e lastro* que, aos poucos, vai dominando todos os espaços das interações entre os falantes.

Com os dados da **quarta questão**: “Qual língua (s) você prefere falar?”, elaboramos a Figura 13, que sintetiza a preferência dos informantes.

⁴⁷O Alsaciano é um dialeto alto-alemânico do Alemão, falado na região da Alsácia, em França, junto à Alemanha. Os seus falantes são descendentes do povo germânico dos Alemanos e a sua região pertenceu durante alguns períodos históricos à Alemanha, durante outros à França.

⁴⁸ A língua do grupo majoritária ou dominante é aprendida pelo grupo majoritário tão bem como por membros do grupo minoritário, mas a língua minoritária é aprendida pelos membros dessa minoria. Poucas pessoas francesas aprendem bretão ou alsaciana, mas a maioria dos falantes nativos de bretão e de alsaciano também falam francês. (GROSJEAN, 1981, p. 123, tradução nossa).

Figura 13: Língua (s) preferida(s) pelos informantes pomeranos de Cidade Gaúcha



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

Como se vê na figura, 50% dos entrevistados disseram preferir falar em pomerano, mesmo cientes da dificuldade de ter com quem conversar nessa língua. Eles se dividiram entre a língua pomerana e a portuguesa. Destaca-se que a **G I** (37%) prefere pomerano, o mesmo ocorre com a **G II** (37%).

Para os informantes, há um certo grau de dificuldade em falar pomerano devido à limitação de contato com interlocutores pomeranos na localidade. Também, foram comentados os seguintes fatores pelos entrevistados: o êxodo rural, devido à geada negra de 1970, e o quarto movimento migratório para o Mato Grosso.

04CGGIH - Tenho três irmãs e um irmão. Que faleceu quando recém nascido. É, depois que eles casaram, moraram um tempo aqui **depois foram pro Mato Grosso**. Hoje estão em Castanheira, uma das irmãs tá em (inint) e a outra tá em Nova Marilândia. Tem propriedade rural, todos eles estão. [...] Tem um que tá em casa, os outros são casados. Tenho uma filha e dois filhos. Moram em Gaúcha. [...] **A minha filha atualmente ela está trabalhando de professora. E o filho trabalhava na usina e agora tá trabalhando de pedreiro.** (Grifos nossos).

06CGGIIM – Mato Grosso tem também.

Deixaram de falar a língua pomerana devido ao uso diário da língua portuguesa. Segundo a informante **02CGGIM**,

02CGGIM - Se eu pudesse, eu gostaria de falar pomerano, apesar de que é só a minha família, **meus irmãos, mas nenhum deles quase não fala mais**, então, a gente perdeu o costume. (Grifos nossos).

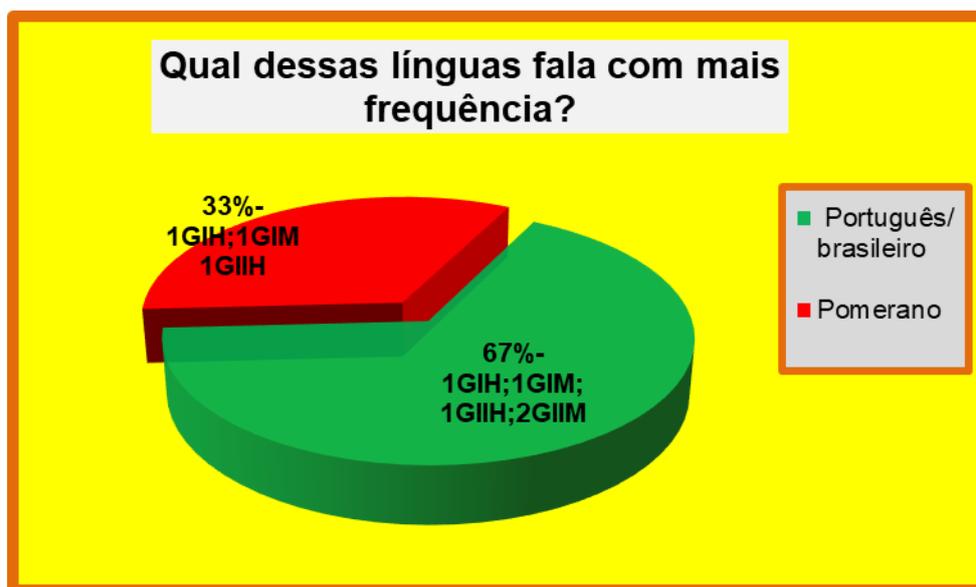
04CGGIH - Faz uns trinta anos que eu não falo mais, só com meu pai.

O bilinguismo, conforme os depoimentos dos informantes, pode ser identificado pelo falante sob um ponto de vista “sócio afetivo, a **língua de herança** pode, simultaneamente, remeter para uma **realidade escondida pelos sujeitos**, que não a querem **reconhecer** ou **reconhecer-se**” (FLORES; MELO-PFEIFER, 2014, p. 22, grifos nossos), pois se entendem como gauchenses, falantes de português, um contexto que os tornou invisíveis, apagou a sua identidade linguística pomerana.

Apesar das limitações de contato com o falante pomerano com sua etnia e, por conseguinte, com a língua, percebemos uma atitude afetiva de uso da língua de herança em CG, conforme apontado nas figuras 12 e 13.

Os resultados da **Quinta questão**: “Qual língua você usa com mais frequência?”, estão sintetizados no Figura 14.

Figura 14: Língua usada com mais frequência pelos pomeranos de CG



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

As indicações dos informantes dão maior frequência de uso da língua portuguesa, 67% . As mulheres, 37%, se destacam por essa frequência de uso, uma da **GI** e duas são da **GII**; a **GII** representa as maiores indicações, isso reforça a tendência apresentada na questão 1: um bilinguismo subtrativo na **GII** de **CG**

Isso se justifica porque dos quatro informantes da **GII**, dois têm casamento interétnico e dois intraétnico, por conseguinte, os filhos realizaram casamentos interétnicos, e nenhum deles repassa a língua para os descendentes.

Conforme disseram os informantes:

01CGGIM - Não, não conversa mais, porque os filhos, os dois mais novos nem aprenderam pomerano, eles nasceram aqui.

06CGGIIM - Aqui acho que nem tem mais. Não tem com quem conversar

04CGGIH - Quando era mais novo eu entendi, mas agora muito pouco. Nunca mais falei. Perde o costume.

07CGGIH - Praticamente só o português hoje porque o pomerano foi deixado de lado [...].

Dos entrevistados pomeranos de **CG**, 33% disseram que usam com frequência a língua pomerana. É uma avaliação bastante positiva, devido ao contexto multicultural do noroeste do Paraná. O grupo pomerano de **CG** apresenta o seguinte perfil: compõe-se de 10 famílias, aproximadamente; possui redes abertas de comunicação; sofreu uma nova migração interna para o Mato Grosso; predominam os casamentos interétnicos; 100% dos filhos e netos têm pouco contato com a língua pomerana.

A situação de línguas em contato é bem complexa. O imigrante pomerano em terras brasileiras, inicialmente, teve mais contato com falantes da língua, alemã, que era falada por vizinhos e pastores das igrejas IELB e IECLB. Mais tarde, com a aculturação, foi aprendendo a falar a língua “brasileira”, aos poucos foi substituindo a língua herdada de seus ancestrais, num processo de desgaste natural com o tempo.

Segundo Foerste (2014), o povo pomerano sofre há muito tempo uma ação de apagamento linguístico:

No ano de 1530, a **Reforma Luterana é introduzida na Pomerânia** [...] a **língua alemã** foi imposta e estabelecida nas igrejas, escolas e repartições públicas da Pomerânia. Depois da imigração dos

pomeranos, os pastores luteranos enviados para as comunidades realizavam os cultos nas igrejas e ministravam aulas nas primeiras escolas também na língua alemã. Durante a **Segunda Guerra Mundial, com a nacionalização do ensino, a política de Getúlio Vargas instituiu a proibição da língua alemã**, tornando obrigatório somente o uso nas comunidades e nas escolas, da Língua Portuguesa. Porém, mesmo à margem do projeto cultural hegemônico no país, os praticantes da língua pomerana falada, por inúmeras vezes, optaram por estratégias de transgressão ideológica e recusa à opressão das classes dominantes. Assim **mantiveram sua língua materna em diferentes contextos sociais, longe do controle do poder oficial** (lar, trabalho na lavoura, mutirões, festas comunitárias, casamentos etc.). A resistência dos pomeranos indica uma postura de luta pelos direitos sociais na perspectiva das práticas interculturais da mesma forma que outros povos tradicionais o fizeram e continuam fazendo no cenário brasileiro e da América Latina. (FOERSTE, 2014, p. 9, grifos nossos).

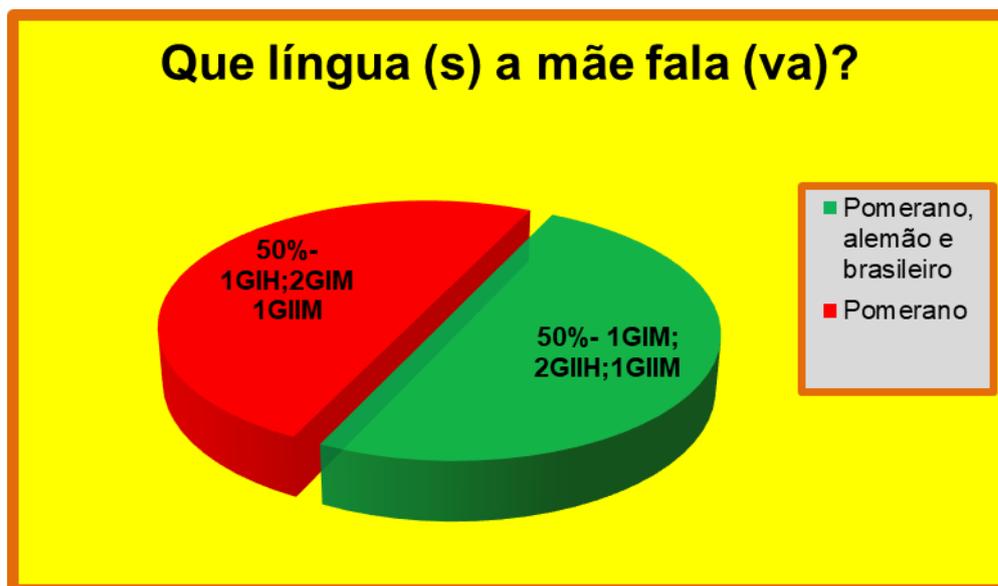
O pomerano conviveu com duas línguas majoritárias: a alemã, que veio com ele na bagagem, na imigração, e a portuguesa, com a qual entrou em contato no território brasileiro. Essa situação de línguas em contato, alemão, português e pomerano, fez com que deixassem à margem a sua língua étnica. Segundo Thum (2008),

[...] a voz dos pomeranos não foi pronunciada e, nos casos em que era silenciada pelas estruturas locais de poder, que na maioria das vezes estavam nas mãos de imigrantes alemães. Os detentores dos espaços de comunicações com o mundo externo eram os donos das “vendas⁴⁹”. (THUM, 2008, p. 17).

Para a análise da **Sexta questão**: “*Que língua sua mãe falava?*”, elaboramos a Figura 15.

⁴⁹ Venda - expressão rio-grandense, refere-se à casa comercial, mercado, antecessor do shopping, pois tinha todo tipo de produto, desde botão ao implemento agrícola.

Figura 15: Língua(s) falada(s) pela mãe do informante de Cidade Gaúcha



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

Essa questão indaga pela língua falada pela mãe. Conforme a Figura 15, 100% das ancestrais dos informantes usavam a língua pomerana, 50% eram trilíngues e falavam português, alemão e pomerano.

O aprendizado da língua alemã ocorria nas atividades religiosas das igrejas protestantes, que desenvolveram, nessa língua, um trabalho de cristianização e de escolarização, suprimindo a ausência do estado. Alguns depoimentos relatam o aprendizado também com a vizinhança tanto a língua alemã como a língua portuguesa.

De acordo com os informantes **07CGGIIH** e **02CGGIM**,

07CGGIIH – A primeira pessoa que aprendeu a falar um **português mais expressivo**, digo correto porque é difícil falar um português correto, foi a **minha vó**, a mãe da minha mãe, ela não morava aqui, morava no Rio Grande, mas lá ela tinha as vizinhas brasileiras [...] **a mãe e o pai**, só falavam isso (pomerano) em casa. A minha mãe teve dificuldade até a morte porque não falava bem português [...], eles aprenderam, o pastor que foi professor deles, [...] **eles falavam só pomerano, o professor do meu pai foi um pastor e o professor da mãe foi um pastor** que naquele tempo, **as igrejas se instalavam num lugar e as escolas do lado**.

02CGGIM – [...] os meus pais, eles tiveram aula em alemão quando eles eram crianças, então, eles sabiam falar em alemão.

Como exposto nas falas, as mulheres se apresentam como mais inovadoras, ou seja, estão mais propensas às interferências exógenas, que mudam o

comportamento linguístico do falante. Pelo visto, a limitação de espaço social para as interações não foi obstáculo para que as mulheres pomeranas mantivessem sua língua e ainda aprendessem as duas outras línguas - a portuguesa e a alemã.

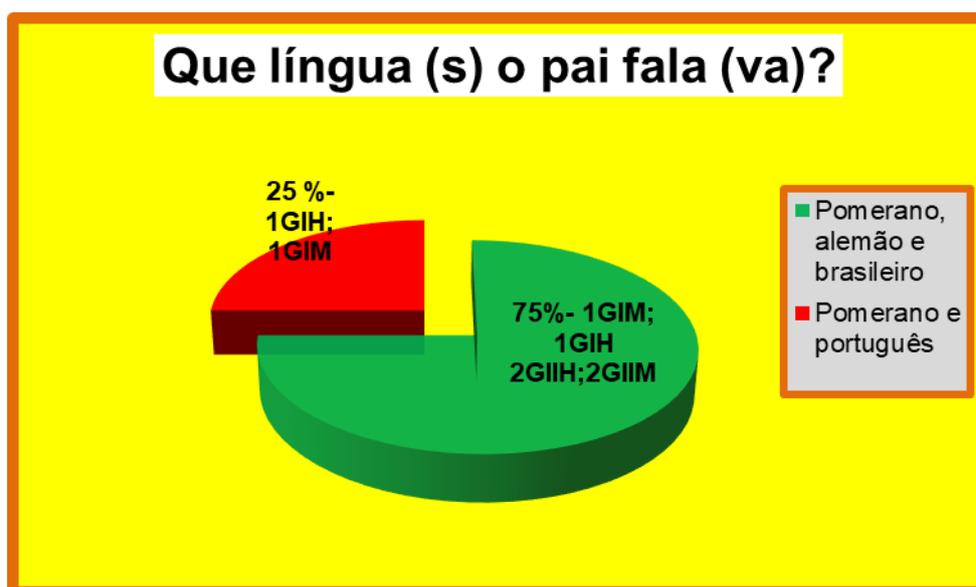
As ancestrais pomeranas eram de tradição agrária, pois, além da jornada doméstica tinham o ofício de lavoura. Essa prática permanece nas famílias, elas realizam dupla ou tripla jornada de trabalho, continuam a conciliar as atividades domésticas com o trabalho da roça.

05CGGIM – [...] **doméstica e roça**, [risos] todo dia nós vai, cedo trabalhá na chácara e de tarde nós trabalha em casa nos dois velhos, a chácara é do filho, aí a gente planta tudo quanto é coisa, **minhas horta tá ali, mamão, abóbora, banana, é tudo que nos tamo fazendo...tem nove frango** grande que é do meu filho deixa aqui nas gaiola pra mim tratá, cavalo, carroça [...] **sete e vinte a gente tava na roça, dá seis quilômetros, quando é dez hora a gente já tá arrumando a carroça pra voltá.** (Grifos nossos).

01CGGIM – Só na lavoura [...]. Aqui estamos mexendo com bicho da seda e leite.

Acerca da **Sétima questão**: “*Que língua seu pai falava?*”, os resultados estão sintetizados na Figura 16, a qual demonstra que todos os pais dos informantes (100%) falavam a língua pomerana.

Figura 16: Língua (s) falada (s) pelo pai do pomerano de Cidade Gaúcha



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

Nesta pesquisa, o genitor (25%) falava a língua pomerana e portuguesa, um índice bastante conservador. Lembramos que a socialização ocorreu na região de São Lourenço do Sul – RS, onde houve grande fluxo da imigração pomerana com uma intensa pressão de coesão linguística intragrupo, o que não ocorre na localidade de **CG**, com grande influência sociolinguística exógena e predominância da língua portuguesa. Os demais ancestrais (75%), eram trilingues (alemão, pomerano e português).

Entre as avaliações das questões: “*Qual língua você fala melhor?*” e “*Qual é a sua língua preferida?*”, os entrevistados elegeram a língua pomerana como preferida quando envolve o quesito “escolha”. A resposta é uma avaliação que identifica um comportamento linguístico afetivo. Temos uma atitude linguística cognitiva que ratifica sua identidade étnica pelo viés da língua de herança, pois a língua representa o seu “EU”.

As respostas dadas à **Oitava questão**: “*Que língua você fala com...*”, deixam evidente o índice de interações que os informantes realizam. Há uma forte presença da língua portuguesa. No lar, quatro informantes mantêm interações, dois da **GI** e dois da **GII**, em língua pomerana, porque o (a) cônjuge também fala pomerano.

Um dos informantes relatou que havia certa apreensão por parte de um amigo catarinense com relação aos casamentos de seus filhos com mulheres que não fossem pomeranas, mas, segundo ele,

08CGGIIH - “Temos quatro filhos um é casado com uma é Oliveira, outro Galindo López outro é a de Melo, [risos..] e outra é cearense é [risos] ochê. Tudo do nordeste. Mas aí existe, eu trabalhei aqui com um homem que é de Santa Catarina, ele falava assim, isso dá certo? Porque quatro filhos, um com cearense, outro com mineiro, outro com baiano, outro com alagoano. Aqui deve dar certo, estudam na mesma escola, são ensinados, educado pelo mesmo professor e vivem e convivem com a gente, ao contrário teria que discriminar.

A fala e a atuação do informante **08CGGIIH** apresentam o status linguístico do grupo pomerano de **CG**, em processo de bilinguismo subtrativo, prejuízo da L1, devido ao processo natural de acomodação cultural ao meio.

Esse cenário linguístico fica mais evidente com o Quadro 13, que ilustra a seguinte questão: “*Que língua você fala com o (a)...?*”

As gerações mais jovens, filhos e netos dos migrantes pomeranos de **CG**, estão perdendo o contato com a língua pomerana: quatro informantes, dois da **GI** e

dois da **GII** falam na língua pomerana com o cônjuge e parentes que são visitados no Rio Grande do Sul.

O olhar do outro não identifica o pomerano em **CG**, exceto os de origem alemã, que fazem a distinção, embora a população em geral identifique pomeranos e alemães como de um único grupo étnico. Portanto, não há o reconhecimento da identidade étnica pomerana pela comunidade gauchense.

As interações dos entrevistados ficam à mostra no Quadro 13, que apresenta uma forte presença da língua portuguesa entre os entrevistados pomeranos.

Quadro 13: Interações na língua pomerana dos informantes de CG

Que língua você fala com o (a)?							
Informante	Pai	Mãe	Esposo (a)	Filho (a)	Neto (a)	Amigo (a)	Parente
01CGGIM	+	+	Port.	Port.	Port.	Port.	Pom.
02CGGIM*	+	+	Port.	Port.	Port.	Port.	Pom.
03CGGIH	Pom.	Pom.	Pom.	Port.	Port.	Port.	Pom.
04CGGIH*	Pom.	+	Port.	Port.	Port.	Port.	Port.
05CGGIIM	+	+	Pom.	Port.	Port.	Port.	Pom.
06CGGIIM*	+	+	Port.	Port.	Port.	Port.	Port.
07CGGIH*	+	+	Port.	Port.	Não tem	Port.	Port.
08CGGIH	+	+	Pom.	Port.	Port.	Port.	Pom.

Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa. +Falecido (a); *Casamento Interétnico.

A leitura do Quadro 13 nos faz compreender a atuação linguística dos gaúchos pomeranos de **CG** que estão em processo de multiculturalismo bem acentuado, conforme o informante **19CGGIH**: “Isso já foi”. Essa atitude tem como base a realização dos casamentos interétnicos dos três filhos. Há em **CG** uma cooperação social interétnica, ou seja, a incorporação da brasilidade e da diversidade étnica brasileira.

O Quadro 13 indica um número expressivo de pomeranos com uma tendência linguística monolíngue, 75% são monolíngues, falantes de português e 25%, são bilíngues, falam português e pomerano. Os informantes afirmam que falam pomerano com parentes quando vagem para o Rio Grande do Sul, onde, segundo eles:

03CGGIH - É. Tá em São Lourenço, Pelotas e Canguçu. É, direto. Eu ainda falo bastante, de vez em quando vou lá pro Sul. Às vezes eu fico três semanas **lá e falo só pomerano lá**. (Grifos nossos).

05CGGIIM – Acho que se a gente tivesse ficado no Rio Grande sabia mais, **a gente esqueceu tudo** (risos)! Nós dois começa falá pomerano e daí já é portugueses de novo. (Grifos nossos).

Apesar disso, a língua pomerana, depois de mais de 150 anos da imigração para o Brasil, migrações internas para o Paraná e sob as mais variadas influências históricas, culturais e linguísticas, nesse tempo todo, tem conservado vestígios de fala dos antepassados, pois há entre o grupo étnico pomerano uma atitude afetiva, conativa de valorização de sua língua de herança, representa sua identidade étnica.

Bloco 2: Conhecimento e uso das variedades linguísticas da comunidade da pesquisa

Neste item, analisamos os componentes conativo e afetivo dos entrevistados referentes ao uso da língua e à etnia pomerana. São questões informativas e subjetivas que envolvem: o ensino da língua para os descendentes, a avaliação da capacidade de comunicação na língua de herança, o uso da língua pomerana em mídias e localização espacial de outros grupos étnicos pomeranos. Para chegarmos às respostas, elaboramos as seguintes perguntas:

- 1- Você gostaria que seus filhos/netos soubessem falar em pomerano?
- 2- Existe(m) algum(ns) assunto(s) nos quais tem dificuldade de se expressar?
- 3- Você ouviu programas de rádio em pomerano?
- 4- Em qual região/estado você acha que usam mais a língua pomerana no Brasil?

Sobre a Questão 01 do **Bloco 02**, todos os entrevistados (100 %) declararam que gostariam que seus filhos e netos falassem pomerano:

01CGGIM - Eu acho que sim. Gostar, eu gosto. Eles tavam falando, mas depois... (filhos)

02CGGIM - Sim, eu gostaria. Meus filhos eu tentei ensinar, eles sabem algumas palavras, só que era aquele negócio que o marido não falava, não entendia, então quando eu começava falar com eles, ele começava a rir e as crianças também. E daí onde não foi pra frente. De vez em quando eles ainda me perguntam alguma coisa.

06CGGIIM- Eu tô, às vezes, falando em **pomerano** com a minha neta. A minha filha, quando ela tinha cinco anos, ela falava tudo em **pomerano**, minha mãe ensinou ela, mas depois também, entra nesse mundo, todo mundo fala brasileiro. Ela entende, ela ainda fala umas palavras quando ela vem aqui. Pra falar a verdade, eu falava os três, mas **nenhum certo**. (Grifos nossos).

07CGGIH – Tudo, com certeza. E alemão também [...]

08CGGIH – Era bom, mas com alagoano, mineiro, não dá [...]

Destacamos a fala da informante **06CGGIIM**: “Pra falar a verdade, eu falava os três, mas **nenhum certo**”. Ela faz referência à língua portuguesa, alemã e pomerana. Há em sua fala uma atitude negativa com relação ao domínio da língua pomerana e manifesta uma atitude negativa a respeito de sua capacidade linguística. Fica evidente que a informante atribui uma valoração maior à língua alemã, devido à condição social de seus falantes. A língua pomerana é considerada menor, pois seus falantes são trabalhadores rurais, que sofrem/sofreram o estigma linguístico que leva o falante de pomerano a ter uma preocupação excessiva com a hipercorreção.

Quanto à qualidade de expressão e à dificuldade de comunicação (Questão 02), os entrevistados foram rigorosos em suas autoavaliações; impuseram obstáculos, e, como já citado, isso advém de uma baixa autoestima linguística.

01CGGIM - Eu consigo falar ainda. É mais fácil em português. Agora tá meio enrolado. Satisfatório. (fala pomerano)

03CGGIH – Eu ainda falo bastante, de vez em quando vou lá pro Sul. Às vezes eu fico três semanas lá e falo só pomerano lá. Aqui é só português, mas quando vou lá é só pomerano. A gente vai lá, já aprende.

07CGGIH - E é complicado, a gente **não pode ser atrevido** e dizer assim, que eu sei, porque tem palavras em alemão e o próprio pomerano que são umas palavras que a gente tem que parar pra pensar, de repente a gente dá a resposta e não tá certo. (...). (Grifos nossos).

08CGGIH - Não, aí passou ficar de lado de uma vez [...] Isso já foi.

As limitações de interações criam nos falantes uma atitude negativa de seu desempenho linguístico, embora conservem um sentimento de empatia pela língua e o desejo de que os filhos e netos falassem o pomerano.

O informante **08CGGIH**, como já citado, relata a dificuldade em usar a língua pomerana em sua família, e que devido à escolarização todos podem conviver sem preconceito, porque foram educados pela mesma professora, frequentaram a mesma escola, o que facilita a convivência entre as etnias. O erro só poderia ocorrer se fosse o contrário.

Segundo Couto (2009), no interior de cada língua, ocorre uma variedade linguística dialetal que se forma no processo de convergência de pessoas de diversas partes do Brasil. Em **CG**, além do contexto multidialetal formado pelas mobilizações de migrantes, há o contato com a língua pomerana. Esse grupo, com um número reduzido de falantes, apresenta a tendência para uma identidade bem acentuada para a L2 (portuguesa), implicando um bilinguismo subtrativo de perda da L1(a pomerana).

No quesito de transmissão midiática da língua pomerana (Questão 03), a **CG** não tem a transmissão de programa de rádio em língua pomerana, portanto 100% disseram não ouvir algum programa em língua pomerana, mas a informante **02CGGIM** citou a televisão: “Sim, eu vi na televisão”.

Para os informantes, os estados do Rio Grande do Sul e Espírito Santo (Questão 04) são referência de grande concentração de pomeranos, o que evidencia uma consciência étnica, de grupo e de solidariedade linguística.

Segundo os informantes,

03CGGIH - Lá no Sul também, tem diversas *região* que tem bastante, mas também tem lugar que é pouco. Espírito Santo tem bastante. Pior que tem região que tem bastante, outra região é pouco.

01CGGIM - Já ouvi, mas agora não me lembro qual lugar.

02CGGIM No Espírito Santo tem muito. Inclusive segunda-feira à noite [...] eu vi uma brincadeira, na televisão, uma brincadeira de criança onde eles falavam pomerano. E eu tô tão esquecida dessa língua, que eu custei a entender o que eles falavam. Aí quando eu comecei entender qual era a brincadeira que eles tavam falando, aí terminou o programa. Também não pude ver em qual lugar que era, mas era no Brasil.

Bloco 3: Conhecimento e atitudes em relação à língua e à etnia pomerana

As questões do bloco 3 identificam a atitude dos informantes quanto à identidade étnica e à língua de herança. São questões que, de forma indireta, desvelam as atitudes a respeito da valoração da língua, preferências inconscientes e conceitos de foro íntimo que podem identificar a solidariedade entre os interlocutores pomeranos. Os informantes foram inquiridos por meio das seguintes perguntas:

- 1- O pomerano é uma língua útil para os pomeranos?
- 2- Você gosta de falar em pomerano?
- 3- Como você se sente, quando algum pomerano fala em público, por exemplo, num supermercado, restaurante ou igreja?
- 4- Quando você fala, mistura português com pomerano?
- 5- Você gosta de ser chamado de pomerano (a)?
- 6- Como você define sua identidade?

Quanto à **primeira questão**: “*O pomerano é uma língua útil para os pomeranos?*”, todos (100%) afirmaram ser importante:

02CGGIM - Eu acredito que sim. Eu acho que é.

01CGGIM - Acho que sim.

03CGGIH - É, eu acho ela boa sim.

06CGGIIM - Eles largaram mais, depois que teve aquela guerra mundial (referindo-se à Segunda Guerra Mundial).

Em resposta à **questão 02**: “*Você gosta de falar em pomerano?*”, todos (100%) afirmaram que gostariam de falar mais, porém, em **CG** a L2 está mais presente, como já citado, devido ao grupo reduzido de migrantes pomeranos e casamentos interétnicos entre os descendentes de pomeranos - fatores que contribuem para a perda da língua e de identidade étnica.

Na **questão 03**: “*Como você se sente, quando algum pomerano fala em público, por exemplo, num supermercado, restaurante ou igreja?*”, os informantes, em sua totalidade, disseram que não há lembrança de uma ocorrência em língua pomerana em público. A informante **03CGGIM** registra o desconhecimento que há em torno da etnia pomerana:

03CGGIM – Ah, eu ficaria curiosa. Pra mim, é importante. Eu acho importante porque é uma coisa diferente, a maioria das pessoas não sabe o que que é pomerano. E eu acho muito importante. Eu acho

Apenas um informante registra em sua memória:

07CGGIIH - Não, quem falava pomerano aqui no comércio era o pai das Roloff, o Alfredo era pomerano e quando entrava um pomerano ele trocava ideia. Chegava na igreja e se chegava um pomerano, não dava dois tempo, ele tava falando em pomerano também.

O mesmo informante relata seu diálogo com dois vizinhos sobre a pesquisa:

07CGGIIH - Essa pessoa está fazendo um trabalho, talvez vocês nunca viram, ela está pesquisando sobre pomeranos ou pelo menos descendentes porque aqui não tem mais pomeranos [...] **nem sabiam que pomerano não é o mesmo que alemão.** (Grifos nossos).

O grupo pomerano, segundo o depoimento de **07CGGIIH**, é invisível aos olhos da população, são identificados como alemães ou gaúchos.

Sobre a **questão 04** “*Quando você fala, mistura português com pomerano?*”, apenas quatro informantes (50%) disseram que misturavam o português e o pomerano. Esse número representa os informantes **01CGGIM; 03CGGIH; 05CGGIIM; 08CGGIIH**, aqueles que mantêm contato com parentes no Rio Grande do Sul.

O conceito de misturado, nesta pesquisa, acata o conceito de alternância de código, *code-switching*, *code-mixing* para um fenômeno linguístico que ocorre em contexto de línguas em contato com falantes bilíngues.

03CGGIH – às vezes falo sim.

O uso frequente da alternância de língua pode também ser considerado um marcador de identidade de uma minoria bilíngue (HEREDIA, 1989).

Na **questão 05**: “*Você gosta de ser chamado de pomerano (a)?*”, os informantes em contato com os pomeranos de outras regiões sentem prazer ao serem identificados como pomeranos, isso representa 50%. Seguem as suas respostas:

01CGGIM - Ah, eu acho legal.

02CGGIM - Não, não, nunca ninguém me chamou de pomerana.

03CGGIH - Não levo a mal, não.

Na **questão 6**: “*Como você define sua identidade?*”, as informantes **01CGGIM** e **02CGGIM**, das variáveis feminina e **GI**, identificaram-se como pomeranas brasileiras.

Os demais informantes (**03CGGIH**; **04CGGIH**; **05CGGIIM**; **06CGGIIM**; **07CGGIH** e **08CGGIH**) se denominam brasileiros. Como os dados vêm indicando, o grupo pomerano de **CG** está em fase de aculturação étnica e linguística pela língua majoritária: o português brasileiro.

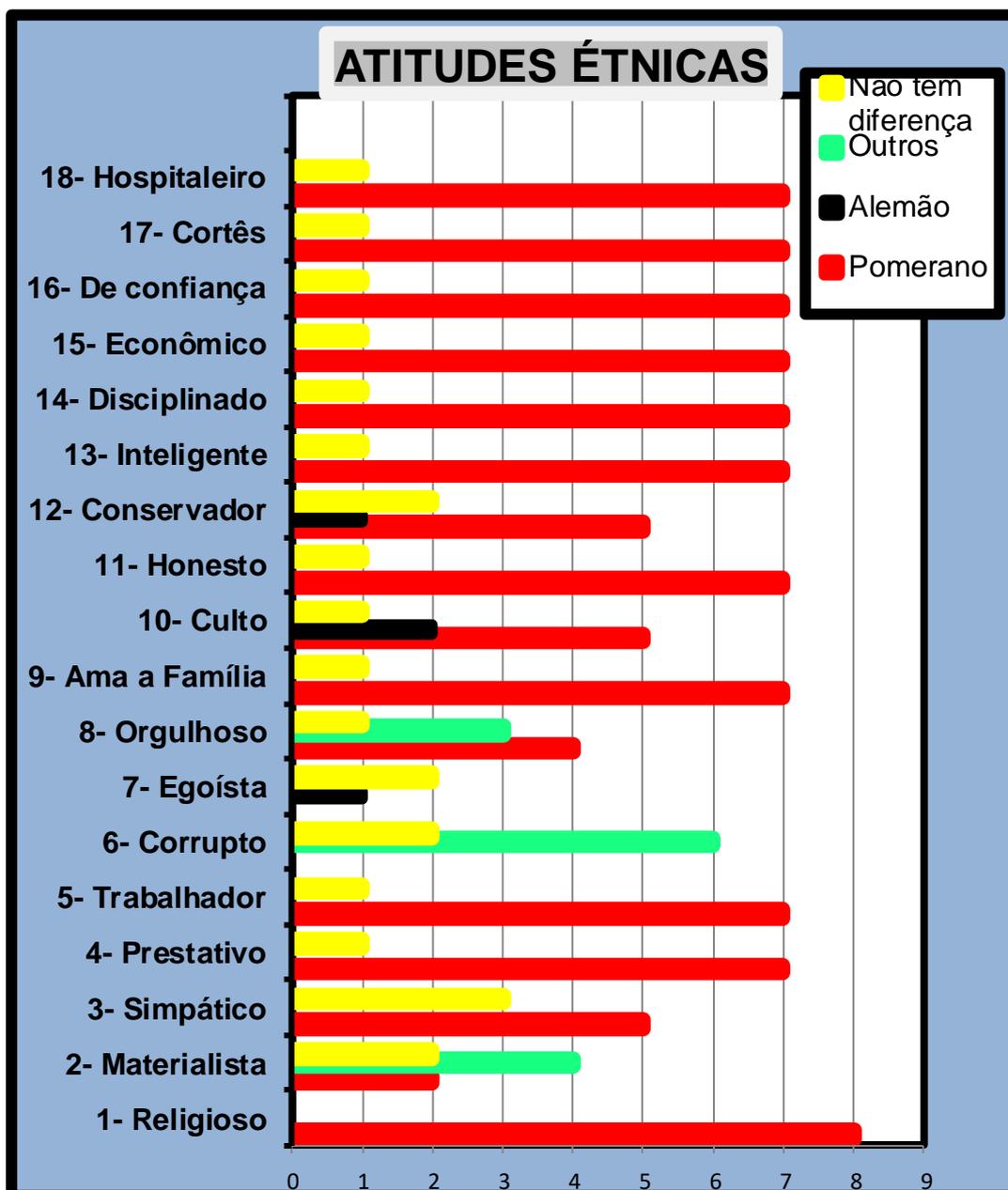
Bloco 4: Características do comportamento moral e ético associadas ao pomerano, não pomerano, alemão ou não existe diferença

Neste bloco, foram identificados traços comuns entre as atitudes conativas/afetivas, conscientes ou inconscientes que caracterizam os informantes como um grupo étnico pomerano com tendências de uso, ou não, da língua pomerana.

As atitudes permitem aos informantes escolher o que têm sentido para ele. Segundo Mendras, “As atitudes permitem portanto que se faça uma escolha na realidade e, que por isso mesmo, se reforçam mutuamente, percebendo na realidade somente aquilo que lhes é conforme” (MENDRAS, 1975, p. 79).

Quanto às características associadas à etnia pomerana, em **CG**, obtivemos os resultados conforme ilustra a Figura 17.

Figura 17: Características associadas à etnia pomerana pelos informantes de CG



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

Os informantes realizaram uma avaliação subjetiva da etnia pomerana. A questão continha 18 adjetivos que foram associados à etnia pomerana, à alemã, ea outras etnias e “não tem diferença”.

As respostas dos entrevistados demonstram uma tendência de valoração do grupo pomerano que ficou assim caracterizado:

- **100%** afirmaram que o pomerano é **religioso**;

- **87,5%** indicaram que o pomerano é prestativo; trabalhador, tem amor à família, é honesto, inteligente, disciplinado, econômico, de confiança, cortês e hospitaleiro⁵⁰.
- **75 %** qualificaram-no como simpático, culto e conservador;
- **50%** consideram-no orgulhoso.

As assertivas confirmam uma atitude positiva com relação à etnia pomerana. Os apontamentos indiretamente valorizam o grupo de origem; há uma fidelidade étnica encoberta. Declararam que não possuíam muita capacidade linguística, entretanto, fazem avaliações positivas sobre o grupo étnico, confirmando uma tendência solidária, positiva de avaliação à etnia pomerana..

A informante **06CGGIIM**, em todos os quesitos, admite não haver diferença; apenas no quesito religiosidade ela indica a etnia pomerana. Observamos, nesta informante, uma crise de identidade entre a origem pomerana e a cultura e língua alemã. É recorrente em sua fala referências à língua alemã e à pomerana.

06CGGIIM - Eu me virei, eu consegui me virar pra falar, minhas primas, eles falam tudo em alemão lá. Então, até em pomerano, minhas tias e minhas madrinhas tudo falavam em pomerano, eles conversavam com a gente, a gente entendia tudo. O pai e a mãe também falavam.

Diante da situação linguística de línguas em contato, a informante percebe na realidade o que quer ver, ou mais exatamente, aquela que tem sentido para ela (MENDRAS,1975). A fala dessa informante reflete uma identidade dividida, pois considera a língua alemã e a língua pomerana como espelhos do seu eu. Ademais, ela protege-as de avaliações negativas. Esse posicionamento fica explícito quando diz não haver diferença entre o comportamento das etnias.

A solidariedade entre os informantes pomeranos de **CG** fica mais evidente quando notamos que os adjetivos de valoração negativa foram atribuídos aos “*outros*” o, disseram que “não há diferença”. Vejamos:

⁵⁰ A informante **06 CGGIIM** manteve a mesma atribuição para todas as todas as qualificações, afirmando que não havia diferença, apenas no quesito religiosidade que optou pela sua etnia.

- **Materialista:**
- **50%** disseram que **não há diferença**;
- **50%**, que são os **outros**, ou seja:
- **100%** dos entrevistados não consideram o pomerano materialista.
- **Egoísta:**
- **12,5%** disseram que **não há diferença** ;
- **87,5%**, que são os **outros**;
- **100%** não consideram os pomeranos egoístas.
- **Corrupto:**
- **12,5%** disseram que **não há diferença** (06 CGGIIM);
- **87,5%** fizeram referência aos **outros**, novamente,
- **100%** dos entrevistados **preservaram o grupo pomerano** de avaliações negativas.

As avaliações dos entrevistados resultam em uma atitude de solidariedade com o grupo étnico pomerano de **CG**, declaram limitações de interlocução na língua, mas têm uma solidariedade implícita.

A localidade de **CG** apresenta um bilinguismo mais demarcado na **GI**, devido ao contato com interlocutores no RS, especificamente da localidade de São Lourenço do Sul, região com grande fluxo de descendentes de imigrantes pomeranos, além da convivência com idosos na família e migrantes da década de 1970, que vieram cultivar as terras adquiridas pelos pais em 1950.

Os entrevistados têm com a língua e a etnia uma atitude afetiva e conativa positiva, apesar das imposições de limitação de interlocutores. A ausência da bilingualidade instaurou a crença de que não falam o pomerano correto, conforme a gramática normativa.

Dando continuidade às análises, na seção posterior, analisamos o corpus de **MCR**, que apresenta uma perfil de cidade germânica no slogan: “A cidade mais alemã do Brasil”.

4.2 SEGUNDO PONTO DE ANÁLISE: MCR

O grupo étnico pomerano da cidade de **MCR** tem uma organização civil atuando junto ao mundo pomerano com o objetivo de resgatar a memória, a compreensão do movimento histórico dos pomeranos com vista à produção de um presente e de um futuro a partir dos interesses e das perspectivas da etnia pomerana local, pois a predominância de alemães reservou ao pomerano um lugar discreto na composição da comunidade rondonense.

MCR é uma cidade com grande ascendência germânica e com um complexo contexto multilíngue, pois, nessa localidade, há falantes de língua portuguesa /brasileira, alemã, espanhola e italiana (LAMB FENNER, 2013.)

Lamb Fenner (2013), em sua tese *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do oeste paranaense*, traz o relato de uma informante de **MCR**. O inquiridor solicitou ao informante que dissesse qual língua, segundo sua avaliação, era mais bonita ou mais feia. Para o informante, a língua mais feia é

A do alemão pomerano, porque aquilo é uma resmungação assim que você não entende nada, nada, nada, nada, mesmo... vamos supor, outras línguas, sempre tem uma ou outra coisa que você capta, que você entende, né, mas o deles não. A gente sabe que é pomerano, né, mas assim, você não sabe se chega assim e diz, “que língua é aquela que eles estão falando?”. Umhas palavras muito estranhas. (LAMB FENNER, 2013, p.108).

Essa avaliação é recorrente com relação à língua pomerana. Quando afirma que é um alemão pomerano, faz uma avaliação cognitiva, classificando-a como uma variante do alemão, uma forma de *platt* (variedade baixa), um dialeto.

A fala pomerana, quando descrita como uma resmungação, está associada ao falante que sofre o preconceito linguístico. Faz uso de critérios avaliativos contativos e afetivos de rejeição, rotula a língua étnica pomerana a uma variedade linguística do alemão, ou seja, um alemão errado. Tem-se, desse modo, um estereótipo linguístico, que marca a etnia pomerana, torna-a estigmatizada.

A afirmativa “é uma resmungação” no sentido de que não se entende nada, por isso, deve ser outra língua, não pode ser associada a dialeto da língua alemã, ou ao alemão pomerano.

Segundo o informante, em uma avaliação da fala pomerana:

15MCRGIIH - Eles estranham. E não é nada parecido com o alemão. Não, não, o alemão é bem diferente.

A constatação desse informante reforça a crença de Tressmann (2005), para quem não há uma base comum entre o pomerano e o alemão.

As línguas de imigração, de herança, têm uma valoração ideológica relacionada ao grupo que a usa. Esses grupos minoritários, sem prestígio social, sofrem um estigma sociolinguístico, nesse caso, a língua pomerana é denominada alemão enrolado.

Essa atitude linguística não valoriza a diversidade linguística local, haja vista que a compara pelo parâmetro da língua majoritária, a língua *teto*, a diversidade é perdida no tempo sem valoração linguística cultural do grupo pomerano.

Para a análise do corpus de **MCR**, seguimos o roteiro temático das questões que abordam a aquisição de língua de herança; conhecimento linguístico; atitudes em relação à língua étnica e a etnia pomerana e caracterização ética e moral dos falantes de pomerano. São avaliações subjetivas que desvelam e ratificam tendências de comportamento linguístico dos informantes pomeranos de **MCR**.

Em segundo lugar, solicitamos ao informante pomerano que se expressasse e se posicionasse numa questão temática. É recorrente de que as pessoas não fazem tudo o que falam, assim, o papel do pesquisador é interpretar as respostas, com uma descrição e uma eventual previsão, pois a capacidade de conhecer um grupo ou, indivíduo fortalece a previsão do que “ele dirá ou fará numa dada situação” (MENDRAS, 1975, p.73).

Bloco 1: Aspectos metalinguísticos: identificação da(s) língua(s) que fala e o modo de aquisição pelos pais e pelo informante

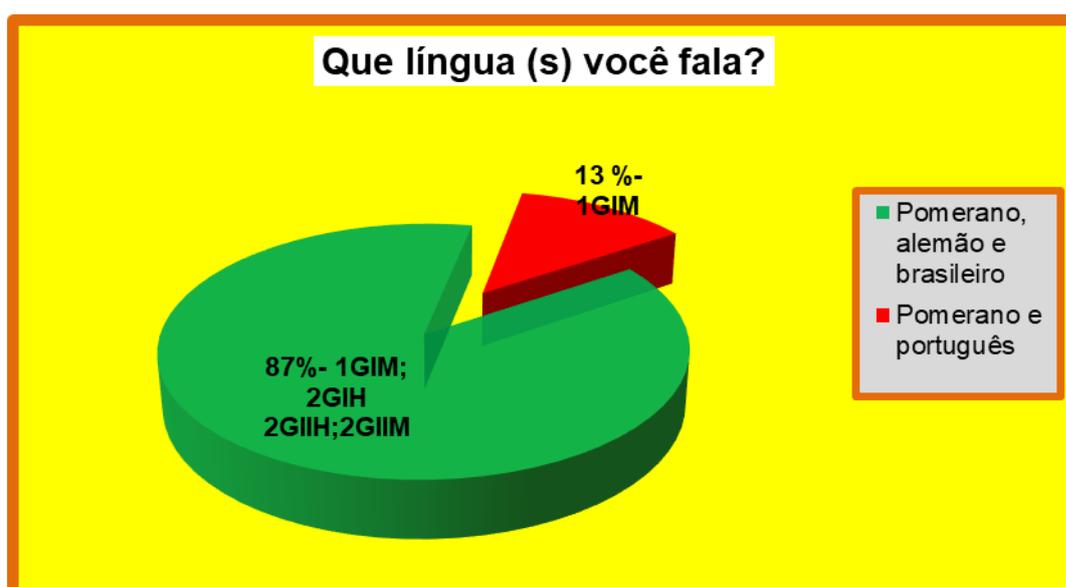
O critério de seleção dos entrevistados para esta pesquisa foi que o informante fosse de origem pomerana. Com base nesse critério, todos os entrevistados tiveram sua primeira socialização na língua pomerana, denominada também de língua materna, ou L1, que é ensinada pela família na qual se nasce, e que repassa para os filhos a língua étnica dos ancestrais, a língua de herança.

O sujeito bilíngue tem uma atuação linguística instável durante a sua vida, que pode aproximá-lo ou afastá-lo de sua língua de herança, como é de contexto familiar é sobreposta pelo uso social da língua majoritária que envolve as práticas comunicativas oficiais. A atuação do sujeito nos mais diversos contextos e usos determina sua bilinguagem, reafirmando-o como falante bilíngue ou tornando-o um sujeito monolíngue (HEYE, 2003a).

Na localidade de **MCR**, os entrevistados são exemplos do tipo social pomerano que há mais de 150 anos imigrou para o Brasil e desde então tem vivido em contato com a língua pomerana, a língua alemã e a língua portuguesa.

Para identificar as crenças e atitudes dos informantes pomeranos de **MCR**, iniciamos com a **primeira questão**: “*Que língua (s) você fala?*” Os resultados foram sintetizados na Figura 18:

Figura 18: Língua (s) falada (s) pelos informantes pomeranos de MCR



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

A Figura 18 demonstra que todos os informantes, além de falarem pomerano, também falam alemão e português; portanto, têm uma característica peculiar: são trilíngues.

A informante **10MCRGIM**, por exemplo, é vendedora domiciliar de produtos de limpeza e usa a língua como estratégia de conversação e persuasão para efetivar a comercialização de seus produtos. Ela tem uma atitude conativa positiva com

relação à diversidade linguística de sua localidade. A escolha da língua tem a função fática, é a abertura, a manutenção e o fechamento do canal de comunicação (JAKOBSON, 1969).

10MCRGIM - Mais é o português, só que assim, com pessoas de idade tudo eu me esforço ao máximo, assim, daí se a pessoa só fala pomerano, eu falo. Que nem chego em certas residências só tem pessoas de idade né, eu chego falando pomerano, fazendo brincadeira, pedindo o que precisam de produto aí parece que já sabe que aumenta aquela amizade eles te dão mais valor assim, se é com alemão, também, só que com alemão já puxa mais, até que eu lembro né, porque eu sô desde pequena mais com o pomerano.

Há um movimento de solidariedade linguística nos indivíduos, se veem juntos, comungam o mesmo papel e fazem parte do mesmo cenário (COUTO, 2009).

Para **11MCRGIH**, o contexto de línguas em contato foi iniciado pelos migrantes pomeranos, considerados, por ele, os pioneiros de **MCR**.

11MCRGIH - Marechal Candido do Rondon, quando aqui, município colonizado, os primeiros são pomeranos que vieram aqui, meu pai veio aqui em 1951 pra 52, existia três casas em General Rondon⁵¹ e a grande maioria pomerano, tudo do Rio Grande do Sul.

Esse contexto de línguas em contato propicia a atuação da bilinguagem dos falantes da língua pomerana, portuguesa e alemã. De acordo com os informantes, eles falam:

09MCRGIM - Pomerano e português, **o alemão é muito enrolado** (risos). (Grifos nossos).

10MCRGIM - Português, alemão e pomerano.

11MCRGIH - Ah, o pomerano, brasileiro e alemão.

12MCRGIH - Pomerano, alemão e brasileiro.

13MCRGIIM - O pomerano, meio brasileiro e alemão.

14MCRGIIM - Alemão eu também falo. Pomerano, alemão e português. Esses três.

⁵¹ O informante faz referência ao primeiro do nome do município, vila General Rondon, emancipada em dia 25 de julho de 1960, conforme Lei 4.245. Desde então, foi denominada de Marechal Cândido Rondon.

15MCRGIIH - Olha, meio por meio. O pomerano e o português. E alemão aprendi que nós tinha um vizinho que só falava alemão, uns anos atrás, daí a gente foi obrigado.

16MCRGIIH - Ah, eu falo os dois. Olha, quando eu tô junto com a nossa gente, nós fala em pomerano, mas tu saí, todo mundo fala em brasileiro, daí então. Oh, como é que se diz, Hochdeutsch, esse, eu nem sabia falar. **Eu aprendi aqui [...]**. (Grifos nossos).

A socialização na primeira infância ocorreu com 100% dos informantes na língua étnica pomerana, a alemã aprendeu em contato com vizinhos e na igreja. A L3, a língua portuguesa, foi adquirida em contexto escolar.

A **segunda questão** foi: “*Que língua (s) você aprendeu primeiro?*”. Destacamos que em **MCR** cinco informantes (**09MCRGIM; 10MCRGIM; 11MCRGIH; 12MCRGIH e 15MCRGIIH**) nasceram nessa localidade, demonstrando um contexto com expressivo número de famílias pomeranas que repassaram a língua de herança para seus familiares. Todos os informantes (100%) têm como L1 a língua pomerana. Esse traço indica um grupo coeso de redes fechadas de interação na língua pomerana. Segundo o informante **11MCRGIH**, os pomeranos são:

11MCRGIH - [...] pessoas ligadas à igreja, muito à igreja, família, escola, então você tem assim que não é um povo qualquer que apareceu, um povo, porque hoje continua assim bastante rígido com igreja, com escola. Sabe, os pais induziram isso, os pais ensinaram, de berço, a gente trouxe isso.

A família pomerana, em seu sistema de normas, repassou para os descendentes sua religiosidade, formas de trabalho e a língua. A educação dos filhos baseia-se “em função do papel social que os pais antevem para seu filho: o seu papel de homem, de mulher, de pequeno-burguês, de trabalhador” (MANDRAS, 1975, p. 42).

Para o informante **11MCRGIH**, faltou à etnia pomerana de **MCR** o impulso educacional e econômico que a fizesse se inserir nas redes de poder econômico e de formação profissional local.

11MCRGIH - [...] **só se falava o pomerano, não existia outro**, não existia ninguém instruído, não existia ninguém com a capacidade de formação, com alguma coisa de, de levar alguma coisa adiante, aí, nesse meio tempo, entrou mais alemães, **já gente com formação da Alemanha e começou um pouquinho a atropelar os pomeranos e eles como não tinham ninguém qualificado de, de (inint) estudo**, de conhecimento, tanto é que você... hoje é difícil, eu sempre falo

que nós nascemos numa época errada porque são poucos pomeranos assim que têm uma formação, que são doutores ou são [...] nós temos algumas professoras em Marechal Rondon, temos assim formados pomeranos, mas faltou naquela época alguma coisa a mais, se acreditava era no braço, limpar o mato, plantar e colher. (Grifos nossos).

Como herança étnica linguística, os pomeranos souberam socializar a língua de seu povo, repassaram-na, de geração em geração, alcançaram o século XXI em **MCR** que, neste momento histórico, querem naturalizar o sujeito pomerano e situá-lo na história da localidade.

O informante **11MCRGIH** é um ativista da causa pomerana, participa da organização anual do Culto Pomerano e do Primeiro Encontro de Pomeranos, ocorrido no ano de 2017.

11MCRGIH - todo município ou distrito, isso é desde Porto Mendes, Iguiporã, Bom Jardim, aqui na Linha Juricaba, Linha Concórdia, Margarida, São Roque, depois vêm as linhas aqui, Linha Heindrich, Linha Guará, São José do Iguaçu, tá minado, muito pomerano tem vergonha de dizer, eu falo no programa de rádio, digo “gente, vamos bater no peito e dizer, eu sou um pomerano.” Tem vergonha de falar. No Rio Grande do Sul, em Canguçu quando se pede algum funcionário pra uma loja de preferência que fale pomerano, de preferência, pomerano.

Os pomeranos de **MCR** participam do culto anual da IELB. Todo o ritual religioso, sermão, hinos e orações são ministrados na língua materna. O informante **11MCRGIH** é um colaborador nesse ato religioso.

A cultura da terra é tradição entre os pomeranos, representa um bem maior que vem dos ancestrais e é repassada para os descendentes, como na fala destacada a seguir:

12MCRGIH - Pomerano trabalharam de escravo. Pomerano trabalharam sempre de escravo, não sei como conseguiram... acho que devem ter ganhado. Eu tenho uma, não sei onde que ficou a minha lista, dos pomeranos que vieram pro Brasil, de pessoas que vieram lá tá o nome do meu bisavô em cima. É daquela região de São Lourenço, chegaram lá e pegaram terra, os primeiros. A primeira terra que deu documento foi dessas pessoas ali. E ali tá, do meu bisavô tá junto nessa lista [...].

Os informantes da **GII** fazem referência à cultura agrícola, à posse da terra e têm orgulho de repassá-la para os filhos.

15MCRGIIH - Vai até no rio. No rio dá 1.200 metros de comprimento. É que foi repartido, pra lá é da irmã e pra cá, pra nós. Os pais moravam aqui, foi repartido em dois. Pros filhos. A mesma coisa que eu quero fazer agora. Vou entregar minha terra pros filhos. Pelo menos eles têm onde morar depois também.

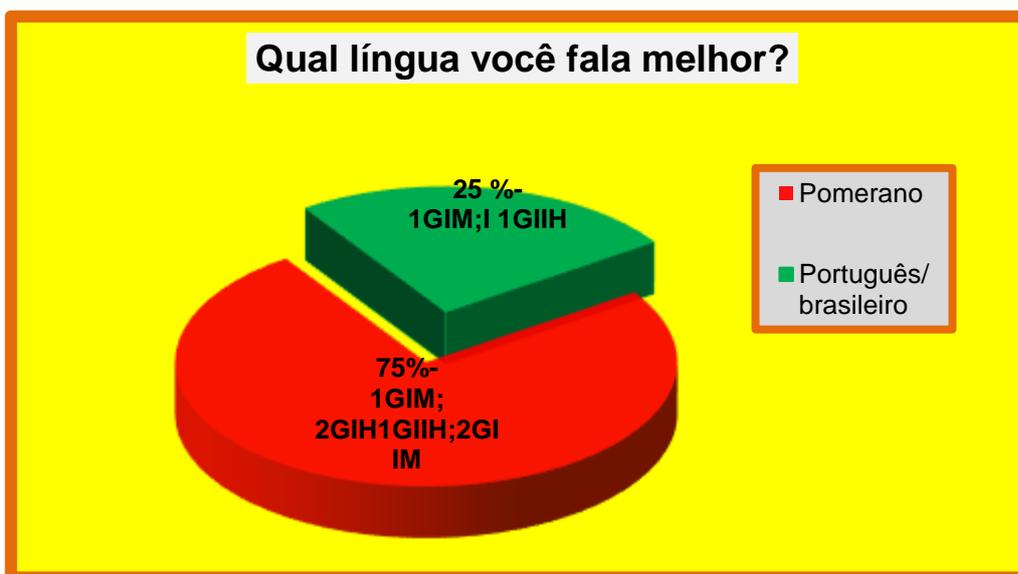
16MCRGIIH - Eu consegui comprar terra pra cada um, lá no lugar e até hoje tão morando lá, tão bem de vida lá. Eles têm maquinário que precisa e tem mais de dez colônias⁵² de terra.

Além da identidade luterana, os pomeranos afirmam uma identidade camponesa.

A **terceira questão** feita aos entrevistados foi: “Qual dessas línguas você fala melhor?”.

Dos entrevistados, 75% avaliaram-se com uma melhor atuação linguística na língua pomerana. Isso revela uma atitude positiva com relação à língua étnica. Dois informantes avaliam sua fala na língua portuguesa melhor. Sintetizamos na Figura 19 as avaliações dos informantes.

Figura 19: Avaliação do desempenho linguístico do pomerano de MCR



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

⁵² A medida corresponde a aproximadamente 250 000 m² ou dez alqueires.

A localidade de **MCR** tem um contexto complexo de línguas em contato, no qual os pomeranos tiveram sua interação facilitada com outras etnias germânicas. Os grupos germânicos de origem luterana mantinham uma proximidade entre a vida religiosa e a vida comunitária. Isso proporcionou uma melhor integração dos pomeranos com outros grupos alemães (SCHOLL COSTA, 2008).

Dos entrevistados, 25% declararam que falam melhor o português/brasileiro. Há uma tendência subjetiva de aproximação cada vez maior com a língua majoritária, de certa forma natural, segundo os informantes:

15MCRGIH – Sea gaut (Muito bom). Mais no geral agora é o português porque tem muitos que não falam o pomerano, daí a gente fica.

Segundo o informante **12MCRGIH**, a religiosidade sempre foi uma estratégia de interação comunitária na língua pomerana.

12MCRGIH - [...] o português, o brasileiro, ele é católico e daí as outras ceitas tudo. E o alemão e o pomerano, não. Pomeranos que eu conheço são luteranos ou são da Confissão ou são da Luterana.

A proximidade dos dois grupos étnicos, o alemão e o pomerano, ambos de religião luterana, com casamentos interétnicos entre o grupo de alemães e pomeranos, a presença de parentescos entre os grupos, aproximaram os pomeranos dos alemães, isso tudo levou a uma maior identificação com a língua alemã, mas, quando devem definir a língua que preferem falar, optam pela de seu grupo étnico.

Há várias ocorrências, nos três pontos da pesquisa, em que os entrevistados chamam a língua étnica de alemão, de dialeto do alemão, ou “falar pomerano”, ou ainda, um alemão-pomerano.

Conforme o relato da informante **14MCRGIIM**, há uma sorveteria local cujo proprietário é pomerano e nesse espaço público mantêm-se interlocuções na língua étnica. Ao narrar, chama a língua pomerana de “alemão”:

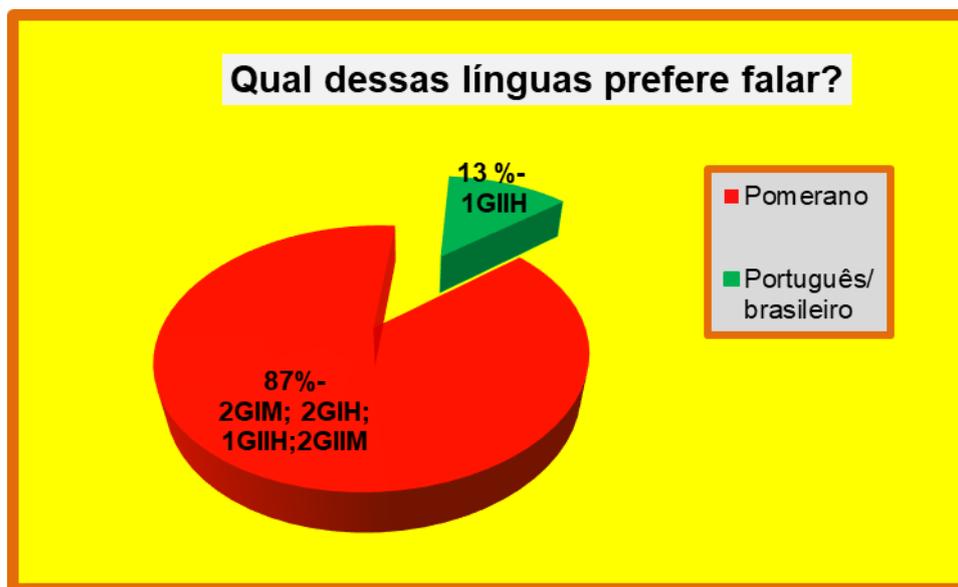
14MCRGIIM - Ah, se tem, nós “fala” em pomerano, daí se tem, às vezes tem os pomeranos se ajunta aqui na cidade [...] lá na sorveteria ele fala em pomerano e daí, **mas eu não começo falar**

em alemão, é, ah em pomerano, não quero, mas outras puxam (risos). (Grifos nossos).

Segundo os relatos dos entrevistados, podemos observar que há uma avaliação positiva da atuação do falante de pomerano.

A **quarta questão** foi esta: “Qual língua (s) você prefere falar?”. A partir das respostas dadas, elaboramos na Figura 20.

Figura 20: Língua(s) preferida(s) pelos informantes pomeranos de MCR



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

A identificação do informante com a língua étnica é expressiva, 88% disseram que preferem o pomerano. Um informante (12%) disse que prefere falar em português, porque usa mais no trabalho, mas não deixa de exercer sua bilinguagem.

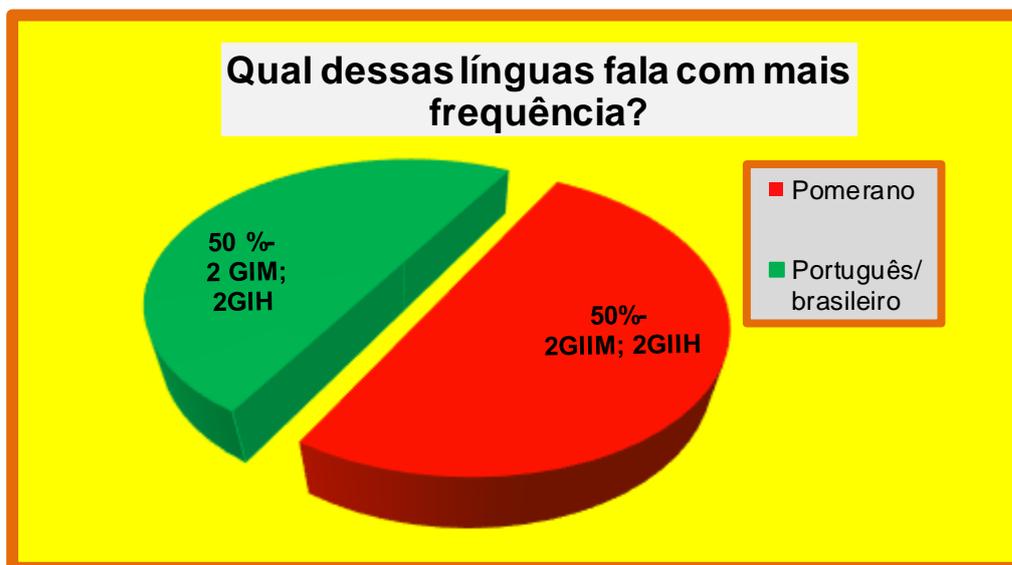
Na fala da informante a seguir, observa-se uma solidariedade intragrupo; a língua funciona como indiciário de pertencimento, um objeto de persuasão, linguagem fática, para manter a audiência comunicativa com os clientes:

10MCRGIM – eu falo as três porque quando vendo os produtos assim pessoas de idade, se a pessoa fala pomerano já chego falando em pomerano e o alemão também, mas puxa mais, às vezes tenho que pensar, porque aprendi o pomerano de pequena.

Na **quinta questão**: “Qual dessas línguas você fala com mais frequência?”, a comunidade pomerana se divide entre a língua étnica e a língua portuguesa.

Conforme mostra a Figura 21, 50% dos informantes preferem falar a língua pomerana. Esse número é bastante expressivo, pois a localidade de **NSR** não tem um grupo pomerano expressivo.

Figura 21: Língua usada com mais frequência pelos pomeranos de MCR



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

Os dados mencionados podem ser comprovados por meio dos seguintes excertos:

13MCRGIIM – Pomerano. Quando minha filha vem aqui, eu falo pomerano e ela me responde.

14MCRGIIM - Todos os dias, nós em casa. Se eu vou na minha irmã, daí nós falamos em pomerano ou em português, com meus irmãos e irmã, daí as noras ou cunhados não fala em pomerano. Tem umas que não são pomeranas.

15MCRGIIH - Mais no geral agora é o português porque tem muitos que não falam o pomerano, daí a gente fica...

O contexto rondonense tem um grupo pomerano bem expressivo, pois, conforme o informante **11MCRGIH**, há a intenção de organizar o grupo e reivindicar uma política linguística local para a preservação da língua pomerana. Para o informante, os pomeranos estão:

11MCRGIH – [...] escondidos. [...] nós vamos cadastrar eles agora, esse primeiro encontro, [...] se você não tiver dentro do seu grupo

alguém que fale, que defenda, que nós **temos que oficializar a língua**, já tenho os documentos em mãos, já me mandaram do Espírito Santo como é que faz, já tenho tudo e agora que você vem me dizer que oficializaram também o alemão, interessante se trocar uma ideia, de repente se faz os dois ao mesmo tempo. (Grifos nossos).

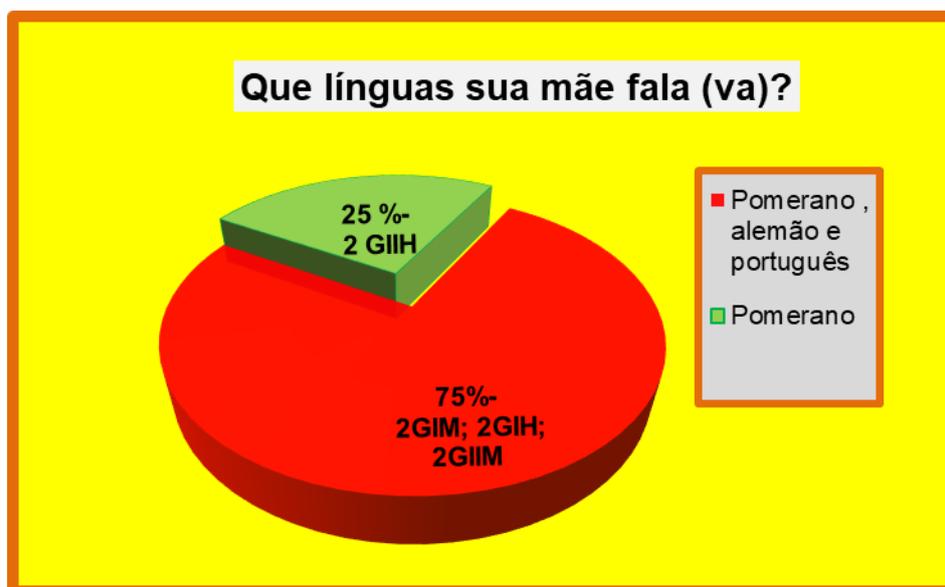
A comunidade pomerana de **MCR** tem vivido uma prática de tomada de consciência linguística e étnica pomerana por meio de atividades como programa de rádio, com a intenção de divulgar a língua pomerana; realização do Culto Pomerano pela IELB.

Também fazem parte destas iniciativas civis encontros locais dos pomeranos nas casas das famílias, realização do 1º Encontro do Povo Pomerano e 1ª Cavalgada Pomerana de Marechal Cândido Rondon no ano de 2017.

O grupo pomerano também tem acesso a sites de temática pomerana, mas sem conexão entre si, com abordagens locais, sítios virtuais, como o “pomerano.com”; “pommersch.com” e “Pommersch Platt!”, espaços que têm aproximado os pomeranos de sua história étnica.

A partir das respostas à **questão seis**: “*Que língua (s) a mãe fala (va)?*”, organizamos a Figura 22.

Figura 22: Língua (s) falada(s) pela mãe do informante de MCR



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

De acordo com os depoimentos dos informantes, todas as mães falavam pomerano; dessas, 75% falavam exclusivamente a língua pomerana e 25% eram trilíngues, como exemplificado nestes trechos:

09MCRGIM – Pomerano e português.

10MCRGIM - Com minha mãe **só pomerano**, eu respondo em português, as crianças também.

11MCRGIM - **Pomerano** e mal português.

12MCRGIH – A mãe? Fala em pomerano.

13MCRGII – A mãe não falava nada (português).

14MCRGIIM - Os dois, em português, a mãe não, quase nada, não. O pai sim, pouco; a mãe quase nada, acho que nem sabe.

15MCRGIH - Ah, o pomerano, pomerano.

16MCRGIH - O que eu vou te dizer... de crianças, nós tudo, o pai e a mãe, falavam em pomerano.

As mães do grupo etário **GI** falam/ falavam pomerano e português; as do **GII**, mais velhas, só falavam pomerano. Esse traço indica o grau de provincianismo do grupo pomerano de **MCR**; o perfil conservado é mantido pela presença de um número expressivo de moradores pomeranos, que sustentam uma teia discursiva com parentes, vizinhos, Culto da IELB, rádio comunitárias e famílias.

Segundo **11MCRGIH**,

11MCRGIH- Há em torno de 3000 pomeranos em MCR que precisam ser cadastrados, identificados para não se perder esse legado cultural que foi esquecido pela coletividade.

Na **sétima questão**: “*Que língua seu pai falava?*”, identificamos a mobilização social do gênero masculino pomerano. Isso lhe deu a oportunidade para aprender a língua portuguesa e a alemã, ambas no início da colonização faladas em público, já a pomerana era restrita à vida privada de seus falantes.

Segundo os informantes, todos falavam a língua pomerana, mas com inserção gradual da língua majoritária, a portuguesa, e também, nesse contexto de **MCR**, com forte inserção na língua alemã.

Isso é observado nos seguintes depoimentos:

09MCRGIM - Só pomerano. O pai, com a mãe , com os avós...ali no Arroio Fundo.

10MCRGIM - Pomerano, brasileiro e alemão.

11MCRGIH - O pomerano.

12MCRGIH - Pomerano alemão e um pouco de português.

13MCRGIIM - O pai falava melhor o português.

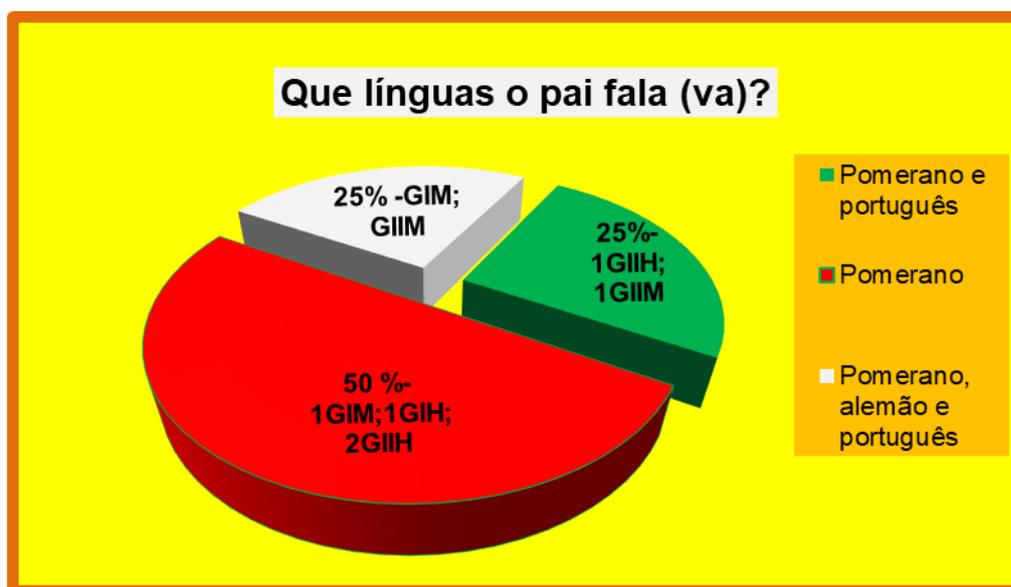
14MCRGIIM - Pomerano e brasileiro também.

15MCRGIH - Mesma coisa, pomerano.

16MCRGIH - Acho que só pomerano

Com as respostas dadas à **Questão nº 7**: “*Que língua(s) o pai fala(va)?*”, elaboramos a Figura 23.

Figura 23: Língua(s) falada(s) pelo pai do pomerano de MCR



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

De acordo com a Figura 23, 50% dos informantes disseram que os pais só falavam a língua pomerana; 25% são bilíngues (pomerano e português), com grau de dificuldade, e 25% eram trilíngues (alemão, pomerano e português).

Comparando os dois gêneros, as mulheres/mães (50%) são trilíngues, já dentre os homens/pais, somente 25% são trilíngues.

Esse fenômeno é classificado por Labov (2008) como um paradoxo de gênero. Quando se trata de mudanças vindas de cima, as mulheres utilizam mais as formas de prestígio do que os homens. Por sua vez, quando são mudanças vindas de baixo, as mulheres são as líderes da mudança linguística, o que significa que quando as mudanças começam, as mulheres têm atitudes linguísticas mais rápidas do que os homens para utilizar a nova variante; assim, o gênero feminino é mais predisposto à inovação linguística.

A **oitava questão** foi esta: “*Que língua você fala com...?*”. Ela nos permitiu verificar as interações em língua pomerana dos informantes de **MCR**. O Quadro 14 mostra a dinâmica de fala dos informantes que se inicia na rede primária, familiar, e consegue alcançar contextos sociais.

É possível visualizar a atuação dos sujeitos bilíngues e trilingues da localidade que, ao ser mensurada, mostra a vitalidade da língua étnica local dos pomeranos, tanto no uso da língua, quanto no ensino da língua de herança para as novas gerações.

Quadro 14: Interações na língua pomerana dos informantes de MCR

Que língua você fala com ...?							
Informante	Pai	Mãe	Esposo (a)	Filho (a)	Neto (a)	Amigo (a)	Parente
09MCRGIM*	+	+	Port.	Port.	Port.	Port.; . Pom.	Port. Pom.
10MCRGIM*	+	Pom.	Port. Pom.	Port. Pom.	-	Port. Alem. Pom.	Port. Pom.
11MCRGIH*	+	Pom.	Port. Alem. Pom.	Port.	Port.	Port. Alem. Pom.	Port. Pom.
12MCRGIH*	+	Pom.	Port.	Port.	-	Port. Alem. Pom.	Port. Pom.
13MCRGIIM	+	+	Port. Pom.	Port. Pom.	-	Port. Alem. Pom.	Port. Pom.
14MCRGIIM	+	+	Port. Pom.	Port. Pom.	Port. Pom.	Port. Alem.	Port Pom.
15MCRGIH	+	+	Pom. Port.	Pom. Port.	Port. Pom.	Port. Alem. Pom.	Port. Pom.
16MCRGIH	+	+	Pom.	Pom.	Port. Pom.	Port. Alem. Pom.	Port. Pom.

Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa. + Falecido (a); *Cônjuge da etnia alemã.

O Quadro 14 espelha a dinâmica interativa do falante, identifica-se os interlocutores e os contextos de uso da língua pomerana, uma amostra do contexto de línguas em contato em **MCR**.

O pomerano apresenta uma dinâmica linguística bastante peculiar: sua língua é elemento de resistência diante das influências da língua portuguesa e a língua alemã que gera uma identidade linguística multifacetada. Nessa dinâmica, a língua pomerana é instrumento de comunicação, de construção do eu e de identidade, implicações mútuas que localizam o falante no espaço histórico-social étnico de **MCR** (RAJAGOPALAM, 1998).

Os espaços ocupados pelos pomeranos contavam com três línguas distintas:

14MCRGIIM – **Em pomerano** depois, nós fomos na doutrina, fui confirmada tudo em **alemão**. Depois quando casei, comecei... tinha uns que falavam em português. (Grifos nossos).

A interlocução com os filhos em língua étnica foi registrada por 75% dos entrevistados. Apenas duas informantes da geração mais jovem, **G1**, não interagem na língua pomerana com os filhos, mas destaca-se que 25% dessa mesma geração tem ensinado a língua para os filhos. Essa realidade aponta para uma atitude positiva com relação à própria etnia.

O contexto de línguas em contato, materializado nessa questão, registra 47% de ocorrências em língua pomerana, 42% de ocorrências de uso da língua portuguesa e 11% em língua alemã, os números indicam, ainda o uso da língua pomerana praticamente em concorrência com a língua portuguesa. Há uma identidade linguística partilhada.

Segundo Rajagopalan (1998),

Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior ou fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, **as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas**. Isso por sua vez significa que as identidades estão sempre num estado de fluxo (RAJAGOPALAN, 1998, p.41-42, grifos nossos).

Os informantes de ambas as gerações registram em língua pomerana interlocuções com amigos, no âmbito externo de sua privacidade, o que também indica uma vitalidade linguística e étnica pomerana da localidade de **MCR**.

Os seguintes depoimentos validam o cenário ético pomerano de **MCR**:

11MCRGIH - Eu gosto de fazer isso e tenho maior apreço pelos pomeranos, onde passo na rua todo mundo “Gun dag”. Agora tinha uma mulher lá em cima “Woo gäit” e respondi “mij gäit gaud” Mas onde você vai, você encontra... esses dias nós tava no Sicred, de repente nós “tava” em sete. Esses dias... sábado de noite no culto na Cristo, nós “tava” depois do culto, eu contei, eu falei, “vamos ligeiro contar os pomeranos”, vinte e um tavam ali, num bolinho. E só fala pomerano, fala um monte de besteira.

15MCRGIH - Até no mercado Ruzza, nós temos uma amigo, sempre conversemo em pomerano, aquele que tá na balança lá, um magrinho. Quando a gente chega lá, ele fala em pomerano. Daí o pessoal fica olhando pra gente, como é que a gente conversa.

16MCRGIH: É, no mercado, às vezes em quando pomerano. E tem o, tem o Arlindo Estrelof que é primo da mulher, ele também fala pomerano. Ali pra baixo.

Bloco 2: Conhecimento e uso das variedades linguísticas da comunidade pesquisada

Neste bloco, analisamos o componente conativo e afetivo dos entrevistados com relação ao ensino da língua pomerana para os filhos ou netos, isto é, se existe algum assunto que seja difícil falar na língua pomerana; se conhece uma mídia que use a língua pomerana; e seu conhecimento sobre outras regiões ou lugares onde falam pomerano. Os entrevistados foram inquiridos por meio das seguintes perguntas:

- 1- Você gostaria que seus filhos/netos soubessem falar em pomerano?
- 2- Existe(m) algum(ns) assunto(s) nos quais tem dificuldade de se expressar?
- 3- Você ouve programas de rádio em pomerano?
- 4- Em qual região/estado você acha que usam mais a língua pomerana no Brasil?

Sobre a **questão 1** “*Você gostaria que seus filhos/netos soubessem falar em pomerano?*” verificamos que 75% dos entrevistados afirmaram que gostariam que seus filhos falassem em pomerano, o que representa uma atitude conativa afetiva que estimula a permanência da língua no grupo étnico. Para a informante **10 MCRGIM**, o pomerano corre risco de extinção, preocupação que já se estende ao filho que, ouvindo a entrevista, interfere na avaliação da mãe:

10MCRGIM - Aos poucos dá impressão que sim, mas ia ser né, uma pena! (ah, mas a mãe sabe falá) Mas William, a tia quis dizer assim que tenho ensiná você, se eu não ensiná você, quando você for grande como você vai ensiná teu filho? Daí não vai mais ter, entendeu?

11MCRGIH - Mas tô fazendo de tudo, é assim um orgulho pra mim como pai, como vô ter alguém. Então a minha, a mais nova tem treze anos, aí ela começa cantar em pomerano [...].

13MCRGIIM - assim em casa eu falo, **converso em pomerano com os filhos**, eles respondem em português *ales pomersch* (tudo em pomerano). (Grifos nossos).

14MCRGIIM - Sim, **nós fala, mas os filhos** já, sempre em português. Uma ou outro palavra, ela fala uma ou outra palavra, pouca. E os filhos, ah também não, daí os filhos e as noras não. Daí só em português, mais em português. Os netos só em português. (Grifos nossos).

Há dois registros do ensino da língua pomerana para os netos, levando em conta que somente dois informantes têm netos, ou seja, 50% dos netos aprendem o pomerano.

Ratificando o Quadro 15, três entrevistados realizaram casamentos interétnicos, pomeranos com alemães. Geralmente, quando isso ocorre, a geração seguinte não aprende nenhuma das línguas dos pais, a família elege uma língua comum, neste caso, a língua portuguesa.

Na questão 2: “*Existe (m) algum (ns) assunto (s) nos quais tem dificuldade de se expressar?*”, parte dos informantes (25%) sinalizou limitações em enunciados específicos, no gênero religioso e em períodos muito longos. Os demais (75%) afirmaram não ter dificuldade em falar na língua de herança.

09MCRGIM - Olha, assim que nem reza mesmo assim eu não sei...

10MCRGIM - Só se for tipo muito extenso, frases muito longas.

11MCRGIH - Não tenho dificuldades não.

12MCRGIH - Acho que não.

14MCRGIIM - Ah, pode ser uma ou outra palavra, bem bem.

15MCRGIIH - Não, eu falo bem.

16MCRGIIH - Olha, eu sempre acho que eu sei mais ou menos, não vou dizer tudo.

Os informantes têm uma atitude metalinguística positiva do seu desempenho e isso demonstra uma identidade étnica e linguística acentuada, isto é, não desmerecem seu falar, o que pode ser o indicador de um contexto de uso da língua étnica sem constrangimentos externos.

Quanto à questão 3: “*Você ouve programas de rádio em pomerano?*”, sabe-se que nessa localidade, a rádio inclui programas na língua pomerana, o que levou o informante a declarar que ouve tais programas que duram, segundo ele,

11MCRGIH - Duas horas e meia, das 8 às 10h 30 min. Mas passa tão rápido, muita gente ligando, homenagens, sabe, é tudo pomerano, já falam, se eu falar bom dia, eles já falam, eeeee *Gut moir*⁵³’n. [...] O pomerano é *Gut moir*’n.

Esse programa é referência para a comunidade pomerana, pois é um meio de comunicação que tem como tema a etnia pomerana. Verificamos que tal programação é recebida com bastante entusiasmo, sobretudo na fala dos seguintes informantes:

11MCRGIM - Sim, dois programas agora das 6 às 8 do Davi Wullp e outro do Valmor Vorpapel das 8 às 9 horas.

15MCRGIIH - A oração ele faz em pomerano quando termina o programa. Até comprei uma rádio bem pequeninho assim pra eu poder, porque nós temos dois rádios que não pega. Então eu comprei um radiozinho, aquele pega.

Destaca-se um comportamento receptivo dos pomeranos com relação ao programa de rádio, que apresentam uma atitude conativa e afetiva pela audição do programa. Observa-se a existência de um comportamento cognoscitivo quando corrige o locutor da rádio, solicitando que faça o cumprimento ao ouvinte na língua

⁵³ Bom-dia.

Pomerana.

Figura 24: Slogan do programa pomerano de MCR



Fonte: Rádio comunitária do ES.

O slogan do Programa Pomerano em Foco, da Rádio Marechal FM 107,9 de **MCR** foi copilado do slogan do Espírito Santo, como já dito, um estado com expressivo número de pomeranos que iniciou as mobilizações étnicas para o reconhecimento da língua pomerana naquele estado, uma atitude positiva que acabou se estendendo para outras regiões do país.

Na **questão 4**: “*Em qual região/estado você acha que usam mais a língua pomerana no Brasil?*”, todos os informantes citaram Espírito Santo como referência da etnia pomerana, mas também não deixaram de citar a própria comunidade, elencando regiões do município e pontos comerciais da localidade onde podem encontrar falantes de pomerano, como nas falas em destaque:

11MCRGIH - Tem em todo lugar. No Sicred tem um Vorpapel, aqui na refrigeração do Aldino é pomerano, Vorpapel Materiais de Construção são todos pomeranos, e assim, isso tá... mercado, no Allmayer tem três, quatro pomeranos lá. Farmácia também tem.

12MCRGIH – No Espírito Santo.

13MCRGIIM – Eu nunca tava na região do Espírito Santo, eu acho que é aqui mesmo, [...] por minha parte é minha região mesmo. [...]vou dizer pra você, se entrar aqui na **Linha Arara, Maracanã, Três Voltas, Piriquito, Maracanã, Ara..., Baitaca**, é tudo pomerano, é tudo pomerano...[...] Desse lado aqui, o que que é? Leste. É, tem em todo lugar, todo município ou distrito, isso é desde **Porto Mendes, Iguaporã, Bom Jardim**, aqui na **Linha Juricaba, Linha Concórdia, Margarida, São Roque**, depois vêm as linhas aqui, **Linha Heindrich, Linha Guará, São José do Iguaçú**, tá minado. Muito pomerano tem vergonha de dizer, eu falo no programa de rádio, digo **gente, vamos bater no peito e dizer, eu sou um pomerano**. Tem vergonha de falar. No Rio Grande do Sul, em Canguçu, quando se pede algum funcionário pra uma loja de preferência que fale pomerano, de preferência, pomerano. (Grifos nossos).

16MCRGIH Mas (inint) falou pra mim, ela falou pra mim um dia, que são dois tipos de pomerano, tem uns pomeranos que são da região de **Pelotas** e daí tem aquela região que mora lá em **Espírito Santo**, eles têm um pouco de diferença. O sotaque. (Grifos nossos).

O informante **11MCRGIHU**, em tom enfático, localiza seu grupo étnico apoiado na audiência de locutor de rádio. Localiza-os em seu mapa mental, pois seu programa tem o objetivo de promover a integração do grupo, divulgar informações e criar uma imagem positiva da condição de ser pomerano:

11MCRGIHU - Eu falo no programa de rádio, digo **gente, vamos bater no peito e dizer, eu sou um pomerano**. (Grifos nossos).

O informante **11MCRGIH**, membro da IELB, comunidade religiosa que promove os cultos pomeranos anuais, é um dos incentivadores da causa pomerana, nasceu em **MCR**, conhece a comunidade dos rondonenses, assim, quando diz: “vamos bater no peito e dizer, eu sou pomerano”, está levantando a moral de um povo que foi/é estigmatizado. Em sua fala, quando incentiva os pomeranos a baterem no peito, se encher de orgulho, está mobilizando um povo de baixa autoestima, que viveu na condição de excluído, escondido. Justamente, ele sugere o oposto: sair da sombra da etnia alemã, expor a condição pomerana, assumir a identidade étnica, deixar cair o papel de coadjuvante, assumir-se como protagonista da história pomerana.

A localização do descendente pomerano no contexto de fala é pertinente porque, ao olhar para o outro, o pomerano se vê; uma atitude conativa, afetiva e cognoscitiva de identidade linguística.

Bloco 3: Conhecimento e atitudes em relação à língua e à etnia pomerana

As questões deste bloco identificam a atitude dos informantes quanto à identidade étnica e à língua de herança. São questões que, de forma indireta, desvelam as atitudes a respeito da valoração da língua, preferências inconscientes e conceitos de foro íntimo que podem identificar a solidariedade entre os interlocutores pomeranos. Na sequência, destacamos as perguntas elaboradas:

- 1- O pomerano é uma língua útil para os pomeranos?
- 2- Você gosta de falar em pomerano?
- 3- Como você se sente, quando algum pomerano fala em público, por exemplo, num supermercado, restaurante ou igreja?
- 4- Quando você fala, mistura português com pomerano?
- 5- Você gosta de ser chamado de pomerano (a)?
- 6- Como você define sua identidade?

Sobre a **primeira questão** deste bloco: “*O pomerano é uma língua útil para os pomeranos?*”, selecionamos alguns depoimentos:

10MCRGIM - Eu acho, tem uns idosos que nem o brasileiro assim, eu conheço gente assim nem fala o brasileiro hoje, só pomerano mesmo, tem dificuldade sim.

13MCRGIIM – Prefiro pomerano, mesmo.

12MCRGIH – Eu acho importante é da família.

16MCRGIH- Serve a mesma coisa que o brasileiro, pra mim, o mesmo. Porque eu sei ela em brasileiro, eu sei ela em alemão.

Os informantes demonstram uma tendência avaliativa positiva com relação à língua étnica, é uma referência familiar para o informante **13MCRGIH**, está implícito a afetividade; costume familiar (comportamento); um comportamento geracional

familiar, portanto, o pomerano têm a crença linguística de que é pomerano pela língua.

Um informante em tom de afetividade diz que a língua pomerana “Serve a mesma coisa que o brasileiro, pra mim, o mesmo” (16MCRGIH).

Na **questão 2**: “*Você gosta de falar em pomerano?*”, os entrevistados têm uma atitude positiva no que se refere à língua de herança, pois é meio de comunicação entre parentes e amigos pomeranos:

09MCRGIM - Sim.

10MCRGIM - Eu gosto bastante pomerano quando as prima se reúne nos aniversário a gente fala umas coisinhas só pra dá risada.

14MCRGIIM - Sim, a Irma Vorpapel, se nós tamo, a gente fala em pomerano. Se tá no meio dos outros, daí nós fala daí, se gostem.

A família é o contexto de uso mais frequente da língua dos ancestrais, assim como há rituais, celebrações comuns em cada casa, em uma linhagem de ascendência étnica comum, os enunciados na língua de herança, geralmente, fazem parte de uma norma de conduta identitária.

Na **questão 3**: “*Como você se sente, quando algum pomerano fala em público, por exemplo, num supermercado, restaurante ou igreja?*”, dois os informantes declaram uma atitude positiva, têm uma reação conativa extremamente afetiva, reconhece-se na voz do outro, há uma identificação linguística e étnica, como observado a seguir:

10MCRGIM - Chega até emocioná, porque é... eu assim, nossa! Eu já, às vezes, depende do que os cara fazem, falam na rádio eu tô num lugar, que nem o Walmor mesmo chega arrepiá mesmo assim, não sei se é porque a gente é dessa cultura mesmo, **dá um gesto de nobreza assim**. (Grifos nossos).

14MCRGIIM - A gente fica contente. Acho que sim. E não esquece.

Na **questão 4**: “*Quando você fala, mistura português com pomerano?*”, destacamos as seguintes respostas:

12MCRGIH – Sim.

13MCRGIIM - Na conversa assim...Todos falam misturado.

14MCRGIIM - Sim, eu sim.

15MCRGIH - Olha, meio por meio. O pomerano e o português.

Para Heredia (1889), a mistura de línguas é comum em contexto de línguas em contato, o uso frequente da alternância de língua pode ser considerado um marcador de identidade de uma minoria bilíngue, marca de coesão do próprio grupo com relação ao grupo majoritário: descendentes de alemães e brasileiros. Ainda nas palavras da autora,

A alternância, também, pode ser uma sub norma de comportamento linguístico particular de uma minoria para a qual esses intercâmbios tornam-se uma prática normal; também é uma estratégia de comunicação de sujeitos bilíngues, que querem obter efeitos estilísticos mais eficazes. (HEREDIA, 1989, p. 216-217).

O fenômeno linguístico do bilinguismo, neste estudo, aborda uma leitura conativa, especificamente no comportamento do falante com relação ao uso da língua materna, a pomerana, e a língua portuguesa, porque, quando o falante usa a alternância de código, está fazendo uso de uma mensagem subliminar que aciona a comunicação com seu interlocutor pomerano, é uma estratégia fática para iniciar, ou mantê-la. Desse modo, é uma atitude conativa e afetiva positiva com a língua de herança.

Na **questão 5**: “*Você gosta de ser chamado de pomerano (a)?*”, o objetivo foi avaliar a atitude do sujeito de origem étnica pomerana, quando identificado, localizado, pelo outro neste contexto de línguas em contato. Destacamos os seguintes excertos:

11MCRGIH – Sim.

10MCRGIM - Eu senti até orgulho ainda (risos).

12MCRGIH – É bom, se sente importante.

13MCRGIIM - Não podia negar. Sou mesmo.

14MCRGIIM - A gente fica contente. Acho que sim. E não esquece.

15MCRGIH - Sim.

16MCRGIH —Sim, a gente é.

Os informantes têm uma reação conativa positiva, não se sentem constrangidos ou diminuídos; ao contrário se veem reconhecidos pelo outro, isso os deixa satisfeitos, engrandecidos e emotivamente muito satisfeitos.

Essa reação espelha duas situações: a do reconhecimento, a atitude do outro em validar a presença do pomerano, portanto, visto e reconhecido; e a outra, de que essa situação de validação não ser tão recorrente, porque sinaliza a ausência desse olhar de reconhecimento. Na frase “Não podia negar. Sou mesmo”, está encoberto o estigma com relação ao pomerano ser reconhecido, é ser identificado na população de **MCR**.

Quanto à **questão 6**: “*Como você define sua identidade?*”, copilamos os seguintes depoimentos:

09MCRGIM - Sei lá, acho que não tem diferença.

10MCRGIM – Brasileira pomerana.

11MCRGIH - Quem é um pomerano? É uma pessoas dessa que é descende desses gaúchos, **que continua, que tem as características que os antepassados, os pais trouxeram de lá, de berço**, que tenha igreja, escola, família que preserve essas... (Grifos nossos).

12MCRGIH - Brasileiro.

13MCRGIIM - Brasileira pomerana.

14MCRGIIM - Hum, sei lá.

15MCRGIH - Pomerano brasileiro porque nós mora no Brasil.

16MCRGIH – Pomerano brasileiro.

As definições de identidade estão partidas entre a identidade pomerana, herdada dos ancestrais, e a brasileira, do país no qual se nasceu e se vive. Quando fazem referência à identidade pomerana, estão indicando o modo de ser e lidar com as atividades vivenciais; a brasilidade está vinculada à ideia de nacionalidade e de pertencimento a uma nação.

Para finalizar a exposição e análise do corpus da pesquisa de **MCR**, realizamos a leitura das avaliações subjetivas que desvelam as atitudes e crenças linguísticas étnicas pomeranas de **MCR**, dispostas na subseção seguinte.

Bloco 4: Características do comportamento moral e ético associadas ao pomerano, não pomerano, alemão ou não existe diferença

As avaliações colocam o povo pomerano em alto grau de reputação e seriedade ética, dados confirmados pela figura 25.

Figura 25: Tendências de atitudes pomeranas de MCR



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

Destacamos que as questões para identificar as crenças e atitudes linguísticas foram aplicadas a todos os entrevistados, separadamente, o que nos permitiu verificar se há entre as respostas dos entrevistados uma ligação, uma coerência

Recolhidas as respostas e analisadas, percebe-se uma série de coincidências nas respostas dos entrevistados, uma certa coerência na expressão da opinião dos indivíduos, com a qual podemos nos perguntar se há algo mais profundo e estável que possa ser chamado de atitude (MENDRAS, 1975).

Após mensurar as respostas, fica evidente a atitude étnica linguística dos entrevistados a favor da sua etnia, pois há uma tendência de avaliações positivas atribuídas aos pomeranos; já as avaliações negativas são atribuídas “aos outros” ou à opção “não tem diferença”. Nessa polarização, os entrevistados sinalizam uma atitude positiva com relação ao grupo germânico (pomeranos e alemães); as respostas depreciativas pertencem aos outros, ou concluem que não tem diferença.

O Quadro de respostas apresenta um grupo étnico coeso, dos 18 critérios avaliativos, 14 foram associados aos pomeranos de forma positiva. Classificaram-se como:

- **100%** disseram que são hospitaleiros; econômicos; conservadores; honestos e religiosos;
- **90%** afirmaram que são de confiança; inteligentes; têm amor à família; trabalhadores; prestativos e simpáticos;
- **80%** declararam que são disciplinados e orgulhosos;
- **50%** são corteses.

Quanto às avaliações negativas, egoísta, corrupto e materialista, foram associadas “aos outros” ou identificado como: “não tem diferença”:

- **Egoísta:** **62.5%** disseram que são os **outros**;
25%, que são os **pomeranos**;
12.5% são os **alemães**;
- **Corrupto:** **87.5 %** disseram que são os **outros**;
12.5 % que são os **alemães**;
- **Materialista:** **37.5 %** disseram que são os **outros**;

25% pomeranos;
25% alemães;
12.5% que **não tem diferença**.

Nessa análise, confirmamos a polarização entre pomeranos e alemães versus os “outros” e “não tem diferença”. Quando há uma qualificação negativa, essa não é associada ao pomerano; o sujeito referenciado é o outro, ou que não tem diferença. Isso indica um grupo étnico pomerano coeso, com uma predisposição de fidelidade linguística e étnica, ou seja, tem uma atitude positiva em relação ao seu grupo.

Portanto, os pomeranos de **MCR** têm uma atitude positiva com relação ao seu grupo, mas sem ferir ou desmerecer o grupo alemão, o único quesito em que os alemães foram referenciados com o maior índice foi no quesito materialista (25%).

A comunidade pomerana de **MCR** apresenta uma bilinguagem intergrupo, consideram-se pomeranos rondonienses, assim, têm uma identidade étnica positiva de seu grupo.

Finalizada a análise referente ao segundo ponto da pesquisa, **MCR**, a próxima seção apresentou a análise do último ponto.

4.3 TERCEIRO PONTO: NSR

A localidade de **NSR** foi colonizada a partir de 1952 pela *Colonizadora Maripá S/A*. Em 1954, fundou-se a Vila de **NSR**, distrito de Toledo, sede da colonizadora.

O panfleto a seguir, figura 26, convidava a população da região para a festiva de inauguração do marco inicial da Vila de **NSR** e na qual se homenagearia o Sr Waldi Winter, um fundadores e acionista da empresa Maripá, figura marcante no imaginário do colonizador.

Figura 26: Fundação da Vila de Nova Santa Rosa



Fonte: Disponíveis em: <http://memoriarondonense.com.br/>.

Os migrantes dessa localidade são da quarta e quinta geração do povo germânico que imigraram para o Brasil. A amostra dessa localidade é formada por migrantes de três estados: Espírito Santo (Pancas), Rio Grande do Sul (Cerro Largo, São Paulo das Missões, Pelotas e São Luiz Gonzaga) e Santa Catarina (Massaranduba). É uma das amostragens mais ecléticas de migrantes pomeranos dos três pontos da pesquisa.

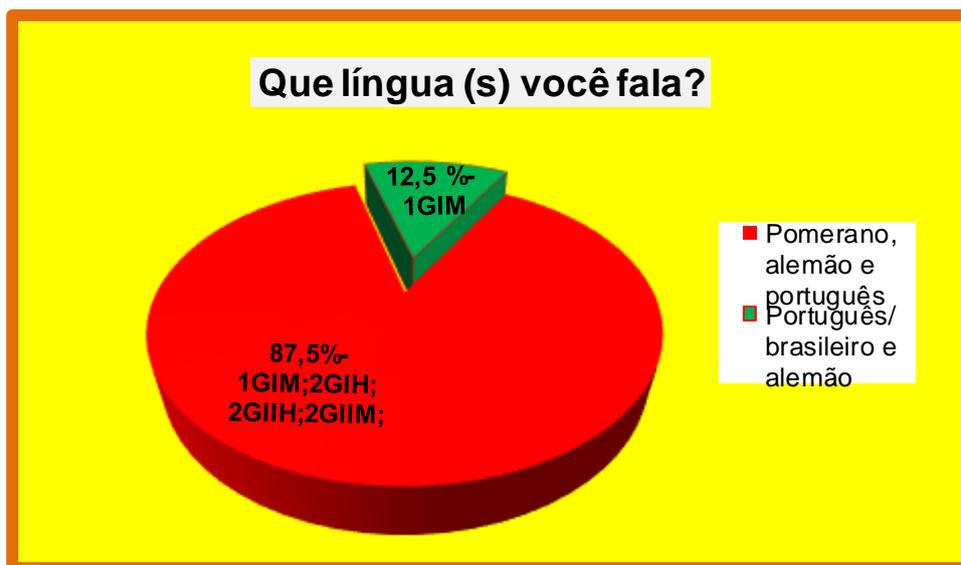
A fala dos entrevistados é, ao mesmo tempo, um ato individual e social. O sujeito é único, sua voz, o enunciado, é uma criação individual, na qual se encontram traços idênticos aos de outros falantes; esses atos enunciativos são atravessados por normas que expressam as reações avaliativas do falante de ascendência pomerana (BAKHTIN, 2002).

Para essa análise, conforme descrição anterior, dividimos as questões em blocos para melhor identificar tendências avaliativas cognoscitivas, conativas e afetivas.

Bloco 1: Aspectos metalinguísticos: identificação da(s) língua(s) que fala, modo de aquisição pelos pais e pelo informante

Para iniciar a mensuração do último ponto da pesquisa, analisamos a **primeira questão**: “*Que língua (s) você fala?*”. Essa pergunta teve a intenção de averiguar a consciência linguística do informante quanto ao uso de uma ou mais línguas nessa localidade. Conforme a Figura 27, 87% dos informantes falam a língua pomerana.

Figura 27: Línguas faladas pelos informantes pomeranos de NSR



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

Nesse contexto, 87,5% dos informantes declararam que são trilíngues (alemão, pomerano, português) e 12,5%, que representa a informante **17MCRGIM**, é bilíngue (alemão, português); segundo ela: “[...] português e um pouco de alemão’. Destacamos outras falas:

20NSRGIH - Isso, e de criança, já na infância. [...] Pomerano. Até foi uma dificuldade para ir pra escola, porque fala muito bem o pomerano e mal e mal, tinha que ir lá aprender falar português (risos).

21NSRGIIM- Só pomerano de criança, alemão e português.

24NSRGIH - Sim, é só pomerano (risos). [...] alemão um pouco, né. Melhor é o pomerano ainda. Hum, gosto de brasileiro e o pomerano, os dois

Esses depoimentos registram o contexto de línguas em contato, aquisição da L1, a língua de herança, na primeira infância, em seguida, a L2 e L3. Para o grupo étnico, essa aquisição contínua de línguas, afeta a perda da L1, porque se percebe a perda da identidade étnica pomerana comunitária, devido a inserção de novas culturas.

Aprofundamos mais esse tema com a **segunda questão**: “*Qual dessas línguas você aprendeu primeiro?*”. Dos entrevistados, 87,5% tiveram na primeira infância o ensino da língua de herança, como se percebe nas falas em destaque:

18NSRGIM - Bem, eu só me lembro de eu “tá” falando português. Assim, eu lembro porque o pomerano e o alemão, a mãe falava muito na loja assim, mas que eu me lembro, eu não falava assim naquela época.

19NSRGIH - Na época eu acho que é o pomerano, né. E daí o alemão porque na época era só alemão e pomerano, brasileiro mesmo depois que foi na aula.

22NSRGIIM - Primeiro era pomerano [...] Ah, eu gosto mais pomerano.

23NSRGIH - Só português aqui em Santa Rosa. E em Assis Também só português. E lá em Espírito Santo (risos) só pomerano. Mas escrevia [...]escrevia em português e falava com os alunos em pomerano. Mas ensinava o português para eles.

Apesar da primeira socialização ter ocorrido na língua pomerana, as falas dos informantes confirmam um multilinguismo que se manifestou em locais e em situações específicas de uso de uma língua ou outra, pois a bilinguagem se alterna de acordo a situação social e fases da vida.

O motivo disso, segundo este informante, era

19NSRGIH – [...] porque na época era só alemão e pomerano, brasileiro mesmo, depois na aula.

Esse fato linguístico ilustra a complexidade desse contexto de línguas em contato de **NSR**, pois houve na comunidade o ensino das línguas herança pelas famílias pomeranas e alemãs. Nesse sentido, ocorre o contato com três línguas entre os falantes locais; duas de herança étnica, com maior ou menor bilinguagem, e a língua majoritária falada por todos os informantes.

Consideramos que o falante bilíngue ou trlíngue faz o uso alternado de duas, ou três línguas sem precisar qual o grau de competência do falante em qualquer uma dessas línguas (WEINREICH,1953)

A informante **17NSRGIM**, descendete de pomeranos, tem como língua materna a língua portuguesa, segundo ela:

17NSRGIM – [...] o pai e a mãe não queriam ensinar porque tinham sofrido muito por causa da língua, decidiram que a gente ia aprender português; o alemão aprendi na escola com as outras crianças, porque as crianças falavam alemão.

A atitude conativa afetiva dos pais da informante de não ensinar a língua de herança da família, mãe de origem pomerana e pai, alemã, está ligada ao estigma linguístico do passado, quando da Campanha de Nacionalização do Ensino, pelo Decreto, nº 7.614 de 1938, determinou às escolas a oferta da instrução primária, exclusivamente, em língua portuguesa. Em 10 de dezembro de 1939, o Decreto de nº 1.006, com teor pedagógico, censurava o uso de material didático e livros escolares estrangeiros.

Até então, o estado brasileiro não ofertava um ensino gratuito para todos, eram as escolas privadas, organizadas pelas comunidades leigas ou instituições religiosas, que mantinham um compromisso contínuo com a educação de suas comunidades.

Essas medidas foram desencadeadas devido à ocorrência da Segunda Grande Guerra Mundial, que envolvia os países de origem dos imigrantes italianos, alemães e japoneses. Os decretos provocaram um terrorismo interno de proibição e de caça aos contraventores linguísticos, principalmente, de materiais escritos, pois eram considerados uma ameaça a soberania brasileira e a língua portuguesa. (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010).

Essa atitude estatal, além de gerar o estigma linguístico sobre a língua do imigrante, produziu, para alguns, uma atitude conativa e afetiva positiva de resistência com a manutenção do ensino da língua étnica em contexto privado. Não obstante, produziu, também, efeitos conativos negativos, como se pode verificar com o depoimento da informante **17MCRGIM**, que por decisão familiar, não recebeu uma educação linguística étnica dos pais.

Na **terceira questão**: “Qual dessas línguas você fala melhor?”, os informantes declararam, em sua maior parte (75%), ter maior domínio na língua portuguesa, conforme a Figura 28.

Figura 28: Avaliação do desempenho linguístico do pomerano de NSR



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

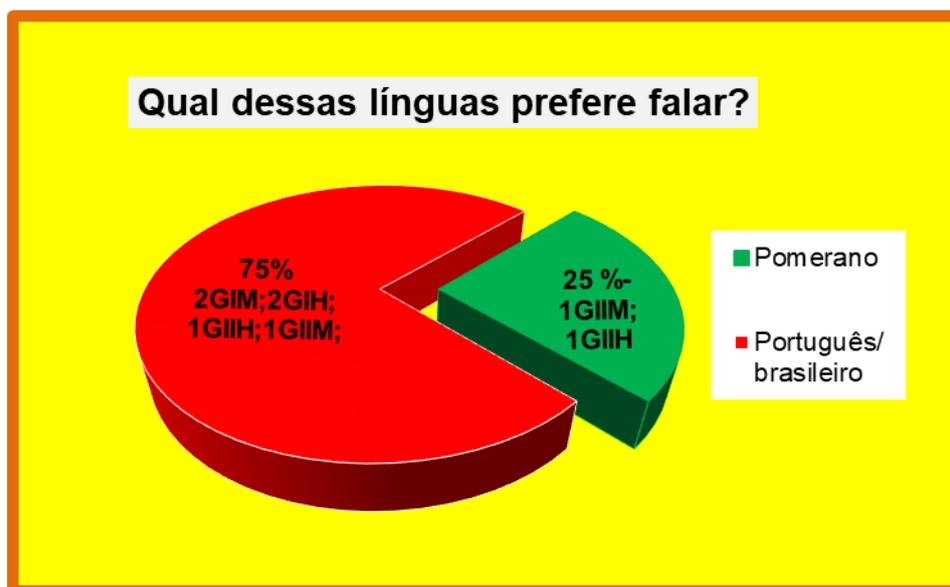
Os 25% dos entrevistados que declararam falar melhor o pomerano são da **GII**, a geração mais conservadora da língua de herança.

De acordo com Grosjean (1982), os falantes da língua minoritária revelam insegurança quanto ao que pensam saber sobre a(s) língua(s). Em **NSR**, os informantes avaliaram seu desempenho linguístico melhor na língua portuguesa, porque, segundo eles, a falam na maioria dos contextos.

A comunidade de **NSR** apresenta uma rede de comunicação bastante aberta, isso facilita a comunicação na maioria das vezes na língua majoritária. Outro fator é de que o grupo pomerano é bastante reservado e é associado à etnia alemã, logo, invisível ao olhar da comunidade local.

Isso fica evidente também na **questão quatro**: “Qual dessas línguas prefere falar?”. A Figura 29 apresenta a preferência linguística dos informantes pomeranos. A leitura dos resultados demonstra uma atitude conativa que dá preferência à língua portuguesa.

Figura 29: Preferência linguística dos pomeranos de NSR



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

Os entrevistados, na sua maioria (75%), preferem falar na língua portuguesa, entretanto os 2 informantes (25%) da **GII** alegam a preferência pela língua pomerana devido à socialização; vinculam, desse modo, a língua ao contexto familiar e identificam-se pela língua, como nas falas em destaque:

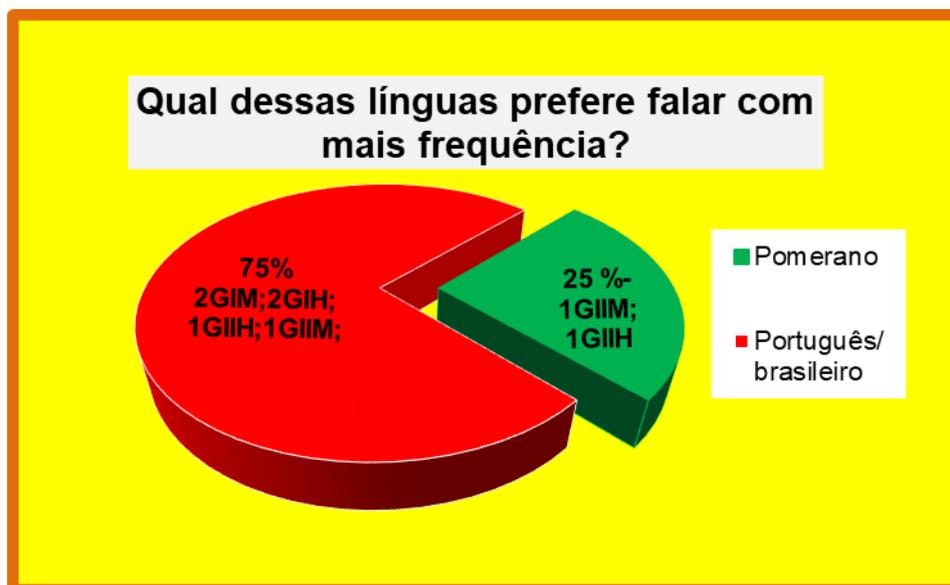
22NSRGIH – Primeiro era o pomerano. Ah, eu gosto mais do pomerano. [...] eu gosto muito, é que **a gente é a língua do pai da mãe**, a gente aprendeu isso. (Grifos nossos).

24NSRGIIM - A gente nasceu e **ensinaram pomerano** [...] a **gente vai até morrer**. Todos os dias. Ah, **nós gosta**, eu **falo** muito pomerano (grifo nosso) [...].(Grifos nossos).

Os dois entrevistados que preferem a língua pomerana são da **GII**; eles têm uma atitude afetiva, gostam da língua étnica, conativa, porque apresentam uma reação receptiva com a língua. Ademais, manifestam uma atitude cognoscitiva com relação à aprendizagem da língua de herança quando dizem: “a gente é a língua do pai, da mãe”, uma crença linguística étnica de identidade. Também em: “A gente nasceu e ensinaram pomerano [...] a gente vai até morrer”, há uma crença linguística performativa.

As respostas à **quinta questão**: “Qual dessas línguas prefere falar com mais frequência?” foram materializadas na Figura 30.

Figura 30: Língua(s) usada(s) com mais frequência pelos pomeranos de NSR



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

Há uma expressiva preferência pelo uso da língua majoritária, pois 75% dos informantes admitem o uso mais frequente da língua portuguesa. A atitude linguística cognoscitiva está baseada nas práticas cotidianas de interlocuções públicas e ao domínio linguístico. Os 25% da **GII** representam as preferências vinculadas ao uso da língua pomerana em contexto familiar ou com alguns conhecidos. Segundo os informantes, a língua pomerana está deixando de ser usada no ambiente familiar:

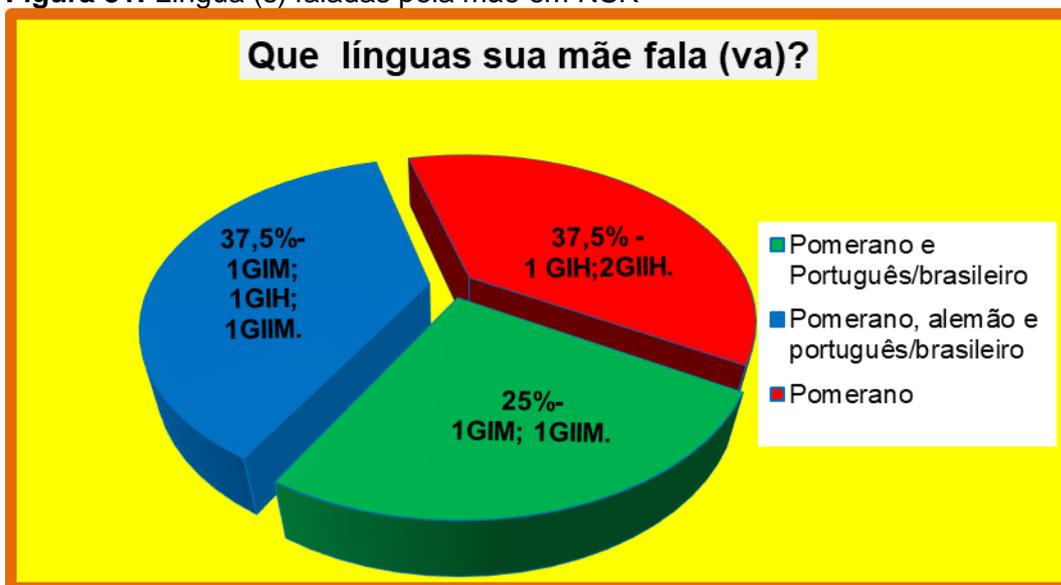
18NSRGIM - Olha, quando eu encontro com esses pomeranos que eu sei daqui, eu converso com eles. [...] eu só sinto que aqui em casa ela vai morrer porque o dia que eu morrer [...]

22NSRGIIM - Com os irmãos é só brasileiro. Eles não querem saber de pomerano, só eu que mesmo tô, por causa do marido. E os maridos delas não é de pomerano [...]. E ele é um puro pomerano. A maioria é tudo assim brasileiro com ele em pomerano. [...]Ele fala bastante pomerano.

Há uma tendência de uso linguístico pomerano cada vez menor, os falantes da **GII** são mais atuantes como falantes de pomerano; a geração mais jovem; no entanto, cada vez mais se afasta da língua étnica.

A **sexta questão**: “*Que língua (s) sua mãe fala (va)?*” tem os dados expostos na Figura 31, que registra que 100% das mães dos informantes falavam pomerano

Figura 31: Língua (s) faladas pela mãe em NSR



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

O bilinguismo (pomerano e português) e o trilinguismo (alemão, pomerano e português) é aditivo, L1 (pomerana) + L2 (alemã ou portuguesa/ portuguesa ou alemã) + L3 (alemã ou portuguesa/ portuguesa ou alemã). Nesse quesito, notamos que 37,5% são progenitoras de dois informantes da **GI** e um da **GII**. Os informantes da **GI** são nascidos na localidade de **NSR**, isso identifica um espaço de línguas em contato.

Também, registra-se que 37,5% das mães eram monolíngues (pomerano). A bilinguagem das progenitoras dos informantes (**19NSRGIH**, nascida em São Paulo das Missões – RS; **23NSRGIH**, de Pancas ES; e do **24NSRGIH** de Pelotas –RS) ratifica a diversidade linguística e cultural pomerana do lugar de origem.

As localidades de origem dessas ancestrais são identificados com expressivo número de habitantes descendentes de imigrantes pomeranos (ver figura 3). Portanto, a variável topodinâmica implica no monolinguísmo (pomerano) das genitoras.

A comunicação da pessoa monolíngue, bilíngue ou trilingue, está ligada ao comportamento linguístico que é moldado conforme as formas de relações estabelecidas com os outros e com o meio social (MELLO,1999). Destacamos, sobre esse ponto, as seguintes falas:

17NSRGIM - Pomerano e português.

18NSRGIM - O alemão, o pomerano e o português também.

19NSRGIH – [...]mas então, vamos dizer, a mãe era tipo como o meu pomerano então hoje, ela falava pouco brasileiro.

20NSRGIH - Meu pai falava português, pomerano e alemão, a mãe também.

21NSRGIIM – Ela falava pomerano, brasileiro e alemão.

22NSRGIIM - O pai, pomerano e brasileiro. A mãe também.

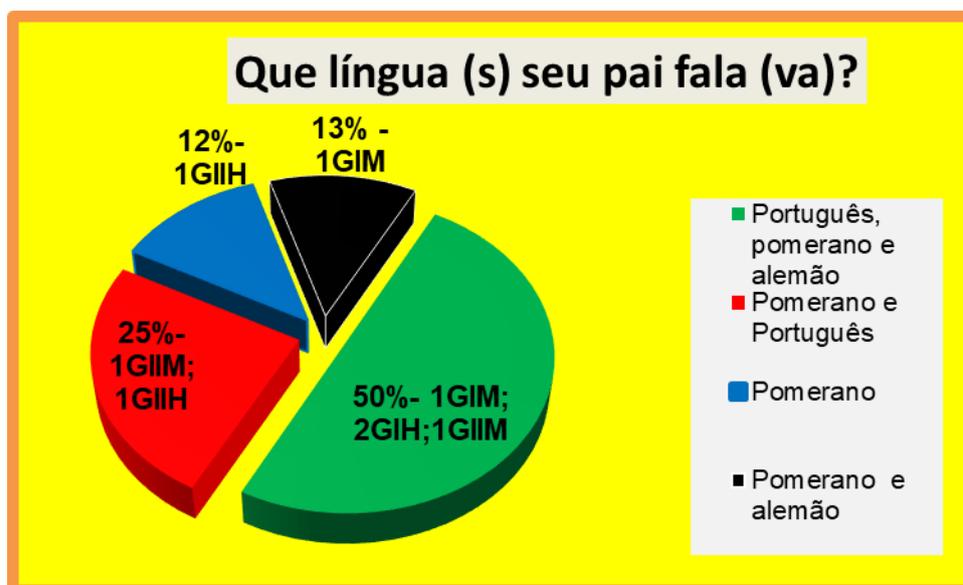
23NSRGIH - O pai lá em casa e a mãe só pomerano. Português eles não chegaram a falar nenhum dos dois?

24NSRGIH - A mãe? Nem, nem, sabia como é pedir um copo de água.

Os relatos confirmam o contexto de línguas em contato, a manutenção da língua de herança e a aquisição da L2 e L3, um bilinguismo e trilinguismo aditivo.

A **sétima questão**: “*Que língua(s) seu pai fala(va?)*” foi representada na Figura 32. O perfil linguístico do pai do informante não é tão conservador quanto o das mães.

Figura 32: Língua(s) falada(s) pelo pai do informante de NSR



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

Os ancestrais masculinos dos informantes, na grande maioria (87,5 %) falavam a língua pomerana, com apenas um genitor monolíngue (pomerano), pai do informante **23NSRGIH**, migrante de Pancas – ES. Os demais ancestrais (38%) eram bilíngues (pomerano e português; pomerano e alemão) e trilingües (50%) (alemão, pomerano e português). Destacamos, sobre essa pergunta, as falas a seguir:

18NSRGIM - Assim, eu lembro porque o pomerano, português e o alemão.

19NSR GIH - As três também, o brasileiro, alemão e o pomerano.

20NSRGIH - Meu pai falava português, pomerano e alemão também. Meu pai foi muito ligado sempre na diretoria de igreja, essas coisas assim.

21NSRGIIM – Também falava pomerano muito bem, brasileiro e um pouco de alemão.

22NSRGIIM - O pai, pomerano e brasileiro e a mãe também.

23NSRGIH - O pai lá em casa e a mãe só pomerano.

24NSRGIH – Pomerano e um pouco de brasileiro.

Os 12% representam o pai da informante **17NSRGIM**, migrante de SP, falante da língua alemã e portuguesa.

A **oitava questão**: “*Que língua você fala com ...?*” foi representada no Quadro 15, e possibilita a visualização das interações dos informantes de **NSR**, expondo a dinâmica de fala que se inicia na rede primária, familiar e contextos sociais.

Há informante(s) com uma atuação bilíngue e multilíngue: falante de português, a língua majoritária, e também uso de uma ou duas línguas étnicas: a pomerana e a alemã. A língua alemã tem a força de uma língua majoritária, pois é entendida pelo falante pomerano como uma variedade padrão em relação a sua fala pomerana.

Conforme a informante **22NSRGI**,

22NSRGI - [...] comecei ir na doutrina⁵⁴, eu tive que aprender os dez **mandamentos tudo em alemão**. E depois o último ano, eu fui três anos na doutrina, daí o último **ano eu tive que aprender em português** [...]. (Grifos nossos).

A informante descreve a sua aquisição sucessiva da língua alemã e portuguesa. Uma naturalização de outros idiomas em detrimento de sua língua étnica, que Grosjean (1982) argumenta muito bem: as línguas majoritárias são aprendidas por grupos minoritários, entretanto, os grupos majoritários não aprendem as línguas dos grupos minoritários.

Ademais, é possível observar a atuação dos entrevistados quanto à sua bilinguagem, ou seja, a atuação linguística do(s) informante(s), a partir do Quadro 15:

Quadro 15: Interações na língua pomerana dos informantes de NSR

Que língua você fala com ...?							
Informante	Pai	Mãe	Esposo (a)	Filho (a)	Neto (a)	Amigo (a)	Parente
17NSRGIM*	+	Port.	Port.	Port.		Port. Alem.	Port.
18NSRGIM*	+	+	Port. Alem.	Port.	Port.	Port. Pom.	Pom.
19NSRGIH*	+	+	Port. Alem.	Port.		Port. Alem. Pom.	Pom.
20NSRGIH*		+	Port.	Port.		Port. Pom.	Pom.
21NSRGIIM	+	+	Port. Alem.	Port.		Pom.	
22NSRGIIM*	+	+	Port. Pom.	Port. Pom.	Port.	Port. Pom.	Pom.
23NSRGIH*	+	+	Port.	Port.	.	Port. Pom.	Pom.
24NSRGIH	+	+	Pom.	Pom.	Port.	Port. Pom.	Pom.

Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.+ Falecido (a); *Cônjuge da etnia alemã

⁵⁴ A Doutrina nas IEVCLB e IELB, também chamada de Ensino Confirmatório, corresponde à preparação para a Primeira Comunhão da Igreja Católica.

Os informantes de **NSR**, representados nesse Quadro, apresentam uma dinâmica linguística do uso da língua étnica um tanto peculiar: a maioria das interações, em língua pomerana, ocorre com amigos e parentes, o que indica a ausência da língua pomerana no meio familiar; há duas ocorrências mais efetivas de interações em contexto familiar, parentes e amigos nos informantes **22NSRGIIM** e **24NSRGIH**, que assim relatam:

22NSRGIIM - Com os irmãos é só brasileiro. Eles não querem saber de pomerano, só eu que mesmo tô [...] por causa do marido. E os maridos delas não é de pomerano, [...] e ele é um puro pomerano (referindo-se ao esposo).

24NSRGIH - Sim, é só pomerano (risos) Nós dois só pomerano. Tudo pomerano. Os irmãos quando vem, só pomerano.

Entretanto, na coluna que registra interlocuções com os netos, dos três informantes que têm netos, nenhum deles repassa a língua étnica para a nova geração.

Segundo o informante **19NSRGIH**, a perda do hábito de falar a língua pomerana ocorreu devido à perda de contato com parentes que se mudaram para Santa Catarina:

19NSRGIH – É porque o pai e a mãe falavam e a gente aprendia junto. Porque aprendeu em casa [...] e os parentes [...] que nem tem o Benó que é o tio, no começo nós falava tudo pomerano, como eles moravam em Planalto e foram pra Santa Catarina, aí a gente não se visitava mais, aqui a gente se visitava bastante [...].

O Quadro 15 apresenta 35 interações, dessas, 51,2% são na língua pomerana, 8,2% na alemã e 68,4% em língua portuguesa. Há, desse modo, na localidade de **NSR** uma escolha cognoscitiva de preferência à língua majoritária.

Bloco 2: Conhecimento e uso das variedades linguísticas da comunidade pesquisada

Neste bloco, analisamos o componente conativo e afetivo dos entrevistados com relação ao ensino da língua pomerana para os filhos ou netos, isto é, se existe algum assunto que seja difícil falar na língua pomerana; se conhece uma mídia que

use a língua pomerana; e seu conhecimento sobre outras regiões ou lugares onde falam pomerano. As perguntas feitas foram estas:

- 1- Você gostaria que seus filhos/netos soubessem falar em pomerano?
- 2- Existe(m) algum(ns) assunto(s) no(s) qual(is) tem dificuldade de se expressar?
- 3- Você ouve programas de rádio em pomerano?
- 4- Em qual região/estado você acha que usam mais a língua pomerana no Brasil?

A **primeira questão** feita foi esta: “*Você gostaria que seus filhos/netos soubessem falar em pomerano?*”. As respostas apresentam uma ruptura entre a tradição étnica dos ancestrais e a de hoje, segundo a fala dos seguintes informantes:

19NSRGIH - Eu já estava incentivando, mas daí quando você fala umas palavras, eles dão risada logo (risos).

20NSRGIH - Eu sei por quê. Porque assim, olha, eu vejo dentro da minha casa, a **minha filha não quis aprender o pomerano**, então, tipo assim, da minha descendência, **ninguém vai falar pomerano**. Então, isso acontece na maioria das famílias, os filhos não querem aprender. Eu gosto muito da língua pomerana, mas pelo fato de não ter muito com quem conversar, a minha filha não quer aprender, minha esposa ama o pomerano, mas não fala (risos). (Grifos nossos).

Os pomeranos de **NSR** não registram o ensino da língua étnica para seus descendentes, o que indica que há uma crescente perda da língua étnica.

Quanto à **questão 2**: “*Existe(m) algum(ns) assunto(s) no(s) qual(is) tem dificuldade de se expressar?*”, essa provocou em alguns entrevistados surpresa e um pequeno desconforto. Nessa pergunta, que aferiu a avaliação do desempenho linguístico na língua étnica, registramos depoimentos que depreendem um sentimento de dor e perda da língua:

19NSRGIH - Olha, eu acho que sei lá, médio também, porque que nem eu falei antes, a gente tem que pensar primeiro, “será que é assim?”.

Os entrevistados também manifestaram certo humor quando se referiram à língua étnica pomerana, essa estratégia interlocutora sinaliza um desconforto, uma dor pela perda da língua na qual se conheceu os pais e irmãos, como exposto no trecho a seguir:

20NSRGIH - Eu brinco com a Ivete e a Bia, às vezes, que o **pomerano vai tomar conta do mundo, né** (risos)! Que vai ser a língua universal, né (risos)! Mas, não, eu acho muito difícil, é muita pouca gente falando e muita pouca gente querendo continuar falar. Então, quando a minha geração já não tiver mais aqui, a maioria do **pomerano vai ter acabado**. (Grifos nossos).

Outro exemplo, é o da informante **21NSRGIIM**:

21NSRGIIM - O filho diz ao chegar em casa e ver a mãe sendo entrevistada: “E daí já deram muita risada (risos)? a mãe continua: Assim [...] mas, mas (gaguejando) não conversa com mais ninguém, por fim a gente está esquecendo, eu sei falá ainda um pouco.

Na fala da informante **21NSRGIIM**, há uma atitude afetiva, conativa e cognoscitiva negativa de seu desempenho linguístico; entretanto, mesmo com a interferência do filho, ela mantém a postura e dá continuidade à sua entrevista.

Devido aos casamentos interétnicos, houve um afastamento da língua pomerana. Seis entrevistados pomeranos realizaram casamento com a etnia alemã; dois com a origem étnica pomerana. Os dois informantes com cônjuges apresentam interlocuções com o(s) filho(s), amigos e parentes (ver Quadro 15). Observamos, então, uma sobreposição da cultura alemã nas famílias, para o informante pomerano ocorre uma perda da L1, um bilinguismo exógeno que vai dando cada vez mais espaço para a língua portuguesa.

Ao mesmo tempo, os casamentos são uma atitude afetiva, conativa e cognoscitiva entre a etnia pomerana e alemã, isso mantém uma solidariedade étnica entre os descendentes germânicos. Há, nesse contexto, uma crença implícita de manutenção do pensamento, do tratamento com o trabalho, com a família, organização econômica, religiosa e, de certa forma, linguística: mesmo não falando a língua alemã, denomina-se um pomerano brasileiro ou alemão brasileiro.

Segundo a **questão 3**: “*Você ouve programas de rádio em pomerano?*”, os informantes dessa localidade disseram que não há uma programação nas rádios em

língua pomerana, apenas cultos em língua alemã. Por isso, os entrevistados citam as rádios de **MCR**, o segundo ponto, que faz divisa com esta localidade:

19NSRGIH - Sim, tem [...] antes de Marechal sempre, assim, normal, não, só na época quando tem esse **culto em pomerano**, daí eles passam[...]. (Grifos nossos).

22NSRGIIM - Sim, ouvimos muito. Até culto. Culto, **culto pomerano** de manhã, às 7 horas, na **Rádio Educadora**. Dia de semana, quando, ele, é só uma [...] todo dia de manhã, às 7 horas, mas ele não é todo dia, passa uns mês, daí ele de novo fala, mas é tudo em pomerano. (Grifos nossos).

Na memória coletiva dos informantes de **NSR**, há uma atitude afetiva positiva porque todos fazem referência ao culto pomerano de **MCR**. Ademais, os recursos midiáticos também são utilizados para buscar informações sobre a etnia familiar, como disse este informante:

20NSRGIH - Eu consigo, eu acesso [...] **Espírito Santo**, tem muita programação lá se digitar lá no Google [...]. (Grifos nossos).

Há, por parte desse informante, uma consciência étnica afetiva, pois procura nos meios de comunicação informações culturais sobre os pomeranos.

Na **questão 4**, que indagava por: “*Em qual região/estado você acha que usam mais a língua pomerana no Brasil?*”, os informantes apresentaram um comportamento de alta percepção a respeito da localização de outras comunidades étnicas no país. Foram citadas as localidades de: Pelotas, São Roque Gonzalez e São Paulo das Missões, do Estado do Rio Grande do Sul; Pomerode, do Estado de Santa Catarina; o Estado do Espírito Santo; e Marechal Cândido Rondon, no Estado do Paraná.

A região de **NSR** foi incluída na fala do informante **20NSRGIH** “a não ser aqui, na **nossa região** aqui [...]”. Nenhum dos informantes citou a **CG** ou outra localidade que tenha migrantes pomeranos.

Os apontamentos dos entrevistados dessa localidade são com base em: grau de parentesco, passeio e discurso midiático. A própria entrevista foi recurso de tomada de posição étnica, pois o entrevistado teve que buscar informações que localizavam o outro, isso afetou a sua percepção, ou seja, a imagem que tem de si mesmo como sujeito pomerano (BEM,1973).

18NSRGIM - Tenho, tenho de **Pelotas** mesmo, as amigas minhas que eu fiz através dos cursos da diaconia [...] E quando eu ligo pra elas, a gente conversa em pomerano [...] no **Espírito Santo** e lá, nossa, amei aquele povo lá[...]. (Grifos nossos).

20NSRGIH - Eu encontrei alguns em Pomerode, lá eu consegui encontrar algum pomerano já. Mas fora isso, então, a não ser aqui, na **nossa região** aqui, não. O culto aqui em **Marechal** também é feito em pomerano, acho que cada meio ano, né.

Olha, que eu conheço, que eu **conheço e convivo** é **Marechal Cândido Rondon e na região missioneira, mais propriamente em São Roque Gonzales e São Paulo das Missões**. (Grifos nossos).

22NSRGIIM - Olha, acho que mais pomerano tem ali pra **Marechal Cândido Rondon** e lá tá assim de pomerano. [...] Hum, isso ali, acho que é quase por tudo Rio Grande tem que eu sei que é... olha, lá tem muito, muito, muito. Esse culto pomerano é uma tradição da comunidade de Marechal, aqui não, aqui não é feito culto pomerano, até porque não tem tantos pomeranos assim. (Grifos nossos).

23NSRGIH - Do Espírito Santos só (risos) E quando eu vou pra lá, a gente só conversa em pomerano. Aqui eu sempre conversava com o velho Leonardo Pinz.

Bloco 3: Conhecimento e atitudes em relação à língua e à etnia pomerana

As questões neste bloco identificaram a atitude dos informantes quanto à identidade étnica e à língua de herança. São questões que, de forma indireta, desvelam as atitudes a respeito da valoração da língua, preferências inconscientes e conceitos de foro íntimo que podem identificar a solidariedade entre os interlocutores pomeranos. As perguntas para este bloco foram:

- 1- O pomerano é uma língua útil para os pomeranos?
- 2- Você gosta de falar em pomerano?
- 3- Como você se sente, quando algum pomerano fala em público, por exemplo, num supermercado, restaurante ou igreja?
- 4- Quando você fala, mistura português com pomerano?
- 5- Você gosta de ser chamado de pomerano(a)?
- 6- Como você define sua identidade?

Na **primeira questão**: “*O pomerano é uma língua útil para os pomeranos?*”, os entrevistados disseram que a língua pomerana é pouco utilizada, é do campo

privado, familiar. Esse dado contradiz a crença de que uma língua deve ser falada por todos e constantemente. Vejamos a fala do informante **20NSRGIH**:

20NSRGIH - Eu não sei, talvez seria até, até, por ser uma língua pouco conhecida, poucos falam, então não querem ser diferentes, acredito eu que dentro do grupo de convivência, né?

Esse mesmo informante acrescenta:

20NSRGIH - uma conversa na língua pomerana, né e uma proximidade assim porque quem vai falar pomerano comigo vai ser possivelmente **alguém de convivência mais próxima**, ou um tio, ou um primo, [...] é mais entre família mesmo. (Grifos nossos).

A racionalização e o pensamento do informante justificam o contexto de uso da língua étnica; isto é, há uma correlação entre a atitude do falante e sua identidade linguística étnica.

Com muito humor, estes dois informantes expõem a perspectiva da língua étnica de sua família:

19NSRGIH - Pomerano é só piada. Só brincadeira. (referindo-se ao uso).

20NSRGIH - Eu brinco com a Ivete (esposa) e a Bia(filha), às vezes, que o pomerano vai tomar conta do mundo, né (risos) Que vai ser a língua universal, né (risos). Mas, não, eu acho muito difícil, é muita pouca gente falando e muita pouca gente querendo continuar falar. Então, quando a minha geração já não tiver mais aqui, a maioria do pomerano vai ter acabado.

Esse humor foi registrado em vários entrevistados, é uma característica da personalidade do povo pomerano que, mesmo da tristeza, retira um sorriso, segundo a informante **10MCRGIM**.

Na avaliação da **questão 2**: “*Você gosta de falar em pomerano?*”, todos os informantes demonstraram uma atitude afetiva e conativa positiva com a sua língua étnica, mesmo a informante **17NSRGIH**, que não aprendeu a falar, sente uma simpatia pela a origem pomerana de sua família. Vejamos o que disseram:

18NSRGIH - Gosto muito, já vou perto e quero conversar.

19NSRGIH - A gente fala, mas é mais brincadeira.

20NSRGIH - Eu gosto muito da língua pomerana [...].

22NSRGIH - Falo bastante, ele é pomerano puro.

23NSRGIH - Gosto muito quando vou no ES, falo só pomerano.

24NSRGIH - Ah, é bom, conversar [...].

Retomando a fala de **20NSRGIH**, a língua do pomerano é para servir de meio de comunicação entre seus pares, não tem a ambição de estar em todos os contextos, ser exclusiva, mas ser mobilizadora de intimidades, da convivência com as pessoas com familiares e conhecidos.

Quanto à **questão 3**: “*Como você se sente, quando algum pomerano fala em público, por exemplo, num supermercado, restaurante ou igreja?*”, iniciamos a análise com a declaração da informante **18NSRGIM**, esposa do pastor local da IECLB. Ela nos indicou vários informantes para esta pesquisa, moradora com certo grau de antiguidade, filha de pioneiros pomeranos de **NSR**, declara:

18NSRGIM - Com muito orgulho (risos). De casa, ouvindo o pai e a mãe, que nem aqui antes, quando eu me encontro com esses pomeranos, daí eu falo umas coisas em pomerano, é no mercado, aqui na igreja, onde eu encontro eles, daí a gente conversa umas palavras.

Já as respostas dos informantes **20NSRGIH** e **22NSRGIIM** foram:

20NSRGIH - É muito gostoso. É muito gosto, ouvir alguém que você não sabe que fala e de repente começa falar pomerano e você se identifica com aquela pessoa pelo fato de você saber que tem poucas pessoas que falam e você pode dialogar com ela.

22NSRGIIM - Até hoje com 61 anos, nunca encontrei, mas eu ia, eu ia gostar assim de vê um falando como a gente pomerano, mas nunca aconteceu, acho que não vai também (risos).

A reação dos informantes confirma uma identidade étnica linguística, pois há um sentimento de prazer em ouvir o outro falando uma língua com a qual se identifica. Ao mesmo tempo, têm a consciência de que é uma língua com poucos falantes e de possível extinção.

Para a **questão 4** “Quando você fala, mistura português com pomerano?”, de cunho metalinguístico, os informantes tiveram como objeto analisar o seu desempenho linguístico na língua pomerana e outras, uma avaliação que envolve aspectos metalinguísticos (cognoscitivos) e conativos.

A alternância em código em contextos de línguas em contato é comum, faz parte da performance, da ação interlocutora do sujeito bilíngue, como nas falas a seguir:

18NSRGIM - Às vezes sim, porque eu não lembro as palavras.

19NSRGIH - Ah, com certeza, né, porque que nem eu falei, a gente não consegue, **tem que parar pra pensar** se você falou a palavra certa, daí já entra o português pra decidi o resto da palavra. (Grifos nossos).

20NSRGIH - É uma **conversa bem interessante**, começa pomerano, para, continua em português e termina em pomerano. (Grifos nossos).

21NSRGIIM- **A gente fala** assim pomerano, daí **às vezes mistura** um pouco, alemão e brasileiro. (Grifos nossos).

Para Grosjean (1982), o discurso monolíngue sofre a influência de fatores como: situação local; participantes da interação; sexo; idade; status social; origem étnica; e o papel das pessoas na relação com o outro; o tópico e a função da interação.

O discurso bilíngue também sofre a influência desses fatores, mas em grau bem maior, porque, além da influência desses fatores, o falante bilíngue pode mudar de uma língua para outra, portanto a alternância é uma habilidade linguística cognitiva e conativa. Isso é perceptível pelo depoimento **19NSRGIH** – “que nem eu falei, a gente não consegue, **tem que parar pra pensar** se você falou a palavra certa, daí já entra o português pra decidi o resto da palavra”.

A **quinta questão**, “Você gosta de ser chamado de pomerano (a)?”, abordou a identidade étnica pomerana, com a intenção de identificar os sentimentos do informante quando identificado de pomerano.

Entre os entrevistados, não correu nenhum ato de rejeição quanto à possibilidade de ser identificado como pomerano.

18NSRGIM Ah, eu fico feliz.

19NSRGIH - Com certeza, né.

20NSRGIH Já. Não. De forma nenhuma, orgulho.

As afirmativas atestam a atitude afetiva e conativa positiva dos informantes em relação à sua herança étnica. Os enunciados responsivos nessa questão também reafirmam o contexto de línguas em contato.

Na **questão seis**, “*Como você define sua identidade?*”, os informantes disseram que são pomeranos brasileiros ou brasileiros, apresentam, assim, uma identidade bicultural, são pomeranos e brasileiros.

18NSRGIM - Ah, eu acho que é brasileira.

22NSRGIIM - Eu sou uma pomerana daquelas[...] na identidade é brasileiro, né, mas é, a gente é [...] prefiro mais alemão e pomerano. É brasileiro e é pomerano, o pomerano brasileiro.

24NSRGIH - Pomerano é uma pessoa que gosta de conversá em outra língua.

Bloco 4: Características do comportamento moral e ético associados ao pomerano, não pomerano, alemão ou não existe diferença

Na figura 33, logo a seguir, foram transcritas as respostas às questões aplicadas a todos os **entrevistados**; o que nos permitiu aferir se há entre as respostas dos entrevistados uma ligação, uma coerência.

Na localidade de **NSR**, identificamos um condicionamento clássico, que foi retomado na análise comparativa entre os pontos da pesquisa no capítulo 5.

Os entrevistados apresentaram respostas suscetíveis de um condicionamento clássico de identificação da etnia alemã e da pomerana. Um dos itens que chamou nossa atenção, entre outros, foi a associação da palavra “alemão” à palavra “pomerano”, ou seja, para o entrevistado, as duas tinham o mesmo valor semântico, por exemplo, “tudo alemão”; “tinha bastante alemão”, referindo-se aos pomeranos.

Segundo Bem (1973),

a importância do condicionamento clássico para o comportamento torna-se mais aparente quando verificamos que **palavras e até pensamentos** podem se tornar estímulos condicionados **capazes de eliciar respostas emocionais internas** num indivíduo. (BEM, 1973, p.74, grifos nossos).

O exemplo mais comum de condicionamento clássico, de perspectiva subjetiva, é o uso da palavra “feia”, se utilizada para denegrir uma pessoa. Essa palavra é

capaz de provocar respostas emocionais fortes que nos impede de dizê-la em voz alta, até mesmo quando estamos sozinhos (BEM, 1973).

As palavras podem ter diferentes efeitos de sentido, pois estão atreladas ao contexto socio-histórico de de uso. Isso significa que o componente verbal e cognitivo das crenças e atitudes estão associados às reações emocionais dos indivíduos, elas são contagiosas, pois a linguagem é um transmissor das crenças dos sujeitos, reações similares evocarão a mesma resposta que produzem as generalizações semânticas (BEM, 1973).

As características do comportamento moral e ético associadas ao *pomerano*, *não pomerano*, *alemão* ou *não existe diferença*, nesta análise, já possuem conotações emocionais de experiências anteriores, de condicionamentos. Essas palavras ao serem utilizadas se tornaram objetos de estímulos condicionantes para descrever as crenças e as atitudes língüísticas dos informantes em relação a sua etnia pomerana (BEM, 1973).

O informante teve que associar 18 adjetivos à etnia *pomerana*, *alemã*, *aos outros* ou *não tem diferença*. Os resultados demonstram uma comunidade bastante conservadora, porque as respostas ora faziam referência à etnia pomerana ou à alemã. Como isso, percebemos uma generalização semântica que indica um condicionamento, com o qual podemos entender que, para os pomeranos, eles são alemães.

Os atributos positivos ficaram assim associados aos pomeranos:

- **100% são** hospitaleiros, corteses, econômicos, inteligentes, honestos, amor à família, trabalhadores, prestativos e religiosos;
- **87,5% dos informantes** se identificaram como pessoas de confiança e simpáticas;
- Deste último, **12,5%** disseram **não haver diferença**, isso deixa a resposta implícita, podendo ser atribuída aos pomeranos e também aos alemães. Há uma neutralidade que compromete o informante no sentido de proteger a sua etnia;
- **75% dos informantes** disseram ser disciplinados;
- **37,5 % dos informantes** declararam ser: conservadores, cultos orgulhosos e materialistas;

Essas qualificações demonstram um comportamento entre os pomeranos bastante positivo, porque, dos 18 quesitos apresentados, 16 foram associados aos pomeranos, conforme a Figura 33.

Figura 33: Características associadas à etnia pomerana pelos informantes de NSR



Fonte: Elaboração da autora com os dados da pesquisa.

A cor vermelha que representa os pomeranos avulta-se no Quadro, deixando os demais adjetivos isolados e/ ou associando-os aos alemães, a outros, ou ainda, neutralizando sua resposta com uma avaliação: “não tem diferença”.

Com variáveis bem menores, **os alemães foram avaliados** em:

- **62,5 %** como conservadores e cultos;
- **25 %** como orgulhosos e disciplinados;
- **12,5%** como egoístas e de confiança (este é um índice bastante baixo, representando um informante).

Para a variável “**os outros**”, as avaliações são aferidas num movimento que isenta os pomeranos e os alemães de uma avaliação negativa que assim foram mensuradas:

- **100%** são corruptos;
- **87,5%** são egoístas;
- **62,5%** são materialistas e
- **37,5** são orgulhosos, quesito que é compartilhado com alemães e pomeranos.

Essa amostra traz à luz as reações dos entrevistados pomeranos que têm uma atitude positiva com relação ao seu grupo de fala; há uma atitude avaliativa positiva que se estende, também, à etnia alemã.

Os atributos negativos não foram associados ao grupo alemão e ao pomerano, mas foram atribuídos **aos outros**, porque não se entendem como grupos diferentes. As escolhas dos pomeranos revelam uma acomodação implícita, encoberta, a identidade étnica está acoplada, anexada à etnia alemã.

Essa afirmativa tem como base a isenção avaliativa negativa, não só da etnia pomerana, mas também da etnia alemã nas comunidades pesquisadas. Nesse capítulo, concentramos as análises dos três pontos geográficos selecionados para esta pesquisa, a partir das respostas dadas à entrevista. No capítulo seguinte, fizemos uma análise comparativa dos dados, amalgamando os resultados às hipóteses estabelecidas para o estudo.

5 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS PONTOS DA PESQUISA

Neste capítulo, realizamos uma análise comparativa entre os pontos da pesquisa. Para melhor compreensão da leitura dos fenômenos expostos, consideramos importante lembrar que na dimensão diatópica são analisados três pontos: Ponto 1 – Cidade Gaúcha – **CG**; Ponto 2 – Marechal Cândido Rondon – **MCR** e Ponto 3 – Nova Santa Rosa – **NSR**; na dimensão geracional, há dois parâmetros: **G1 – de 25 a 50 anos** e a **GII – a partir de 55 anos**; na dimensão diasssexual: **duas mulheres** de cada geração e **dois homens**; com oito informantes em cada ponto, perfazendo um total de 24 informantes.

A análise comparativa dos três pontos da pesquisa (**CG**, **MCR** e **NSR**) tem como base as hipóteses (H) lançadas nesta pesquisa e expostas no Quadro 19.

Quadro 16: Hipóteses acerca das localidades pesquisadas

H1- A **G1** das três localidades não fala a língua étnica, enquanto que a **GII** mantém o uso da língua.

H2- As crenças e as atitudes linguísticas dos informantes pomeranos sobre a língua de herança desvelam uma solidariedade linguística do grupo étnico local de **CG**, **MCR** e **NSR**.

H3- Os informantes, em seus julgamentos subjetivos sociais (honesto; corrupto, e outros), apresentam uma atitude tendenciosa de avaliação positiva de reconhecimento da etnia pomerana.

H4- As localidades com maior ascendência germânica em sua colonização, **MCR** e **NSR** apresentam uma identidade linguística pomerana.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Em cada prognóstico, fez-se a análise das três localidades, descrevendo as especificidades mais relevantes que podem confirmar ou refutar a(s) hipótese(s).

Destacamos que **CG**, por exemplo, não tem uma identidade pomerana, seus migrantes fazem parte de um grupo minoritário com pouca visibilidade; **MCR** apresenta uma identidade étnica alemã e pomerana, ainda, muito acentuada; e a última localidade, **NSR**, está mais para uma identidade alemã do que para uma identidade pomerana.

Esses contextos podem ser mais compreendidos com a análise a seguir das hipóteses, quanto mais positiva for a relação do falante com a cultura pomerana local, mais favorável será o uso e a aquisição da língua étnica.

5.1 USO DA LÍNGUA ÉTNICA POMERANA NA GI E GII EM CG, MCR E NSR

A **H1** pressupõe que a **GI** das três localidades não fala a língua étnica, enquanto que a **GII** mantém o uso da língua.

Iniciamos com o primeiro ponto, a análise da **CG** que se localiza no noroeste do Paraná. Essa localidade apresenta o seguinte resultado:

- Na **GI**, 100% se identificaram como falantes de pomerano e português porque mantêm contato com parentes no RS; casamento intraétnico; conversa com idoso da família e parentes (do RS).
- Na **GII**, apenas 50% disseram ser bilíngues; o fator de manutenção é o casamento intraétnico e contato com parentes do RS. Os outros 50% dessa geração não mantiveram contato e os casamentos são Interétnicos.

Para Calvet (2002), as atitudes linguísticas têm uma ligação estreita com as atitudes culturais, que não dependem exclusivamente dos pais, mas de todo um contexto histórico-social em que o falante está inserido; nesse caso, também se agrega o casamento interétnico, que é fator de sobreposição da língua portuguesa.

Apesar dos fatores culturais locais e casamentos interétnicos, a H1 não se confirma na **CG**, porque a **GI é bilíngue** (pomerano, português), portanto, há a permanência da língua de herança e na **GII, 50% é trilíngue** (pomerano, alemão e português); desse modo, na **GII**, a H1 é refutada parcialmente.

A origem topodinâmica dos entrevistados **CG** (ver Quadro 10) é de Pelotas e São Paulo das Missões, lugares com forte ascendência pomerana. Esses informantes são descendentes de imigrantes que adentraram no Brasil no século XIX (ver figura 3) que permaneceram por muito tempo num mesmo contexto de colonização e que no século XX migraram para o PR.

A hipótese (H1) confirma-se parcialmente em **MCR**, pois a localidade apresenta um número acentuado de migrantes pomeranos o que colabora na manutenção da língua étnica do grupo pomerano:

- Na **GI**, **100% são falantes de pomerano**, desses, 50% são **bilíngues** (pomerano e português); e 50% são **trilíngues** (pomerano, alemão e português), portanto, a hipótese é refutada, porque 100% dos informantes da **GI** de **MCR** falam pomerano;
- A **GII** é **100%** formada por informantes mais velhos, que falam pomerano, além de português e alemão. Assim sendo, a H1 está confirmada nessa geração.

A **H1** na localidade de **MCR** é **confirmada parcialmente**, pois a **GI** é bilíngue e trilíngue; da mesma forma, se apresentam os descendentes de pomeranos da **GII**, que são bilíngues e trilíngues.

Isso se deve aos casamentos intraétnicos que mantiveram na família, ao ensino da língua pomerana, além do contexto sociocultural que promove a origem étnica pomerana.

A localidade de **NSR**, o último ponto da pesquisa, apresenta um perfil encoberto quanto à presença de etnia pomerana. Além do mais, os informantes representam uma amostra eclética, são migrantes dos estados: RS, SC e ES.

Essa localidade apresentou os seguintes resultados:

- Na **GI**, **87,5 %** dos informantes são falantes de pomerano; três trilíngues (alemão/ pomerano/ português), um bilíngue/ mulher (alemão/português);
- Na **GII**, **100%** é bilíngue, fala pomerano e português; um informante é trilíngue.

Na localidade de **NSR**, a **H1** é confirmada na **GII** e na **GI** é também confirmada em 87,5%, muito próximo de 100%.

5.2 CRENÇAS, ATITUDES E SOLIDARIEDADE LINGUÍSTICAS EM CG, MCR E NSR

Para Lambert e Lambert (1975), as atitudes são pensamentos organizados, coerentes e habituais; modos de sentir que guiam o modo de reagir a acontecimentos e a pessoas, aprendidos e ajustados à coletividade. Esse ajuste, quando se converte em uma norma institucionalizada, torna-se uma crença.

A **H2** traz o prognóstico de que as crenças e as atitudes linguísticas dos informantes pomeranos sobre a língua de herança desvelam uma solidariedade linguística do grupo étnico local de **CG**, **MCR** e **NSR**.

Os informantes de **CG** apresentaram a **crença linguística** de que para falar uma língua é necessário saber a gramática. A entrevista, inicialmente provocou uma reação de inquietação, pois o informante entende que a língua pomerana pertence ao passado: “Nessas alturas [...]”, diz o informante **08 NSRGIH**, em seguida argumenta:

08CGGIH – [...] com nós a gramática em pomerano não existe mais. Algumas palavras se alguém falá, eu entendo e algumas palavras eu posso responde, mas é muito pouco.

O informante apresenta uma atitude cognoscitiva, conativa e afetiva negativa do seu falar pomerano, portanto, apresenta a crença de que deva falar como a língua portuguesa, sob a tutela da gramática. Outro excerto é destacado:

01CGGIM – Ah, eu vou me atrapalhá, alguma coisa eu ainda consigo, mas a convivência com o povo brasileiro [...].

A dificuldade de expressão é vinculada à presença dos falantes da língua portuguesa, desse modo, o fato que estimula a ausência da bilinguagem pomerana é a sobreposição da língua portuguesa.

Nesse ponto, é refutada a **H2**, pois não é identificada uma solidariedade linguística entre os pomeranos de **CG**; 25% dos informantes se autodenominaram

pomeranos brasileiros, e 75% disseram ser brasileiros, evidenciando uma aculturação dos pomeranos gaúchos à cultura da **CG**.

Quanto à localidade de **MCR**, as crenças e as atitudes linguísticas dos informantes pomeranos revelam uma solidariedade linguística, pois os entrevistados apresentaram uma receptividade com a língua e o povo pomerano local.

Sete informantes (87%) são trilingües. A língua materna, L1, é a pomerana, a segunda língua se alterna entre a língua alemã, aprendida com amigos, vizinhos ou na igreja; e a língua portuguesa, aprendida na escola.

Os entrevistados manifestam atitudes afetivas e conativas de prestígio com relação ao grupo pomerano local. Por exemplo, na entrevista de **10 MCRGIH**, o filho interfere no depoimento da mãe; essa interferência é uma atitude conativa e afetiva de solidariedade à língua étnica pelo menino.

10MCRGIM - Aos poucos dá impressão que sim, mas ia ser né, uma pena! (Ah, mas a mãe sabe falá – interferência do filho) Mas William, a tia quis dizer assim que tenho ensiná você, se eu não ensiná você, quando você for grande como você vai ensiná teu filho? Daí não vai mais ter, entendeu?

A informante **11MCRGIM**, inicialmente, tem uma reação afetiva e conativa quando diz: *“ia ser uma pena!”*. A interferência do filho solicita uma reação responsiva conativa, afetiva e cognoscitiva da informante. Ao respondê-lo, afirma que é necessário ensinar a língua para que ela permaneça na família e que, dessa forma, poderá alcançar a próxima geração. O diálogo entre as duas gerações expõe a crença linguística de que é necessário ensinar a língua.

A identidade linguística é alimentada por reminiscências da conduta do indivíduo pomerano, pois assim define o informante pomerano:

11MCRGIH - Quem é um pomerano? É uma pessoas dessa que é descende desses gaúchos, **que continua, que tem as características que os antepassados, os pais trouxeram de lá, de berço**, que tenha igreja, escola, família que preserve essas [...]. (Grifos nossos).

Ao dizer: “não é um povo qualquer”, está definindo a identidade pomerana pelo parâmetro do que lhe foi ensinado, ou seja, sua crença é de que o pomerano é um sujeito amoroso com a família, participativo nas atividades escolares e religiosas de sua comunidade.

A avaliação linguística da língua do outro tem como base o não entendimento; essa atitude negativa, preconceituosa leva a uma crença linguística de a língua do outro é menor. O termo utilizado para definir a falta de compreensão é “enrolada”. Essa atitude negativa do informante **09MCRGIM** ao declarar que língua(s) falava, diz:

09MCRGIM - Pomerano e português, **o alemão é muito enrolado** (risos). (Grifos nossos).

A atitude preconceituosa ao denominar a língua do outro corrobora com a pesquisa de Lamb Fenner (2013), que identificou uma atitude preconceituosa em relação ao falar pomerano: “*a língua pomerana é uma resmungação assim que você não entende*” (LAMB FENNER, 2013, p. 108, grifos nosos).

A dificuldade de entendimento da língua do outro provoca uma atitude estigmatizadora. A incapacidade de entendimento não desqualifica o ouvinte, a vítima do estigma é o falante que não sabe falar a língua do ouvinte; o falante que é “enrolado”, que faz “uma resmungação”. Ou seja, a fala do outro é estigmatizada, marcada.

Concluindo, uma atitude avaliativa negativa de um indivíduo com relação à fala do outro é uma atitude de preconceito, mas quando um preconceito é partilhado por uma comunidade, torna-se um estigma, uma marca.

O informante **15MCRGIIH** expõe a reação dos outros quando ouvem os falantes pomeranos:

15MCRGIIH - Eles estranham. E não é nada parecido com o alemão. Não, não, o alemão é bem diferente.

A fala de **15MCRGIIH** traz o pressuposto de que há falantes de pomerano em **MCR**, que a língua pomerana e a alemã não são as mesmas, são distintas, diferentes, pois o falante de alemão não a entende; além disso, o informante tem uma atitude avaliativa positiva de sua língua étnica, o estranhamento do outro não interfere na sua fala.

Concluimos que a **H2** se confirma na localidade de **MCR**, pois os informantes relatam atitudes de apreço pelo grupo, apresentam atitudes conativas, afetivas e cognoscitivas de apreço pela língua étnica pomerana.

Definem-se como “pomeranos rondonenses”, e acrescentam: “queremos falar o pomerano de Rondon”, o “pomerano gaúcho”.

A localidade de **NSR** não apresenta um grau de solidariedade local com seu grupo étnico. Essa atitude é fruto do número pouco expressivo de descendentes nessa localidade; dos oito informantes, 5 são casados com descendentes de alemães e 1 com italiano; os matrimônios interétnicos são fator de aculturação, exógena.

Isso não diminui a condição pomerana dos informantes, pois convivem com o grupo étnico alemão, isso contribui para a manutenção de um contexto sócio histórico germânico.

Apresentaram atitudes e crenças sobre a sua etnia. Percebemos, então, uma solidariedade intrafamiliar. Quando indagado sobre o uso da língua pomerana, declara o informante **20NSRGIH**:

20NSRGIH - [...] uma língua pouco conhecida, poucos falam [...] acredito eu que dentro do grupo de convivência, né? Uma conversa na língua pomerana, né é uma proximidade assim porque quem vai falar pomerano comigo vai ser possivelmente **alguém de convivência mais próxima**, ou um tio, ou um primo, [...] é mais entre família mesmo. (Grifos nossos).

Essa atitude responsiva, ao definir o uso da língua pelo critério interativo familiar, dá-lhe a categoria do foro íntimo. Da mesma forma, a informante a informante **22NSRGIIM** diz:

22NSRGIIM - Ah, eu e ele assim quando não tem ninguém perto, daí em pomerano também, só pomerano, converso com os outros em brasileiro [...]. eu gosto muito, **é que a gente é a língua do pai e da mãe**, a gente aprendeu isso. (Grifos nossos).

Essa informante também dá a função privada à língua pomerana, tem a crença de que tornou-se pomerana pela língua que lhe foi ensinada, ou seja, essa informante tem uma *identidade étnica linguística* acentuada.

Os pomeranos de **NSR** conhecem e se reconhecem nas atividades sociais pomeranas que os pomeranos de **MCR** realizam.

22NSRGIIM – [...] Até culto, culto, culto pomerano de manhã, às 7 na Rádio Educadora. Dia de semana, quando, ele, é só uma... todo dia de manhã, às 7 horas, mas ele não é todo dia, passa uns “mês”, daí ele de novo fala, mas é tudo em pomerano.

23NSRGIH - Eu já fui assistir o culto pomerano em Rondon.

Os relatos de contato da etnia pomerana com a instituição religiosa é muito presente nos depoimentos; ser pomerano para os informantes é ser religioso.

Portanto, a **H2** confirma-se nessa localidade, mesmo sendo um grupo disperso, mas em suas falas está presente a solidariedade étnica intragrupo, no grupo religioso e nas famílias.

5.3 AVALIAÇÃO ÉTNICA

Na **H3**, analisamos se os informantes, em seus julgamentos subjetivos sociais (honesto; corrupto, e outros), apresentam uma atitude tendenciosa de avaliação positiva de reconhecimento da etnia pomerana.

As análises dos dados, das três localidades, apresentam uma tendência doutrinária social que muito foi dita e ouvida: “os pomeranos são alemães”, isso se verificou nas amostras; há uma tendência afetiva pela etnia pomerana e alemã, ambas são isentas de apontamentos pejorativos.

Os informantes pomeranos de **CG** têm o entendimento de que a etnia pomerana é religiosidade (100%). Também são avaliados como trabalhadores, prestativos, honestos, amor à família, inteligente, disciplinado, econômico, de confiança, cortês, hospitaleiro, culto, conservador e orgulhoso.

Dos 18 quesitos avaliativos, 15 foram atribuídos à etnia pomerana, demonstrando uma atitude avaliativa de conhecimento e reconhecimento do comportamento pomerano.

Os quesitos: **materialista, egoísta e corrupto** foram indicados para os “outros” ou “não tem diferença”; à etnia alemã não foi atribuído nenhum quesito pejorativo, assim como também não foi atribuído ao pomerano

Desse modo, a **H3** é confirmada pelos pomeranos de **CG**; eles têm uma atitude positiva com relação à etnia pomerana, mas não depreciam a etnia alemã. Há uma identidade compartilhada, pois a etnia alemã nem os tira da sombra e nem os coloca. Fica subentendido que alemães e pomeranos têm as mesmas qualificações, portanto, podem ser iguais.

Segundo Thum (2008), a cultura pomerana é fugidia devido às inúmeras situações de opressão cultural, aprenderam a codificar sua cultura em rituais que se assemelhavam a cultura dominante, mas com significados diferentes ao grupo pomerano; daquilo que é percebido pelos demais.

Na localidade de **MCR**, as demonstrações de reconhecimento e respeito pelo jeito de ser e agir do pomerano também ficou bastante evidente, conforme o Quadro 16. Os quesitos de religiosidade, hospitaleiro, econômico, conservador e honesto obtiveram a avaliação máxima, 100%.

Também foram considerados pessoas confiáveis, inteligentes, de amor à família, trabalhadoras, prestativas e simpáticas por 90% dos entrevistados. Em 80% das avaliações, indicaram que também eram disciplinados e orgulhosos.

Com relação aos quesitos negativos, por exemplo, **corrupto** foi aferido 87,5% aos outros e 12,5% aos alemães. Assim, pomeranos estão conceituados como honestos e os alemães de certa forma também.

A partir daqui começamos a perceber que há uma concorrência entre a etnia alemã e pomerana, pois as duas aparecem como materialistas e egoístas:

- **Egoísta:** 62,5% atribuem aos outros; **25% aos pomeranos e 12,5% aos alemães;**
- **Materialista:** 37,5% são atribuídos aos os outros; 12,5% não tem diferença; **25% os pomeranos e 25% os alemães.**

Apesar dos pomeranos e dos alemães serem avaliados como egoístas e materialistas, essa valoração não interfere nos resultados; antes, aponta para um pressuposto de que esses dois grupos étnicos têm uma preponderância para uma avaliação positiva entre si, pois a atitude materialista é um quesito positivo para os germânicos, eles têm por habito guardar, acumular bens.

As avaliações indiretas confirmam uma simpatia, apreço pelo grupo étnico pomerano, ou seja, uma predisposição coletiva a favor da etnia, pois as respostas individuais, justapostas representam o pensamento e a reação da comunidade. Assim sendo, os entrevistados têm uma atitude solidária com a etnia pomerana de **MCR**, o que confirma a **H3** nessa localidade.

A cidade de **NSR** apresenta no Quadro 18 uma tendência avaliativa positiva de sua etnia, ratificam-se as tendências anteriores no tocante à avaliação; os entrevistados expressam uma atitude positiva, novamente, com o povo pomerano.

A predisposição identitária se repete nas avaliações, qualificam os pomeranos **100%** de: hospitaleiros, cortês, econômicos, inteligentes, honestos, amor à família, trabalhador, prestativos e religioso. Citaram os pomeranos com sujeitos de confiança e simpáticos **87,5%**.

Os alemães **foram avaliados** em: **62,5 %** como conservadores e cultos; **25 %** são orgulhosos e **12,5** são disciplinados.

As qualificações negativas foram associadas **aos outros**, isentando pomeranos e alemães que: **100%** são corruptos; **87,5%** são egoístas; **62,5** são materialistas e **37,5%** são orgulhosos; esse último quesito que é compartilhado com alemães e pomeranos.

Destacamos que os quesitos religiosidade, honestidade e amor à família são predominantes, além disso, são citados pelos informantes de forma recorrente nas três localidades. Esse julgamento determina como é ser pomerano, ou seja, uma crença afirmativa de que o pomerano é trabalhador, religioso e amoroso com sua família.

Há uma solidariedade étnica entre o grupo pomerano, apresentam uma atitude positiva, mas também isentam a alemã de atitudes negativas; logo, a **H3** é confirmada.

5.4 IDENTIDADE LINGUÍSTICA POMERANA

A **H4** supõe que as localidades com maior ascendência germânica em sua colonização, **MCR** e **NSR**, apresentam uma identidade linguística pomerana.

De acordo com Aguilera (2008), a identidade linguística é:

Um traço definidor da identidade do grupo (etnia, povo) **é a variedade linguística assumida** e, desse modo, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode, na realidade, ser uma reação às variedades usadas por esse grupo ou aos indivíduos usuários dessa variedade, uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo. (AGUILERA, 2008, p. 2, grifos nossos).

Para a criação de um acervo histórico, étnico e identitário, a localidade de **MCR** está em um movimento de identificação, de localização e de registro do número de moradores pomeranos. Essa mobilização comunitária é um projeto étnico de reconhecimento da participação pomerana na diversidade linguística local, além de trazer à luz uma identidade étnica pouco reconhecida na região e nesta localidade, conforme o informante **11MCRGIH**:

11MCRGIH - Marechal Cândido Rondon **tem uma colônia pomerana forte**, de repente não perceptível, mas nós temos aproximadamente, em Marechal Cândido Rondon **mais de três mil pomeranos**. E são todos aqui oriundos do Rio Grande do Sul, são os gaúchos pomeranos [...] nós vamos **cadastrar eles agora**, esse primeiro encontro [...] **nós temos que oficializar a língua**, já tenho os documentos em mãos, já me mandaram do Espírito Santo. (Grifos nossos).

A figura 34 registra o 1ª *Pomer Fest* e a 1ª Cavalgada Pomerana realizadas em 2017 em **MCR**, que tinha como proposta a manifestação da diversidade cultural étnica pomerana local.

Figura 34: 1ª *Pomer Fest* e 1ª Cavalgada Pomerana de MCR



Fonte: Acervo iconográfico da pesquisadora.

O evento iniciou com um culto na língua pomerana, pois assim se compreendem como grupo étnico; em seguida, várias autoridades locais se pronunciaram, dando apoio e elogiando a iniciativa de os descendentes se reunirem para rememorar a cultura do passado e reinventar a cultura e a língua pomerana na cidade de **MCR**.

Portanto, a religiosidade do povo foi agente da implantação do culto pomerano pelos membros desta etnia da IELB de **MCR**. A seguir, transcrevemos a saudação do 7º Culto Pomerano, de 2014, ministrado pelo Pastor Jonas Schulz:

P. Jonas Schulz - Moin! Mit fröich daua vi iera anzich vat ria coma zian an nema in deisa grouda famich. Mi fröicht dat, ria mit iuch bi tam deisa grouda fiest. Cristichrra fest. Lia vat in aista schtel moka, dat vat meia veid ret, GOTAS VOUT. Vimas Fröicha ven me rauba daw: Comas in Got'as russ. Mit zouna fröich daua vi ousa ret's ú nhidanda ta lem ren brinha in ous zinhan ú in Gotas vout reira⁵⁵.

Relembramos que a língua pomerana é do gênero oral, a maioria dos informantes declararam nunca ter escrito ou lido na língua étnica. A redação do texto para a liturgia é do Pastor Jonas Schulz, da cidade de Laranja da Terra - ES, que atualmente mora em **NSR**.

Na sequência, destacamos a invocação do celebrante:

P. Jonas Schulz -Vimas up schtóo ú daí Hailich Dreieinigkeiit beschwören. Zou, / fenha wij dhen an / in, Gottas Father ziina nôma / Gottas Son / Gottas Heilich Gaist. Amen!⁵⁶

Esses eventos, a 1ª *Pomer Fest*, a 1ª Cavalgada Pomerana e O culto pomerano, confirmam a **H4** de que **MCR** é uma cidade com uma identidade étnica pomerana, ou seja, são pomeranos *que falam o pomerano de Rondon, e são pomeranos gaúchos*.

⁵⁵ Bom dia! Com alegria saudamos a todos que aqui vieram e acolhemos a cada uma nesta grande família. Me alegra muito, que eu possa estar aqui com vocês para esta grande festa. Festa cristã. Pessoas que em primeiro lugar estão aqui para louvar a Deus. Através da sua Santa Palavra. Alegrei-me quando me disseram: vamos à Casa do Senhor. Com esta alegria nós elevamos à ele nossos corações e pensamentos e ouçamos a sua palavra.

⁵⁶ Vamos ficar de pé e invocar a presença do Deus triúno: Assim nós iniciamos Em nome Pai, do Filho e do ES. Amém

Quanto à localidade de **NSR**, a **H4** não se confirma, pois, ao analisarmos o Quadro 15, percebemos que os momentos de interações são bastante limitados, abre-se mais para o uso da língua portuguesa no campo externo, nas relações de amigos e parentes, sem a continuidade familiar de ensino da língua de herança.

Segundo a informante **22NSRGIIM**,

22NSRGIIM - Até hoje com 61 anos, nunca encontrei, mas eu ia, eu ia gostar assim de vê um falando com a gente pomerano, mas nunca aconteceu, acho que não vai também (risos).

Conforme o Quadro 15, essa informante mantém interações na língua pomerana com o filho, amigos e parentes; no entanto, declara nunca ter presenciado uma conversa em língua pomerana em espaço público, isso confirma a ausência de uma identidade étnica pomerana local.

É uma comunidade pomerana com poucos descendentes, ainda, do migrante de 1950 a 1960 que veio para a região, mas, ao mesmo tempo, preserva sua identidade linguística intragrupo familiar.

Para registrar a memória histórica pomerana dessa localidade, nos anexos 3 e 4 apresentamos duas gerações pomeranas, da qual faz parte a informante **18NSRGIM**; a primeira é de São Luiz Gonzaga - RS, registro dos avós maternos; a segunda de **NSR** - PR, é registro dos pais, as imagens narram a história de três gerações de descendentes pomeranos.

O objetivo deste capítulo foi realizar uma análise comparativa entre os três pontos da pesquisa, para confirmar-se ou não as hipóteses. Cumprido tal objetivos, finalizamos esta tese com as considerações finais, a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou identificar as crenças e as atitudes linguísticas dos descendentes de pomeranos de três localidades do Paraná, bem como essas crenças e atitudes se manifestam, pois as localidades apresentam perfis diferenciados em termos geográficos, socioeconômicos e histórico-culturais.

A pesquisa se limitou a entrevistar descendentes de pomeranos que foram associados, muitas vezes, à etnia alemã. Como posto nesta pesquisa, o imigrante pomerano, descendente dos *Wende* (eslavos) e *Cassúbio* (minoridade eslava), veio para o Brasil a partir de 1851, antes da Unificação da Alemanha (1871). Devido a essa ascendência germânica, os pomeranos foram confundidos com alemães em território brasileiro.

Inicialmente, registramos a dificuldade de encontrar informantes pomeranos além de **MCR**, mas com colaboração de pastores da IELB e IECLB localizamos informantes em **CG** e **NSR**, isso que moramos nesta última cidade, com descendentes pomeranos invisíveis para as comunidades locais; como dito por um informante: *escondidos*.

De personalidade reservada, os pomeranos passaram por séculos trabalhando e lutando por suas terras na antiga Pomerânia; em terras brasileiras, deram continuidade à aptidão agrícola, tornam-se exímios camponeses. Segundo Heinemann, “*Bons soldados e excelentes agricultores*” (HEINEMANN, 2008, p. 5, grifos nosos). A esse perfil acrescentamos a religiosidade que os manteve seguros nas comunidades onde se instalaram com a família que tanto prezam. Essas características retratam os pomeranos, evidências colhidas pelas avaliações indiretas que justapostas descrevem a forma de ser, de fazer em que o pomerano se reconhece.

O enfretamento da hegemonia germânica incutiu o modo de ser alemão socialmente aceito como superior e influenciando nas perspectivas pomeranas no Brasil (THUM, 2008), tanto que nas entrevistas os descendentes ora se nominavam como alemães, ora se corrigiam: “*Pomerano, né!*”.

Sob essas perspectivas histórico-sociais dos pomeranos, apresentamos, nos parágrafos seguintes, as conclusões finais que respondem ao objetivo geral de

discutir as crenças e atitudes linguísticas, por meio do comportamento linguístico dos informantes de **CG**, **MCR** e **NSR**.

Cada localidade desta pesquisa apresentou suas peculiaridades, são formas diferenciadas de ser pomerano, por exemplo, em **CG**, há um processo de aculturação brasileira, com restrições familiares de uso do pomerano, mas devido ao contato com pomeranos do RS, faz com que “[...] numa semana você tá falando tudo” (**03CGGIH**).

Em **CG**, na **GI**, **100%** afirmaram ser falantes de pomerano, dois são bilíngues (pomerano e português) e dois trilíngues (alemão, pomerano, português). Três fatores externos colaboraram nesse perfil linguístico: contato com o local de origem, são migrantes de São Lourenço do Sul –RS com forte ascendência pomerana, casamento intraétnico e conversa com idoso da família. Na **GII**, **50%** falam pomerano, dois informantes afirmaram ser monolíngues (português) e dois trilíngues.

A **GII**, devido à sua antiguidade local, apresenta um bilinguismo subtrativo mais demarcado por causa do contexto multicultural de **CG**, pouco contato com pomeranos de outras regiões, enquanto que, na **GI**, dois informantes vieram morar na localidade na década de 1970 e estes têm maior contato com o Sul.

Destaca-se que o gênero masculino apresenta o maior número de falantes trilíngues, isso se deve ao maior contato com o contexto social. Também é relevante mencionar que as ancestrais dos informantes (50%) eram monolíngues (pomerano) e 50% trilíngues. Já os pais (75%) eram trilíngues (alemão, pomerano, português) e 25% bilíngues (pomerano e português), portanto, se confirma que os homens tinham maior contato social, contato com outras etnias e aprendizagem da L2 e L3.

A bilinguagem dos falantes de pomerano é bastante limitada (quadro 13). Isso se deve à ausência de contato com falantes da mesma língua na localidade que principia na crença que é necessário saber a gramática para saber falar a língua pomerana, uma crença em que vincula a língua falada à gramática normativa da língua portuguesa, conforme o informante: **08CGGIH** – “Nessas alturas, com nós a gramática em pomerano, não existe mais”.

A presença do conflito linguístico, segundo Flores e Melo-Pfeifer (2014), é uma condição socioafetiva do falante que tem uma língua de herança, que, simultaneamente, remete para uma realidade escondida pelo sujeito, que não a quer reconhecer ou reconhecer-se.

Os entrevistados estão num processo de aculturação local, com um bilinguismo subtrativo em favor da língua portuguesa. No entanto, apresentam uma identidade étnica intragrupo, isso fica evidente nas atitudes étnica pomeranas (figura 17); a qualificação indireta valoriza o grupo de origem, indicando uma fidelidade étnica encoberta, isentando a etnia pomerana e a alemã de indicativos negativos.

Quanto à localidade de **MCR**, essa apresenta tanto na **GI** quanto na **GII** 100% de falantes de pomerano. Desses, 87,5 % é trilingue (alemão, pomerano e português), aditivos, sem a perda da L1, pois o contexto social estimula a bilinguagem, conforme o quadro 14. Nesse quadro, ficaram evidentes as relações da fala pomerana e o ensino da língua de herança para os descendentes. Há o registro de uma informante (12,5%) bilíngue (pomerano e português).

Dos informantes, 75% declararam falar melhor a língua pomerana (figura 19), com a indicação de três informantes da **GI**, a mais jovem, isso é um indicativo positivo do prestígio linguístico da língua de herança entre os entrevistados.

Esse contexto positivo com relação à fala e à etnia pomerana deve-se ao alto grau de antiguidade desses migrantes pomeranos, conforme o informante **11MCRGIH**, nascido nesta localidade: “[...] os primeiros são pomeranos que vieram aqui, meu pai veio aqui em 1951 pra 52, existia três casas em General Rondon⁵⁷ e a grande maioria pomerano, tudo do Rio Grande do Sul”.

As mães dos informantes (75% delas) eram trilingues (alemão, pomerano, português) e 25% bilíngues (pomerano, português); isso evidencia um bilinguismo aditivo dos informantes, apesar de haver na localidade de **MCR** um acentuado contexto de línguas em contato, os informantes mantêm a língua de herança, L1, e agregam a L2 e L3.

Quanto aos pais dos informantes, de acordo com a Figura 23, 50% eram monolíngues (pomerano), 25% bilíngues (pomerano e português) e 25% eram trilingues (alemão, pomerano e português). Se compararmos os dois gêneros, das mulheres/mães, 50%, são trilingues, já dentre os homens/pais, somente 25% são trilingues. Esse fenômeno é classificado por Labov (2008) como um paradoxo de gênero, quando se trata de mudanças vindas de cima, as mulheres utilizam mais as formas de prestígio do que os homens.

⁵⁷ O informante faz referência ao primeiro do nome do município, vila General Rondon, emancipada em dia 25 de julho de 1960, conforme Lei 4.245. Desde então, foi denominada de Marechal Cândido Rondon.

Um grande número de informantes prefere falar a língua de herança: 87,5%. A informante **09MCRGIM**, que representa 12.5%, disse que prefere falar em português, porque usa mais no trabalho, e além disso declara: “[...] **o alemão é muito enrolado** (risos)”. Essa afirmativa apresenta um estereótipo linguístico de que quando não se entende a fala ou a língua do outro, essa pode ser desqualificada, generalizada pela coletividade com adjetivos negativos.

Essa evidência também foi identificada por Lamb Fenner (2013), quando solicitou a o informante que língua considerava feia, este lhe respondeu: “A *do alemão pomerano, porque aquilo é uma resmungação assim que você não entende nada, nada, nada, nada [...]*” (LAMB FENNER, 2013, 108, grifos nossos).

Portanto, essa avaliação negativa torna-se um estereótipo linguístico compartilhado com membros da sociedade, um comportamento societal, aplicado quando a língua do outro não é compreendida, ou não aceita. Geralmente, nominada como feia, resmungo, enrolada, entre outros adjetivos pejorativos.

Acrescentamos que a declaração “*alemão pomerano*” reafirma a crença de que a língua pomerana é uma variedade da língua alemã, um dialeto. Essa afirmativa foi refutada por Tressmann (2005, 2008) em pesquisas etnolinguísticas e históricas da origem da língua e do povo pomerano.

Também identificamos o estigma impingido à etnia pomerana, citado por Thum (2008), quanto à invisibilidade dos pomeranos na imigração brasileira, pois sofriam o preconceito linguístico e étnico, eram o alemão pobre, de origem rural que sabia trabalhar, honrar a família, orar e educar os filhos (conforme figuras 17, 25 e 30).

O informante **11MCRGIH** assim se refere aos pomeranos de **MCR**: “[...] **escondidos**. [...] nós vamos cadastrar eles agora [...]”, na fala do informante está implícito que o pomerano não é um sujeito muito visível em **MCR**. Essa atitude negativa com relação à própria origem confirma o estigma que os descendente dos imigrantes pomeranos sofrem e sofreram em terras brasileiras.

O quadro 14 é um demonstrativo do exercício da bilinguagem dos informantes de **MCR**, observamos nele que os informantes têm uma expressiva rede de comunicação. Isso também fica evidente na figura 25, quando avaliou de forma indireta a etnia pomerana. Os informantes apresentaram uma atitude afetiva e conativa de valorização da etnia pomerana, se reconhecem como sujeitos honestos, trabalhadores, religiosos, entre outros.

A partir da análise dessa localidade, percebemos que os pomeranos nutriam uma solidariedade étnica pelos descendentes de alemães nos três pontos, pois, como se pode observar nas figuras (17-**CG**, 25-**MCR**, 30- **NSR**), as avaliações indiretas isentam de valorações negativas a etnia pomerana e alemã de avaliações negativas.

Essa identidade linguística afetiva pomerana é alimentada por iniciativas da sociedade civil pomerana de **MCR**, que mantém o culto na língua étnica; promove na mídia local, *Pomeranos em Foco*, programa da Rádio Marechal FM 107,9 e organiza eventos como a 1ª *Pomer Fest* e a 1ª Cavalgada Pomerana em 2017.

Os entrevistados de **MCR** expressam uma identidade pomerana local, bairristas, porque se identificam como: “o pomerano de **MCR**”; “o pomerano gaúcho”; “o pomerano daqui”; e “queremos falar o pomerano de **MCR**”.

Apresentam a crença de que o descendente de pomerano é: “[...] uma pessoa dessa que é descendente desses gaúchos, **que continua, que tem as características que os antepassados, os pais trouxeram de lá, de berço**, que tenha igreja, escola, família [...]”. Portanto, os entrevistados de **MCR** demonstraram uma reação conativa e afetiva positiva de identidade étnica linguística local.

No terceiro ponto, **NSR**, os informantes da etnia pomerana eram invisíveis para quase toda a comunidade, mesmo com o rótulo de cidade germânica. A partir da entrevista, surgiram indicações; a memória étnica foi sendo estimulada para com os pares pomeranos desta localidade.

Os entrevistados não comungam uma identidade coletiva pomerana, uma solidariedade de grupo, mas têm uma identidade linguística intragrupo, familiar. Ser pomerano “é falar a língua do pai e da mãe”, logo, apresentam uma identidade étnica associada a língua de herança.

Nesse contexto, 87,5% dos informantes são trilíngues (alemão, pomerano, português), uma informante, **17NSRGIM**, representando 12,5%, é bilíngue (alemão e português). Conclui-se, então, que a **GII** é 100% falante de pomerano, enquanto a **GI** tem 87,5% de falantes.

Registra-se a atitude conativa afetiva dos pais da informante **17NSRGIM** de não ensinar a língua de herança da família. A mãe de origem pomerana e o pai, alemã, está vinculado ao estigma linguístico do passado quando da Campanha de Nacionalização do Ensino da língua portuguesa pelo Decreto, nº 7.614 de 1938, que

proibia o ensino das línguas estrangeiras, alemão, italiano e japonês, língua de herança, destes imigrantes.

Devido à ausência de um grupo expressivo de pomeranos nessa localidade, percebe-se uma tendência linguística de adicionar a L1, de herança, a L2 e L3. Fica implícito que há uma rede aberta de comunicação entre os falantes de alemão, pomerano e português, dessas, naturalmente, com o uso predominante, cada vez mais da língua portuguesa.

Na **GII**, 25% dos entrevistados preferem falar o pomerano. Os demais 75% preferem a língua portuguesa. De acordo com Grosjean (1982), os falantes da língua minoritária revelam insegurança quanto ao que pensam saber sobre a(s) língua(s).

Conforme revelou o quadro 15, evidencia-se uma postura conativa e afetiva do não repasse da língua de herança para os descendentes de pomeranos de **NSR**, a maioria das interações são no meio externo, com parentes e amigos. Segundo o informante **22NSRGIH**, *“Minha filha não quis aprender o pomerano, então, tipo assim, da minha descendência, ninguém vai falar pomerano. Então, isso acontece na maioria das famílias, os filhos não querem aprender”*.

Quanto às avaliações indiretas, da mesma forma que as localidades de **CG** e **MCR**, os informantes de **NSR** também isentaram a etnia pomerana de avaliações negativas, essa atitude conativa e afetiva indica uma identidade étnica pomerana encoberta.

Ao dividirem essa atitude com o grupo alemão, também revelam uma tendência doutrinária social que foi muito repetida continuamente: *“os pomeranos são alemães”*, isso é confirmado pelas amostras (figuras 17, 25 e 30); há uma tendência afetiva pela etnia pomerana e alemã.

Isso posto, retomamos a hipóteses para suprir qualquer dúvida que tenha ficado em aberto na proposta de pesquisa:

- Quanto à **H1**, ela foi refutada em **CG**, **MCR** com 100% de falantes de pomerano na **GI**; já em **NSR**, foi parcialmente refutada com 75% de falantes pomeranos. A **GII** foi refutada em **CG** com 50% de falantes de pomerano e confirmada em 100% em **MCR**;
- Na **H2**, as crenças e as atitudes linguísticas dos informantes pomeranos sobre a língua de herança confirma uma rede de identidade étnica

pomerana em **MCR**, e, nas outras localidades **CG** e **NSR**, foi refutada, não registram uma solidariedade étnica pomerana local;

- A **H3** foi totalmente confirmada, porque os entrevistados se identificaram com altos valores éticos e os estenderam aos alemães, posicionamento que os aproxima e não separa, portanto, a etnia pomerana está encoberta.

Acreditando que cumprimos o objetivo geral de discutir as crenças e atitudes por meio do comportamento linguístico, além de complementar a análise com objetivos específicos nos parâmetros diatópico, diageracional e diassexual; apuradas a respostas conativas e afetivas em relação a identidade étnica, atuação linguística, preconceito, estigma, estereótipos com base nas crenças e nas atitudes linguísticas étnicas pomeranas, confrontamos os dados com a releitura das hipóteses que parcialmente se confirmam.

Para finalizar, fazemos a nossa reverência às vozes pomeranas expressas nesta pesquisa e principalmente a voz de:

10MCRGIM - Aos poucos dá impressão que sim, mas ia ser né, uma pena! (Ah, mas a mãe sabe falá – interferência do filho) Mas William, a tia quis dizer assim que tenho ensiná você, se eu não ensiná você, quando você for grande como você vai ensiná teu filho? Daí não vai mais ter, entendeu?

Que tem uma consciência linguística, partilhada com o filho, de não deixar desaparecer a língua herdada dos ancestrais.

Por fim, esses apontamentos reflexivos trazem novas possibilidades para o estudo desse tema, que não se finaliza aqui, mas sugere possibilidades de retomada em prol da etnia pomerana que ressurgiu como uma fênix na pós-modernidade brasileira para anunciar que a *“Pomerânia existe no Brasil”*.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **GEL- Estudos Linguísticos**, São Paulo, Vol. 37, p. 105-112, 2008.

_____. A metodologia e sua aplicação no campo. In: CARDOSO, S. A. M. da S.; et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Introdução. Vol.1, Londrina: Eduel, 2014, p. 95-111.

ALTENHOFEN, C. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes(alemães) no Sul do Brasil. **Revista Ibero Americana**. v.2, Nº1 (3) p.83-93, 2004. Disponível em;< <http://www.jstor.org/stable/i40078806>> Acesso: 17/09/2014.

_____; MARGOTTI, F. W. O Português de Contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, Cl. V.; RASO, T. (Orgs.) **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

BAHIA, J. **O tiro da bruxa: identidade, magia e religião na imigração alemã**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

BEM, D. J. **Convicções, atitudes e assuntos humanos**. Tradução: Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: EPU, 1973.

BERGER, P; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BIELKE, N. S. V. Pomerano: uma variedade germânica em Minas Gerais. **Anais do SILEL**. Vol. 3, nº 1 Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: <http://www.academia.edu/6439210/POMERANO_UMA_VARIETADE_GERMANICA_A_EM_MINAS_GERAIS> Acesso: 28/05/2015.

BLOOM, J; GUMPERZ, J. O significado social da estrutura linguística: alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs). **Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e Sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Rinehart e Winston, 1933.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOTASSINI, J.O.M. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a Sociolinguística. **Signum**, Londrina, Nº18/1, p.102- 131, 2015.

BRANDÃO, S. F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática,1991.

BRASIL. **Decreto 6.040, 08 de fevereiro de 2007**. Institui a política nacional de desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais. Diário Oficial Da República Federativa do Brasil. Brasília: DF, Diário Oficial da União: 08/02/2007. p. 316.

_____. Decreto 7387 de 9 de dezembro de 2010. Institui o Inventário da Diversidade Linguística e dá outras providências. Diário Oficial da União: 10/12/2010, p. 01.

CALVET, J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

COUTO, H. H. do. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas**. São Paulo: Contexto, 2009.

DAMKE, C.; SAVEDRA, M. M. G. **Volkslieder (músicas populares alemãs) no sul do Brasil; aspectos linguísticos, socioculturais e identitários**. São Paulo: Editora Pedro e João, 2013.

DÜCK, E. S. **Vitalidade linguística do *platdietsch* em contato com variedades *standard* faladas em comunidade menonitas no Brasil**. 2011. 316 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2011.

ESPÍRITO SANTO (Estadual). **Proposta da Ementa Constitucional nº11/2009 inclui o inciso VI ao artigo 182 da Constituição Estadual que trata da Cultura do Estado**. Publicado no Diário do Poder Legislativo. Publicado em: 24/11/2009. Fls. 5681-5683.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica**. Uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERGUSON, C. A. Diglossia. In: FONSECA, Maria Stella; NEVES, N. F. (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 99-117.

FISHMAN, J. A. Bilingualism with and without diglossia, diglossia with and without bilingualism. **Jornal of social Issues**, 1967.

FLORES, C.; MELO-PFEIFER, S. O conceito “Língua de Herança” na perspectiva da linguística e da didática de línguas: considerações pluridisciplinares em torno do perfil linguístico das crianças lusodescendentes na Alemanha. **Domínios da Linguagem** – v. 8, n 3, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/24736/15191>.

FOERSTE, E. **Povo tradicional pomerano: um diálogo sobre interculturalidade**. In: SALES, J. A. M. de et al. (Orgs). **A didática e a prática de ensino na relação com a sociedade**. Fortaleza: CE: EdUECE, Livro 3, 2014, p.03445 – 03457.

_____.; et al. Carta aos Pomeranos. In: SEIBEL, I. (Org.). **O povo pomerano no Brasil**. Santa Cruz do Sul, 2016.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI. In: _____.; _____. (Orgs.). **Estigma: cultura e atitudes linguísticas**. Caxias do Sul, RS: EUCS, 2010, p.15-38.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2000.

GÓMEZ MOLINA, J. R. Actitudes lingüísticas en una comunidad bilingüe y multidialectal: area metropolitana de Valencia. **Anejo n. XXVIII dela Revista Cuadernos de Filología**. Valencia, Universitat de Valencia, 1998.

GREGORY, V. **Os Eurobrasileiros e o Espaço Colonial: migrações do Oeste do Paraná (1940-70)**. 1ª reimpressão. Cascavel: Edunioeste, 2005.

GROSJEAN, F. **Life with Two Languages**. An Introduction to Bilingualism. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GUMPERZ, J. **Discourse Strategies**. New York – USA: Cambridge University Press, 1982.

HALL, S. **Identidade Cultural na Pós- Modernidade**. 12. Ed. 1ª reimpressão. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HAMEL, R. E.; SIERRA, M. T. Diglossia y conflicto intercultural –la lucha por un concepto o la danza de los significantes. **Boletín de Antropología Americana** 8. Instituto Panamericano de Geografía e História, 1983.

HARMERS, J.; BLANC, M. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HEINEMANN, C. Bons soldados e excelentes agricultores. Pomeranos: 150 anos de história e contradições. **REVISTA IHU- Instituto Humanitas Unisinos** - nº 271. Unisinos: São Leopoldo, p. 16-19, 2008.

_____. Uma Síntese da História do povo Tradicional Pomerano. In: SEIBEL, I. **O Povo Pomerano no Brasil**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2016, p. 38-45.

_____. **Pomeranos no Brasil**. Novo Hamburgo, RS: Brindes Novo Hamburgo, 2017.

HEREDIA, C. de. Do bilinguismo ao falar bilíngue. Tradução: Maria Augusta Bastos de Mattos. In: VERMES G.; BOUTET J. (Orgs). **Multilinguismo**. Campinas: UNICAMP, 1989. P.177-218.

HEYER, J. Considerações sobre bilinguismo e bilinguagem: revisão de uma questão. **Revista PALAVRA** – PUC - Rio, nº 11, 2003a. P. 3-38.

_____. Línguas em Contato: considerações sobre bilinguismo e bilinguagem. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade para a formação de professores de línguas**. Rio de Janeiro: 7LETRAS, 2003b, p. 229 -235.

_____. Sobre o conceito de diglossia. In: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (Orgs). **Sociolinguística e Ensino**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006, p. 69-81.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2.922 p.

JACOB, J. K. **Cidades Irmãs Pomeranas**. Vila Pavão (ES) e Espigão do Oeste (RO). Nova Venécia – ES: Gráfica Cricaré, 2011.

_____. **Comissão Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais**. [Mensagem pessoal] mensagem recebida por Nilse Dockhorn Hitz em 16/07/2015

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMB FENNER, A. **Crenças e Atitudes Linguísticas: Um Estudo Comparativo de Línguas em Contato em Duas Comunidades do Oeste Paranaense**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Salvador, BA, 2013.

LAMBERT, W; LAMBERT, W. **Psicologia Social**. Tradução: Dante Moreira Leite. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1975.

LANDO, A. M.; BARROS, E. C. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1981.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolinguística**. 2. ed. Madrid: Gredos, 1989.

LUBINIS, Eilhard. In: WILLEM e JOAN BLAEU. Atlas Blaeu:1662. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pomeraniae_Ducatus_Tabula.jpg> Acesso em: 11/09/2016.

MACKEY, William F. **Language teaching analysis**. London, 1968.

MEGALE, A. H. Bilinguismo e educação bilíngue – discutindo conceitos. **REVEL** v.3, nº 5, agosto de 2005. Disponível em:

<http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_5_bilinguismo_e_educacao_bilingue.pdf/>
Acesso: 20/06/2016.

MELLO, H. A. B. de. **O Falar Bilíngue**. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

MENDRAS, H. **Princípios de Sociologia**. Uma iniciação à análise Sociológica. 4. ed. Tradução: Patrick Davos. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MINAYO, M C de S (org.) **Pesquisa Social: teoria e método e criatividade**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

MUJICA, Marina Marchi. **Atitude, orientação e identidade linguística dos pomeranos residentes na comunidade de Santa Augusta – São Lourenço do Sul – RS – Brasil. (Dissertação de Mestrado)**. Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas-RS, 2013.

NELSON, K.E. **Children's Language**. V.5. Hilldade, N. J.: L. Erlbeum,1985.

PETITTO, L. A. E KOVELMAN, I. **The Bilingual Paradox: How signing-speaking bilingual children help us to resolve bilingual issues and teach us about the brain's mechanisms underlying all language acquisition**. Learning Languages, 2003. In: <<http://www.gallaudet.edu/petitto-brain-and-language-laboratory-for-neuroimaging>>
Acesso em: 10/12/2016.

OLIVEIRA, G. M. (org.). **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos**. São Paulo: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis: IPOL, 2003.

PESSOA, M. do S. **Ontem e hoje: percurso linguístico dos pomeranos de Espigão D' Oeste - RO**. Campinas: (Dissertação de Mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

PINZ, A. **Genealogia da família Pinz a partir da imigração para o Brasil**. Disponível em: < <http://www.oocities.org/br/familiapinz/> > Acesso em:25/05/2015.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? Tradução: Almiro Pissetta. In: SIGNORINI, I. (org.). **Língua(gem) e Identidade**. São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

REVISTA REGIÃO. Marechal Cândido Rondon. **A chegada dos desbravadores**. Edição Especial, Ano II, abril de 2001 (p.8 -9).

ROCHE, J. **A Colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre/ RS: Editora Globo, 1969.

RODRIGUES, C V. Bilinguismo no Espírito Santo: reflexos no português de adultos e crianças. **Signum: Estudos linguísticos**, Londrina, PR, v.1, p. 293-316, jan.2009.

RÖLKE, R. H. **Descobrendo raízes**: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia. Vitória: UFES. Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1996.

_____. **Raízes da Imigração Alemã**. História e Cultura Alemã no Estado do Espírito Santo. Coleção Canaã. Vol. 3. Vitória, ES, 2016.

SAVEDRA, M. M. G. **Bilinguismo e bilingualidade**. O tempo passado no discurso em língua portuguesa e em língua alemã. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 1994.

SCHALLENBERGER, E; COLOGNESE, S A. **Migrações e Comunidades Cristãs**. Toledo: Edt, 1994.

SCHOLL COSTA, J. Pomeranos: construtores de um império. Revista do Instituto Humanitas, Unisinos, Ed.271, 01 set. 2008, p.25-26. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2095-jairo-scholl-costa>

SEYFERTH, G. Colonização, Imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, nº 53, p. 117-149, março/maio 2002.

SEIBEL, I. Os pomeranos pelo mundo. In: SEIBEL, I. et al. **O povo pomerano no Brasil**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2016, p.10-37.

SILVA, D. K. da. Dái zuóvan Kláina séicha: memória e cultura pomerana através de um (re) conto (parte2). **História e história**. São Paulo: UNICAMP, 2013. Acesso: 29/05/2015.

SPINASSÉ, K P. O Hunsruckisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. **Espaço Plural**, Porto Alegre, ano IX, p.117-126, 2008.

THUM, C. Silenciados pela hegemonia alemã. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, nº 271, p. 16-19, 2008.

THUN, H. A dialetologia pluridimensional do Rio da Prata. In: ZILLES, A.M.S. **Estudos da Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

_____. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, V. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. Vol.II – Vozes, Veredas, Voragens. Londrina; Eduel, 2009, p. 531-558.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução e adaptação: Rodolfo Ilari. 3. Ed. – São Paulo: Contexto, 2011.

TRESSMANN, I. **Bilinguismo no Brasil: o caso da Comunidade Pomerana de Laranja da Terra**. Farese: Espírito Santo, 1998. Disponível em; <http://www.farese.com.br/pages/artigos/pdf/ismael/O%20caso%20da%20Com.%20pomer.%20de%20LT.%201998.pdf> Acesso; 02/07/2015.

_____. **Da sala de estar à sala de baile: estudo etnolinguístico de comunidades camponesas pomeranas do estado do Espírito Santo**. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005

_____. **Dicionário Enciclopédico Pomerano: português**. Santa Maria de Jetibá, 2006

_____. Pomerano: uma língua baixo-saxônica. Educação, Cultura, Sociedade. **Revista da Farese** – Faculdade da Região Serrana. Vol. 1, p. 10-21. Santa Maria de Jetibá, 2008.

_____. A cooficialização da língua pomerana. Educação, Cultura, Sociedade. **Revista da Farese** – Faculdade da Região Serrana. Vol. 2, p.1-4. Santa Maria de Jetibá, 2009.

TRUDGILL, Peter. **Introducing language and society**. Wrights Lane, London: Penguin Books, 1992.

VANDRESEN, P. Línguas em contato – um panorama da pesquisa no Brasil. In: SAVEDRA BARRETO, M. M.; PETERS SALGADO, A. C. (Orgs). **Sociolinguística no Brasil**. Homenagem ao professor Jürgen Heye. Rio de Janeiro: 7Letras e FAPERJ, 2009, p. 6-16.

VON BORSTEL, C. N. **Aspectos do bilinguismo: alemão/português em Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil** Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

_____. **A linguagem sociocultural do Brasildeutsch**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

WAGEMANN, E. **A colonização alemã no espírito Santo**. Tradução: Reginaldo Santana. Rio de Janeiro: Serviço gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1949.

WEINREICH, U. **Languages in contact**. New York, Linguistic Circle and The Hague, Mouton, 1953.

_____. LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

WILLE, L. **Pomeranos no sul do Rio Grande do Sul: trajetória, mitos, cultura**. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

WILLENS, E. **A Aculturação dos Alemães no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

ANEXOS

ANEXO I - QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO PARA A ENTREVISTA - COLETA DE DADOS LOCALIDADE

- 1 Prenome (s): _____
- 2 Nacionalidade (s): _____
- 3 Prenomes/ irmãs: _____
- 4 Escolaridade: _____
- 5 Profissão / ocupação: _____
- 6 Estado civil: () solteiro () casado () outro
- 7 Possui filhos? a) Quantos? _____ b) Prenomes? _____

II HISTÓRICO DE MIGRAÇÕES DA FAMÍLIA

- 8 Nome do pai: _____
- 8 Nome da mãe: _____
- 9 Local de nascimento do pai: _____.
- 10 Local de nascimento da mãe: _____
- 11 Origem da família no Brasil: _____
- 12 . Quando emigraram para o Brasil? _____
- 13 Profissão/ ocupação da mãe: _____

III – TOPODINÂMICA DOS INFORMANTES

- 14 Desde quando vive aqui? _____
- 15 Já morou em outro lugar? Sim (); Não ().
- b) No caso de sim, onde? _____
- c) É uma comunidade pomerana? a) Sim (); Não ().
- d) Por que se mudou / saiu dessa comunidade? _____
- 16 Você mantém contato com os pomeranos de outros lugares? _____
- a) Sim. (...); Não (...).
- b) No caso sim, qual (is)? _____
- 17 Você já visitou outras comunidades pomeranas? Sim. (); Não ().
- b) No caso sim, qual (is)? _____
- c) Com que frequência você vai para estas comunidades? _____
- d) Qual é o motivo destas viagens? _____
18. Você viaja também para outros lugares? Sim (); Não ().

IV – ASPECTOS METALINGUÍSTICOS

a) Escolha Linguística

19. Que língua (s) você fala? _____
20. Qual dessas línguas você aprendeu primeiro? _____
21. Qual dessas línguas prefere você fala com mais frequência _____
22. Que línguas seu pai fala (va)? _____
23. Que línguas sua mãe fala (va)? _____
24. Quem deles fala (va) melhor o português, o pai ou a mãe? _____
25. Que língua (s) o seu marido/ esposa fala? _____
26. Que língua você usa para conversar com:
- a) os seus pais? _____
 - b) o seu marido / a sua esposa? _____
 - c) os seus avós? _____
 - d) o (s) seu (s) irmão (s)? _____
 - e) o (s) seu (s) filho (s)? _____
 - f) o(s) seu (s) neto (s)? _____
 - g) os seus amigos pomeranos? _____
27. Que língua(s) você usa? _____
- a) no mercado/ na cooperativa? _____
 - b) no seu trabalho? _____
 - c) no colégio/ na faculdade? _____
 - d) na farmácia/ no hospital? _____

b) Conhecimentos e uso das variedades linguísticas nas comunidades em estudo.

28. Como você aprendeu a falar o pomerano? _____
29. Existem assuntos nos quais você tem dificuldade em se expressar em pomerano?

30. Você ouve programas de rádio em pomerano? _____
31. Você conhece outros lugares, estados onde se fala pomerano?

**c) Afirmações e atitudes em relação ao pomerano e à etnia pomerana. **

32. O Pomerano é uma língua útil para os pomeranos? _____
33. Você gosta de falar pomerano? _____
34. Como se sente, quando algum pomerano fala em público, por exemplo, num restaurante, na igreja? _____
35. Quando você fala, mistura português com pomerano? _____
36. Você gosta de ser chamando (a) de pomerano (a)? _____
37. Como você define a sua identidade? _____

38. Você acredita que o pomerano está em perigo de extinguir-se aqui em _____ . (Nome da comunidade)?

39. Qual é o papel que o pomerano desempenha para você? _____

d) Religião/ Comunidade religiosa

40. De qual igreja você é membro (a)? _____

41. Você vai à igreja aos domingos? _____

. Em qual língua é o culto no qual você participa? _____

42. Em qual língua você fala com os participantes do culto? _____

e) Atitudes em relação aos não- pomerano

43. Você tem muitos contatos com não pomeranos? _____

44. Que tipo de contatos são estes (trabalho ou de amizade)? _____

45 Você preferiria que seu(sua) filho(a) casasse com um (a) jovem pomerano ou não-pomerano? _____

45 A maioria dos seus amigos são pomeranos? _____

47. Quais das seguintes características poderiam antes serem associados aos pomeranos, não pomeranos, ou alemão ou não existe diferença?

Características	Pomerano	Outros	Alemão	Não existe diferença.
1 Religioso				
2 Materialista				
3 Simpático				
4 Prestativo				
5 Trabalhador				
6 Corrupto				
7 Egoísta				
8 Orgulhoso				
9 Ama a família				
10 Culto				
11 Honesto				
12 Conservador				
13 Inteligente				
14 Disciplinado				
15 Econômico				
16 De confiança				
17 Cortês, delicado				
18 Hospitaleiro				

ANEXO II - CARTA ABERTA AOS POMERANOS

CARTA ABERTA AOS POMERANOS

Aos vinte e sete dias do mês de janeiro de dois mil e dezesseis, às 14 horas, na cidade de Pomerode, Estado de Santa Catarina, reuniram-se os seis (6) integrantes de um Grupo de Trabalho interessado na colaboração de uma proposta de fundação de uma ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO POVO TRADICIONAL POMERANO (ABP) e, considerando o que está disposto no Decreto 4060 2007, depois de ampla discussão decidiram elaborar a presente CARTA ABERTA AOS POMERANOS, na qual expõem a seguinte proposta de trabalho:

Os pomeranos, por serem uma minoria, devem pleitear as suas reivindicações em acordo o que a lei brasileira faculta às minorias étnicas (grifo nosso);

Dentro dessa ótica os signatários entendem ser necessário ampliar as discussões em torno da fundação de uma associação jurídica, de caráter filantrópico e beneficente, sem fins lucrativos, inspirados nos princípios do direito da unificação de uma minoria de uma população muito específica, com ações destinadas à pesquisa e ao movimento de memória; Nesses moldes e amparados ao que estabelecem a Constituição Federal Brasileira de 1988 e as Leis Federais pertinentes, os integrantes do Grupo de Trabalho concluíram pela necessidade urgente de se criar uma ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO POVO TRADICIONAL POMERANO (ABP);

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO POVO TRADICIONAL POMERANO (ABP), deverá ser uma associação de direito privado, constituída por tempo indeterminado, sem fins econômicos, de caráter organizacional, filantrópico, assistencial, promocional, recreativo e educacional, sem fins políticos partidários, com finalidade de atender a todos que a elas se dirigirem;

No desenvolvimento de suas atividades, a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO POVO TRADICIONAL POMERANO (ABP) deverá observar os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicação, economicidade e da eficiência, com prerrogativas definidas;

Para cumprir suas finalidades sociais, a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO POVO TRADICIONAL POMERANO (ABP) poderá se organizar em tantas subunidades quantas se fizerem necessárias, em todo o território nacional, as quais funcionarão mediante delegação expressa da matriz e se regerão pelas disposições contidas e definidas em um Estatuto

Social e por um Regimento Interno a serem aprovados por uma Assembleia Geral da entidade;

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO POVO TRADICIONAL POMERANO (ABP) deverá se dedicar às suas atividades fins, através de seus administradores e associados, e adotará práticas de gestão administrativas, suficientes a coibir a obtenção, de forma individual ou coletiva, de benefícios ou vantagens, lícitas ou ilícitas, de qualquer forma, em decorrência da participação nos processos decisórios e suas rendas serão integralmente aplicadas em território nacional, na consecução e no desenvolvimento de seus objetivos sociais;

As eleições para a Diretoria Executiva e o Conselho Fiscal deverão ocorrer de 02 (dois) em 02 (dois) anos, por candidatas apresentadas à Assembleia Geral em chapas devidamente organizadas com antecedência, a ser definido em Estatuto Social;

Em caso de dissolução da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO POVO TRADICIONAL POMERANO (ABP), liquidado o passivo, os bens remanescentes, serão destinados para outra entidade assistencial congênere, com personalidade jurídica comprovada, sede e atividade devidamente registrada nos órgãos públicos competentes;

Na sequência, os signatários desta CARTA ABERTA AOS POMERANOS decidiram tornar público o presente documento resultado de um longo estudo e para um amplo debate, cujas conclusões serão analisadas em um próximo encontro, com data a ser definida ainda em 2016.

Nada mais havendo, os trabalhos foram encerrados, ficando estabelecido um prazo de 120 (cento e vinte) dias para uma avaliação dos trabalhos pertinentes em andamento nas diversas comunidades pomeranas no Brasil.

Pomerode, 27 de janeiro de 2016.

Professor Dr. Erineu Foerste

Radialista Henry Fred Ullrich

Pesquisador José Heinemann

Professor Dr. Ivan Seibel

Pesquisador Edson Klemann

Professor Jorge Küster Jacob

ANEXO III - ANCESTRAL POMERANA DE SÃO LUIZ GONZAGA - RS



ANEXO IV - DESCENDENTES DE POMERANOS DO PR

